

O DESTINO DE DUAS FAMÍLIAS NA GRÉCIA DO SÉCULO XX

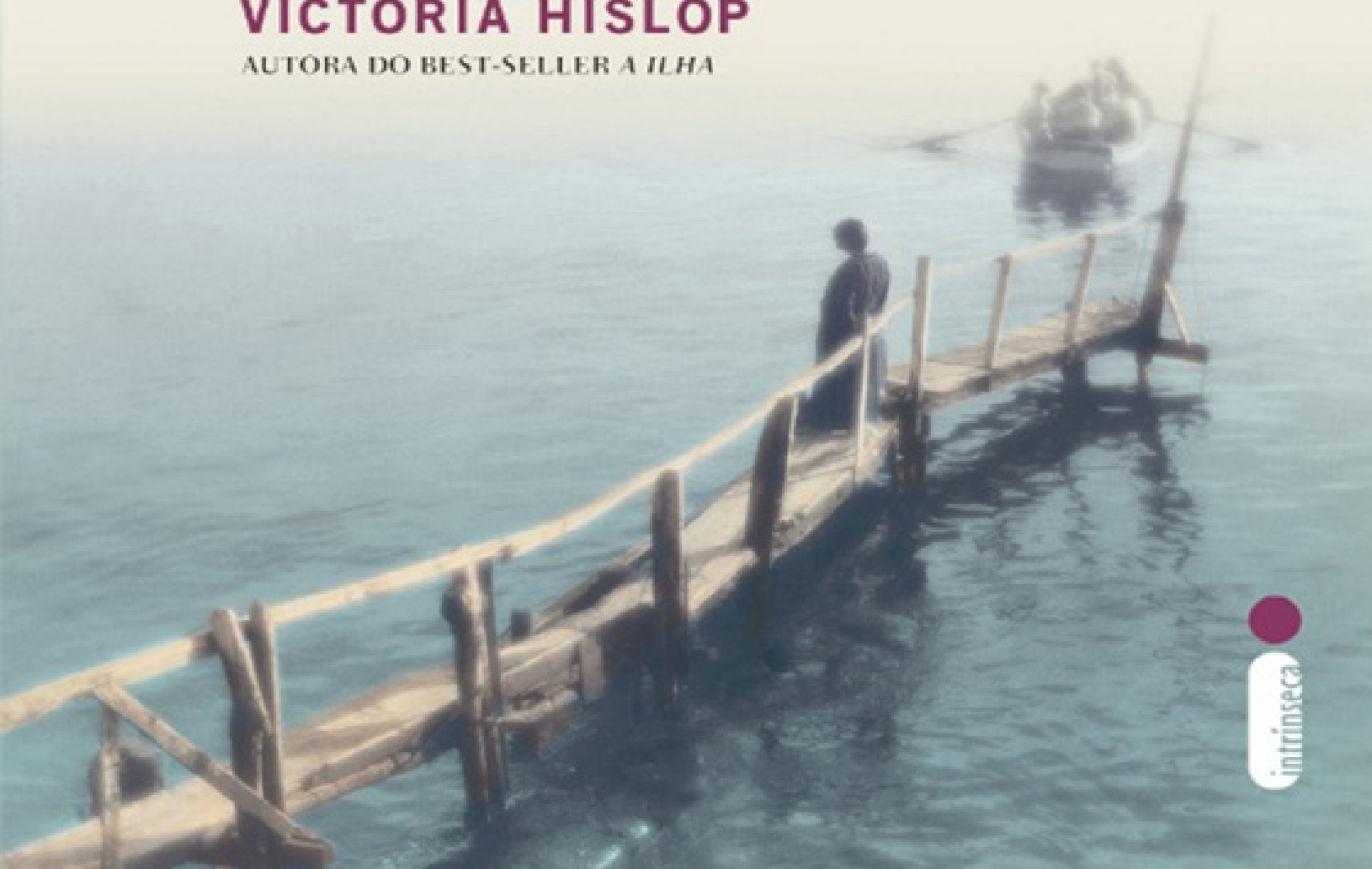
“Uma história arrebatadora, detalhada e ambiciosa, que se confunde com os turbulentos períodos de guerra.”

The Sunday Times

o fio

VICTORIA HISLOP

AUTORA DO BEST-SELLER *A ILHA*





VICTORIA HISLOP

O fio

TRADUÇÃO DE ADALGISA CAMPOS DA SILVA



Copyright © 2011 Victoria Hislop
Venda proibida para Portugal

TÍTULO ORIGINAL
The Thread

PREPARAÇÃO
Cristhiane Ruiz

REVISÃO
Milena Vargas
Fatima Amendoeira Maciel

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-299-5

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para Thomas Vogiatzis, meu amigo e daskalos

Agradecimentos especiais para:

Ian, Emily e Will Hislop

Minha tia, Margaret Thomas (1923-2011),

por seu amor e incentivo sem limites

David Miller

Flora Rees

Konstantinos Papadopoulos

Evripidis Konstantinidis

Minos Matsas por sua música inspiradora e

por autorizar as citações de To Minore tis Avgis.

O elenco e equipe de To Nisi/The Island por tudo que me ensinaram.

O Benaki Museum Photographic Archive, em Atenas.

O Hellenic Centre, em Londres.

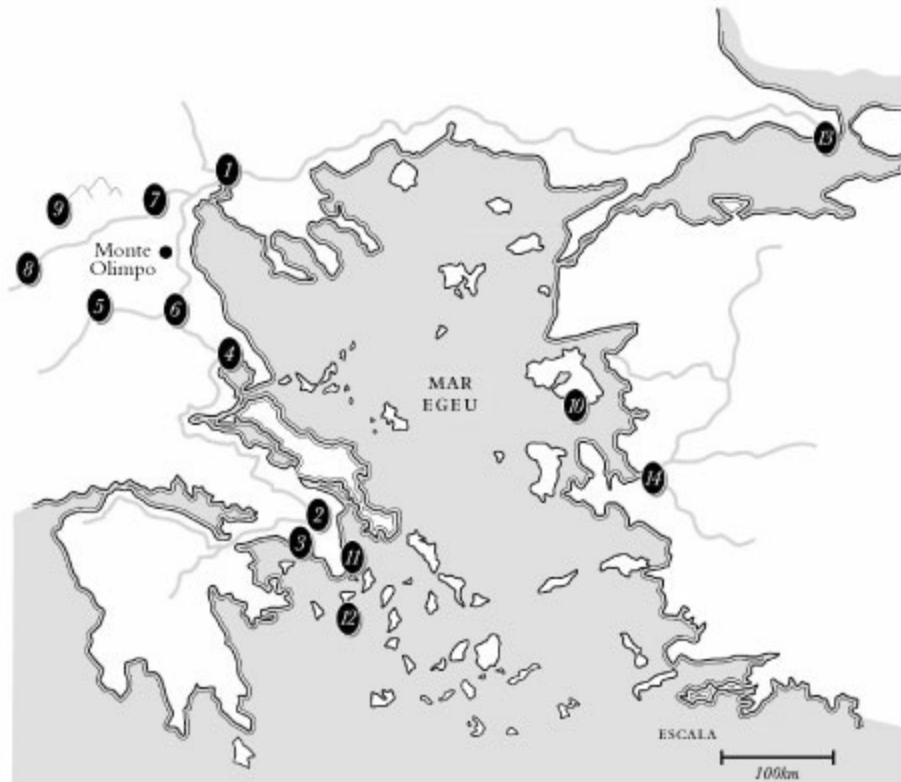
*A London Library, por fornecer o ambiente tranquilo para que eu
escrevesse este livro, e a todos os meus silenciosos companheiros daquele
lugar.*

Esta história é sobre Tessalônica, a segunda cidade da Grécia. Em 1917, a população era composta por cristãos, muçulmanos e judeus. Três décadas depois, sobraram apenas os cristãos.

O fio narra a história de duas pessoas que viveram o período mais conturbado da cidade, quando esta ficou quase irreconhecível depois de uma sequência de catástrofes políticas e humanas.

Os personagens e muitas das ruas e lugares citados são fictícios, mas todos os fatos históricos são verídicos. A Grécia ainda hoje carrega este legado.

Grécia & Ásia Menor



- | | |
|----------------|-------------------------------|
| 1. Tessalônica | 8. Ioannina |
| 2. Atenas | 9. Montes Gramos |
| 3. Pireu | 10. Mitilene |
| 4. Volos | 11. Makronisos |
| 5. Trikala | 12. Giaros |
| 6. Larissa | 13. Constantinopla (Istambul) |
| 7. Veria | 14. Esmirna (Izmir) |

The map illustrates the urban layout of Constanța, highlighting the coastal area and the central district. Key features include:

- Streets:** ACROU DIMITRIEȘCU, EGNATA, POLITEHNICULUI, VENIZOLOU, TSMISKEI, RUA NIKI, ETIMES ALAINS, AGIN DIMITRIEȘCU, and ORTODOXULUI.
- Landmarks:** Consiliu Municipal, Agin Dimitrieșcu, Egnata, Tsmiskei, Poza Armatelor, Poza Electrica, and Etimes Alains.
- Coastal Features:** GOLFO TERMAICO, O Porto, and A Torre Boma.
- Scale:** ESCALA 0.5km.

1. Rua Irini
2. Rua Filipou
3. Rua Sokratous
4. Loja de Komninos
5. Sinagoga
6. Mansão Komninos
7. Armazém Komninos

— O que eu gostaria que você fizesse, minha querida, é se imaginar de novo criança. Espero que não seja difícil, mas você precisa acertar o estilo. Quero que borde uma cena que diga “Kalimera” em letras maiúsculas. Você sabe o tipo de desenho, com o sol nascendo e um pássaro, ou uma borboleta, ou alguma coisa assim, no céu. E depois, um outro desenho com “Kalispera”.

— Com a lua e as estrelas?

— Sim! Exatamente isso. Mas não faça com que pareçam feitos por uma criança canhestra — disse ela sorridente. — Tenho que conviver com esses desenhos nas minhas paredes!

Katerina fizera desenhos semelhantes muitos anos antes, sob as instruções de sua mãe, e a lembrança retornou com nitidez.

Sua Kalimera era cheia de grandes pontos sinuosos, num fio amarelo-brilhante, e a Kalispera tinha um tom azul da cor da noite. Ela gostou da simplicidade da tarefa e sorriu diante do resultado. Ninguém desconfiaria de algo encontrado nas paredes de todas as casas gregas. Mesmo se fossem retiradas da moldura, as páginas preciosas que tinham de esconder seriam enquadradas com um reforço de percal. Era comum esconder as imperfeições no lado avesso do bordado.

Embora uma dúzia de pessoas estivesse naquela pequena casa, havia um silêncio estranho. A concentração era total, a atividade clandestina, urgente. Elas estavam salvando os tesouros que as ligavam ao seu passado.

Prólogo

Maio de 2007

Eram sete e meia da manhã. A cidade nunca ficava tão tranquila quanto nesse horário. Um nevoeiro prateado pairava sobre a baía, cujas águas, opacas como mercúrio, batiam calmamente no quebra-mar. Não havia cor no céu e a atmosfera estava impregnada de sal. Para alguns, era o finzinho da noite anterior, para outros, um novo dia. Estudantes desgrehados tomavam o último café e fumavam o último cigarro ao lado de casais mais velhos bem-vestidos que haviam saído para os exercícios matinais.

Com o levantar da cerração, o monte Olimpo surgiu aos poucos do outro lado do golfo Termaico e a placidez azul do céu e do mar se despiu daquele manto pálido. Petroleiros parados lembravam tubarões desfrutando o sol, suas silhuetas escuras contra o céu. Um ou dois barcos menores cruzavam o horizonte.

Ao longo do passeio pavimentado de mármore, que acompanhava a enorme curva da baía, havia um fluxo constante de senhoras acompanhadas de seus pequenos cachorros, jovens com vira-latas, corredores, patinadores, ciclistas e mães com carrinhos de bebê. Entre o mar, a esplanada e a fileira de cafés, os carros avançavam devagar para entrar na cidade, e os motoristas, inescrutáveis atrás de seus óculos escuros, cantavam os últimos sucessos.

À beira-mar, num passo seguro, mas lento, após ter passado a noite dançando e bebendo, seguia um rapaz magro, de cabelos sedosos, vestindo uma calça jeans cara e rasgada. A barba de dois dias sombreava o seu rosto bronzeado, mas os olhos cor de chocolate eram brilhantes e cheios de vida. O ritmo relaxado de sua caminhada era o de alguém de bem consigo mesmo e com a vida, e ele cantarolava baixinho ao andar.

Do outro lado da rua, no espaço estreito entre uma pequena mesa e o meio-fio, um casal idoso se encaminhava vagarosamente para o café ao qual costumava ir. O homem determinava a cadência com seus passos cuidadosos,

apoiando-se pesadamente na bengala. Talvez na faixa dos noventa anos, e não passando de um metro e sessenta e cinco, os dois estavam bem-vestidos, ele com uma camisa de mangas curtas bem-engomada e calças claras, ela com um vestido simples de algodão com estampa floral abotoado na frente e um cinto marcando a cintura, um modelo que ela provavelmente usava havia cinco décadas.

Todas as cadeiras de todos os cafés que orlavam o passeio da rua Niki eram voltadas para o mar, e os clientes podiam sentar-se e contemplar a constante e animada paisagem de pessoas, carros e de navios deslizando em silêncio ao entrar e sair das docas.

Dimitri e Katerina Komninos foram saudados pelo dono do café Assos e trocaram algumas palavras a respeito da greve geral do dia. Com grande parte dos trabalhadores tendo o dia livre, o café ficaria mais movimentado, portanto o dono não estava se queixando. As paralisações eram algo com que todos estavam acostumados.

Não havia necessidade de fazerem o pedido. Sempre pediam o café da mesma maneira e bebericavam o líquido adoçado de textura encorpada acompanhado de um doce triangular, o *kataifi*, que dividiam entre si.

O velho estava mergulhado na leitura das manchetes do jornal quando sua mulher deu tapinhas urgentes em seu braço.

— Olhe, olhe, *agapi mou*! Lá está o Dimitri!

— Onde, meu amor?

— Mitsos! Mitsos! — gritou ela, usando o diminutivo pelo qual ela e o marido chamavam o neto, mas o menino não podia ouvir com as buzinas impacientes dos carros que aceleravam ao se afastar dos sinais de trânsito.

Mitsos escolheu aquele momento para erguer os olhos de seu devaneio e entreviu os acenos frenéticos da avó em meio ao tráfego. Disparou por entre os carros para alcançá-la.

— *Yiayia!* — disse, jogando os braços em volta dela, antes de apertar a mão estendida do avô e lhe dar um beijo na testa. — Como estão? Que surpresa agradável... Eu ia visitar vocês hoje!

A avó abriu um grande sorriso. Ela e o marido eram apaixonados pelo único neto que, por sua vez, se rendia à afeição deles.

— Vamos pedir alguma coisa para você! — disse a avó empolgada.

— Não é necessário. Estou bem. Não preciso de nada.

— Você precisa comer alguma coisa. Tome um café, um sorvete...

— Katerina, tenho certeza de que ele não quer um sorvete!

O garçom tornara a aparecer.

— Quero só um copo d'água, por favor.

— Só isso? Tem certeza? — insistiu a avó. — Que tal um café da manhã?

O garçom já se afastara. O velho se debruçou e tocou no braço do neto.

— Então, nada de aula de novo hoje, suponho? — perguntou.

— Infelizmente, não — respondeu Mitsos. — Já me acostumei com isso.

O jovem estava passando um ano na Universidade de Tessalônica, estudando para um mestrado, mas os professores estavam em greve naquele dia, assim como todos os demais funcionários públicos do país, de modo que, para Mitsos, era uma espécie de feriado. Após uma longa noitada nos bares em Proxenou Koromila, ele estava indo para casa dormir.

Fora criado em Londres, mas todo verão Mitsos visitava os avós paternos na Grécia, e desde os cinco anos, todos os sábados, frequentava a escola grega. Seu ano na universidade já estava quase no fim, e embora as greves frequentes significassem aulas perdidas, ele era absolutamente fluente na que considerava ser sua língua “paterna”.

Apesar da pressão dos avós, Mitsos estava morando num alojamento para estudantes, mas fazia visitas regulares nos finais de semana ao apartamento deles, próximo ao mar, onde eles quase o esmagavam com o carinho extremo que é o dever do avô grego.

— Nunca houve tantas paralisações quanto neste ano — disse o avô. — Mas temos que suportar de qualquer forma, Mitsos. E esperar que as coisas melhorem.

Assim como os professores e os médicos, os lixeiros estavam em greve, e, como sempre, não havia transporte público. Os buracos nas ruas e as rachaduras no calçamento ficariam sem conserto por muitos meses mais. A vida sempre fora dura para o velho casal e Mitsos de repente se dava conta da fragilidade deles ao entrever a cicatriz feia no braço da avó e as mãos do avô deformadas pela artrite.

Neste momento, ele reparou em um homem vindo na direção deles, Tateando à frente com uma bengala branca. O caminho dele era uma corrida de obstáculos: carros estacionados ilegalmente em cima da calçada, acostamentos irregulares, blocos de concreto colocados aleatoriamente e mesas de cafés, todos precisando ser contornados. Mitsos se pôs de pé num pulo ao ver o homem hesitar, finalmente frustrado pelo cartaz de um café que

fora plantado bem no meio da calçada.

— Deixe-me ajudá-lo — ofereceu-se. — Aonde quer ir?

Olhava para um rosto mais jovem que o seu e com olhos cegos quase translúcidos. A pele era clara, e, numa pálpebra, uma sutura malfeita deixara uma cicatriz em zigue-zague.

O cego sorria na direção de Mitsos.

— Estou bem — respondeu. — Faço esse caminho todo dia. Mas sempre há uma novidade pela frente...

O ronco dos carros passando naquele trechinho de rua que os levava ao próximo conjunto de sinais quase abafou as palavras seguintes de Mitsos.

— Bom, deixe pelo menos eu ajudá-lo a atravessar a rua.

Pegou o braço do cego e atravessaram juntos, embora Mitsos pudesse sentir sua confiança e determinação, e quase se envergonhasse por tê-lo ajudado.

Quando puseram o pé na calçada oposta, ele soltou o braço do homem. Agora seus olhos pareciam se encontrar.

— Obrigado.

Mitsos percebeu que havia um perigo novo para o cego deste lado da rua. Ali perto havia um despenhadeiro para o mar.

— Você sabe que o mar está logo ali, não é?

— Claro que sei. Ando por aqui todos os dias.

Os transeuntes pareciam perdidos em seus próprios mundos, ou mergulhados em sua retumbante música privada, e estavam alheios à vulnerabilidade do homem. Por várias vezes, sua bengala branca só chamava a atenção uma fração de segundo antes de uma possível colisão.

— Não seria mais seguro ir a um lugar com menos gente? — perguntou Mitsos.

— Seria, mas aí eu estaria perdendo isso tudo... — respondeu ele.

Fez um gesto largo indicando o mar em volta e a baía em curva que se estendia num semicírculo diante deles, e então apontou para a frente, na direção das montanhas cobertas de neve a cem quilômetros dali, do outro lado do mar.

— O monte Olimpo. Esse mar sempre diferente. Os petroleiros. Os barcos de pesca. Sei que acha que não enxergo isso, mas já enxerguei. Sei que estão ali. Ainda os guardo na retina, e sempre os guardarei. E não é apenas o que se vê. Feche os olhos.

O jovem pegou a mão de Mitsos e segurou-a. Mitsos ficou surpreso com

a maciez daqueles dedos frios como mármore e agradecido pela certeza física de que não estava só. Percebeu como seria estar ali parado no escuro, uma figura solitária e vulnerável naquela esplanada movimentada.

E naquele momento, quando o seu mundo escureceu, Mitsos sentiu seus sentidos se aguçarem. Os barulhos ficaram ensurdecedores, e o calor do sol em sua cabeça quase o fez desmaiar.

— Fique assim — insistiu o cego quando Mitsos sentiu que ele o largava por um momento. — Só por mais alguns minutos.

— Claro — respondeu —, é chocante quanto tudo parece intenso. Estou tentando me acostumar. Sinto-me muito exposto nesse lugar cheio de gente.

Sem abrir os olhos, Mitsos podia dizer que o homem estava sorrindo.

— Só mais um momento. E depois você vai sentir muito mais...

Ele tinha razão.

O cheiro forte do mar, a umidade do ar em sua pele, o marulho rítmico das ondas no quebra-mar, tudo ficava mais forte.

— E você se dá conta de que é diferente todo dia? Todo santo dia. No verão, o ar é muito parado, e o mar, muito liso, parece óleo, e sei que as montanhas somem na névoa. O calor reverbera nessas pedras e eu o sinto na sola do sapato.

Os dois estavam parados diante do mar. Aquela não podia ser descrita como uma típica manhã tessalônica. Como dissera o homem, nunca havia um dia igual ao outro, mas havia uma constante no panorama que se estendia diante deles: um sentido de história e atemporalidade.

— Sinto as pessoas ao meu redor. Não só as que, como você, estão no presente, mas outras também. Aqui é lotado de passado, infestado de gente, e é gente tão real quanto você. Vejo todo mundo com a mesma clareza. Será que isso faz sentido?

— Faz, sim, claro que faz.

Mitsos não queria dar meia-volta e ir embora, mesmo que o rapaz não fosse capaz de ver. Naqueles poucos momentos com o jovem, ele teve a impressão de que seus sentidos tinham sido estimulados. As aulas de filosofia lhe haviam ensinado que as coisas visíveis não são necessariamente as mais reais, mas esta era uma experiência nova.

— Meu nome é Pavlos — apresentou-se o cego.

— E o meu é Dimitri, ou Mitsos.

— Adoro este lugar — disse Pavlos. Suas palavras eram sinceras. — Provavelmente há lugares mais fáceis para uma pessoa cega viver, mas eu

não gostaria de estar em nenhum outro.

— Evidente... quero dizer, entendo. É uma linda... quero dizer, uma cidade incrível — corrigiu-se rapidamente Mitsos, irritado com o próprio descuido. — Olha... é melhor eu voltar para os meus avós — disse. — Mas adorei conhecer você.

— Também gostei de conhecer você. Obrigado por me ajudar a atravessar a rua.

Pavlos virou-se e se afastou, continuando a tatear rapidamente com a fina bengala branca. Mitsos ficou parado observando-o por um momento. Tinha quase certeza de que o rapaz conseguia sentir o calor de seus olhos nas costas. Esperava que sim e conteve o desejo de ir correndo compartilhar seu passeio à beira-mar, de continuar conversando com ele. Quem sabe outro dia...

Adoro este lugar — as palavras pareciam ecoar à sua volta.

Voltou à mesa do café, visivelmente afetado pelo encontro.

— Você foi muito gentil em ajudá-lo — disse o avô. — Nós o vemos quase sempre e ele já escapou por um triz de se dar mal algumas vezes nesta rua. As pessoas simplesmente não se importam.

— Você está bem, Mitsos? — perguntou a avó. — Parece meio calado.

— Estou bem. Só estou pensando em algo que ele disse... — respondeu. — Ele ama muito esta cidade, embora deva ser difícilima para ele.

— A gente entende isso, não, Katerina? — retrucou o avô. — Essas calçadas irregulares são difíceis para nós e parece que ninguém faz nada a respeito, apesar das promessas eleitorais.

— Então por que continuam aqui? — perguntou Mitsos. — Sabem que mamãe e papai querem muito que vocês vão morar com a gente em Londres. A vida seria muito mais fácil lá.

Os nonagenários eram sempre convidados pelo filho, que morava na arborizada Highgate, e pela filha, que morava nos Estados Unidos, num subúrbio abastado de Boston, mas algo os impedia de escolher uma vida mais fácil. Mitsos entreouvira várias vezes os pais discutindo isso.

Katerina lançou o mais fugaz dos olhares para o marido.

— Nem que nos dessem tantos diamantes quanto as gotas que há neste oceano, nada nos faria partir! — disse ela, chegando mais perto do neto e pegando a mão dele. — Ficaremos em Tessalônica até *morrermos*.

A força das palavras pegou o rapaz totalmente desprevenido. Por um momento, os olhos dela se inflamaram e depois ficaram marejados, mas não

da forma como os olhos dos velhos às vezes parecem lacrimejar sem motivo aparente. Eram lágrimas de paixão que lhe escorriam pelas faces.

Eles ficaram ali sentados em silêncio. Mitsos, absolutamente imóvel, consciente apenas do aperto firme da mão dela na sua. Ninguém falava nem se mexia. Ele olhou nos olhos da avó, procurando uma explicação. Nunca imaginara que ela seria capaz de tal rompante, jamais pensara nela sem ser como uma velhinha simpática de modos gentis. Como quase todas as gregas da idade dela, normalmente ela deixava o marido falar primeiro.

Afinal, o avô quebrou o silêncio.

— Nós incentivamos os nossos filhos a estudar fora — disse. — Era a coisa certa a fazer na época, mas presumimos que eles acabariam voltando. Em vez disso, eles foram embora de vez.

— Eu não me dei conta... — disse Mitsos, apertando a mão da avó. — Não me dei conta de como você se sentia. Certa vez papai falou um pouco sobre o porquê de você ter mandado ele e a tia Olga para o exterior, mas não conheço a história toda. Tem algo a ver com a guerra civil?

— Sim, em parte foi por isso — respondeu o avô. — Talvez esteja na hora de lhe contar mais. Isto é, se estiver interessado...

— Claro que estou interessado! — disse Mitsos. — Passei a vida sem saber muito sobre a origem do meu pai e sem ter as minhas perguntas respondidas. Acho que já tenho idade suficiente, não é?

Os avós se entreolharam.

— O que acha, Katerina? — perguntou o velho.

— Acho que ele devia nos ajudar a carregar uns legumes para casa, para eu poder fazer a *gemista* preferida dele para o almoço — disse Katerina animadamente. — Que tal, Mitsos?

Eles pegaram a rua que se afastava do mar e encontraram um atalho por uma das vielas estreitas em direção ao Mercado Kapani.

— Cuidado, *yiayia*! — disse Mitsos quando se viram diante das barracas, onde a rua estava repleta de frutas podres e legumes soltos.

Compraram lustrosos pimentões vermelhos, tomates cor de rubi redondos como bolas de tênis, cebolas brancas e densas e berinjelas. Em cima da sacola de compras, o vendedor pôs um maço de coentro, e sua fragrância pareceu impregnar a rua. Todos esses ingredientes pareciam bons para se comer crus, mas Mitsos sabia que sua avó os transformaria nos nutritivos legumes recheados que eram o seu prato preferido desde que ele se lembrava de vir à Grécia. Sua barriga começou a roncar.

Na área em que se vendia carne, o sangue que pingara dos cepos deixava o piso escorregadio. Eles foram recebidos como familiares por seu açougueiro habitual, e Katerina rapidamente foi servida de uma das cabeças de ovelha que os olhavam de um balde.

— Por que está comprando isso, *yiayia*?

— Para o caldo — respondeu ela. — E um quilo de tripa, por favor.

Ela ia fazer *patsas* mais tarde. Por alguns euros, conseguia alimentar todos eles durante dias. Nada era desperdiçado.

— É cura garantida para ressaca, Mitsos! — disse o avô, com uma piscadela para o neto. — Sua avó se preocupa de verdade com o seu bem-estar!

Uma caminhada de dez minutos pelas ruas dilapidadas da Tessalônica antiga os levou até onde os avós moravam. Logo em frente à entrada, na esquina, pararam para cumprimentar o melhor amigo de Dimitri, o seu *koumbaros*, no períptero. Os dois homens se conheciam havia mais de setenta anos e não se passava um dia sem uma discussão inflamada sobre as últimas notícias. Sentado em seu quiosque o dia inteiro, cercado de jornais, Lefteris era mais bem-informado sobre a política da cidade do que qualquer outra pessoa em Tessalônica.

O prédio era um edifício de quatro andares construído nos anos 1950. O hall era bastante claro, com paredes amarelas e uma fileira de quatorze caixas de correio com fechadura. O piso de pedra clara, sarapintado como um ovo de galinha, fora limpo recentemente com um desinfetante de cheiro forte, e Mitsos prendeu a respiração enquanto subiam lentamente o lance de degraus que conduzia à porta dos seus avós.

A escadaria era bem iluminada comparada ao apartamento. Quando saíam, sempre fechavam as venezianas, mas ao retornarem Katerina as abria para tentar deixar a brisa entrar. As cortinas nas janelas deixavam passar pouca luz. Ali era sempre crepúsculo, mas Katerina e Dimitri gostavam. A luz direta do sol desbotava todos os tecidos e alvejava sua mobília de madeira, por isso eles preferiam viver com a luz pálida filtrada pelo tecido e a penumbra de lâmpadas de baixa potência a guiá-los pela casa.

Mitsos colocou a sacola de compras na mesa da cozinha, e a avó rapidamente desembalou a comida e começou a picar e fatiar. O neto ficou sentado observando, fascinado com a perfeição dos pequenos cubos de cebola e das fatias de berinjela. Tendo executado essas mesmas tarefas dez mil vezes, Katerina era precisa como uma máquina. Nem um pedaço de cebola

escapava de sua tábua para a florida toalha de mesa de plástico. Até o último átomo, eles iam sem desperdício para dentro da frigideira de onde o vapor subia quando entravam em contato com o óleo. Ela tinha a destreza de uma mulher com a metade de sua idade quando cozinhava, movendo-se pela cozinha com a velocidade e a agilidade de uma dançarina. Deslizava pelo piso de vinil, movimentando-se entre uma geladeira antiquíssima que chacoalhava regularmente e o fogão elétrico, cuja porta empenada tinha que ser batida com força para fechar.

Mitsos estava completamente absorto, mas, quando ergueu os olhos, viu o avô parado no vão da porta.

— Já está acabando, querida?

— Mais cinco minutos, e tudo vai estar no fogo — respondeu Katerina.
— O menino tem que comer!

— Claro que tem. Venha, Mitsos, deixe a sua avó um instante.

O rapaz acompanhou o avô até a sala escura e sentou-se em frente a ele numa cadeira estofada de estrutura de madeira. Todas as cadeiras tinham capas bordadas nos braços e no espaldar, e de cada duas superfícies, uma era recoberta com um pano de crochê branco. Diante da lareira elétrica, havia um pequeno biombo e nele uma fina aplicação de um vaso de flores. A vida toda Mitsos observara a avó costurar, e sabia que todos os itens eram produto de seu trabalho manual. O único ruído era o tiquetaquear grave do relógio.

Na prateleira atrás do avô, havia uma fileira de fotografias emolduradas. Quase todas eram dele mesmo, ou de seus primos nos Estados Unidos, mas havia também fotos de casamentos — de seus pais, e de seus tios também. E outra fotografia emoldurada, um retrato muito formal de seus avós. Era impossível dizer que idade tinham quando foi tirada.

— Precisamos esperar sua avó antes de começarmos — disse Dimitri.

— Sim, claro. *Yiayia* renunciaria a um saco de diamantes para morar aqui, não é? Ela pareceu muito zangada com a ideia de sair daqui um dia. Eu não quis ofendê-la.

— Você não a ofendeu — disse o avô. — Ela só tem uma convicção muito ferrenha, apenas isso.

Logo Katerina entrou na sala, impregnada com o aroma dos legumes que assavam lentamente. Tirando o avental, ela se sentou no sofá e sorriu para seus dois Dimitris.

— Estavam me esperando, é?

— Claro — respondeu o marido carinhosamente. — A história é tão sua

quanto minha.

E na meia-luz do apartamento, onde poderia ser de manhã ou fim de tarde, eles começaram.

CAPÍTULO 1

Maio de 1917

Através de uma névoa pálida e fina, o mar cintilava. Em terra, a cidade mais vibrante e cosmopolita da Grécia cuidava de suas atividades. Tessalônica era um lugar de variedade cultural impressionante, onde uma população com um equilíbrio quase uniforme de cristãos, muçulmanos e judeus coexistia e se complementava como os fios entrelaçados de um tapete oriental. Cinco anos antes, Tessalônica deixara de pertencer ao Império Otomano e tornara-se parte da Grécia, mas continuara um lugar de diversidade e tolerância.

A cor e o contraste de seu rico prato típico, o meze, se refletiam na variedade dos trajes desfilados nas ruas: havia homens de tarbuches, chapéus fedora, trilbies e turbantes. As judias usavam jaquetas tradicionais forradas de pele, e os muçulmanos, túnicas longas. Senhoras gregas endinheiradas em roupas feitas sob medida com um toque de *haute couture* parisiense contrastavam nitidamente com as camponesas em aventais e lenços de cabeça ricamente bordados que estavam ali para vender seus produtos hortifrutigranjeiros trazidos das áreas rurais das redondezas. A cidade alta era ocupada por muçulmanos, a área mais próxima ao mar por judeus, e os gregos ocupavam a periferia da cidade, mas não havia segregação, e as três culturas se misturavam em todas as zonas.

Assomando na colina atrás de um enorme arco semicircular de litoral, Tessalônica era um gigantesco anfiteatro. No alto da colina, no ponto mais distante do mar, uma antiga muralha marcava o limite da cidade. Olhando para baixo, era possível ver os marcos da religião: dezenas de minaretes erguiam-se no ar como agulhas numa almofada de alfinetes, os telhados vermelhos dos domos das igrejas e dezenas de sinagogas claras pontilhavam a paisagem da cidade que se alastrava em direção ao Golfo. Coexistindo com as três religiões que prosperavam ali, havia vestígios dos tempos romanos: arcos de triunfo, trechos de muralha antiga e um ou outro espaço aberto onde

pilares antigos se postavam como sentinelas.

A cidade progredira nas últimas décadas com a abertura de alguns amplos bulevares que se contrapunham ao padrão antigo de caminhos serpeantes como as cobras do cabelo da Medusa a subir abruptamente na direção da cidade alta. Um punhado de lojas grandes aparecera, mas a maior parte do comércio varejista ainda era realizada em lojinhas pequenas, menores que quiosques, administradas por famílias, milhares delas, todas competindo entre si pela clientela e espremidas nas ruas estreitas. Assim como as centenas de kafenions tradicionais, havia os cafés à moda europeia servindo cerveja vienense, e clubes onde as pessoas discutiam literatura e filosofia.

Era uma cidade densa. O volume de sua população encerrada num espaço limitado por muros e por água lhe dava uma concentração de odores fortes, cores vivas e ruído contínuo. Os pregões do vendedor de gelo, do leiteiro, do fruteiro, do vendedor de iogurte tinham todos o próprio tom, mas juntos compunham um acorde agradável.

Noite e dia, nunca havia pausa na música contínua da cidade. Falavam-se muitas línguas ali: não só grego, turco ou ladino, a língua dos judeus sefarditas, mas também se ouvia francês, armênio e búlgaro nas ruas. O chacoalhar do bonde, o grito dos vendedores de rua, os estrepitosos chamados à oração de dezenas de muezins, o ruído do atrito das correntes enquanto os navios entravam na doca, as vozes ásperas dos estivadores transportando as cargas de artigos de primeira necessidade e de luxo para satisfazer os interesses de ricos e pobres — tudo isso combinava-se para fazer a música sem fim da cidade.

Os cheiros de Tessalônica às vezes não eram tão doces quanto os seus sons. Um fedor pungente de urina emanava dos curtumes, e o esgoto e o lixo doméstico em deterioração ainda corriam de algumas das áreas mais pobres para o porto. Quando evisceravam os peixes pescados na noite anterior, as mulheres deixavam os dejetos fumegantes e malcheirosos para os gatos devorarem.

No centro, havia um mercado de flores, onde a fragrância permanecia no ar muitas horas depois de os vendedores terem embalado as mercadorias e ido para casa, e, nas ruas compridas, as laranjeiras em flor proporcionavam não apenas sombra, mas também o aroma mais inebriante de todos. Havia muitas casas cujas portas estavam rodeadas por jasmim que crescia sem controle, suas pétalas brancas e aromáticas atapetando a rua como neve. Em

todas as horas do dia, o cheiro da comida espalhava-se pelo ar, juntamente com o aroma do café torrado em pequenos fogareiros. Nos mercados, o vendedor formava montinhos de especiarias saborosas e coloridas tais como cúrcuma, páprica e canela, e rolos de fumaça aromática subiam dos narguilés fumados em frente aos cafés.

Tessalônica era a sede de um governo provisório conduzido pelo antigo primeiro-ministro, Eleftherios Venizelos. Havia uma profunda divisão no país — conhecida como o Cisma — entre aqueles que apoiavam o monarca pró-Alemanha, o rei Constantino, e os partidários do liberal Venizelos. Como consequência do controle de Venizelos sobre a Grécia setentrional, tropas aliadas estavam acampadas em frente à cidade, de prontidão para operações contra a Bulgária. Apesar desses sinais de problemas distantes, a vida da maioria das pessoas não era afetada pela guerra mundial. Para uns, a guerra até trouxera mais riqueza e oportunidades.

Um destes beneficiados era Konstantinos Komninos e, nesta manhã perfeita de maio, ele atravessava com seu jeito decidido o pátio calçado de pedra das docas. Fora conferir a chegada de um carregamento de tecido, e os carregadores, os mendigos e os garotos com carrinhos de mão saíam de sua frente enquanto ele seguia reto direto para a saída. Não era conhecido por ser paciente com quem atrapalhava o seu caminho.

Tinha os sapatos empoeirados e excremento fresco de mula grudado na sola, então, quando parou no engraxate de sempre naquela fileira cheia ao lado da alfândega, o homem precisou de pelo menos dez minutos para fazer seu trabalho.

O engraxate tinha por volta de setenta e muitos anos, a pele escura e grossa como o calçado que engraxava. Ele já limpava os sapatos de Komninos havia três décadas. Acenaram com a cabeça um para o outro, mas não se falaram. Isso era típico de Komninos: toda a sua rotina era realizada sem conversa. O velho trabalhou o couro até lhe dar brilho, polindo os caros pés de sapato ao mesmo tempo, aplicando a graxa, fazendo-a penetrar no couro e finalmente escovando com golpes amplos, de forma ambidestra, os braços voando para a direita e para a esquerda, cruzando-se, subindo e descendo, movendo-se de um lado para outro, como se ele estivesse regendo uma orquestra.

Antes mesmo de terminado o trabalho, ele ouviu o tilintar de uma moeda jogada em sua bandeja. Era sempre o mesmo valor, nunca mais, nunca menos.

Hoje, como todos os dias, Komninos usava um terno escuro, e, apesar da temperatura em elevação, conservava o paletó. Tais hábitos eram um indicador de posição social. Cuidar dos afazeres em mangas de camisa era tão impensável quanto tirar a armadura antes de uma batalha. A linguagem do traje formal para homens e mulheres era algo que ele compreendia, e que o fizera enriquecer. Os ternos davam ao homem status e dignidade, e roupas bem-cortadas de estilo europeu conferiam elegância e requinte à mulher.

O mercador de tecidos viu-se refletido na janela de uma das novas lojas de departamento e a visão fugaz e indefinida bastou para lembrar-lhe de que precisava ir ao barbeiro. Pegou um desvio por uma das ruas laterais afastadas do passeio marítimo e logo estava confortavelmente sentado, o rosto coberto de espuma e cada centímetro, exceto o bigode, bem escanhado. Seu cabelo foi cortado meticulosamente, de modo que entre o alto do colarinho e o pé do cabelo havia precisamente um espaço de dois milímetros. Komninos ficou irritado ao ver que havia toques prateados nos fios de cabelo que o barbeiro soprou da tesoura.

Finalmente, antes de se encaminhar para sua loja, sentou-se a uma mesa redonda e um garçom lhe trouxe um café junto com seu jornal preferido, o direitista *Makedonia*. Deixou rapidamente as notícias de lado, atualizando-se sobre as últimas intrigas políticas na Grécia antes de dar uma olhada por alto nas manchetes sobre os desdobramentos militares na França. Afinal, correu o dedo pelos preços das ações.

A guerra era boa para Komninos. Ele abrira um grande armazém próximo ao porto para ajudar a lidar com seu novo negócio — o fornecimento de tecido para uniformes do exército. Com dezenas de milhares sendo convocados para o serviço militar, este era um empreendimento enorme. Ele não tinha como empregar muitas pessoas, ou fazer as entregas com a agilidade necessária. Mas a demanda aumentava a cada dia.

Tomou o seu café de um gole só e levantou-se para ir embora. Todos os dias sentia uma satisfação profunda por acordar e começar a trabalhar às sete da manhã. Hoje, estava contente de saber que ainda tinha oito horas no escritório antes de partir para Constantinopla. Precisava cuidar de uma papelada importante antes da partida.

Naquela tarde, sua esposa, Olga Komninos, contemplava o monte Olimpo da janela de sua mansão da rua Niki, visível através do nevoeiro. O calor havia aumentado, e ela abriu uma das janelas que iam do chão ao teto para deixar entrar um pouco de ar. Quase não ventava, e os barulhos se propagavam com facilidade. Ela ouvia os chamados à prece misturando-se ao estardalhaço de cascos e rodas de charrete na rua lá embaixo, e um navio apitava para sinalizar sua aproximação.

Olga tornou a se sentar e pôs os pés para cima numa espreguiçadeira que puxara mais para perto da janela para pegar a brisa. Uma vez que nunca os usava na rua, não havia necessidade de tirar os delicados sapatos de salto baixo. De um tom quase idêntico, seu vestido de seda parecia sumir em cima da tapeçaria verde-clara, e o preto-azulado de seu cabelo trançado acentuava a palidez de sua pele. Ela não conseguia se acomodar naquele dia lânguido, e bebia um copo de limonada atrás do outro, servido de uma jarra que sua dedicada governanta vinha regularmente completar.

— Posso lhe trazer mais alguma coisa, Kyria Olga? Quem sabe algo para comer? A senhora não comeu nada hoje — disse com uma preocupação delicada.

— Obrigada, Pavlina, mas não estou com vontade de comer. Sei que devia, mas hoje simplesmente... não consigo.

— Tem certeza de que eu não devia chamar o médico?

— É só o calor, eu acho.

Olga se afundou nas almofadas, as têmporas cobertas de suor. Sua cabeça latejava e ela encostou o copo gelado na pele para aliviar a dor.

— Bem, se mais tarde ainda não tiver comido nada, terei que contar a Kyrios Konstantinos.

— Não há necessidade disso, Pavlina. E, além do mais, ele vai viajar hoje à noite. Não quero preocupá-lo.

— Dizem que o tempo vai virar esta noite. Vai refrescar um pouco. Então isso vai ajudar um pouquinho.

— Espero que estejam certos — retrucou Olga. — A sensação é de que poderia cair uma tempestade.

As duas ouviram algo como o estampido de um trovão, mas aí se deram conta de que era a porta da frente batendo. A batida foi acompanhada pelo ruído ritmado de passos na larga escadaria de madeira. Olga reconheceu o andar firme do marido e contou vinte pontos de crochê antes de a porta se abrir.

— Olá, querida. Como você está hoje? — perguntou ele animadamente, andando até onde ela estava deitada e dirigindo-se a ela como um médico a uma paciente simplória. — Não está com muito calor, não é?

Komninos tirou o paletó e pendurou-o cuidadosamente nas costas de uma cadeira. Sua camisa estava transparente de tão suada.

— Só vim fazer a mala. Depois vou voltar para a loja e ficar lá até a hora de o navio partir. O médico virá se você precisar dele. Pavlina está cuidando de você? Comeu alguma coisa desde ontem à noite? — As afirmações e as perguntas de Komninos se fundiam sem pausa. — Cuide bem dela enquanto eu estiver fora — disse, dirigindo um comentário final à governanta.

Sorriu para a mulher deitada, mas ela desviou o olhar. Seus olhos pousaram no mar cintilante, que ela via pela janela aberta. Tanto o mar quanto o céu agora haviam escurecido, e uma das janelas de portas duplas batia no marco. O vento mudara, e ela suspirou aliviada quando uma brisa acariciou seu rosto.

Pôs o copo na mesa lateral e pousou as duas mãos na barriga crescida. O vestido fora feito sob medida para disfarçar sua gravidez, mas, nos últimos meses, as pregas estavam esticadas ao máximo.

— Volto daqui a quinze dias — disse Komninos, beijando-a de leve no alto da cabeça. — Você vai se cuidar, não é? E cuidar do bebê.

Os dois olhavam na mesma direção, para o mar, e as rajadas de chuva agora fustigavam a cortina. Um raio riscou o céu.

— Mande um telegrama se precisar de mim. Mas tenho certeza de que não vai precisar.

Ela não disse nada. Nem se levantou.

— Vou lhe trazer coisas lindas — terminou ele, como se falasse com uma criança.

Além de um navio carregado de seda, ele planejava voltar com joias para a mulher, algo melhor ainda do que o conjunto de colar e brincos de esmeraldas que trouxera da última vez. Por causa do cabelo negro dela, ele preferia que usasse vermelho e provavelmente compraria rubis. Assim como as roupas sob medida, as gemas eram uma forma de mostrar status, e a esposa sempre fora um modelo perfeito para tudo que ele queria exhibir.

No que dizia respeito a ele, a vida nunca fora tão boa. Ele se retirou da sala pisando leve.

Olga olhou para a chuva. Finalmente, a umidade intensa dera lugar a uma tempestade. O céu escuro agora crepitava com os relâmpagos, e no mar

cor de ardósia as ondas se encapelavam e arrebetavam na espuma. A rua embaixo da casa Komninos logo inundou. Em poucos minutos, um grande arco de água se levantava sobre a beirada do passeio. Era uma tempestade de fúria excepcional, e a visão dos barcos sendo jogados na baía foi suficiente para trazer novamente a Olga a terrível náusea que estragara seus últimos meses.

Ela se levantou para fechar a janela, mas, ao sentir o cheiro estranho mas agradável da chuva nas pedras molhadas do calçamento, decidiu deixá-la aberta. O ar parecia quase fresco após o calor sufocante da tarde, e ela tornou a se deitar, fechou os olhos e aproveitou os bafejos delicados do ar salgado em sua face. Num instante, estava dormindo.

Agora ela era o marinheiro solitário num barco de pesca lutando com a fúria das ondas. Com o vestido ondulando ao redor do corpo, o cabelo solto colado no rosto e a água do mar irritando seus olhos, o céu sem sol e o horizonte sem terra à vista não lhe davam indicação da direção aonde ela ia. As velas eram enfunadas por um forte vento sudoeste que levava o barco a uma velocidade alarmante, sua grande inclinação permitindo que a água passasse por cima dos costados. Quando o vento subitamente parou, as velas ficaram panejando vazias.

Olga manteve-se firme, uma das mãos na borda lisa do barco e outra na forquilha, tentando desesperadamente não deixar a cabeça no caminho da retranca que balançava. Ela não sabia se era mais seguro dentro ou fora do barco, pois nunca estivera a bordo de um antes. A água já começava a encharcar seu vestido, e os borrifos em seu rosto e dentro de sua boca ameaçavam-na de engasgar. A água continuava jorrando para dentro do barco e, quando o vento voltou a enfunar a vela maior, uma rajada virou a embarcação.

Talvez a morte por afogamento fosse indolor, ela pensou, entregando-se ao peso das roupas, que começaram a arrastá-la para o fundo. Enquanto ela e o barco deslizavam pelas ondas, ela viu a forma pálida de um bebê nadando em sua direção e esticou-se para alcançá-lo.

Então ouviu um grande estrondo, como se o barco tivesse batido numa rocha. A criança nua desaparecera e agora os arquejos de Olga foram substituídos por soluços.

— Kyria Olga! Kyria Olga!

Olga ouvia uma voz ao longe, esbaforida e consternada.

— A senhora está bem? A senhora está bem?

Olga conhecia a voz. Talvez o socorro estivesse próximo.

— Pensei que tivesse desmaiado! — exclamou Pavlina. — Pensei que tivesse levado um tombo! *Panagia mou!* Pensei que tivesse caído! Ouvi um estrondo muito alto lá embaixo.

Confusa e num estado entre o sonho e a vigília, Olga abriu os olhos e deparou com o rosto da governanta próximo ao seu. Pavlina estava ajoelhada ao seu lado, olhando com ansiedade em seus olhos. Atrás dela, Olga via a cortina do chão ao teto enrolando e desenrolando como uma grande vela, impelida pela força do vento, o pesado reposteiro de cetim voava na horizontal pela sala. Sua ponta roçava numa mesinha circular e varria seu tempo vazio.

Desorientada, quase tonta, Olga percebeu a causa do estrondo que a acordara e trouxera Pavlina até a sala. Afastou a mecha de cabelo que lhe caíra no rosto e, devagar, se ajeitou para sentar.

Viu os cacos de dois objetos de porcelana espalhados pela sala, cabeças separadas dos corpos, mãos decepadas dos braços, milhares de dracmas em *objets d'art* literalmente reduzidas a pó. O peso do damasco e a força do vento varreram-nos para o chão impiedoso.

Ela limpou o rosto molhado com as costas da mão e viu que não deixara as lágrimas do sonho para trás. Enquanto lutava para recobrar o fôlego, ouviu-se gritando:

— Pavlina!

— O que é, Kyria Olga?

— Meu bebê!

Pavlina encostou a mão na barriga da patroa e depois em sua testa.

— Ele não foi a lugar nenhum! Quanto a isso não há dúvida! — concluiu alegremente. — Mas a senhora está quente... e parece bastante molhada também!

— Acho que tive um pesadelo... — sussurrou Olga. — Parecia muito real.

— Talvez seja melhor chamar o médico...

— Não há necessidade. Tenho certeza de que está tudo bem.

Pavlina já estava ajoelhada recolhendo os cacos de porcelana do chão no avental. Consertar apenas um dos objetos seria um teste para um especialista, mas separar o que era de um e de outro indicava que o trabalho seria impossível.

— São só porcelanas — tranquilizou-a Olga, vendo quão perturbada ela

estava.

— Bem... acho que poderia ter sido pior. Pensei mesmo que a senhora tivesse caído.

— Estou bem, Pavlina. Você e eu podemos ver que estou bem.

— Sou eu que devo cuidar da senhora enquanto Kyrios Konstantinos está viajando.

— Você está cuidando. E está fazendo um trabalho muito bom. Por favor, não se preocupe com esses bibelôs. Tenho certeza de que Konstantinos nem vai notar.

Pavlina era parte da família Komninos havia muito mais tempo que Olga, e sabia quanto valorizavam a coleção de objetos de arte. Correu para fechar as janelas de portas duplas. A chuva deixara uma mancha no carpete e ela viu que a barra do fino vestido de seda de Olga estava encharcada.

— Ai, meu Deus — sobressaltou-se —, eu devia ter subido antes. Está uma tremenda confusão aqui em cima, não é?

— Não as feche — pediu Olga, de pé ao seu lado, sentindo as gotas da chuva no rosto. — É muito refrescante. O tapete vai secar logo que a chuva parar. Ainda está muito quente.

Pavlina estava acostumada com um ou outro capricho de Olga. Era uma mudança em relação à rigidez com que a falecida sogra dela, Kyria Komninos, governara a casa por tantos anos.

— Bem, desde que a senhora não se molhe — disse, lançando-lhe um sorriso indulgente. — Não vai querer se resfriar nesse seu estado.

Olga sentou-se em uma cadeira mais afastada da janela e observou Pavlina catar meticulosamente os cacos de porcelana. Mesmo que conseguisse se abaixar, Pavlina não a deixaria ajudar.

Para além do vulto volumoso da governanta ajoelhada, Olga via o mar agitado. Havia alguns navios lá fora, pouco visíveis em meio à tempestade, de vez em quando iluminados por um relâmpago.

O relógio ornamentado no consolo da lareira indicou que eram sete horas. Ela se deu conta de que Konstantinos já estaria no mar havia no mínimo uma hora. Tais condições meteorológicas raramente atrasavam os navios maiores.

— Se o vento estiver na direção certa, acho que pode até acelerar a viagem de Kyrios Konstantinos — refletiu Pavlina.

— Acho que sim — respondeu Olga, distraída, consciente apenas da delicada agitação no interior de seu ventre.

Perguntava-se se o bebê tinha ouvido a tempestade e se sentira sacudido pelo mar. Amava exageradamente o filho ainda não nascido e o imaginava nadando sem esforço no líquido claro de seu ventre. As lágrimas e os borrifos do mar lhe escorriam pelo rosto na mesma proporção.

CAPÍTULO 2

Quando chegavam as temperaturas febris de agosto, os cidadãos de Tessalônica lembravam-se com nostalgia do calor de maio. Agora fazia quarenta graus à sombra e as pessoas fechavam suas janelas e persianas para não deixar entrar o temível sol.

Havia uma espécie de brisa, mas nem isso trazia algum alívio: o vento oeste Vardaris soprava seu bafo quente sobre a cidade, trazendo camadas de uma fina poeira escura para dentro das casas. As ruas ficavam desertas nas horas mais quentes do dia, e um viajante poderia imaginar erroneamente que os imóveis haviam sido abandonados. O interior das casas também era silencioso, pois as pessoas ficavam deitadas no escuro, respirando de forma superficial e inaudível, à medida que tentavam não inspirar o ar fétido.

Tanto o ar quanto o mar eram densos e parados. Quando as crianças mergulhavam no oceano, as ondulações se espalhavam por cem metros na baía. Quando saíam da água, ficavam secas num instante, e em seu corpo permanecia um resíduo de sal que pinicava. Havia pouca variação à noite, e o ar continuava tão parado quanto o que indicava o barômetro.

Konstantinos Komninos se atrasara na volta da Turquia, mas finalmente chegara em casa no início do mês. A essa altura, Olga tinha a sensação de ter passado a vida grávida. Seus tornozelos finos estavam inchados e seus seios antes pequenos tinham se avolumado além da capacidade de todos os vestidos feitos para o seu confinamento. Konstantinos desencorajou-a de mandar fazer qualquer coisa nova neste estágio, e ela usava um camisolão branco que lhe daria bastante espaço mesmo se continuasse a engordar nas últimas semanas de gravidez.

Alguns dias após seu regresso, Konstantinos mudou-se para outro quarto.

— Você precisa de mais espaço — dissera a Olga. — Não ficará confortável se eu ocupar metade da cama.

Olga não se opôs. Cada noite era mais agitada que a anterior, e, na maioria delas, só conseguia dormir uma hora. Passava longos períodos

deitada de costas no escuro, olhando para o vazio do seu quarto com as persianas cerradas, sentindo os chutes fortes do filho no ventre. Eram movimentos vigorosos e regulares. Às vezes, todos os membros da criança pareciam se mexer ao mesmo tempo e ela idealizava o aspecto que teria, quão forte, agitada e enérgica seria. Jamais se permitia imaginar que estava grávida de uma menina. A reação de Konstantinos poderia ser pior que desapontamento. Olga sabia que não satisfizera suas expectativas por causa do tempo que levava para engravidar, e o marido não escondera a impaciência. Ela tinha vinte e cinco anos quando se casaram, e só dez anos depois o médico confirmara que ela estava no quarto mês de gravidez e tudo parecia estável. Durante essa década, em várias ocasiões ela tivera momentos de certeza que fizeram seu coração dar saltos, mas todas as vezes, um ou dois meses depois, vinha a tristeza diante da perda de sangue reveladora.

Sua mão repousava na barriga protuberante, e ela sentia os dedos mexerem à medida que vinham os chutes, um após o outro. Se ao menos o bebê chegasse logo, pensava, e cantava para acalmá-lo, o que trazia tranquilidade a si mesma.

Um relógio tiquetaqueava sobre o console da lareira em seu quarto, outro, no hall, e, a cada quinze minutos, as badaladas do relógio marcavam a passagem do tempo, ajudando-a a contar as horas até poder se levantar. Torcia para que passassem rápido.

Era verdade que Olga precisava de mais espaço na cama, mas, para Konstantinos, um fator mais importante era a sua ligeira repulsa por seu corpo alterado. Ele mal reconhecia a mulher que ela se tornara. Como a bela modelo com quem se casara, com os quadris estreitos e a cintura que ele conseguia envolver com as duas mãos, se transformara em alguém que ele achava quase intocável? A barriga redonda com a pele esticada e os enormes mamilos escuros da esposa agora o repugnavam.

Durante aquelas últimas semanas, enquanto ficava deitada sem dormir, contando os toques discordantes dos vários relógios, ela muitas vezes ouvia os passos silenciosos na escada e o ruído quase inaudível da porta sendo fechada no fim do corredor. Desconfiava que Konstantinos saía de casa depois que ela ia para a cama e visitava discretamente um dos bordéis da cidade. Nem por um momento achava que tinha o direito de protestar. Talvez um dia reconquistasse a atenção dele.

Olga sabia que Konstantinos se casara com ela por sua beleza. Não se iludia, e fora escolhida como se estivesse num desfile de moças trabalhando

como modelos para uma das melhores modistas da cidade. Sem dote — perdera os pais antes dos dez anos — sentia-se afortunada em alguns aspectos. Muitas modelos que trabalhavam em Tessalônica acabavam na florescente zona de meretrício da cidade.

Ela se perguntava, no entanto, como teria sido se casar por amor, e se dava conta de que sua beleza a salvara e ao mesmo tempo a condenara. Olga sabia como era ser uma mercadoria, como um rolo de seda ou uma estátua dourada, comprada e exibida.

À medida que envelhecia, começara a ver como a perfeição física podia ser um fardo, mas ao mesmo tempo ficou nervosa quando a perdeu. Nos últimos meses, observara cada vez mais assustada a expansão do seu corpo: o ingurgitamento das veias, a protuberância do umbigo e o aumento da barriga até a pele ter esticado tão além dos próprios limites que a camada externa parecia rachar, deixando dezenas de estrias claras, como gotas de chuva escorrendo numa vidraça.

Embora a náusea não permitisse que ela comesse quase nada, seu corpo continuava se expandindo. A cada manhã, enquanto Pavlina lhe trançava o cabelo cor de ébano e o enrolava em volta da cabeça, as duas conversavam diante do espelho.

— A senhora continua tão bonita quanto sempre foi — tranquilizava-a Pavlina. — Só está com a barriga um pouco mais redonda.

— Sinto-me inchada, Pavlina. Nada bonita. E sei que Konstantinos não consegue mais me suportar.

O olhar de Pavlina encontrou o de Olga no espelho e viu sua tristeza. Olga quase parecia mais bonita quando estava infeliz. Quando úmidos, seus olhos escuros cor de melado ganhavam uma profundidade ainda maior.

— Ele voltará para a senhora — dizia Pavlina. — Assim que o bebê nascer, tudo voltará ao normal. Vai ver.

Pavlina podia falar com alguma autoridade. Tivera quatro filhos antes dos vinte e dois anos e, após os três primeiros partos, era a prova viva de que a expansão dramática do corpo feminino durante a gravidez era reversível. Mas, após a quarta gravidez, seu corpo finalmente perdeu a elasticidade. Olga olhou para a silhueta confortável da governanta, mais parecida do que ela própria com alguém prestes a dar à luz.

— Espero que tenha razão, Pavlina — disse, pondo de lado o pano que bordava lenta e canhestramente.

— Quando exatamente pretende terminar isso? — brincou Pavlina,

pegando a minúscula fronha para examinar o trabalho manual da ama. — O bebê é para este mês, não é? Ou é para o ano que vem?

Em seis meses, as tentativas de Olga no bordado pouco haviam progredido. A agulha lhe escorregava dos dedos suados, e ela se espetara várias vezes, manchando o linho cor de creme com pingos de sangue.

— Está um desastre, não é?

Pavlina sorriu e tirou-lhe o bordado. Não podia negar. As mãos de Olga não eram feitas para o trabalho. Embora tivesse dedos magros e elegantes, era desajeitada com a agulha. Para ela, bordar era estritamente uma atividade com que matar o tempo.

— Vou lavar e depois termino para a senhora, posso?

— Obrigada, Pavlina. Você se incomodaria?

Durante todos aqueles meses de enjoo, Olga se sentira desconfortável, mas, na madrugada daquela manhã de agosto, batera-lhe uma ansiedade avassaladora. Não conseguia parar quieta nem por um minuto. Sentia mais dor nas costas ao sentar-se do que quando estava em pé, e as dores no abdome, depois de uma ou duas semanas em que não a incomodaram muito, intensificaram-se. Em intervalos de poucos minutos, ela quase desmaiava de dor. Finalmente, chegara sua hora.

Embora fosse domingo, Konstantinos saiu para o escritório às seis e meia, como de costume.

— Até logo, Olga — disse, entrando no quarto num momento em que as contrações haviam diminuído. — Estarei na loja. Pavlina pode mandar me chamar se você precisar.

Ela tentou sorrir quando ele pôs a mão sobre a dela. Tinha a intenção de tranquilizá-la, mas foi fugaz como o toque de uma pluma, um gesto ligeiro que a fez se sentir menos amada em vez de acolhida. Ele parecia alheio à sua dor, e não demonstrou ter notado que ela gemia baixinho quando ele entrara no quarto.

Logo ela estava berrando, vencida pelas ondas de dor, agarrando Pavlina até deixar marcas em seu braço. Com certeza, tal agonia terrível só podia significar o fim de uma vida, não o começo.

Os passantes de vez em quando ouviam um grito de dor, mas esse tipo de barulho era comum na cidade e costumava ser engolido na cacofonia geral de bondes, carroças e vendedores de rua. Pavlina mandou buscar o Dr. Papadakis, que confirmou que faltava pouco para a chegada do bebê. A posição de Konstantinos Komninos na comunidade garantiria que o médico

ficaria até o bebê nascer são e salvo.

Nas últimas horas de trabalho de parto, Olga nem por um momento soltou a mão de Pavlina. Sem ela, temia ser arrastada inexoravelmente para um túnel escuro de dor que a levaria embora do mundo.

Com a mão livre, Pavlina molhava a fronte da ama com água fresca, trazida constantemente da cozinha.

— Tente fazê-la relaxar um pouco — aconselhou o médico a Pavlina.

A governanta sabia por experiência própria que, quando a dor rasgava em dois o corpo da pessoa, essa era uma sugestão absurda. Gostaria de dizer a ele o que achava, mas era inútil. Mordeu o lábio. O homem já estava na faixa dos setenta anos. Talvez tivesse trazido à luz milhares de bebês, mas nunca poderia imaginar nem de longe pelo que Olga estava passando.

A cama estava molhada de suor, de água e do líquido que jorrara do corpo dela. Olga sentiu-se entrando num estado de semi-inconsciência, e pensou no pesadelo que tivera semanas antes — e que com frequência voltava de alguma forma nos últimos dias.

O médico se instalara numa cadeira confortável e lia o jornal. De vez em quando, consultava o relógio de algibeira e olhava para Olga. Parecia monitorá-la, ou talvez só estivesse calculando dali a quanto tempo iria almoçar.

Com as pesadas cortinas quase cerradas, o quarto estava praticamente às escuras. Ele segurava o jornal de modo a aproveitar a réstia de luz que entrava. Só se levantou quando pareceu que o espelho poderia rachar com os gritos. Mantendo-se a uma distância que não punha em risco a perfeição de seu imaculado terno claro, começou a dar mais algumas instruções.

— Estou vendo a cabeça do bebê. Precisa fazer força agora, Kyria Komninos.

Nada parecia mais natural para ela. Cada parte do seu ser sentia essa premência, mas ao mesmo tempo o esforço parecia impossível, como se ela tivesse que virar o corpo pelo avesso.

Talvez tivesse se passado uma hora. Para Pavlina, pareceu um dia, e, para Olga, uma quantidade de tempo incomensurável durante a qual sua vida era medida apenas por ondas de dor. Ela entrou em um estado de delírio. Não sabia que estivera perto de ter uma parada cardíaca, e que o coração aflito do bebê quase não aguentara. Ela só tinha consciência da dor. Era só o que parecia real naqueles momentos finais do trabalho de parto.

Um bebê deslizou da escuridão para a meia-luz do quarto. E gritou.

Como as dores de Olga haviam cessado, ela sabia que o gemido agudo não era dela. Era um som novo.

Ficou deitada imóvel e calada por alguns momentos. Sem ar. Lágrimas de exaustão e alívio lhe escorriam pelo rosto. Olga percebeu que a atenção das duas pessoas que cuidavam dela mudara de foco e se concentrava em algo do outro lado do quarto. Estavam de costas para ela, e Olga soube instintivamente que não devia perturbá-los.

Fechou os olhos por um momento e ficou escutando o que murmuravam. Não tinha motivo para se preocupar. Sentia a presença de uma quarta pessoa naquele quarto. Sabia que ele estava ali.

— Kyria Olga...

Olga viu Pavlina à sua cabeceira. Contra sua blusa branca e seu busto farto, a trouxinha branca era quase invisível.

— Seu... bebê. — Ela quase engasgou com as palavras. — Aqui está o seu bebê. Seu filho. Seu menino, Kyria Olga!

E ali estava ele. Pavlina abaixou a coisinha miúda, colocando-a nos braços abertos de Olga, e mãe e filho se olharam pela primeira vez.

Olga não conseguia falar. Uma enxurrada de amor brotou de dentro dela. Jamais sentira algo tão forte quanto a adoração incondicional por esse pequeno ser em seus braços. No momento em que se viram, um vínculo inquebrantável se formou.

Uma mensagem foi enviada a Konstantinos Komninos e, quando ele chegou, o Dr. Papadakis o esperava no andar de baixo.

— O senhor tem um filho e um herdeiro — informou-lhe com orgulho, como se tivesse sido responsável por todo o procedimento.

— Que notícia excelente — respondeu Komninos, no tom de um homem que foi informado da entrega em segurança de uma seda chinesa.

— Parabéns! — acrescentou Papadakis. — Mãe e filho estão bem, então já estou de saída.

Eram quase três horas, e o médico estava aflito para ir embora. Gostava de ter o sábado livre, e certamente não queria perder o concerto que um pianista francês em visita daria naquela tarde. Ele tocaria exclusivamente Chopin e a sociedade tessalônica estava bastante empolgada.

— Passo para vê-los semana que vem, mas, se precisar de mim antes disso, me avise, Kyrios Komninos — disse com seu sorriso mecânico.

Os dois cumprimentaram-se com um aperto de mãos, e, antes de o médico ter saído da casa sem que o levassem à porta, Komninos já se

encontrava no meio da ampla escadaria. Estava na hora de ver pessoalmente o filho.

A essa altura, Pavlina ajudara Olga a se lavar e acabara de lhe trançar o cabelo. Haviam sido colocados lençóis limpos na cama, e o bebê dormia no berço ao lado. Era um quadro de paz e organização, exatamente do jeito que Konstantinos gostava de ver.

Sem sequer olhar para a mulher, ele atravessou o quarto e contemplou em silêncio o recém-nascido enrolado na manta.

— Não é lindo? — perguntou Pavlina.

— Não consigo vê-lo direito — respondeu ele, com um tom de insatisfação.

— O senhor vai vê-lo bastante quando ele acordar — interrompeu Pavlina.

Komninos lançou-lhe um olhar de desaprovação.

— O que quero dizer é que seria melhor deixá-lo dormir por enquanto. Assim que ele acordar eu o levo para o senhor. Seria melhor não perturbá-lo.

— Muito bem, Pavlina — retrucou ele. — Será que poderia nos deixar a sós um instante?

Tão logo Pavlina saiu do quarto, ele olhou para Olga.

— Ele é...

— Sim, Konstantinos, ele é.

Após aqueles anos todos sem conseguir conceber, Olga conhecia o maior temor do marido: que quando ela finalmente conseguisse ter um filho, houvesse algo de errado com ele. Sua ansiedade a respeito da reação de Konstantinos se isso acontecesse agora podia ser deixada de lado.

— Ele é absolutamente perfeito — disse simplesmente.

Satisfeito, Komninos saiu do quarto. Tinha negócios a tratar.

CAPÍTULO 3

Na mesma tarde sufocante de sábado, talvez até no momento exato em que o pequeno Dimitri Komninos chegava ao mundo, uma mulher começou a preparar o magro jantar da sua família. Ela vivia num tipo de moradia muito diferente da mansão dos Komninos. Como centenas de outras, sua casa era num bairro densamente povoado, bem na periferia da cidade, na zona nordeste. Era onde as pessoas mais pobres de Tessalônica viviam: cristãos, muçulmanos, judeus e refugiados, aglomerados uns por cima dos outros em ruas onde havia pouco dinheiro mas muita vida.

Algumas dessas moradias eram construídas nos próprios muros da cidade, e no espaço entre elas mal dava para pendurar uma única camisa para secar. As famílias eram grandes, o dinheiro, escasso, e o trabalho nem sempre fácil de achar; e nesta casa havia quatros filhos quase adultos, mas ainda solteiros. Tal número era bastante comum. A mãe trabalhava em tempo integral para manter sua pequena tribo alimentada e limpa, e, quando não havia panela no fogo, havia um caldeirão de água quente. Sempre precisavam dessa água para lavar a roupa e a sujeira do corpo depois de cada dia de trabalho no porto.

Os três filhos dormiam na sala, enquanto ela e o marido ocupavam o único quarto, e a filha de dezesseis anos dormia num catre ao pé da cama. Não havia outro arranjo razoável até ela poder se casar, o que era altamente improvável para uma moça sem perspectiva de dote.

A dona da casa comprava com sabedoria e nunca com indulgência, adquirindo a maioria de seus ingredientes dos vendedores que vinham do campo com seus cestos de cebolas, batatas e feijões. A carne era um luxo apenas para dias especiais de festa, mas muitas vezes havia sobras de miúdos de ovelha na sopa dados pelos açougueiros que não conseguiam vendê-los até o final do dia. Naquela tarde, havia uma dessas sopas no fogo, que mais tarde seria tomada com pedaços de pão grosseiro que ela mandara o marido trazer na volta para casa. O suor lhe escorria pelos musculosos braços nus enquanto ela atiçava as chamas embaixo da panela que fervia em fogo brando. No fim

de cada sábado, os homens da família se encontravam com os primos e sobrinhos num kafenion enfumaçado para beber e ruminar os acontecimentos da semana. Com a guerra grassando em volta deles, na Europa e além, havia sempre muito que discutir.

A família criava uma mula velha e uma cabra no andar térreo da casa para ter autossuficiência em leite e queijo, e, além de mil moscas não convidadas, alguns frangos dividiam a sórdida moradia, fazendo seus ninhos no feno imundo. Os frangos sabiam que não deviam se aproximar das patas traseiras da mula e, em vez de chegarem perto dela, ciscavam as sobras entre os cascos fendidos da cabra. Quando o cheiro da comida não impregnava a cozinha, só se sentia o odor de esterco.

Foi nesse espaço escuro e fétido que caiu uma pequena fagulha do fogo naquela tarde. Uma brasa como essa já havia sido cuspidada mil vezes pela madeira crepitante e chegado devagarzinho no chão, onde brilhava um instante e se apagava. Esta, porém, voou com a precisão de uma flecha certa e passou pela fresta entre as tábuas do chão e, na trajetória, pareceu ganhar calor com o aumento da própria velocidade.

A brasa caiu no traseiro da mula, onde foi instantaneamente espanada por seu rabo. Tivesse o ritmo contínuo da cauda do animal impelido-a para a esquerda, ela teria pousado no chão impregnado de urina. Em vez disso, foi para a direita e pousou na cama de feno. Não ficou na superfície, mas deslizou umas camadas para baixo, para perto de onde a galinha estava chocando seus ovos, e isso criou as condições perfeitas para alimentar o calor da brasa ainda viva.

Lá em cima, a panela continuava no fogo. A sofrida dona da casa esperava seus homens em mais ou menos uma hora e, enquanto isso, subiu para descansar. Sua filha já estava ali, deitada no escuro. Era muito mais fácil para ela dormir um pouco agora, antes que os pais estivessem no mesmo quarto. Quase toda noite, seu pai brutalizava sua mãe ruidosamente antes que ambos adormecessem e depois grunhia e roncava até de manhã.

Lá embaixo, um incêndio começava a se alastrar no monte de palha, mas o cheiro de penas queimando e os gritos dos animais apavorados passaram despercebidos pela mãe e pela filha, ambas cochilando dois andares acima.

Numa questão de segundos, as chamas envolveram os caibros de madeira e deslizaram pelo telhado. Logo todo o andar térreo estava ardendo, e as paredes e o teto viraram lâminas de fogo enquanto o incêndio avançava com velocidade e eficiência, subindo ao andar seguinte e depois para as casas

adjacentes.

Nem o calor crescente da casa foi suficiente para despertá-las. As temperaturas de verão em Tessalônica sempre eram intensas. No fim, foi um barulho, como uma enorme explosão, que as perturbou. Era o barulho do chão da cozinha desabando no porão.

Num instante, as duas mulheres estavam de pé, completamente despertas, suando de calor e pavor, agarrando a mão uma da outra. O fogo já estava subindo as escadas, e elas sabiam que seu caminho por ali estava bloqueado, mas ouviam vozes conhecidas chamando por elas nas ruas lá embaixo.

Não havia tempo para pesar os riscos. A filha primeiro, depois a mãe, elas subiram no peitoril da janela e se atiraram nas mãos de seus homens lá embaixo. Então, enquanto sua casa desmoronava, eles correram para salvar a própria vida, tornando-se parte de um rio humano que ia na direção leste. Logo se misturaram à multidão, inconscientes de seu papel na conflagração.

Os vizinhos haviam visto logo os rolos de fumaça e sentido o apetitoso cheiro de cabrito assado, e todos eles estavam em segurança na rua antes que as próprias casas fossem consumidas pelo incêndio. Não havia tempo para especular sobre as causas e certamente não havia tempo para esperar. O fogo se propagava com a rapidez que o violento vento quente quisesse levá-lo.

Em uma hora de incêndio, dezenas dessas casas haviam desaparecido. Sua construção predominantemente de madeira e a seca do verão tinham transformado a cidade num grande isqueiro. Não chovia desde junho e nada havia para impedir a propagação do fogo. A cidade possuía alguns carros de bombeiro, mas eram velhos e ineficientes e, de qualquer maneira, grande parte do suprimento de água fora desviado para os vastos acampamentos das tropas aliadas fora de Tessalônica.

No centro da cidade, onde ainda não havia sinal do incêndio, Konstantinos Komninos estava prestes a chegar na loja. Vinha com um passo alegre. Finalmente tinha um filho.

Não havia ninguém com quem partilhar a notícia, salvo um homem. Desde que Komninos se lembrava, um porteiro e vigia noturno sentava-se noite e dia no cubículo abafado na entrada da loja. Tasos trabalhava lá havia mais de meio século. Ele subia e descia as fileiras de tecido uma ou duas vezes por dia, de vez em quando ia até a rua procurar um vendedor de limonada, ou fumar, mas passava a maior parte do tempo simplesmente sentado, vigiando e dormindo. Podia entrever o céu de uma janela alta que

dava para a rua. À noite, esse homem pequenino, de cabelo escuro, se encolhia para dormir no catre nos fundos de seu quartinho. Komninos não tinha ideia de onde ele comia nem de como se lavava. O homem era pago para estar ali vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, e nunca se queixara, em todos os anos que o patrão o conhecia.

Quando ouviu o barulho da chave na fechadura, Tasos saiu de sua toca para saudar o chefe. Sabia que Komninos fora chamado em casa mais cedo e estava ansioso para ouvir as novidades.

— Como está Kyria Komninos? — perguntou.

— Teve um parto sem risco — respondeu Konstantinos. — Tenho um filho.

— Parabéns, Kyrios Komninos.

— Obrigado, Tasos. Há alguma coisa a relatar?

— Não, está tudo quieto como um túmulo aqui.

Konstantinos abriu a porta principal da loja e já ia fechá-la quando Tasos o chamou.

— Kyrios Komninos, eu me esqueci, seu irmão passou aqui há uns vinte minutos.

— Oh?

Komninos ficou irritado ao pensar no irmão indo à loja num sábado à tarde. Era quando ele sempre ficava sozinho, a loja estava fechada aos clientes e ele planejava as entradas e as saídas, controlando o fluxo de caixa, as contas de lucros e perdas, redigindo a correspondência e fazendo as transações que inquestionavelmente o colocavam no comando do negócio.

— Ele tinha ouvido falar de um incêndio lá na zona norte e queria saber se eu tinha alguma notícia a respeito. Como eu poderia saber, sentado aqui o dia inteiro, eu não sei.

Komninos deu de ombros.

— Típico do Leonidas ouvir boatos no minuto que volta de licença! — disse Konstantinos. — Felizmente, alguns de nós têm mais o que fazer.

Komninos gostava de andar por sua loja silenciosa e correr os dedos pelos rolos de seda, veludo, tafetá e lã. Ele podia dizer o preço por metro do tecido apenas ao tocá-lo. Era o seu maior prazer. Para ele, aqueles tecidos eram mais sensuais que a pele de uma mulher. Os rolos iam do chão ao teto, e escadas corriam em trilhos pelos cinquenta metros de comprimento da sala para que os que ficavam no alto fossem facilmente alcançados. Tudo era arrumado por cor de uma ponta a outra do cômodo, com seda carmim ao lado

de lã escarlate, e veludo verde ao lado de tafetá esmeralda. Seus vendedores eram mais responsáveis por seções de cor do que especialistas em tipos de tecido, e, com um olhar, ele era capaz de dizer se algum deles fora ineficiente com o inventário. A simetria e a perfeição daquele espaço sem a confusão dos funcionários eram agradabilíssimas para ele. Seu pai, de quem ele herdara o negócio, sempre o encorajara a aproveitar a ordem e a calma da loja sem funcionários e clientes.

— Pense neste negócio — dizia o pai ao filho de cinco anos — como o Alfa e o Ômega de nossa vida.

Então apontava para as tesouras deixadas cuidadosamente no centro de cada uma das lustrosas mesas de corte.

— Este é o Alfa — dizia, calcando a forma de A da tesoura. E este é o Ômega. Apontava para as pontas dos rolos formando um O perfeito. — Nessa família, essas são as únicas letras que você precisa saber.

Todos os dias, Konstantinos pensava nas palavras do pai, e agora podia esperar com ansiedade a hora em que poderia repeti-las para o próprio filho.

Aos sábados, ele conseguia desfrutar do lugar sem sentir os olhos dos empregados sobre si. Sabia que não era querido. Não que se importasse, mas isso lhe causava certo desconforto. Percebia o jeito como as pessoas paravam de conversar quando ele passava e sentia o calor entre as escápulas quando elas observavam suas costas quando ele se retirava.

Sua sala era elevada, com janelas em três laterais e uma visão clara do enorme salão em toda a sua largura e comprimento. Era difícil para os empregados verem-no através das persianas, mas de seu posto de observação ele via tudo que acontecia. Os clientes importantes eram sempre convidados a ir lá em cima e café era oferecido para eles. Komninos levantava as persianas nessas ocasiões, sabendo que a vista de seu vasto arco-íris nunca deixava de impressionar. Os clientes vinham de todas as vilas e cidades da Grécia para comprar, e poucos saíam com pequenas quantidades de tecido. Não havia outro atacadista com tal variedade, mesmo em Atenas, e ele mal conseguia acompanhar o ritmo da demanda.

Ademais, ele era o único fornecedor de lã da maioria dos regimentos do exército mobilizados na Grécia setentrional num momento em que, com milhares de forças aliadas acampadas em frente à cidade, o preço de todas as mercadorias, do trigo à lã, subira. Para os ricos, havia dinheiro a ganhar. Komninos sempre fora melhor em ler números que letras, e tinha faro para investimentos sábios.

A empresa fora deixada em partes iguais para ele e o irmão, Leonidas, que era oito anos mais jovem, mas tinha pouco interesse em passar seus dias nesse galpão de loja, e menos ainda nas complexidades da especulação sobre o preço da lã no mercado de commodities. Leonidas era oficial do exército e uma vida de ação era muito mais condizente com ele do que o comércio. Os irmãos não tinham absolutamente nada em comum, a não ser os pais, e agora que tinham morrido havia mais antipatia que amor entre eles. Mesmo quando eram pequenos, era difícil acreditar que fossem da mesma família. Leonidas — alto, louro, olhos azuis — era o Apolo do irmão Hefesto.

Enquanto Konstantinos estava sentado em sua sala estudando o livro-caixa e fazendo cálculos mentais da renda semanal corrente versus taxas de juros e aumento de despesas, deduzidos de uma nova encomenda de quinze mil metros de lã para capotes do exército (que poderiam ser fornecidos com o material que ele já tinha em estoque havia dois anos, mas que venderia ao preço do ano corrente), seu irmão corria como um doido pela rua deserta.

Tasos foi despertado da sesta pelo barulho de Leonidas irrompendo prédio adentro.

— Tasos... — chamou esbaforido, mal conseguindo falar... — Temos que encontrar o Kosta!

— Ele está aqui. Na sala dele — respondeu o vigia. — O que houve? Normalmente não vejo o senhor com pressa!

Leonidas passou correndo por ele, entrou na loja e subiu a escada em caracol de dois em dois degraus.

— Kosta, a cidade está pegando fogo! Temos que tirar alguma coisa desse estoque.

— Tasos me disse que você tinha saído para olhar uns incêndios — respondeu o irmão mais velho, sem tirar os olhos das colunas de números. Sua noção de posição e dignidade não lhe permitia reagir. — Ainda não foram apagados?

— Não! Está se alastrando, Kosta! Está fora de controle! Vá lá na rua agora sentir o cheiro! Está vindo nesta direção! Pelo amor de Deus, não estou inventando isso!

Konstantinos podia ouvir o medo na voz do irmão. Não era a voz que ele usava quando pregava peças.

Leonidas pegou-o pelo braço e conduziu-o para a rua.

— Você ainda não consegue ver nada, mas não sente o cheiro? E olhe para o céu! Falta muito para anoitecer e já está escurecendo!

Leonidas tinha razão. O cheiro de incêndio era palpável, e a claridade do céu da tarde fora substituída pela névoa.

— Quero ver onde está, Leonidas. Não quero que a gente se apavore se não houver necessidade.

— Bem, onde estava há dez minutos deve ser diferente de onde está agora... Está bem, vamos ver se já começaram a controlar o fogo.

Enquanto corriam, Konstantinos contou ao irmão sobre o novo sobrinho. Era um momento esdrúxulo para se dar tal notícia, mas anunciar que agora havia um herdeiro para a empresa deu grande satisfação a Komninos.

Leonidas gostava muito da cunhada, e era mais para ver Olga do que o irmão que ia à rua Niki sempre que estava de licença. Se algum dia sossegasse, queria encontrar uma mulher tão linda e serena quanto ela. Às vezes, perguntava-se se uma pessoa fria como Konstantinos merecia uma mulher tão maravilhosa, e tentava não pensar no que teria acontecido se tivesse conhecido Olga primeiro.

— Que maravilha — exclamou. — Tem certeza de que não deveria estar com ela?

— Tudo em sua hora — respondeu Konstantinos.

Leonidas balançou a cabeça incrédulo, pensando não só em Olga e no bebê, mas na maravilhosa Pavlina, de quem gostava muito.

A fumaça se adensava à medida que se precipitavam para o norte, e Konstantinos parou para amarrar o lenço de seda no rosto a fim de se proteger das partículas de cinza que dançavam em volta deles. Quando viraram na rua principal, deram com uma multidão de gente vindo no sentido contrário. Konstantinos já vira muita agitação durante os levantes políticos dos últimos anos, mas aquelas pessoas tinham uma expressão diferente.

Muitas delas iam sobrecarregadas com o peso de suas posses — itens volumosos pelos quais haviam economizado e poupado — armários, espelhos, até colchões. Eram bens muito preciosos para serem deixados para trás. Todos os carregadores da cidade haviam sido atraídos pelo potencial comercial do desastre, e seus carrinhos de mão, abarrotados com coleções variadas de objetos, agora bloqueavam as ruas.

No horizonte, ainda a alguma distância, Konstantinos viu o inconfundível brilho feroz do fogo lambendo o céu.

— Acredita em mim agora? — perguntou Leonidas, parando para tossir e recobrar o fôlego.

— Precisamos voltar para a loja — disse Konstantinos, a voz fraca de

medo. — E precisamos de todos os carregadores que conseguirmos encontrar.

Já era tarde demais para isso. Todos os homens fisicamente capazes que poderiam vender seus serviços já haviam sido contratados. Observando a confusão, os dois irmãos perceberam que estavam sozinhos. Tasos era o único que poderia ajudá-los. Quando deram meia-volta para seguir para a loja, apertaram o passo e começaram a trotar.

— Calculo que a gente não tenha mais que duas horas, a menos que consigam controlar logo o fogo — disse Leonidas enquanto corria.

Konstantinos tentava acompanhar o ritmo do irmão, que era uma cabeça mais alto que ele, e muito mais atlético. Respondeu com um grunhido. Fazia pelo menos vinte anos que não corria, e seu peito ardia. A ideia de perder alguma coisa do seu estoque, porém, o incentivava, e em dez minutos os dois estavam dentro da loja explicando a Tasos o que precisava ser feito.

— Vou identificar os tecidos mais preciosos — disse o irmão mais velho — para você e Leonidas poderem dar prioridade a eles na remoção! Podem empilhá-los ao lado da porta e vamos levar na carroça grandes quantidades por vez para o outro lado da rua Egnatia. Deve dar para levar trinta rolos de cada vez.

A rua Egnatia era o amplo bulevar que atravessava a cidade de oeste para leste.

— Não há chance de o fogo atravessar a Egnatia, e o que a gente conseguir levar para o lado sul vai estar salvo — disse Leonidas.

Os três puseram mãos à obra. Pela primeira vez em uma década, Konstantinos subia e descia as escadas correndo, puxando rolos de tecido e deixando-os cair no chão. Os rolos eram recolhidos por Leonidas e carregados para fora do prédio, onde Tasos os amontoava na carreta. A primeira carga estava pronta e Tasos e Leonidas a empurraram juntos pela rua. Cinco minutos depois, depositaram os rolos em frente à loja de um cliente.

— Pode dar uma olhada nisso? — Leonidas perguntou ao alfaiate. — Já voltamos.

Não havia necessidade de explicar. Dezenas de outros mercadores e comerciantes estavam largando seus produtos do outro lado da rua. Todos tiveram a mesma ideia: o fogo nunca chegaria lá.

Havia uma grande balbúrdia nas ruas impregnadas pelo cheiro sufocante da fumaça num dia já abafado.

Quando Leonidas e Tasos voltaram à loja, já havia mais uma centena de rolos esperando para serem recolhidos nos corredores.

— Levem as sedas roxas primeiro e depois os veludos vermelhos. A lã deve ir por último, mas levem todo o *crêpe de Chine*, de todas as cores, na próxima leva, e tentem não deixar os de cor creme sujarem muito...

Logo que Konstantinos começou a pegar os tecidos, sua paixão por eles assumiu o comando. Suas ordens para a preservação e a proteção deles saíam uma após outra, como a seda escorrendo do rolo.

Nessa última hora, desde que dera a notícia do bebê ao irmão, não pensara no filho nem na mulher, nem na segurança deles. Estavam do mesmo lado da rua que suas preciosas lãs e sedas, e ele presumia que estivessem a salvo.

Tasos e Leonidas haviam voltado da quarta leva de tecido. Quando preparavam a quinta, já estavam sem camisa, enxugando o rosto.

— Tentem não sujar os claros, sim?

O suor dos homens estava sujando os tecidos mais claros. Essa instrução foi demais para Leonidas.

— Konstantinos, é só uma sujeirinha.

— Se vamos salvar os tecidos de vestidos de noiva, eles têm que estar em bom estado e o metro deste vale milhares de dracmas!

— Pelo amor de Deus, que importância tem isso? Não consigo entender por que não está em casa com sua mulher e seu filho!

— Por que sei que estão em segurança. E esta loja talvez não esteja. Trabalhei aqui sete dias por semana quase a vida toda. Mesmo que você não compreenda, Leonidas, eu sei o valor do que temos aqui. E nosso pai também sabia.

— Nenhum deles vai valer coisa alguma se não os tirarmos daqui — interrompeu o velho.

Ele acabara de voltar da rua, onde o cheiro ficara ainda mais forte, a multidão parecia maior e, a menos que fosse imaginação sua, até o ar estava mais quente.

— Acho que não temos muito tempo.

Os dois irmãos se encararam, ainda irritados com a discussão de minutos antes. Leonidas pegou um rolo de veludo escuro do chão e foi para a rua. Tasos estava certo. Tinham que sair dali.

Leonidas largou o tecido na carreta, voltou correndo para dentro da loja e agarrou Konstantinos pelo braço.

— Vamos *agora*.

Leonidas sentia a resistência do irmão ao seu toque.

Ele o puxou na direção da entrada e, mesmo assim, Konstantinos ainda foi trancar três vezes as portas. A essa altura, Tasos chegara com a carreta no fim da rua e virava à direita em direção à rua Egnatia. O ar agora estava impregnado de fumaça e se ouviam os estalos do fogo.

Em poucos minutos, eles alcançaram o velho e viram a pirâmide de tecidos na calçada. Os passantes contornavam educadamente o obstáculo, aflitos para se afastar do perigo.

— Precisamos levar tudo para dentro — insistiu Konstantinos.

— Quem vai roubar uma peça de veludo neste momento? — rebateu Leonidas.

O alfaiate ajudava Tasos a levar o material para dentro da loja, e logo se formou um monte compacto de quase duzentos rolos no chão. Teimoso, Konstantinos ignorava as perguntas do irmão. Ele agora tinha gente suficiente à sua volta que obedeceria suas instruções sem contestar.

De repente, o chão balançou e a loja do alfaiate teve as fundações abaladas. Um instante antes aquele parecia um porto seguro, mas agora todos — o alfaiate, sua família, os irmãos Komninos e Tasos — voltavam correndo para a rua. Uma explosão em algum lugar da cidade foi ouvida e, em meio ao caos e ao medo crescentes, ouviram outra e depois mais outra.

As pessoas fugindo do fogo pareciam apertar o passo.

— São soldados estrangeiros — disse um homem que passava. — Começaram a explodir os prédios.

Não era um ato de insanidade, mas a única possibilidade de deter o fogo. Com a angustiante escassez de água na cidade, a criação de um aceiro era a única solução e os soldados aliados haviam entrado na cidade para ajudar.

— Tomara que isso resolva — disse Konstantinos. — Acho que devemos ir agora. Minha mulher teve um bebê há poucas horas.

— Parabéns, Kyrios Komninos! Que dia inesquecível! — disse o alfaiate.

— Bem, até agora foi! — respondeu ele com um breve sorriso. — Se Deus quiser, voltaremos amanhã para tirar esse estoque todo do seu caminho.

Finalmente, virou-se para Tasos.

— Quer ver o estado da loja e me trazer um relatório?

Tasos assentiu com um movimento de cabeça.

— Acho que devemos ir agora — insistiu Leonidas, perplexo com a

certeza do irmão de que tudo estaria bem. — Não quer tranquilizar Olga?

— Tenho certeza de que ela estará bem. Está com Pavlina. E os bebês não passam um tempo dormindo depois que nascem?

— Não sei — respondeu Leonidas. — Não tenho experiência com bebês. Mas tenho certeza de que a essa altura todo mundo está ciente do incêndio.

Havia mais ou menos uma hora que a preocupação de Leonidas com Olga só fazia aumentar. Ele observara com incredulidade a preocupação do irmão com a loja. Como ele poderia ser tão negligente com aquela bela mulher e seu filho recém-nascido? Se fosse casado com alguém como Olga, ela seria o centro de sua vida.

Eles tomaram a direção do mar e foram andando pela orla. Tudo tinha o mesmo aspecto de sempre, com os casarões elegantes na esplanada e os navios na baía observando uns aos outros em silêncio.

Um cheiro pungente pairava na atmosfera, mas, agora que o sol se pusera, a fuligem do ar se fundira com o céu noturno. Contrariando o bom senso, um hotel continuava servindo jantar aos hóspedes, e mesas de cafés continuavam ocupadas por gente tomando suas bebidas. Tessalônica parecia ter se dividido em dois mundos sem relação. Aqueles ao sul da rua Egnatia sabiam do incêndio, mas acreditavam estar em segurança. Não havia nada que pudessem fazer para ajudar, e era obrigação deles permanecer calmos.

* * *

Tasos agora estava voltando para o lado norte. Ao sentir o cheiro forte de cordeiro assado, soube que o mercado de carne devia ter pegado fogo e quando viu umas poucas ovelhas correndo alucinadas pelas ruas teve certeza disso.

Ver bichos soltos correndo já era bem estranho, mas então ele avistou um pássaro gigantesco voando sobre ele. Quando pousou, bem na sua frente, ele viu que, na verdade, era uma cadeira. Na queda, três das suas pernas se quebraram. A rua estava coberta de bens abandonados e, mesmo agora, quem fugia estava jogando coisas pelas janelas: máquinas de costura, mesas, armários... As pessoas haviam aceitado que nunca mais voltariam para suas casas e o desespero se instalara.

Com a obediência cega de quem havia mais de meio século devia o seu

sustento a uma única família, Tasos estava decidido a levar a cabo o pedido do patrão. Quando a massa de gente vindo em sentido contrário bloqueou o caminho, ele se refugiou num portal, mas acabou chegando ao fim da rua comprida onde ficava a loja. Dava para ver as chamas por uma janela superior, mas a fachada do prédio continuava intacta.

Não vai demorar muito, pensou consigo mesmo, é só entrar correndo e pegar o livro de encomendas.

Ele sabia que esta seria uma das principais preocupações de Kyrios Komninos e enfiou a chave na porta.

Lá dentro, como um monstro atrás de uma refeição, o fogo já devorara com avidez os rolos de tule e tafetá, antes de se fartar calmamente com as lãs e os linhos pesados do prato principal. Rolo após rolo de tecido estava reduzido a cinzas. Queimaram como os fósforos de uma caixa, e cada um deles virou um pavio que acendeu o vizinho.

Os observadores viram as janelas de repente explodirem com a grande pressão de calor do interior. Se houvesse bananas de dinamite gelatinosa armazenadas no prédio, elas não poderiam causar uma explosão maior. Os vidros foram pelos ares e caíram numa chuva letal de estilhaços. O prédio, e tudo lá dentro, estava completamente destruído.

* * *

No mesmo instante em que Tasos era consumido pelo inferno, os irmãos estavam quase alcançando a rua Niki.

A apenas algumas mansões de seu destino, Konstantinos olhou à esquerda para uma rua transversal escura e viu um clarão no final dela. Para seu horror, viu que o fogo fizera o que ninguém julgava possível. Atravessara a rua Egnatia. Agora tudo era diferente.

O vento mudara de direção e soprava vigorosamente o fogo para a imensa parte da cidade que abrigava a maioria dos prédios comerciais e as casas mais imponentes de Tessalônica. Nada conseguiria detê-lo. Não só a sua casa estava ameaçada, mas o que era mais importante para ele: seu depósito, a maior loja de tecidos da Grécia, estava no caminho das chamas.

Embora tivesse ficado claro que o incêndio estava se transformando num desastre para a cidade, ele ainda achava que não seria uma catástrofe para ele, Konstantinos Komninos. Embora os prédios baratos de estrutura de

madeira no restante de Tessalônica pudessem ser arrasados, o imenso depósito que ele construía com aço e tijolos sobreviveria.

Konstantinos agarrou o braço do irmão. Eles precisavam chegar à mansão, e depressa. Quando chegaram na casa, Olga estava sentada no corredor, pálida e de olhos escuros, com o bebezinho agarrado ao peito. Pavlina estava ao lado dela, uma bolsa em cada mão. As duas estavam aos prantos, mas ficaram visivelmente aliviadas quando Konstantinos e Leonidas apareceram.

— Precisamos sair imediatamente! — disse Konstantinos com rispidez, e sem demora as levou para a rua.

Foram andando o mais depressa possível pelo passeio, o recém-nascido sem consciência de nada além do calor dos braços da mãe e do ritmo forte do seu coração. O mar, a poucos centímetros deles, lhes dava pouco conforto.

O exército grego usava os poucos carros de bombeiro para tentar apagar as chamas, mas era em vão, como jogar um balde de água num incêndio florestal. A prioridade agora era levar os habitantes de Tessalônica para um lugar seguro.

Pessoas de todas as raças haviam se reunido numa área logo a leste da Torre Branca, e dezenas de veículos as transportavam para longe das chamas e para fora da cidade. Outras fugiam de barco. Os destinos não eram definidos. Fugir era só o que importava. Toda a orla estava agora em chamas e os prédios em queda apresentavam novos perigos à medida que balaustradas de ferro começavam a derreter e paredes ruíam com estrondo. Apesar da Babel de línguas, em pouco tempo se formavam vínculos entre os que socorriam e os que eram salvos.

Um clarão laranja se alastrara no céu, como se o sol tivesse se posto e tornado a nascer em poucas horas. A cidade toda estava ardendo em chamas.

Leonidas ajudou Olga, o bebê e Pavlina a entrarem num veículo do exército. Olga estava visivelmente muito fraca, mas Leonidas assegurou Konstantinos de que ela estava em boas mãos e seria bem cuidada. O comerciante de tecidos colocara um punhado de notas na mão do oficial do exército, com a promessa de muitas mais se tudo corresse bem, e disse ao motorista para levá-los a Perea, onde morava um de seus melhores clientes.

Apesar do pouco amor que havia entre os irmãos, Leonidas se sentiu na obrigação de ficar com Konstantinos. Eles caminharam para leste, depois passaram a noite inteira e grande parte do dia seguinte sentados a uma distância segura na orla, observando a cremação de sua amada cidade.

Naquele dia, muitos se convenceram de que tinha acontecido um milagre.

O fogo pouco se importara com qualquer religião. Havia alguns minaretes ainda em pé, como troncos de árvore numa floresta queimada, mas quase todas as sinagogas tinham sido arrasadas. Dezenas de igrejas foram destruídas também, mas, quando chegou à antiga basílica de Agia Sofia, o fogo parou misteriosamente. Alguns viram isso como uma resposta às suas preces.

Por intervenção divina ou não, o fogo já não tinha o vento por trás. As chamas precisavam da força do vento para ajudá-las a saltar para a área seguinte da cidade, e, sem isso, a conflagração não podia continuar. Embora a cidade fosse continuar fumegando por alguns dias, o fogo completara seu curso.

Na segunda-feira de manhã, Konstantinos estava ansioso para voltar à cidade. De onde estavam, era impossível ver a extensão da destruição, e ele ainda estava certo de que seu depósito principal junto ao porto sobrevivera.

— Preciso inspecionar o estrago — informou Konstantinos.

Com uma inquietude crescente, os irmãos se encaminharam em silêncio em direção a sua cidade devastada, as silhuetas escurecidas dos prédios destruídos ficando cada vez mais apocalípticas à medida que se aproximavam do centro. Havia uma tristeza palpável no ar. A cidade estava de luto, os despojos escurecidos sendo seu próprio traje de viúva.

Um homem maltrapilho estava parado com a Bíblia em punho vociferando para uma congregação imaginária. Lia o Livro do Apocalipse.

“Ai! Ai da grande cidade, da que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlate, e adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas! Porque numa só hora foram assoladas tantas riquezas.

E todo piloto, e todo o que navega para qualquer porto e todos os marinheiros, e todos os que trabalham no mar se puseram de longe; e, contemplando a fumaça do incêndio dela, clamavam: ‘Que cidade é semelhante a esta grande cidade?’

E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamavam, chorando e lamentando, dizendo: Ai! Ai da grande cidade, na qual todos os que tinham naus no mar enriqueceram em razão da sua opulência! Porque numa só hora foi assolada.”

(Apocalipse 18:16-19)

* * *

— Parece se encaixar... — disse Leonidas.

— Não seja supersticioso — retrucou o irmão mais velho com irritação.
— Algum idiota começou um incêndio. É simples assim.

Por toda a orla em direção à cidade, eles viram despojos submersos de barcos de pesca incendiados. Contrariando todas as probabilidades, haviam sido atingidos por fagulhas dos prédios da cidade em chamas.

Muitos outros estavam fazendo a mesma peregrinação silenciosa a fim de inspecionar a devastação, e o espetáculo que encaravam era pior do que qualquer um deles imaginara. Hotéis, restaurantes, lojas, teatros, bancos, mesquitas, igrejas, sinagogas, escolas, bibliotecas — tudo arrasado, assim como as casas. Milhares e milhares de casas haviam sido destruídas.

Uma quietude pairava sobre a cidade. Os irmãos viram muita gente revirando as cinzas de suas casas, incapazes de acreditar que nada sobrara de sua vida além das brasas fumegantes que poderiam já ter sido mobília, roupa, esculturas ou livros. Tudo estava reduzido à mesma coisa.

Perto da casa de Komninos, duas mulheres vinham andando de braço dado na direção dos irmãos. Pareciam elegantes e à vontade de uma forma muito destoante, protegendo com uma sombrinha as cabeças das cinzas que caíam, como senhoras fazendo um passeio vespertino; mas, quando elas passaram, os irmãos viram que ambas choravam abertamente.

Quando chegaram à casa da família, entenderam completamente a dor das mulheres. Por alguns minutos, eles simplesmente ficaram parados olhando, sem conseguir acreditar que aquele vasto espaço fumegante fora um dia a magnífica casa que o pai deles construía com tanto orgulho.

Uma forte lembrança de seu quarto de menino com vista para o mar invadiu Leonidas e ele recordou como acordava todas as manhãs com as sombras dançantes do mar no teto. Embora tivesse se mudado dali havia anos, todas as lembranças voltaram num único flash de recordações condensadas, rápido e sem cronologia como um sonho. Seus olhos ardiam dos gases ácidos que pairavam no ar, mas agora lágrimas escorriam.

Konstantinos pensou imediatamente na mesa de seu escritório, em seus documentos pessoais, sua coleção de relógios de valor incalculável, seus quadros, nos magníficos reposteiros que caíam com tanta elegância do teto ao chão. Fora tudo embora, e tudo era insubstituível. A fúria se alastrou dentro dele como uma chama.

— Venha, Leonidas — disse bruscamente, pegando o braço do irmão.
— Não há nada que possamos fazer. Preciso ver a loja e depois o depósito.

— Vai encontrar a mesma coisa — respondeu Leonidas, pesaroso. — Quer mesmo ver?

— A loja pode ter aguentado o fogo — disse Konstantinos com otimismo. — Não vamos saber até ir lá.

Andaram juntos pelas ruas devastadas, num passo decidido. Konstantinos estava determinado a não perder a esperança, mas a chegada ao destino só confirmou que Leonidas estava certo. A loja desaparecera. Não havia nenhum vestígio do arco-íris de que ele tanto se orgulhara: vermelho, azul, verde e amarelo, tudo agora estava reduzido a tons de cinza. Eles não se aventuraram a entrar. Vigas metálicas balançavam perigosamente no teto e quem sabia quão firmes estavam realmente os vestígios das paredes de tijolos?

— O depósito é uma construção muito mais moderna — disse ele. — E é lá que o grosso do estoque está guardado, então não vamos perder tempo aqui.

Konstantinos Komninos se afastou. A visão dessas ruínas era insuportável e ele não queria que o irmão visse quanto essa perda o afetava.

Leonidas continuou contemplando esse espetáculo, até que percebeu que Konstantinos já estava no fim da rua. Apressou-se atrás dele.

Foram andando por rua deserta atrás de rua deserta, dando muitas voltas, pois muitas delas não davam passagem. Às vezes, como se o fogo não tivesse gostado do sabor, parte de um prédio havia sobrevivido. Uma das grandes lojas de departamento ainda mantinha visível o cartaz: “*Vêtements, Chaussures, Bonneterie*”. Embora alegre, o anúncio era falso. Não restava nenhuma dessas coisas. Na mesma rua, um letreiro de metal retorcido, “Cinema Pathé”, ainda pendia de uma viga. Pareciam palavras de outra era.

Finalmente, viram uma cena que entristeceria o mais duro dos corações: a igreja incendiada de Agios Dimitri, o santo padroeiro da cidade. As chamas a haviam consumido. Os irmãos tinham recordações dos serviços fúnebres de seus pais realizados ali, e foi também ali que Konstantinos e Olga haviam se casado. Agora a igreja era só um espaço aberto, um pátio, o chão atravancado com montanhas de tijolos, a abside pintada exposta à luz e ao tempo pela primeira vez em centenas de anos de história. Estava nua, sem dignidade. Eles viram um padre solitário andando no meio das ruínas. O padre chorava. Outro indivíduo enlouquecido gritava as palavras que São Paulo escrevera sobre esta cidade. Elas nunca haviam tido mais ressonância.

— “Quando do céu se manifestar e o Senhor Jesus com os anjos do seu

poder em chama de fogo tomar vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” — gritava.

Além de igrejas, Konstantinos e Leonidas viram as ruínas de sinagogas e mesquitas, e, pelo visto, as pessoas ainda encontravam conforto em seus lugares de oração. Onde ainda havia paredes em pé, havia gente acampada à sombra delas. Entre seus pilares, penduravam a roupa lavada, cozinhas foram improvisadas em portais de sinagogas e dormitórios haviam sido criados com mantas arrumadas no interior de mesquitas incendiadas.

A visão de dois bancos, o Banque Salonique e o Banque d’Athènes, quase intactos, deu a Konstantinos um momento de otimismo, como também a de uma imponente loja de departamentos de fachada de mármore, mas esses prédios eram exceções milagrosas.

O Hotel Splendide, onde pessoas haviam jantado na noite de dezoito de agosto, totalmente convictas de que as chamas não as atingiriam, estava destruído. O lugar preferido de Leonidas, um café da orla no limite da praça Eleftheria, encontrara o mesmo destino. A praça, que fora o coração da vida social da cidade, estava agora em silêncio.

Os dois homens finalmente chegaram à área logo ao norte do porto onde se situava o armazém principal de Komninos.

Ambos ficaram parados olhando o que restava do vasto *apothiki*. Estava completamente destruído.

— Meu belo depósito — murmurou Konstantinos após alguns momentos. — Meu belíssimo depósito.

Seu irmão caçula olhou-o e viu que ele chorava copiosamente.

Era como se estivesse lamentando a perda de uma amante, refletiu Leonidas, chocado ao ver o irmão demonstrar tal emoção. Nem quando a mãe deles morrera de repente o irmão derramara tantas lágrimas.

Enquanto estavam parados analisando a devastação, um avião alemão passou. O piloto relataria aos seus superiores que Tessalônica havia feito um bom trabalho de autodestruição. Eles não poderiam ter feito melhor.

Enquanto isso, um jornal local de língua francesa preparava sua primeira edição depois do incêndio. Sua manchete dura dizia tudo.

LA MORT D’UNE VILLE
A MORTE DE UMA CIDADE

CAPÍTULO 4

Por cinco dias, Olga não teve nenhuma notícia de Konstantinos, mas estava tão preocupada com o bebê que mal pensou no marido. Noite e dia se confundiam, sempre em vigília, sempre insones. Às vezes, ela conseguia ninar o pequeno Dimitri fazendo-o adormecer, mas normalmente ele dormia apenas por mais ou menos uma hora.

Pavlina dividia o quarto com Olga na imponente casa em Perea que pertencia ao velho amigo de Konstantinos, um transportador rico que importava muitas de suas remessas de tecido. De suas janelas na praia, a dez quilômetros dali, elas podiam ver o manto de fumaça ainda parado sobre a cidade.

A devastação de Tessalônica parecia distante a Olga, mas, na quinta-feira, ela recebeu de Konstantinos a notícia de que praticamente tudo que ele possuía fora destruído.

— Sinto muito — disse sua anfitriã, com lágrimas nos olhos. — Que horror para você... perder tudo!

Olga agradeceu a preocupação, mas não conseguiu reagir com a devida emoção. Sim, seria terrível perder tudo, mas ela não achava que isso fosse verdade. Segurava “tudo” nos braços. Seu bebê era agora o centro de seu mundo e nada mais importava.

No dia seguinte, Konstantinos, que estava hospedado em um hotel num bairro intacto da cidade, foi visitar a mulher e o filho. Já estava resgatando o que sobrara do depósito. O estoque inteiro fora destruído, mas as fundações das paredes continuavam sólidas e ele começava a reconstrução. Já fizera encomendas a fim de poder restabelecer o estoque e ia precisar de um depósito tão logo os tecidos chegassem. Poucos dias depois de dar entrada no pedido de indenização, Konstantinos colocara as emoções de lado.

— Vou construir uma empresa melhor e ainda mais forte — garantiu a Olga.

As obras em sua casa só começariam dali a muitos meses. Não era a prioridade de Konstantinos. Enquanto isso, Olga sabia que a hospitalidade

que estava recebendo em Perea não podia ser eterna. Era um arranjo planejado para durar alguns dias apenas e, àquela altura, já estavam lá havia duas semanas.

Embora a orla marítima e quase toda a área urbana a noroeste dali tivessem sido destruídas, o trecho da cidade alta onde Olga crescera continuava intacto.

A pequena casa na rua Irini, número 3 que ela e a irmã haviam herdado dos pais estava atualmente vazia, e Olga achou que seria o lugar ideal para ficar enquanto aguardava a obra. Sua irmã se mudara para Volos dois anos antes para morar com o filho.

Quando Konstantinos foi à cidade visitá-los novamente, ela sugeriu que eles se mudassem para a antiga casa até que a mansão fosse reconstruída.

— É pequena, eu sei, mas haverá espaço suficiente...

Sua voz de repente sumiu. Ela podia sentir a resistência de Konstantinos à ideia.

A casa inteira caberia numa das salas da antiga residência. Para um homem que nunca havia morado em outro lugar que não a rica orla marítima, a ideia de morar numa área em que ele teria de se acotovelar com os muçulmanos e judeus mais pobres era abominável. Ele achava espantoso que uma beleza tão pura e uma pele tão clara quanto a de Olga pudessem ter se originado na sordidez e na imundície do bairro alto da cidade.

Mas Olga estava determinada.

— Por favor, Konstantinos... Pavlina pode dormir no quarto do sótão. Ela não se importa — apelou Olga. — E não será para sempre.

Parecia não haver solução melhor. Qualquer casa que pudesse estar disponível para aluguel fora inteiramente arrasada. Com alguma relutância e muitas reservas, ele concordou.

Mais tarde naquela semana, Olga e o bebê voltaram para a cidade. Pavlina fora alguns dias antes para limpar a casa e Konstantinos chegaria naquela noite.

Embora o motorista tivesse entrado na cidade pela rua que evitava as partes mais afetadas, a extensão da devastação era visível. Um mês depois da conflagração ter destruído quase tudo, o inconfundível cheiro de queimado ainda pairava no ar.

Olga entreviu as cascas assombradas dos prédios imponentes, suas janelas vazias voltadas para o mar, e viu o que restava da mansão Komninos.

Chegou na rua Irini com o bebê enganchado na cintura. Já eram meados

de setembro, mas o sol estava tão forte como em agosto.

Quando saltou do carro no fim da rua estreita, viu que Pavlina conversava com alguém que ela reconheceu. Era Roza Moreno, sua vizinha.

Roza ficou exultante ao ver Olga e se aproximou para admirar o bebê.

— Minha querida, estou muito feliz por ver você. Parabéns! — disse. — Que hora para o homenzinho nascer! Mas que alegria ter você de novo aqui.

— Obrigada, Roza. Estou muito feliz de estar aqui de novo — disse Olga.

Quase automaticamente, como um gesto de confiança e afeição, entregou o bebê a Kyria Moreno, que o segurou junto ao rosto para sentir seu cheiro. Seus dois filhos ainda eram pequenos, mas o cheiro singular do recém-nascido desaparece logo.

Embora não se vissem havia mais de dois anos, elas rapidamente trocaram comentários agradáveis e colocaram em dia os acontecimentos mais importantes de suas vidas.

— Você vai ver que a rua não mudou muito — disse Roza. — Tivemos muita sorte de o fogo não ter vindo para este lado. Perdemos nossa sinagoga, mas, para ser sincera, preferimos isso a perder nossa casa. Mas não conte a ninguém que eu disse isso!

— E a oficina? — indagou Olga, quando Roza devolveu o bebê.

— Muito danificada, mas dá para consertar!

Os Moreno, que moravam no número 7, eram uma família judia que tocava uma das empresas de confecção de roupas masculinas e femininas sob medida mais movimentadas da cidade e eram clientes de Konstantinos Komninos. O marido de Roza, Saul, herdara a oficina do pai e um dia a passaria para seus filhos, Elias e Isaac. Embora os meninos só tivessem um e quatro anos, respectivamente, o plano já estava traçado.

Horas depois do incêndio, Saul Moreno começara a cortar modelos novos para substituir aqueles que perdera e tinha alguns ternos alinhavados prontos para prova. Muita gente perdera tudo e ficara só com a roupa do corpo, então ele antevia uma disparada nas vendas e era esforçado o bastante para descobrir uma forma de se aproveitar disso. Um mercador em Veria lhe dera crédito de seis meses para alguns rolos de lã razoável, e ele imediatamente se pôs de novo a trabalhar, visitando alguns de seus clientes em casa para tirar medidas.

— Acho que poderemos nos virar aqui, não é, Olga? — disse Pavlina ao porem o pé dentro da casa. — Dá mais a sensação de lar do que a casa...

As poucas posses que tinham, na maioria cobertores, lençóis, fraldas e outros utensílios de bebê, foram levadas para dentro da casa. Kyria Moreno chegou então com um caixote de frutas adaptado que poderia servir como berço. Ela o forrara confortavelmente por dentro e bordou lençóis e uma manta com o nome de Dimitri.

No número 5, entre Olga e os Moreno, moravam os Ekrem, uma família muçulmana com três filhas. A Sra. Ekrem fez uma visita naquela mesma tarde levando presentes para o bebê e doces para Olga. Era uma mulher de muito bom coração e comunicava-se com os vizinhos sobretudo por sorrisos e gestos, tão limitado era o seu grego.

Olga alegrava-se por estar de volta ao aconchego da casa onde havia crescido, numa rua cheia de ternas lembranças. Todas as famílias que ela conhecera na infância continuavam nas mesmas casas e estavam felizes por tornar a vê-la. Logo a perdoaram por ter sido uma visitante tão pouco assídua desde o casamento.

O carinho e a intimidade dos dias seguintes seriam alegres para Olga, mas não para Konstantinos. Ele achava intolerável a proximidade das outras pessoas nas casas vizinhas, ouvindo-os através das paredes de qualquer um dos lados e até na rua lá embaixo. A maioria das casas havia se tornado o lar de várias famílias após o incêndio. Foram montados acampamentos fora da cidade para alojar quem havia ficado inteiramente desabrigado, mas quem tinha um irmão ou um primo ainda com um teto sobre a cabeça esperava que eles compartilhassem sua boa sorte. Por isso, várias casas em ruínas na rua Irini, com seus pisos instáveis e animais no porão, tornaram-se lares de até quinze pessoas, com todo o barulho e o caos que isso acarretava.

Konstantinos deixava seus sentimentos claros, e, embora Olga sempre tivesse cumprido a que talvez fosse a mais importante de suas promessas de casamento, especificamente a de nunca contrariar o marido, houve um momento em que deixou escapar um comentário imprudente.

— É muito claustrofóbico — queixou-se ele após uma noite incômoda.

— Eu sei que não é na orla, mas gosto daqui.

— Você cresceu nesta rua, Olga — retrucou o marido. — Está acostumada com isso.

— Bem, estamos numa situação muito melhor que a maioria das pessoas — disse ela baixinho.

Olga ouvira as histórias dos centros de refugiados que tinham sido montados fora da cidade para as dezenas de milhares de pessoas que o fogo

deixara desabrigadas. Embora muitos deles fossem organizados e administrados por boa gente, tudo era racionado e, chegando o inverno, a vida seria dura ali. A única alternativa para os setenta mil desabrigados (se seus parentes não pudessem acomodá-los), era pegar um dos trens gratuitos para Larissa ou um barco para Volos, onde moradias estavam sendo construídas. A maioria dos que haviam ficado sem nada era de judeus, e milhares não tinham escolha senão partir.

O que quer que aquelas pessoas tivessem perdido, Konstantinos achava que a perda dele era maior. Não estava interessado em números relativos. Fora um dos homens mais ricos da cidade; agora sua fortuna pessoal diminuía mais do que a de qualquer um. A seguradora lhe informara que a companhia não teria capacidade de oferecer a compensação total que ele esperara.

— Eu preferiria não levar sermão da minha mulher — retrucou ele. — Você simplesmente não consegue ver nada errado com esta rua, não é?

— E você só consegue ver os defeitos dela. Então por que não encontra outro lugar para morar?

Olga não viu a mão que voou para o seu rosto. Só sentiu a dolorosa bofetada.

Pavlina tinha saído com o bebê e, quando voltou, ficou espantada ao encontrar Olga aos prantos na cama. Sua ama afinal levantou a cabeça do travesseiro para explicar, e Pavlina ficou chocada com a marca vermelha que viu no rosto dela.

— É uma desgraça — disse Pavlina. — O pai dele nunca faria uma coisa dessas. Nem o irmão.

— E eu não estava fazendo sermão para ele, Pavlina. Só estava dando a minha opinião.

— Ele saiu de casa, não foi?

— Saiu. Disse que ia ficar em outro lugar.

O bebê àquela altura precisava ser alimentado, e elas não podiam continuar a conversa, mas Olga sabia que seu relacionamento com o marido nunca mais seria o mesmo.

Após se recuperar do choque inicial da bofetada, admitiu para si mesma e para Pavlina ser um grande alívio não ter a presença atordoante do marido na pequena casa. Ele mandou um recado dizendo que voltara para o hotel onde ficara após o incêndio. Era mais perto de seus projetos de reconstrução, o que era uma justificativa suficientemente plausível para dar a qualquer

pessoa na rua Irini interessada em saber por que Kyrios Komninos saía de casa.

Tudo ficou calmo até alguns dias depois, quando Dimitri começou a chorar muito mais que o normal, e até Pavlina, orgulhosa de suas habilidades com o recém-nascido, nada pôde fazer. Para alguém que estava no mundo havia menos de um mês, o bebê parecia capaz de atingir um extraordinário volume com seus gritos.

Olga e Pavlina se revezavam para segurá-lo no colo, embalando-o cada uma durante algumas horas, mas nada o fazia parar de chorar, e nenhuma quantidade de alimento parecia acalmá-lo.

Konstantinos chegou inesperadamente certa manhã.

— Dá para ouvir o nosso filho da rua! — gritou, em parte irritado mas também para se fazer ouvir acima dos gritos do bebê. — Ele deve estar doente! Por que não chamou o médico?

— Os bebês muitas vezes choram assim quando descobrem os pulmões — disse Pavlina na defensiva, vendo Olga crispar ligeiramente o rosto diante da ira do marido.

Konstantinos virou-se para encará-la.

— Direi ao Dr. Papadakis para vir hoje à tarde — informou ele secamente. — Sei que tem alguma experiência, Pavlina, mas acho que valeria a pena ter uma opinião médica qualificada.

Depois desse dia, exceto por algumas visitas ocasionais, Konstantinos ficou afastado. Fornecia o dinheiro necessário para a comida, mas não ficava para comer. Não podia se sentir em casa numa rua onde parecia haver mais animais que humanos e onde se sentia tão espremido quanto um porco num chiqueiro.

O Dr. Papadakis logo apareceu na rua Irini. Nunca visitara aquela parte da cidade e, como Konstantinos Komninos, não se deu o trabalho de esconder o desagrado. Enquanto durou sua curta visita, ostentou a expressão de um homem a caminho de outro destino.

Examinou mãe e filho, e imediatamente declarou que o problema era o leite da mãe. O leite não era adequado. Teriam que encontrar uma ama de leite para Dimitri.

Olga aceitou o diagnóstico com alguma tristeza. Gostara muito da intimidade de amamentar seu bebê, mas faria o que fosse melhor para ele.

O bom de morar numa rua superpovoada era que sempre havia alguém por perto que se podia chamar, fosse para consertar um sapato, apanhar uma

ratazana ou correr até o outro lado da cidade com uma carta. A solução do problema de alimentar Dimitri estava bem à mão.

— Estou quase deixando de amamentar o Elias — disse Roza. — Mas tenho muito leite. Quer que eu me encarregue disso?

Parecia algo bastante natural.

Então, menos de um dia depois, Dimitri estava mamando em um peito diferente. Estava de novo de barriga cheia e se fortalecendo sob o constante olhar de adoração sorridente da mãe. Ela não contou ao marido a identidade da ama de leite. Sabia que ele não aprovaria.

Mesmo nesta rua, que para os ricos poderia parecer pobre, prosperava uma forte comunidade. Morar tão próximo uns dos outros tornava todos mais tolerantes.

As crianças brincavam juntas: cristãs, muçulmanas e judias. E brincavam em volta da igreja vizinha, ou das ruínas da sinagoga, ou de um dos muitos minaretes que ainda se elevavam sobre a cidade — nenhuma delas se importava com o fato de que eram casas de oração. A denominação da fé que representavam importava menos ainda para elas.

Sabiam que havia algumas diferenças entre elas.

— Por que você não consegue falar feito a gente, Isaac? — provocava um dos meninos cristãos. — E por que não pode sair para brincar no sábado?

Os meninos muçulmanos também eram provocados.

— Ouvi meu pai dizer que o seu tio estava bêbado ontem à noite!

— *E daí?* Minha mãe diz que desde que ele não compre *raki*, está tudo bem!

Era assim que se vivia na rua Irini, com tolerância e o hábito de fechar os olhos para o que não se queria ver.

* * *

Em novembro, houve um julgamento na cidade que todos acompanharam com grande interesse. O casal que morava na casa em que o fogo supostamente começara foi acusado por incêndio criminoso. Konstantinos, que agora visitava a mulher na rua Irini menos de uma vez por semana, apareceu por lá no dia do veredicto e declarou com veemência que o incêndio havia sido um ato ilegal.

O casal fora declarado inocente, mas era contra a natureza de

Konstantinos achar que uma catástrofe daquelas poderia ser uma obra do acaso e ele precisava de alguém em quem focar sua raiva por tantos prejuízos.

— Então, devemos acreditar que a destruição da nossa cidade foi só um acidente? — perguntou, dando um soco na mesa.

Era uma pergunta que não exigia resposta. Olga não ousava discordar do marido naqueles dias, embora achasse no íntimo que o fato de o casal ter perdido tudo que possuía declarava sua inocência.

Naquela mesma manhã, Komninos mal tomou conhecimento da mulher e do filho. Só tinha olhos para o jornal. Olga estava no fogão mexendo o café do marido e observou que a raiva dele demorou exatamente o mesmo tempo para atingir o ponto de ebulição que o líquido escuro para subir na *briki*. Ela o serviu na pequena xícara, colocou-a na mesa ao lado dele e se retirou.

A absolvição dos refugiados indigentes não era a única notícia relevante do dia.

Durante todo o mês haviam saído boletins diários de acontecimentos que eram consequência da profunda divisão dentro da Grécia. Justo antes do incêndio arrasador, o rei Constantino deixara o país e fora substituído por seu filho Alexandre, que desafiara o pai por apoiar Venizelos. Após eliminar o exército monarquista, Venizelos, mais uma vez primeiro-ministro, conduzira a Grécia, supostamente unida, à guerra ao lado dos Aliados. Por isso, Leonidas Komninos fora lutar no front macedônio ao norte da Grécia.

O fornecimento de tecido para os uniformes do exército provara ser um bom negócio para Konstantinos Komninos. Cada dia de conflito podia lhe trazer grande riqueza. Se ele conseguisse reerguer a empresa, milhões de dracmas seriam suas, e, mesmo com a infraestrutura da cidade em estado caótico, ele poderia tirar partido da situação.

Olga observou o marido folheando rapidamente o jornal, mal olhando para as outras notícias do dia. Ele não ia passar muito tempo meditando sobre os acontecimentos da guerra, embora o próprio irmão estivesse na linha de frente comandando tropas. A única coisa que lhe interessava agora era voltar ao depósito, onde estavam sendo erguidos andaimes naquele dia.

Komninos tomou o café de um gole só antes de se levantar, dando um beijo no rosto de Olga e tocando a cabeça do bebê. Dimitri estava pendurado no ombro esquerdo dela num sono profundo, alheio a todas as perturbações do mundo. Roza Moreno acabara de sair e o bebê levaria algumas horas para acordar. Sua satisfação e inocência eram absolutas.

— Está tudo certo aqui? Como o bebê tem dormindo?

As perguntas dele vinham uma atrás da outra, e nenhuma delas exigia resposta. Ele estava com pressa de sair e Olga não tinha nenhum desejo de detê-lo.

— O depósito deve ficar pronto em alguns meses — informou. — E depois tem a loja para pôr em ordem. Então vou ver o que podemos fazer sobre a casa.

E foi-se. Olga ficou no vão da porta e observou a figura alinhada descendo a rua. Seu terno bem-cortado e seu chapéu de feltro se destacavam entre os trajés dos moradores da rua Irini. O que mais a impressionou foi que ele apertou o passo e praticamente correu. Quanto mais depressa se afastasse dali, melhor.

* * *

Os meses se passaram felizes na rua Irini. A temperatura havia caído, e todos passavam mais tempo dentro de casa do que na rua. Roza Moreno vinha cinco vezes por dia e, após a mamada do fim da tarde, muitas vezes ficava por mais ou menos uma hora, os filhos sempre com ela.

Em outros dias, Olga e Pavlina iam à casa dos Moreno e Kyria Ekrem se juntava a elas, acompanhada das filhas. À luz bruxuleante de uma vela, começavam a contar histórias. Havia sempre uma generosa fatia de *toupishti*, o bolo de mel e nozes que Roza fazia segundo uma receita tradicional judaica, para acompanhar o café e, com Elias no colo, contava histórias de seus ancestrais que tinham chegado à Grécia havia mais de quatro séculos. Falava como se eles tivessem desembarcado mais cedo naquele mesmo dia.

— Vinte mil de nós fomos expulsos da Espanha — disse ela com uma ligeira indignação —, mas, quando chegamos em Tessalônica, o sultão vibrou: “Que bobos deviam ser os monarcas católicos para expulsar os judeus. A Turquia está ainda mais rica com eles lá, e a Espanha só fica mais pobre!”, ele disse.

De vez em quando, soltava uma expressão em ladino e depois traduzia.

— E prosperamos aqui, a maior parte da população!

Havia dezenas de sinagogas, e Tessalônica tornara-se conhecida como *la Madre de Israel*.

Como ela gostava de conversar.

— Recreamos a era de ouro que uma vez tivemos na Espanha, bem aqui

em Tessalônica, e encontramos uma mistura conhecida de religiões: muçulmana, cristã e judaica. Vivemos todos felizes com as nossas religiões distintas. Até havia o mesmo clima e a mesma comida: romãs! — disse ela sorrindo.

A mãe de Saul, que morava com o filho e a nora, não falava uma palavra de grego e só conversava em ladino. Estava sempre no canto, usando o tradicional traje sefardita — blusa branca bordada com pérolas, saia comprida e avental, casaco de cetim grosso, debruado de pele, e lenço na cabeça, também bordado com pérolas. Às vezes, ela contava uma lenda folclórica, que era traduzida para o grego pela nora.

As meninas Ekrem ficavam encantadas com as histórias daquela cidade distante chamada Granada, que tinha tantas mesquitas e um castelo com torres e inscrições em árabe nas paredes. Enquanto beliscavam pedaços de bolo de nozes, imaginavam Granada como um lugar de contos de fada, um lugar inimaginavelmente belo e exótico para onde um dia poderiam viajar juntas. A Sra. Ekrem muitas vezes lia um de seus volumes de *As mil e uma noites*, e, naquela meia-luz soporífica, elas imaginavam sua mãe como Sherazade, contando-lhes encantadoras histórias de sorte e destino. Ela lia uma frase em turco para a filha mais velha traduzir para o grego.

Quando se sentavam juntas na pequena sala da casa dos Moreno, havia uma mistura curiosa de fragrâncias: as ervas e as especiarias que usavam em sua comida, o incenso da igreja, o aroma embriagador de um narguilé, de cera de vela, de doces, um cheiro de fralda de bebê e um ranço de leite materno. Quando Saul Moreno finalmente entrava em casa, elas sentiam o azedo do seu suor. Ele estava trabalhando duro para dar conta das crescentes encomendas de uniformes do exército.

Dimitri se acostumou a ser passado de mão em mão e a cavalgar de um joelho para outro, ouvindo uma variedade de sotaques e olhando para rostos diferentes. Inspirava cheiros diferentes e adorava os abraços de todas essas diferentes famílias. Em seus primeiros meses, tudo o que via eram sorrisos. E, sempre que via um, sorria de volta.

— *Mitsi Mitsi Mitsi mou! Mitsi Mitsi Mitsi mou!* — entoavam as outras crianças, brincando de esconder e usando seu apelido.

Durante todo esse período, Konstantinos continuava a supervisionar a reconstrução de seu enorme depósito próximo às docas, aumentando-o com a incorporação do espaço antes ocupado pelo prédio adjacente, que fora arrasado. Suas visitas perfunctórias à rua Irini continuavam, mas ele não

conseguia deixar de demonstrar desagrado com a quantidade e a natureza das pessoas que se apinhavam em casas não maiores que guarda-roupas.

Quando voltou de licença à sua cidade natal, Leonidas viu que não sentia essa aversão à rua Irini, e parecia preferi-la à área central em que se situava seu próprio apartamento detestável. Pavlina sempre o recebia com uma refeição quente, Olga com seu sorriso e Dimitri com indisfarçável alegria. O menino adorava o tio, que passava horas cantando canções de ninar para ele e fazendo mágicas, tirando caramelos ou moedas do nada. Ouviam-se gritos de excitação e alegria sempre que tio Leonidas aparecia.

Havia um plano de reconstrução geral para a cidade sendo executado por um francês, Ernest Hébrard. O plano especificava que as ruelas seriam substituídas por bulevares e prédios imponentes, muito mais condizentes com as aspirações de mercadores como Komninos. No entanto, enquanto ele comemorava a transformação de sua cidade, os muçulmanos e os judeus com quem ele a partilhava não o faziam. A família Moreno percebia com tristeza que a área de ruas tortuosas ao sul da rua Egnatia onde muitos judeus haviam morado não seria reconstruída de acordo com o modelo antigo e que metade da comunidade judaica seria empurrada para os limites da cidade. O mesmo ocorria nas áreas em que muitos muçulmanos haviam morado. Eles também estavam sendo deslocados para longe do centro.

Pela pura sorte de ter sido poupado do incêndio, o bairro onde se situava a rua Irini ficava fora da área do replanejamento. Poderia ser um bairro superpovoado, mas oferecia um modo de vida harmonioso que convinha a seus moradores, e que nenhum deles queria mudar.

Konstantinos completou a reconstrução do depósito, antes mesmo do primeiro aniversário do incêndio, já o colocara de novo em funcionamento, com um faturamento mensal tão alto quanto antes — e lucros ainda maiores. Ele agora começaria a trabalhar na loja.

Em novembro de 1918, a guerra que envolvera nações de todos os cantos do planeta chegou ao fim. As divisões gregas lutando no front macedônio haviam ajudado a quebrar a resistência alemã e búlgara, e o colapso geral da Alemanha se seguiu. Quando foi assinado o Armistício e os vencedores começaram a dividir o espalhado Império Otomano, Eleftherios Venizelos esperava que a contribuição grega fosse reconhecida. Por muitos anos, ele nutrira um sonho grandioso, sua “*megali idea*”: reivindicar grandes áreas dos turcos na Ásia Menor e reestabelecer o Império Bizantino. Ao mesmo tempo, havia mais de um milhão de gregos morando em várias

localidades, Ásia Menor afora, muitos deles em Constantinopla. Parte central do sonho de Venizelos era recapturar a cidade, que fora tomada dos gregos em 1453.

Enquanto os termos de um tratado eram elaborados, Venizelos torcia pelo controle de Constantinopla e Esmirna, uma cidade na costa ocidental da Ásia Menor. Para muitos muçulmanos em Tessalônica essa foi uma época desconfortável. Os aliados haviam derrotado seus concidadãos muçulmanos na Turquia e, no íntimo, eles desejavam que o Império Otomano tivesse saído vitorioso.

Antes que um tratado de paz com a Alemanha pudesse ter sido assinado, porém, a ambição de Venizelos levou o exército grego a uma nova missão perigosa. Em maio de 1919, enquanto seu irmão contabilizava os lucros do comércio de lã e uniformes de soldado e seu pequeno sobrinho brincava de esconder com os amigos na rua Irini, Leonidas Komninos se dirigia para a Ásia Menor. Com o apoio de navios franceses, britânicos e americanos, vinte mil soldados gregos ocuparam Esmirna, considerada um dos melhores portos do Egeu.

A razão ostensiva da invasão era proteger a cidade dos italianos, que haviam tomado o sul dela, mas Venizelos também afirmava estar protegendo dos turcos as centenas de milhares de gregos que ali viviam. Cinco anos antes, quase um milhão de cristãos armênios haviam sido despejados de suas casas na Ásia Menor e marchado descalços em direção ao deserto para morrer. Havia a preocupação de que os gregos que tinham habitado a região por gerações pudessem encontrar a mesma sorte, e tais pensamentos fortaleciam a motivação de Leonidas Komninos e seus homens.

A ocupação foi levada a cabo com relativamente pouco derramamento de sangue (o comandante turco fora instruído a não resistir), mas foram cometidas algumas atrocidades e várias centenas de turcos foram mortos.

No verão seguinte, o regimento de Leonidas marchou com sucesso para leste. O objetivo era estender a área de ocupação até próximo a Esmirna. À medida que crescia o movimento nacionalista turco, a resistência ficava cada vez mais feroz, mas, não obstante, os gregos conseguiram ocupar a maior parte da Ásia Menor, destruindo sistematicamente aldeias turcas e exterminando seus habitantes no caminho.

A tomada de Esmirna desencadeou uma onda de nacionalismo entre os turcos, e muitos deles sonhavam com vingança. Eles agora retaliavam matando milhares de gregos, incluindo muitos que moravam perto do mar

Morto. Os dois lados cometeram grandes atos de brutalidade, e cidades e aldeias foram riscadas do mapa.

Durante esse tempo, Leonidas só teve licença uma vez. Visitou o irmão no depósito, mas passou a maior parte da semana sentado calmamente na rua Irini. Olga achou-o mudado. Parecia ter envelhecido dez anos em apenas um.

Mas havia um aspecto em que ele parecia o mesmo. Embora exausto, ainda tinha tempo e energia para o pequeno Dimitri. Nessa visita, trouxera-lhe um bambolê e mantinha o menino entretido durante horas tentando pacientemente lhe ensinar como equilibrá-lo.

No início de 1921, o regimento de Leonidas participou de uma nova ofensiva. Dessa vez, o objetivo era alcançar Ancara. Embora tivessem sido derrotados em duas batalhas importantes, os gregos conseguiram ocupar algumas posições estratégicas no centro da Ásia Menor, e, no verão, parecia que a vitória sobre toda aquela região estava ao seu alcance. Mesmo nessa época, Leonidas considerava um erro não seguir adiante para a vitória, mas a ordem foi de parar, e o regimento não teve escolha senão obedecer. Como ele temia, os turcos aproveitaram esse tempo para organizar uma nova linha de defesa do outro lado do rio Sakarya, cem quilômetros a oeste de Ancara.

Os gregos por fim avançaram até o rio. Com sua superioridade numérica, poderia ter sido uma vitória fácil, mas, após vinte e um dias de batalha sangrenta contra o inimigo, que ocupava posições em terreno mais elevado, começaram a ficar sem munição e tiveram que recuar, retrocedendo para as linhas ocupadas dois meses antes.

Embora não tivessem sido totalmente derrotados, o moral entre os homens estava baixo, e, nos escalões superiores, muitos, inclusive Leonidas, faziam campanha para uma retirada para oeste em direção a Esmirna. Outros persistiam na fantasia de tomar Constantinopla, e por isso as tropas gregas foram obrigadas a permanecer e defender suas posições. Durante quase um ano, os dois lados ficaram paralisados.

Enquanto isso, os turcos ocupavam-se organizando suas tropas para a batalha final. Não estavam interessados em nenhum tipo de acordo com os gregos. O homem encarregado daquela campanha nascera em Tessalônica, a apenas algumas centenas de metros de Leonidas. Com quarenta anos, o Kemal Ataturk de olhos azuis agora comandava o movimento nacionalista na Ásia Menor, e, com um governo estabelecido em Ancara, estava empenhado em esmagar os gregos e expulsá-los de volta para o Mediterrâneo.

No fim de agosto de 1922, Ataturk atacou as posições de defesa gregas

e, em poucos dias, metade dos soldados invasores fora capturada ou morta.

Os derrotados não tiveram tempo de cavar a terra crestada de sol, e os campos ficaram cobertos de mortos insepultos, muitos deles despojados de suas botas e armas. Nuvens de moscas preto-azuladas pairavam zumbindo ameaçadoramente, aguardando os abutres se saciarem. Não houve flores nem ritos fúnebres, e os heróis gregos da batalha jazeram ali sem que sua morte fosse chorada. Em pouco tempo, era impossível reconhecê-los.

Os sobreviventes fugiram em direção a Esmirna, decididos a se proteger. Muitos deles pararam para cometer atrocidades no caminho, estuprando, massacrando e pilhando, antes de arrasar cidades inteiras. Em uma aldeia muçulmana, todos os habitantes — homens, mulheres e crianças — foram trancados dentro de uma mesquita que depois foi incendiada.

Na primeira semana de setembro, milhares de soldados gregos, Leonidas entre eles, chegaram a Esmirna esperando fugir do país pelo mar. Em seu encalço, veio o exército turco, com sede de vingança. Três anos haviam se passado desde que os turcos tinham perdido a cidade, mas eles sempre planejaram tomá-la de volta.

CAPÍTULO 5

Leonidas estava caído encostado na parede de um celeiro. Sua cabeça pendia no peito e o uniforme esfarrapado estava manchado de sangue seco. Dedos imundos e machucados se projetavam do bico de suas botas.

A algumas centenas de metros dali, uma mulher e sua filha entravam na rua, frescas e limpas em seus vestidos claros de verão. A menina saltitava e conversava, doce como calda de pétala de rosa, olhando em volta, ávida e curiosa. Sabia que estava acontecendo algo em sua cidade, mas não sabia o quê.

No colo, a mãe também carregava um bebê, vestido de tecido de boa qualidade, bordado com margaridas cor-de-rosa.

Sua bela cidade sofrera uma rápida mudança nos últimos dias. Apesar dos acontecimentos recentes no restante da Turquia, Esmirna estivera relativamente despreocupada desde os poucos dias turbulentos de 1919 em que as tropas gregas a haviam tomado, e seus moradores tinham permanecido alheios aos levantes que ocorriam em outros pontos da Ásia Menor. Os últimos dias quentes de verão tinham visto gente nas ruas vendendo suas safras de figos, damascos e romãs, e negócios haviam sido fechados para a venda de ópio, cetim e incenso em uma dezena de línguas diferentes por pessoas numa gama de trajes, desde persas de turbante a turcos de fez. No mês anterior, a ópera tivera lotação esgotada todas as noites, e os cafés ao ar livre ficaram cheios, com quartetos de cordas fazendo serenata para os clientes.

Uma semana antes, essa mesma rua estivera impregnada de aroma de jasmim e de pão fresquinho de uma padaria próxima. Agora fedia a homens sem banho. Alguns dias antes da chegada de milhares de soldados gregos, ondas de refugiados civis gregos também começaram a chegar do interior. Assim como os soldados, fugiam do exército turco e estavam passando necessidade.

A população de Esmirna sentia-se temerosa, especialmente após ouvir rumores de que a cavalaria turca encontrava-se nos arredores da cidade.

— Vamos, *agapi mou*, vamos andar um pouquinho mais depressa — disse a jovem mãe disfarçando o susto.

Ao passarem, ela lançou um olhar de soslaio para a fileira de soldados gregos que jaziam ali, todos na mesma posição, com as cabeças num ângulo uniforme, pernas abertas. Pareciam ter tombado diante de um pelotão de fuzilamento. Seu estado de semiconsciência decorria de uma marcha incessante de mil quilômetros com poucos suprimentos, salvo aqueles que haviam pilhado das cidades e acampamentos pelo caminho. Estavam num estado comatoso de exaustão.

Foi então que a mulher viu que elas eram o alvo dos olhares dos soldados.

— Temos que ir para casa. Agora! — disse, quase começando a correr e puxando a menina.

O estranho silêncio das ruas, os cadáveres que pareciam ressuscitar, os cães à espreita, nada disso era normal para Esmirna e, mais que apavorada, a mulher ficou perturbada. Seus sentidos estavam em alerta, como os cães sarnentos nas sombras. Ambos tinham consciência do perigo desconhecido, mas iminente.

Enquanto isso, na escuridão da mente de Leonidas, lembranças e alucinações rodopiavam numa dança diabólica. Embora ele ainda não soubesse, as más recordações do que ele havia visto e perpetrado nunca se apagariam de sua mente. Os sonhos doces não voltariam nunca mais. Com seus poucos homens sobreviventes, ele chegara aos arredores de Esmirna dias antes, esperando embarcar para Tessalônica. Navios de guerra britânicos, franceses, italianos e americanos estavam ancorados placidamente no porto, mas não havia nenhuma bandeira grega à vista. Eles tinham chegado tarde demais. Os navios gregos transportando milhares de seus camaradas soldados havia partido.

Exaustos da jornada, os soldados encontraram um lugar para descansar numa rua calma. Haveria uma solução, mas, por ora, naquelas pedras irregulares, eles sucumbiram a um sono perturbado.

Várias horas depois, um manto cinza se instalou sobre Leonidas. Não era como a colcha reconfortante que sua mãe estendia sobre ele para aquecê-lo no inverno. Era uma camada de fumaça escura, que subia por suas narinas e penetrava nos pulmões. Ele sonhou com o incêndio que destruíra o negócio de sua família. Sua recordação da temperatura daquele dia e da força do fogo foi muito viva. E então vieram os gritos.

— *Fogo! Fogo! A cidade está pegando fogo!*

Os gritos o acordaram e ele percebeu que o fedor acre e amargo de fumaça não estava só em seu sonho. A situação de Esmirna andara relativamente tranquila, dado que a população da cidade havia aumentado em cerca de vários milhares de pessoas nos últimos dias, mas agora o caos se instalara e sacudia o local como um terremoto. As pessoas corriam pelas ruas gritando e chorando. O medo estava nos olhos tanto dos ricos quanto dos pobres. A cidade pegara fogo.

Todos os homens se puseram em pé de um pulo. O pânico varreu a exaustão. Rios de gente passavam por eles a caminho do mar, alguns com crianças nos braços, mas a maioria sem nada. Havia grupos de crianças expulsas de escolas e orfanatos, e uma mulher rica que agarrara o casaco mais valioso que tinha e agora estava parada inadequadamente vestida de zibelina. Os refugiados que haviam entrado na cidade nos últimos dias se agarravam a suas trouxas de pertences com as quais já haviam andado centenas, senão milhares, de quilômetros. Todos se dirigiam para o mesmo lugar. O porto.

O bairro armênio de Esmirna fora incendiado pela cavalaria turca, que agora percorria a cidade causando estragos e destruição. Os gregos escondidos num andar superior de suas moradias escutavam apavorados suas portas serem arrombadas e seus cômodos, saqueados. Depois sentiam o cheiro da gasolina sendo aspergida nas casas antes que elas se incendiassem. A escolha era esta: revelar sua presença e ser esquartejado ou ser incinerado e morrer na fumaça.

As histórias corriam tão depressa quanto o fogo: de estupro e mutilação, de fileiras de cabeças femininas penduradas em espetos, de ratos se banquetear com entranhas. Fossem quais fossem os crimes cometidos pelos gregos, os turcos estavam resolvidos a se vingar cem vezes. A única esperança verdadeira era sair para o mar. Esmirna estava derretendo em volta deles.

— Temos que tentar sair — disse Leonidas a seus homens.

Ele achava que já havia falhado com eles, pelo fato de ter ficado preso naquela cidade.

— Somos um alvo fácil, não é? — perguntou um dos recrutas mais jovens, puxando-lhe a camisa militar.

— Ninguém está a salvo dos turcos — respondeu o capitão. — Mas provavelmente será mais seguro se nos separarmos e pegarmos caminhos diferentes para o porto. Isso nos deixará menos visíveis.

— Onde vamos nos encontrar?

— Pegue qualquer barco que conseguir. E nos revemos em Tessalônica.

Após dois anos de convivência, era uma separação perfunctória, mas cada um deles tinha que se virar sozinho agora. Leonidas olhou o que restava de seu regimento em frangalhos se unir à multidão que corria para o mar. Rapidamente se confundiram com os demais.

Antes de seguir, Leonidas olhou para trás. Colunas de fogo e fumaça se erguiam no ar. O chão onde estava de repente balançou com uma explosão, e depois ele ouviu o estrondo de um prédio vindo abaixo, o ruído de vidro se estilhaçando, o baque da alvenaria ruindo. Como centenas de milhares de outros, ele sentia que o tempo de fugir da cidade em chamas estava se esgotando.

No porto, tanto residentes como refugiados brigavam por lugares em qualquer barco que pudessem arranjar. O que começara de uma forma ordenada, com as pessoas em silêncio fazendo fila e com esperança de obter um lugar, transformara-se em caos. Com a cidade em chamas e atrocidades sendo perpetradas a apenas cem metros dali, o pânico estava se instalando. O medo aumentava com cada pessoa que chegava para se juntar à multidão, agora encerrada num espaço de apenas um quilômetro de largura e algumas centenas de metros de profundidade. Era uma catástrofe.

Sozinho e sem nenhuma posse que o prendesse, Leonidas conseguiu abrir caminho para o meio da multidão. Podia ver pequenos barcos a remo carregados de cadeiras, colchões e baús saindo para o mar. Outras embarcações planejadas para levar um homem e suas redes tinham vinte pessoas a bordo. Ouvia-se o barulho das pessoas se atirando no mar, decididas a chegar a nado a um dos navios italianos e pedir asilo. De vez em quando, o disparo de um atirador turco acertava um nadador.

Leonidas sentiu uma onda de vergonha. Cada grego eliminado era uma vingança por um turco morto. Que jogo sem sentido parecia ter se tornado aquilo. A morte do homem que ele viu afundando na água foi rápida, mas ele sabia que houvera ocasiões em que ele e seus homens tinham se certificado de que o sofrimento de suas vítimas fosse longo e doloroso antes de lhes permitirem o último suspiro.

Flashes das vergonhas e dos horrores dos últimos meses assombravam seus sonhos, mas agora também angustiam seus momentos de vigília. Ele virou as costas para a água e foi abrindo caminho à força para se colocar atrás da maré de gente que vinha em sentido contrário. Seus olhos lacrimejavam,

irritados pela fumaça, mas os soluços vinham do fundo de seu peito. Ele não podia partir. Com todos os crimes que pesavam em sua consciência, como ele poderia passar na frente de qualquer homem, mulher ou criança? Não havia ninguém ali que não merecesse viver mais que ele. Naqueles meses todos de campanha, os soldados haviam sido varridos numa maré de ódio e escusas, mas agora era o nojo de si mesmo que lhe dilacerava o coração. Atos vis de violência animal passavam diante de seus olhos, um após outro, depois mais outro e mais outro... O porto de Esmirna desaparecera para ele, e em seu lugar havia imagens negras das últimas semanas.

Qualquer um que não estivesse pensando exclusivamente nos próprios planos de fuga teria visto um soldado esquelético, queimado de sol, afastando-se do mar como se estivesse em transe. Seu cabelo desgrenhado estava branco de poeira, e lágrimas escorriam entre as rachaduras profundas de sua pele prematuramente envelhecida e enrugada.

Em sentido contrário, vinha a mulher com as duas meninas em seus vestidos bordados. Ela estava desesperada por lugares para ela e as filhas.

— *Athina?* — perguntava repetidamente, ao seguir as orientações para a fila de um navio que dirigia-se ao Pireu, o porto mais próximo a Atenas.

Sua educação e elegância lhe serviram de passaporte para atravessar a multidão, e as pessoas abriram caminho para deixá-la passar com as filhas. Os gritos sentidos do bebê eram suficientes para despertar compaixão até no mais duro dos corações.

Enquanto a mulher seguia seu caminho, um prédio ardia em chamas ali perto e fagulhas voavam. Ela estava a apenas poucos metros da frente da fila.

Nesse momento, uma brasa caiu na manga da garotinha. O tecido imediatamente se consumiu, queimando-lhe a pele, e ela gritou de dor, afastando-se da mãe para apagar a chama. Nesse instante, a mãe foi puxada para a frente e logo depois conduzida a bordo de um pequeno bote. O bote a levaria para o navio com destino ao Pireu ancorado em segurança a certa distância.

Vendo que a filha não estava com ela, a mulher começou a gritar.

— Onde está minha Katerina? Onde está minha filhinha? Katerina! Katerina! Katerina! Minha menininha!

Ela gritava para que lhe permitissem desembarcar, mas suas tentativas desesperadas para ficar de pé faziam o bote balançar de forma perigosa e o seu pânico estava claramente colocando todos em risco.

— As pessoas estão brigando para embarcar nesses botes, não para

desembarcar! — insistia um homem corpulento, agarrando-lhe os pulsos e puxando-a para baixo. — Agora fique aí sentada para podermos sair daqui, droga! Alguém vai trazer sua filha.

Havia agora uma parede de gente entre a menina de cinco anos e a água, impedindo-a de ver a mãe e ouvir seus soluços.

A menina estava sobrenaturalmente calma. Essa era a sua cidade natal e ela tinha certeza de que acharia alguém para ajudá-la. Cercada pela voragem de gritaria, medo e fogo, ela se afastou do porto. A dor da queimadura agora começava a atormentá-la.

Enquanto isso, Leonidas continuava a vagar às cegas para longe da multidão. Sua cabeça latejava intensamente, como se os gritos à sua volta estivessem em seu crânio. Ele se deixou cair no vão de uma porta e enterrou a cabeça nas mãos, desejando bloquear o caos que o cercava.

Por fim, ergueu o olhar, como se pudesse sentir os olhos da criança nele. Com aquele vestido branco, ela parecia um anjo sem asas, e, por trás de seu vulto claro, o fogo distante a rodeava com um brilho sobrenatural. Ela era uma fada, um espírito, mas estava chorando.

Essa visão o estimulou a agir, e ele se levantou.

Esse anjinho o fez se sentir corajoso. Ele viu que ela segurava o braço.

— Está doendo — disse ela bravamente.

— Deixe eu ver.

O trecho vulnerável de carne viva precisava de proteção e, sem hesitar, ele rasgou a manga da camisa.

— Você precisa de um curativo decente, mas isso vai servir por ora — disse ele, amarrando o tecido em volta de seu braço.

O pesado algodão cáqui destoava ao lado da fina musselina branca bordada com flores delicadas.

— Então, aonde você estava indo? Por que está andando por aí sozinha?

— Minha mãe e minha irmã foram embora... — Ela se virou e apontou na direção do mar. — ... num bote.

Sua inocência era transcendente.

— Temos que botar você num bote, então, não é?

Ela estendeu os braços para ele poder pegá-la no colo, e juntos voltaram na direção do povo e da gritaria.

— Como é seu nome? — perguntou-lhe ele. — E de onde você é?

— Katerina. E não sou de lugar nenhum.

— Você deve ter vindo de algum lugar — brincou ele, distraíndo-a com

aquela conversa.

— Eu não vim de lugar nenhum. Eu já estava aqui.

— Então é aqui que você mora. Em Esmirna?

— É.

Por incrível que parecesse, Leonidas se flagrou sorrindo. O distanciamento infantil da menina em relação à própria situação era quase místico. O desespero dele pareceu se dissipar.

Katerina não pesava nada em seus braços. Leve como uma fada, refletiu ele. Ele só havia pegado no colo outra criança, seu sobrinho, Dimitri, e isso fora mais de um ano antes. Até Dimitri era mais pesado que aquela pequena menina. Apesar do cheiro azedo de suor e da fumaça em volta, ele conseguia sentir que a criança que puxava seu pescoço num abraço tão apertado exalava um aroma de linho limpo e flores frescas.

A multidão compacta respondeu à sua voz autoritária e ao que restava de seu uniforme militar, e se afastou para lhes dar passagem. Ele sentia o rangido dos cacos de vidro e teve que evitar tropeçar em todos os objetos abandonados no chão. Uma criança pequena, especialmente uma criança descalça, como tantas estavam, não sobreviveria um minuto sozinha nesse caos.

Leonidas falou com uma mulher que parecia encarregada dos botes e explicou que a criança estava machucada. Logo estavam ajudando a menina a embarcar.

— Cuide da minha manga! — gritou ele jovialmente. — Vou precisar dela de volta!

— Prometo! — gritou a menina.

Foi o primeiro sorriso que ele viu em um ano. Desde que estava na ativa, não testemunhara muitas vezes tal estoicismo.

Leonidas acenou até ela ser um pontinho no horizonte. Então, rumou novamente para as ruínas em chamas da cidade.

CAPÍTULO 6

À medida que as remadas os aproximavam do grande navio ancorado na baía, Katerina ficava mais empolgada com a ideia de ver a mãe. Quando encostaram na embarcação, ela agarrou os degraus de aço e começou a subir. Seu braço latejava e, quando mãos desconhecidas se estenderam na direção dela e a içaram para o deque, ela recuou de dor assim que uma delas encostou em seu braço. Uma mulher bem-intencionada deu tapinhas em sua cabeça, ofereceu-lhe um pedaço de pão e um copo de água e instalou-a num banco. O navio estava repleto de mulheres e crianças. Os maridos e os pais estavam no exército e milhares deles haviam morrido recentemente. Quase todas essas mulheres eram viúvas.

— Está sozinha? — indagou uma mulher que parecia ser a encarregada.

— A minha mãe está aqui — respondeu Katerina. — Mas eu não sei onde.

— Então vamos dar uma volta para ver se podemos encontrá-la?

Ela deu a mão a Katerina e juntas percorreram o navio. Havia muita gente em grande sofrimento. Alguns estavam feridos, outros ficavam se balançando para a frente e para trás, traumatizados pelos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

Katerina apertou mais a mão da mulher.

— Pode me dizer como ela é? — perguntou. — Como estava vestida?

— Ela estava com um vestido igual ao meu — respondeu Katerina. — Quando faz um vestido para ela, sempre faz um igual para mim.

— Então é um vestido muito bonito! — disse ela sorrindo.

Embora o vestido da menina estivesse sujo, era possível ver que fora bonito. Era todo bordado de margaridas e debruado de renda, mas, de forma um tanto incongruente, uma das mangas parecia ser feita de um tecido diferente.

— Mas o que houve com o seu braço?

— Ele pegou fogo — respondeu Katerina.

— Ai, meu Deus! Vamos cuidar disso assim que encontrarmos a sua

mãe — continuou a mulher com uma voz preocupada. — Você consegue vê-la no convés? Se não, tenho certeza de que ela vai estar lá dentro.

— Ela está com um bebê — disse Katerina, conversadora — de poucos meses.

A mulher começava a se dar conta de que a busca seria infrutífera, e tentou conversar com Katerina para distraí-la, fazendo-lhe perguntas sobre o caçula, se era menino ou menina, qual era o nome e assim por diante. Depois de vinte minutos ficou evidente que a mãe da menina não seria encontrada. Ela não queria aniquilar o espírito alegre da menina, mas, cedo ou tarde, teria que contar que as possibilidades estavam esgotadas. Sua mãe não estava a bordo.

— Tenho certeza de que vamos encontrá-la, mas precisamos pedir para outra pessoa cuidar de você um pouco...

Outro bote chegara para desembarcar sua carga humana no navio. Com muito pouco espaço sobrando, a mulher que ajudava a organizar a evacuação examinou a cena com ansiedade.

— Com licença! — disse a uma mulher sentada, entre duas crianças, numa enorme trouxa que continha tudo que possuíam. — Se importaria de dar uma olhada nessa menina por um momento?

A mulher estendeu as mãos para Katerina.

— Claro, venha se sentar com a gente — disse com bondade. — Venha para cá, Maria.

Katerina ouviu um sotaque ligeiramente estranho, mas que não era muito difícil de entender. Uma das crianças se aconchegou mais à mãe para dar lugar a Katerina.

— Fique à vontade — disse a mãe. — Sou Kyria Eugenia e essas são minhas filhas, Maria e Sofia.

Estava escurecendo. Os motores começaram a vibrar e o pesado ruído metálico da âncora sendo içada alertou a todos de que a partida do navio era iminente. Katerina se encostara no ombro de Maria e, com o movimento do navio, as três meninas logo adormeceram. Estavam entre as últimas duzentas mil pessoas evacuadas de Esmirna naqueles dias terríveis.

* * *

Quando o sol nasceu, o navio já havia atracado.

Na noite anterior, Katerina estava tão cansada que não vira que as duas meninas com quem viajava eram gêmeas idênticas. Olhou de uma para outra e esfregou os olhos, se perguntando se elas estavam lhe pregando uma peça. As duas riram. Estavam acostumadas com tal reação e faziam graça com a estranha semelhança.

— Quem é quem? — perguntou Sofia.

— Você é a Maria! — respondeu Katerina.

— Errou! — exclamou Sofia alegremente. — Agora, feche os olhos.

Katerina obedeceu e, quando Sofia gritou “Pronto”, abriu-os.

— Qual é o meu nome? — perguntou Sofia.

— Maria!

— Errou de novo!

Ela nunca vira tamanha semelhança. O cabelo das duas era cortado milimetricamente no mesmo comprimento e os vestidos vermelhos eram idênticos. Até as sardas nos narizes delas combinavam. Faltava mais ou menos uma hora para todos serem autorizados a desembarcar, e, durante esse tempo, as irmãs fizeram vários jogos com Katerina, todos envolvendo a semelhança delas. Quando foram autorizadas a saltar em terra, já haviam se tornado grandes amigas. As três desceram a passarela atrás de Eugenia, de mãos dadas como bonecas de papel.

Um soldado jogou a trouxa de Eugenia num caminhão que estava à espera e elas subiram no veículo logo depois.

— Aonde vamos? — Katerina ouviu Kyria Eugenia perguntar, mas a resposta do soldado foi inaudível.

Elas estavam em algum lugar que ela não reconhecia e, pela primeira vez desde que haviam se separado, a certeza de que sua mãe estava perto a abandonou. Parecia que não a via há muito tempo. Seria há um dia? Uma semana? Um mês? Ela se encostou em uns caixotes, puxou os joelhos para junto do corpo e chorou baixinho para ninguém notar. Sabia que era a melhor maneira.

Não fazia muito tempo sua mãe a fizera sentar e dissera:

— Você precisa ser corajosa, minha filhinha.

Ela lembrou que sua mãe andara chorando na época, e Katerina sentiu que era por ela que devia se abster de chorar também.

— Seu pai não vai voltar da guerra. Ele era muito corajoso e morreu salvando uma pessoa.

Katerina se sentira orgulhosa do pai e, mesmo com a idade que tinha,

sabia esconder a tristeza e garantir que seu sentimento não deixasse mais ninguém infeliz.

Quando chegaram ao acampamento onde dezenas de milhares de outros já estavam instalados, sua confiança voltou e ela começou a fazer perguntas a Kyria Eugenia.

— Para onde eles nos trouxeram? Por que estamos aqui? Vamos ver a minha mãe?

— Bem, Katerina — disse Eugenia, com sua voz mais terna —, estamos numa ilha chamada Mitilene. Mas garanto que vão tentar encontrar...

— Mas a minha mãe queria ir para Atenas! — disse a menina, alarmada. — É longe?

— Não é muito distante daqui — respondeu Eugenia num tom tranquilizador, apertando a mão dela.

Não adiantava dizer a verdade à menina. Os encarregados de organizar a evacuação de Esmirna só estavam interessados em levar aquelas pessoas para um lugar seguro. Mantê-las longe das chamas e dos vingativos turcos fora sua prioridade, e não guardar registros do lugar para onde iam e com quem viajavam. Havia pelo menos um milhão de pessoas se deslocando e as chances de localizar a mãe de Katerina eram praticamente nulas.

— Tenho certeza de que vamos encontrá-la, minha querida.

— Estou com fome — gemeu Sofia, ao passarem por uma fila para sopa. — A gente não pode arranjar alguma coisa para comer?

— Vamos achar um lugar para dormir primeiro, depois comemos alguma coisa — respondeu a mãe.

Ela podia ver pela quantidade de gente pululando por ali que só uma percentagem dos refugiados dormiria numa tenda de campanha naquela noite. Não havia acomodações suficientes para todos.

Aguardaram pacientemente por várias horas para que fossem alocadas em uma tenda, e o tempo todo os olhos de Katerina se moviam de um lado para outro, ansiosa para ver a mãe. Ninguém lhe disse que Mitilene ficava a quase duzentos e cinquenta quilômetros de Atenas.

Uma vez na tenda, Sofia continuava gemendo. Embora fossem iguais, Katerina já notava que as gêmeas tinham temperamentos muito diferentes.

Enquanto ainda estavam no bote, Sofia lhe dissera orgulhosamente que “saíra primeiro”. Maria protestara que fora só uma questão de minutos, mas a precedência do nascimento dera a Sofia a confiança que fez dela a líder. Sua gêmea, Maria, era o seu reflexo. Como um eco, ela com frequência repetia as

opiniões de Sofia em vez de ter as próprias e, com certeza, era a mais meiga das duas.

Por fim, o exausto trio de crianças se deitou num colchão de palha e caiu num sono profundo, esquecendo a fome.

Eugenia ficou do lado de fora e olhou a fileira de tendas do começo ao fim. A maioria daqueles refugiados havia perdido todas as posses, além de membros da família. Muitos deles estavam em uma espécie de transe, como sonâmbulos, os rostos enrugados sem expressão. Quando viu uma mulher saindo da tenda ao lado, ela a cumprimentou. Vivendo a menos de um metro uma da outra, tendo nada mais que uma lona fina a separá-las, ela agora era sua vizinha, mas a outra nem fez menção de ter percebido que Eugenia estava ali.

Quase imediatamente, Eugenia entendeu por quê. Embrulhada nas pregas do volumoso vestido da mulher, no estilo usado pelas gregas pônticas, havia uma criança doente. Eugenia viu que ela estava chorando, mas a criança permanecia inerte e calada.

A mulher puxou o lenço de cabeça para o rosto e se afastou depressa sem olhar nos olhos de Eugenia. Disenteria. Houvera rumores na fila de acomodação de que a doença estava eliminando centenas de pessoas todos os dias, e Eugênia sentiu um nó de medo no estômago. Torcia para logo estarem longe desse lugar.

* * *

As meninas acordaram para um banquete de pão, tomates e leite. Já fazia mais de um dia que não comiam. As gêmeas depressa aceitaram que Katerina fazia parte de mais uma mudança em sua vida. Nos últimos meses, tudo havia se alterado de forma tão dramática que ter mais uma pessoa com elas parecia um pequeno detalhe.

Tão logo comeram, Eugenia levou Katerina ao posto de primeiros socorros. A enfermeira removeu cuidadosamente a “bandagem” que estivera protegendo o braço dela. Por baixo, o braço estava em carne viva, do ombro ao cotovelo.

— É melhor a gente limpar e fazer um curativo nisso imediatamente — disse, sem tentar esconder a surpresa diante da extensão do ferimento. — Dói?

— Sim, mas tento não pensar nisso — respondeu a menina.

Katerina contraiu o rosto enquanto a enfermeira aplicava um unguento, mas, em um instante, a carne ardida estava escondida embaixo de uma bandagem reluzente e a menina olhou com orgulho para o braço impecavelmente enfaixado.

— Traga-a de volta para me ver daqui a quatro dias — disse a enfermeira a Eugenia. — Quero ter certeza de que ainda está limpo. Há bactérias suficientes neste lugar para acabar com todos nós num piscar de olhos...

Eugenia deu a mão a Katerina e conduziu-a depressa para fora da tenda. Estava zangada com a enfermeira por ter dito aquilo na frente da criança.

As duas andaram ao longo das “ruas” estreitas do acampamento de refugiados, abrindo caminho na direção da fileira onde as gêmeas aguardavam sua chegada. De repente, Katerina se lembrou de algo. A manga.

— Kyria Eugenia! A gente tem que voltar! Por favor! Deixei uma coisa lá.

A angústia na voz da criança não lhe dava opção. Em minutos, puxando Eugenia pela mão, Katerina arrastara-a de volta para a tenda médica. A menina foi direto para a enfermeira, que agora atendia uma mulher ferida.

— Você ainda tem a minha bandagem velha?

A enfermeira interrompeu seu trabalho e lançou um olhar fulminante para a criança.

Katerina olhou em volta. O chão fora varrido e ela viu um monte de resíduos perto da aba da tenda.

— Está ali! — disse triunfante, correndo para pegá-la.

— Mas, Katerina, está suja. Não seria melhor deixar isso para trás? — implorou Eugenia, consciente do que a enfermeira dissera sobre as virulentas bactérias que circulavam pelo acampamento.

— Mas eu prometi... — Ela se agarrou com firmeza à atadura.

Eugenia sabia quão teimosa podia ser uma menininha e via a determinação no rosto de Katerina.

— Muito bem, mas vamos ter que dar uma boa lavada nela assim que pudermos.

Antes de deixarem a tenda, Eugenia notou o olhar de repugnância no rosto da enfermeira. Não havia mal nenhum em manter uma criança feliz nessas circunstâncias, pensou consigo mesma. A expressão satisfeita de Katerina mostrava quanto significava para ela ter recuperado o trapo.

— Prometi devolver isso para o soldado — explicou. — Ainda tem um dos botões dele.

Eugenia olhou com mais atenção e efetivamente havia um botão pregado ali. Estava sem brilho, mas um fio o mantinha preso.

Katerina guardou-o no bolso e elas voltaram à tenda para encontrar as gêmeas.

A tarefa de localizar a mãe ainda preocupava Katerina, e ela e Eugenia passaram muitas horas andando pelas fileiras de tendas improvisadas para tentar encontrá-la. Muitas das famílias que ali estavam eram de gregos pônticos, como Eugenia e as filhas — gente que morara perto do mar Negro —, e Eugenia até encontrou algumas pessoas de sua aldeia próxima a Trebizonda. Na fuga de mil quilômetros de suas casas para Esmirna, as famílias e os amigos haviam sido separados e ela ficou exultante ao reestabelecer contato com alguns conhecidos.

Katerina não viu um único rosto conhecido de Esmirna e os organizadores do acampamento confirmaram para Eugenia que não havia registro de ninguém com o nome de Zenia Sarafoglou ali.

Em silêncio, Eugenia aceitou que talvez precisasse ficar com Katerina. Por todo lado havia situações semelhantes, e as famílias empobrecidas adquiriam novas formas impostas por perdas e adoções. Maria e Sofia começavam a considerar a recém-chegada uma irmã permanente. Como muitas meninas de nove anos, elas tinham um instinto maternal forte. Até então, haviam compartilhado uma única boneca, mas agora tinham uma versão maior. Katerina deleitava-se com a atenção delas e até as deixava reenfaixar seu braço sempre que necessário. Estava começando a melhorar, mas ficaria com uma feia cicatriz.

O clima ameno de outubro as encorajava a passar a maior parte do dia brincando do lado de fora, e, com muitas crianças em volta, as três meninas fizeram novos amigos. Mas quando as semanas se transformaram em meses, e a temperatura foi caindo, elas passaram a ficar cada vez mais dentro das tendas. Entre as posses que carregara consigo pelas planícies da Ásia Menor, Eugenia trouxera uma de suas sedas bordadas e sobras da lã de um tapete que andara tecendo. Sob sua orientação, as meninas começaram a ocupar seus dias fazendo colchas com retalhos que encontravam no acampamento. Às vezes, chegava uma remessa de roupas velhas enviada por uma organização filantrópica dos Estados Unidos, e elas recebiam alguma coisa “nova” para usar que poderia ser enfeitada com pontos e aplicações coloridos e muita

imaginação. Certo dia, num momento de tédio, Maria enfiou a agulha na lona da aba de sua tenda e logo elas haviam coberto sua “porta” de pontos, “escrevendo” seus nomes em vermelho, verde e azul e decorando-os com flores e folhas.

Como toque final, Eugenia bordou as palavras “*Spiti mou, spitaki mou*” em pontos grandes. Era isso que a tenda se tornara: “Lar Doce Lar”.

Para as crianças, pelo menos, a lembrança da partida traumática de seus lares começava a se dissipar gradualmente e os sonhos ficaram doces de novo.

Embora, de modo geral, os adultos tivessem sucesso no esforço que faziam para manter as crianças felizes, eles tinham plena consciência das condições cada vez mais precárias do acampamento e estavam ficando cansados da inatividade idiotizante.

Eugenia sabia que sua antiga vida na Ásia Menor jamais seria recuperada, mas não conseguia conceber a ideia de uma vida permanente na nada amigável Mitilene. Estavam esperando. Muitos haviam morrido doentes no acampamento e sempre havia a possibilidade de que elas fossem as próximas. Que ironia, pensou Eugenia, ter sobrevivido a tantas adversidades para chegar a Esmirna e morrer ali.

Havia comida suficiente, mas o inverno começava a se fazer notar, com as temperaturas despencando e as chuvas torrenciais.

Começaram a chegar rumores de que esforços diplomáticos estavam sendo feitos para resolver a situação deles. Isso pelo menos era um consolo. Ainda que as crianças não tivessem muita noção do tempo, a maioria dos adultos sentia a implacável passagem dos dias e se perguntava quanto de sua vida seria desperdiçada naquele lugar.

Certo dia ouviram a boa notícia de que todos seriam levados para o continente. Embora houvesse um enorme desequilíbrio numérico, haveria uma troca oficial de populações entre Grécia e Turquia.

Após as catastróficas guerras de ódio e violência dos últimos anos, os políticos consideravam esta a única solução. Os muçulmanos não poderiam viver com segurança na Grécia, e os gregos já não podiam viver à vontade com os muçulmanos na Turquia. A Turquia, com seu extenso território e sua grande população, sofreria um impacto relativamente pequeno com a troca, mas a Grécia ficaria irreconhecível. A população da pequena nação de recursos insuficientes saltaria de quatro milhões e meio para seis milhões em questão de meses. O efeito do aumento populacional de vinte e cinco por

cento seria particularmente dramático, uma vez que a maioria dos recém-chegados viria com pouco mais que a roupa do corpo.

Em janeiro de 1923 foi assinada uma convenção em Lausanne. Em um ano, a inédita migração de populações de um país a outro estaria terminada.

CAPÍTULO 7

Durante toda a primavera, houve grande expectativa no acampamento antes que os preparativos para a partida fossem finalizados. Katerina entreouvia uma conversa atrás da outra sobre aonde poderiam ir e uma única palavra ficava girando dentro de sua cabeça: *Athinathinathina*. Fora a última palavra que ouvira a mãe dizer: “*Athina*”. Atenas.

Katerina estava empolgada com a perspectiva renovada de encontrar a mãe e a irmã, e começou a contar os dias. Diariamente fazia um pontinho de cruz na bainha do vestido. Torcia para encontrar a mãe antes de ter bordado toda a volta.

Os adultos pareciam empolgados com a perspectiva de sair dali. Prometiam casas e Katerina tinha certeza de que reencontraria sua família.

Finalmente o enorme navio atracou em Mitilene e todos esperaram para ouvir se estavam incluídos na lista de passageiros. Tão logo teve a confirmação, Eugenia e as meninas começaram a fazer as malas.

Muitas famílias tinham chegado ao acampamento nos últimos meses, e as condições haviam piorado muito. Com as temperaturas mais quentes da primavera, as doenças se espalhavam depressa, e, com frequência, crianças saudáveis eram levadas dos pais desesperados em questão de horas.

Enquanto juntavam seus pertences, Eugenia e as meninas não estavam com pena de ir embora. A aba bordada da tenda, agora enfeitada com flores e folhas em volta das palavras “*Lar Doce Lar*”, não parecia mais tão apropriada.

No cais havia uma grande balbúrdia. Era como uma excursão em larga escala, com a atmosfera de um *panegyri*, o dia festivo de um santo, e, pela primeira vez, elas sentiam o calor do sol de primavera no rosto.

Amigos que já haviam embarcado gritavam e acenavam. Estavam vibrando com a viagem, empolgados e cheios de expectativas. Afinal, havia a possibilidade de uma nova vida, com todas as oportunidades que Atenas prometia.

Com uma das gêmeas de cada lado, Katerina estava atrás de Eugenia.

Elas agora eram as primeiras da fila, e os odores sujos de diesel e de óleo de motor não poderiam ter um cheiro mais doce.

Eugenia ergueu os olhos: uma de suas vizinhas da “rua” de tendas acenava e chamava do convés superior. Os passageiros foram espremidos no bote e o rosto conhecido logo desapareceu na multidão que avançava em tropel em volta dela. O barco estava completamente lotado.

O oficial uniformizado começou a fechar a cancela.

— Desculpe-me. Está lotado. Na verdade, está superlotado, Kyria. Eles deixaram passar cem pessoas a mais do que esse caixote velho devia levar.

— Mas com certeza ele pode levar mais quatro! Que diferença vai fazer?

— A senhora vai ter que esperar o próximo.

— Mas quando vai ser isso? — protestou Eugenia, tentando conter as lágrimas.

— Estamos esperando outro. Não posso dizer quando. Mas todos aqui serão transferidos da ilha no devido tempo — respondeu o oficial no tom cortês e imparcial de alguém que voltaria para a própria cama naquela noite.

A única coisa que mudara na vida daquele homem com os últimos acontecimentos fora o aumento de salário. Ele ganhara muito dinheiro nos últimos dias, aceitando propinas de qualquer um que pudesse pagar para subir ao topo da lista de embarque.

Elas observaram com tristeza enquanto o navio saía do porto e Eugenia viu os rostos conhecidos irem diminuindo até sumirem. O oficial lhes dera as costas, como se não quisesse ver a esperança delas sendo desfeita.

Eugenia deixou cair a trouxa de pertences no chão, quase em cima dos pés do oficial à sua frente.

— Vamos ficar sentadas aqui, então — disse. — Seremos as primeiras da fila.

— Fiquem à vontade — disse ele com arrogância, e se afastou.

Menos de uma hora depois avistaram um segundo barco no horizonte. Depois do que pareceu um tempo dolorosamente longo o navio atracou e, mais uma vez, o tedioso processo de registro teve que ser cumprido. Eugenia mandou as três meninas irem ver se conseguiam encontrar algo para comer e deu o seu nome e o das crianças a um novo oficial. O anterior sumira e este novo parecia mais simpático.

— Quanto tempo vai levar até Atenas? — perguntou ela.

— Vocês não vão para Atenas — respondeu ele friamente, sem sequer erguer os olhos do formulário que preenchia com os dados de Eugenia. —

Vão para Tessalônica.

— Tessalônica! — Eugenia sentiu uma onda de pânico. — Mas não queremos ir para Tessalônica! Não conhecemos ninguém em Tessalônica. Todas as pessoas da minha aldeia foram para Atenas!

— Bem, isso é com a senhora. Há muita gente atrás da senhora na fila que ficaria feliz de pegar os seus lugares neste barco. E não posso deixar todas elas esperando.

Eugenia fez um último pedido:

— Mas Katerina não é minha filha. E a mãe dela está em Atenas! Precisamos levá-la para lá.

O oficial não se impressionou. Separações e perdas eram corriqueiras naqueles tempos.

— Quando vai haver um barco para Atenas?

— Não tenho ideia e ninguém tem. Olhe, Kyria, isso não é um passeio, então seria sábio da sua parte decidir logo se quer pôr seus nomes na lista de passageiros. — Ele passou o formulário dela para o outro lado da mesa. — Se a senhora puder dar licença... — acrescentou com impaciência. — Há centenas de pessoas aí atrás que não parecem tão exigentes em relação ao lugar para onde vão.

Eugenia olhava enquanto a brisa levantava a beira do papel. Uma rajada desse vento e seu direito a um lugar no navio poderia ir por água abaixo.

Ela tinha menos de um segundo para decidir. Embora Atenas fosse o destino de todos os seus conterrâneos, Tessalônica era mais próxima. Mas o fator decisivo era que não havia nenhuma alternativa garantida.

— Nós vamos! — disse ela, batendo com a mão no formulário. — Por favor. Vamos pegar esses lugares.

— Muito bem — respondeu o oficial. — Poderia assinar o seu nome aqui, confirmando ser a mãe das duas meninas e... aqui, confirmando ser a responsável pela terceira?

Eugenia não hesitou e assinou seu nome, canhestramente, nas duas linhas. Nem por um momento duvidara de que era seu dever tomar conta de Katerina até a mãe da menina ser encontrada. Nada parecera mais natural. Desde o momento em que aquela bela criança em seu vestido branco aos trapos lhe fora entregue no barco de Esmirna, ela a amara como se fosse sua filha. Se as desgraças do conflito contra os turcos não tivessem levado o seu marido — ele estava oficialmente desaparecido —, ela provavelmente teria muitos outros filhos. Talvez por isso tivesse acolhido aquele “acréscimo” à

sua família com tanta presteza.

Como as quatro foram as primeiras a embarcar, pareceu a elas que horas se passaram até o navio encher e estar pronto para zarpar. O tinir das correntes foi ouvido e as crianças, que até então corriam de um lado a outro do convés, vieram se juntar a Eugenia, animadas com a ideia da nova viagem.

Ela não lhes disse para onde estavam indo. Suas filhas ficariam arrasadas se soubessem que não encontrariam os velhos amigos, e Katerina saberia que sua mãe não estaria esperando no fim daquela viagem. Talvez nenhuma delas jamais descobrisse a diferença entre Atenas e Tessalônica.

O barco deslizava na noite, as águas iluminadas pela lua cheia. As crianças dormiram profundamente. Seus pertences viraram travesseiros e as mantas que receberam no acampamento as protegiam da brisa salgada.

Eugenia passou a noite inteira acordada ouvindo os gemidos dos doentes, torcendo para que as meninas não passassem por aquilo. Algumas pessoas embarcaram com disenteria e estavam com febre. Por cinco ou seis vezes alguém passou por cima de suas pernas carregando um corpo doente ou quem sabe até sem vida. Tentavam colocar os doentes em uma determinada área do barco, uma vez que era a única forma de reduzir a possibilidade de uma epidemia. No silêncio, Eugenia podia ouvir o murmúrio constante de dois padres reconfortando os moribundos a bordo ou recitando em voz baixa uma oração fúnebre. Por algumas vezes ela ouviu o ruído seco de corpos sendo lançados ao mar.

Eugenia vigiava as três crianças, observando as mechas de seus cabelos sedosos, a pele imaculada de suas testas e os longos cílios que roçavam suas maçãs do rosto. As três inocentes que dormiam tranquilamente ao lado dela pareciam luminescentes ao luar. Não haviam feito mais para trazer o infortúnio sobre elas do que os anjos com que se pareciam. Nem mesmo um instante de sofrimento elas mereciam.

Eugenia pediu a *Panagia*, mãe de Jesus, para protegê-las, sem saber se era ou não ouvida, enquanto o barco cruzava inexoravelmente o mar escuro.

Ao olhar as crianças, Eugenia foi ficando com as pálpebras pesadas. Quando o litoral da Grécia continental começou a tomar forma ao longe, ela dormia profundamente. Estariam num país novo quando acordassem, e uma vida nova estaria prestes a começar.

CAPÍTULO 8

Para Konstantinos Komninos, aquela manhã de maio foi como quase todas as outras. Ele se levantou às seis e se preparou para o dia de trabalho. Seu depósito e sua loja haviam sido reabertos dois anos antes, e ele já estava expandindo para um terceiro prédio. Embora muitas empresas nunca tivessem se recuperado do incêndio, Konstantinos usara a destruição das instalações construídas por seu pai para criar algo maior e mais vigoroso, algo que tivesse a sua marca. Contestara a insolvência de sua seguradora e ganhara, conseguindo, assim, a oportunidade de ressurgir das cinzas como uma fênix. Ademais, o período prolongado de mobilização do exército e o conflito contínuo na Ásia Menor haviam criado uma oportunidade comercial inigualável.

A guerra dera, mas também tomara.

No fim de outubro, ele fora notificado do desaparecimento do irmão. Leonidas chegara aos arredores de Esmirna acompanhando a retirada de seu regimento pela Ásia Menor, mas depois disso não tiveram mais notícias dele. Segundo alguns sobreviventes, a maioria dos soldados do regimento de Leonidas Komninos fora eliminada e massacrada.

A reconstrução das instalações e o desenvolvimento da empresa tiveram prioridade sobre a reforma da mansão de frente para o mar de Konstantinos, e embora esta já houvesse começado, era um projeto a que ele dedicava menos tempo. A casa inteira teve que ser demolida antes de ser reconstruída. As únicas partes originais que puderam ser aproveitadas foram as fundações.

Olga e o pequeno Dimitri Komninos continuavam morando na rua Irini, e Konstantinos permanecia num hotel. Como raramente chegava do escritório antes de meia-noite, a desculpa de que ele não queria perturbar o sono da casa acabava justificada.

Olga adorava a vida na cidade antiga com sua atividade constante, e não tinha pressa em levar o seu filho feliz e satisfeito para outro lugar, mas as mudanças dramáticas provocadas pela troca de populações já haviam começado a transformar a cidade. Até a rua Irini estava prestes a ser afetada.

A família Ekrem em breve iria se mudar. Começaram os preparativos havia algumas semanas, embalando seus pertences, despedindo-se dos amigos queridos e dando pequenos presentes às pessoas a quem se afeiçãoaram. Os Ekrem contavam com a promessa de uma indenização pela casa que estavam sendo obrigados a deixar, além de uma nova moradia na Ásia Menor, mas aquele era um lugar completamente estranho para eles, e não tinham nenhum desejo de se afastar de sua vida feliz em Tessalônica.

Na noite da véspera da partida, foram convidados para um jantar de despedida na casa dos Moreno e levaram de presente um volume de poemas de Ibn Zamrak, cuja obra estava gravada nas paredes do Palácio Alhambra.

As duas famílias concordavam que tinham muitas coisas em comum. A expulsão da Espanha era apenas uma delas.

— “*Granada!* Sempre a terra da paz e da esperança vã. Simplesmente estar lá é tanto um desejo quanto uma satisfação” — traduziu uma das moças Ekrem.

— Nunca sabemos o que a vida nos reserva, não é? — disse Kyria Ekrem em seu grego capenga.

— Suponho que quando isso foi escrito ninguém tinha a mais remota ideia de que os árabes seriam expulsos — disse Saul com ironia.

* * *

Naquela manhã, Olga se levantara cedo para se despedir. Se tivesse passado por lá a caminho do barbeiro, Komninos teria ficado apavorado de ver o sentimentalismo da mulher com a partida de alguns muçulmanos. Ele nunca entendera por que ela fora tão amiga dos Ekrem.

Às sete horas, ele já havia passado no barbeiro e, às sete e quarenta e cinco, seu engraxate havia recebido sua gorjeta diária. Às sete e cinquenta, estava sentado no kafenion perto de seus novos escritórios ao lado das docas, e às oito horas marcava presença no segundo café, tendo passado os olhos em três das muitas dezenas de jornais da cidade. Agora ele dava uma olhada nas páginas de economia e avaliava o valor aproximado de suas ações.

A disponibilidade e a demanda de lã dependiam de muitos fatores sobre os quais ele não tinha controle, mas era um dom prever quando e onde comprar. Com outros tecidos era a mesma coisa, e nesses casos ele tinha que estar sintonizado tanto com o que era considerado “*à la mode*” no momento

como nas próximas estações, tanto no vestuário quanto na decoração. Tivesse ou não consciência disso, a maioria dos cidadãos endinheirados de Tessalônica era vestida e tinham suas casas “revestidas” por Konstantinos Komninos.

A política do país, e de Tessalônica em particular, preocupavam Konstantinos mais do que nunca naqueles últimos meses. Um milhão de gregos da Ásia Menor chegara à Grécia antes mesmo do tratado final com a Turquia, que devia ser assinado em julho, e a cada dia mais deles apareciam.

Diferentes estatísticas espalharam-se durante meses, e todas elas eram alarmantes. Por muitos meses, refugiados chegaram em massa a Tessalônica, e alimentá-los e acomodá-los causava séria ansiedade. Os jornais satisfaziam-se em provocar o descontentamento. “^{MAIS DE UM MILHÃO}” clamava a manchete de um. “^{TESSALÔNICA PRESTES A SER OCUPADA}” previa outro. “^{ONDE VAMOS COLOCÁ-LOS?}” questionava outro, quando chegou a notícia de que cem mil refugiados estavam para ser assentados em Tessalônica. Como muitos dos cidadãos afluentes da cidade, Konstantinos Komninos observava com grande preocupação os efeitos do enorme influxo de refugiados miseráveis. Desde o incêndio, muitas pessoas ainda moravam em barracões ou compartilhavam uma moradia, e nem mesmo sua família estava instalada adequadamente.

Ele não era o único comerciante que começava o dia nesse kafenion. Compartilhava o hábito com um dos alfaiates mais bem-sucedidos da região, Grigoris Gourgouris. Ocupavam sempre a mesma mesa, fumavam a mesma marca de cigarro e liam os mesmos jornais de direita. Embora se conhecessem havia trinta anos, o relacionamento deles raramente ultrapassava o impessoal mundo dos negócios. Gourgouris comprava de Komninos grande parte dos tecidos com que trabalhava mas, apesar disso, eles nutriam uma desconfiança mútua, baseada na ideia de que o outro geralmente estava fazendo o melhor negócio.

— A meu ver, não devíamos ter deixado tantas pessoas virem para cá. Elas deviam ter ido para o Pireu — anunciou Gourgouris no salão, seu queixo duplo balançando como sempre balançava quando suas paixões eram despertadas.

— Em breve teremos um pouco mais de espaço para respirar — comentou Komninos com frieza, sem erguer os olhos do jornal —, quando todos os muçulmanos tiverem ido embora.

— Não lamentarei se todos aqueles tarbuches desaparecerem das ruas — disse Gourgouris. — Mas os números dificilmente vão se equilibrar, não é?

Está entrando mais gente do que saindo.

— Mas pense, Grigoris! Com mais cristãos vindo para cá, serão necessários mais trajes para botar nas costas deles! Não será tão mal assim...

Os dois riram e então Komninos jogou algumas moedas na mesa e levantou-se para ir embora. Eram oito horas e ele tinha que trabalhar.

Tocando a aba do chapéu, disse um bom-dia seco ao seu cliente e saiu para o sol da manhã.

Foi andando para as docas. Aguardava uma remessa naquele dia e esperava notícias da previsão de chegada do navio. Sempre havia dezenas de moleques de rua andando pela área das docas, uns procurando trabalho, outros pedindo esmola, outros ainda simplesmente à toa, sem se afastar de suas trouxas de pertences deixadas em vãos de portas. Komninos nunca enfiava a mão no bolso. Era regra. Uma vez que se dava esmola a um, todos vinham correndo. A tática dele era olhar reto sem enxergá-los, tratá-los como se eles não estivessem ali.

Ele era uma figura conhecida do capitão do porto.

— Bom dia, senhor — disse o capitão, encaminhando-se para Komninos. — Como está?

— Muitíssimo bem, obrigado. Alguma notícia do meu navio?

— Temos uma grande embarcação chegando hoje de manhã — respondeu o capitão —, então não tenho certeza se teremos homens para descarregar, mesmo que ele entre ainda hoje.

Komninos olhou por cima do ombro do homem e viu o que ele queria dizer. A apenas uns cem metros da entrada do porto, vinha chegando um navio. Era uma embarcação enorme, e ele já podia ver que não era um cargueiro. Os conveses estavam repletos de gente. Ele se virou, furioso.

* * *

A bordo, todos haviam se levantado com o sol e se acotovelavam para ter a melhor vista de seu destino. Através da névoa matinal conseguiam distinguir algumas formas e silhuetas, uma torre, uma ladeira, um muro que parecia dividir a colina do mar, alguns minaretes se erguendo para o céu, uma extensão de grandes mansões para leste.

Para Katerina, parada avidamente na proa, a cidade que a cada minuto ficava mais nítida representava o fim da busca por sua mãe. Fazia muitas

semanas que ela vinha bordando a bainha de seu vestido, que agora estava toda preenchida com pequenas cruzeiras coloridas, sobrando espaço apenas para mais uma.

À medida que a névoa se erguia, a cidade não parecia nem de longe tão grande quanto ela imaginara. Ela vira imagens de Atenas num livro, e não era isso que ela esperava. Para a cidade mais importante da Grécia, era desapontador. Onde estava a Acrópole?

Foi então que notou outra coisa. Ao longo da orla marítima havia despojos dos prédios incendiados, e por um momento ela achou que tivessem dado uma volta completa e sido levados novamente ao caos da cidade em que ela crescera.

— Kyria Eugenia! Kyria Eugenia! — chamou, puxando-lhe a manga. — Estamos de novo em Esmirna!

As três meninas estavam agarradas aos corrimões do navio, mas todas elas se viraram para trás. Eugenia encontrou os três rostos ansiosos olhando para ela.

— Não, minhas queridas, não é Esmirna — respondeu. — Eles nos trouxeram para Tessalônica.

— Tessalônica? — perguntaram em coro, como três pássaros em um ninho. — Tessalônica? Achávamos que estávamos indo para Atenas.

Katerina se viu engolindo as lágrimas. Não era para essa cidade que sua mãe tinha ido. Todos aqueles meses de esperança e expectativa pareciam se afundar no mar.

Eugenia se abaixou e abraçou Katerina, sentindo os soluços da menina sacudindo seus ombros. As gêmeas deram as mãos e as rodearam. Nenhuma delas estava onde queria.

As quatro permaneceram algum tempo assim enquanto o navio deslizava rumo ao seu destino. Então sentiram uma trepidação estranha sob os pés quando os motores foram engrenados a ré. A embarcação estava diminuindo de velocidade, e logo depois elas ouviram o barulho metálico da âncora sendo abaixada. Elas não estavam dentro do porto, mas em algum lugar ao largo.

Viram o capitão num pequeno rebocador a caminho da terra firme, e então uma ou duas horas se passaram. Começaram a circular rumores de que o desembarque não seria autorizado. Doenças se espalhavam no navio, que continha uma grande parte de sua estrutura isolada numa espécie de quarentena improvisada, e todos os passageiros sabiam que isso não os tornava bem-vindos.

Os saudáveis estavam ansiosos para deixar o navio, e, quando o capitão retornou, muitos clamavam para desembarcar. O capitão anunciou que eles haviam sido autorizados a atracar, mas que aqueles com disenteria e tuberculose teriam que permanecer a bordo por enquanto.

Por fim, após muitas horas, eles atracaram no porto e sentiram os muros envolverem o navio.

— *Mana mou*, olhe quanta gente! — exclamou Maria empolgada quando viu a multidão. — Olhe quantas pessoas vieram nos receber!

— Não tenho muita certeza se é isso que elas estão fazendo, querida... Mas parecem satisfeitas de ver a gente, não é?

Na verdade, as pessoas no porto não estavam ali para dar as boas-vindas aos recém-chegados da Turquia. Eram muçulmanos que buscavam lugares para a viagem de volta. Estavam felizes de ver o navio e não as pessoas a bordo.

Se o embarque em Mitilene parecera caótico, não se comparava aos desmandos que ocorreram no desembarque em Tessalônica. Mesmo sabendo do grande número de doentes a bordo, os passageiros brigavam para entrar no navio. Eugênia conduzia as meninas a desembarcar quando alguém lhes deu um empurrão, quase fazendo com que Katerina caísse da passarela na água escura lá embaixo.

— Com licença! Não dá para esperar um minuto? — gritou Eugenia indignada.

A mulher olhou em volta. Era óbvio que ouvira o tom furioso de Eugenia, mas a resposta que resmungou em turco sugeria que o verdadeiro significado de palavras não fora entendido por ela.

Quando entraram na aglomeração de gente, Katerina segurava com tanta força a mão de Eugenia que seus dedos ficaram dormentes. Maria e Sofia se agarravam uma à outra e à saia da mãe para garantir que não se separassem. As quatro tinham em mente a história de Katerina e não queriam que aquilo se repetisse. Seria algo fácil no meio daquela multidão.

O quarteto foi forçando a passagem no meio da massa de pessoas, e parou para descansar tão logo o caminho ficou livre. Eugenia arrastou por mais alguns metros as trouxas com seus pertences e mandou as meninas se sentarem nelas quietinhas. Estava certa de que haveria alguém por ali esperando para lhes dizer o que fariam em seguida. Aquela era supostamente uma troca organizada de populações e lhes fora garantido que haviam sido feitos preparativos para acomodá-las.

Katerina e as gêmeas obedeceram Eugenia e ficaram sentadas olhando o vaivém do tráfego humano. Uma das diferenças muito significativas entre os que chegavam e os que partiam era que estes pareciam ter grandes quantidades de pertences: caixotes, caixas, sacolas, baús e colchões. Mesmo as crianças pequenas, além do que carregavam em cada braço, equilibravam algo na cabeça. Katerina olhava espantada para todos aqueles bens mundanos. Fazia muito tempo que não tinha mais do que a roupa do corpo. Com uma das mãos, tocou distraidamente nos pontos da bainha do vestido e, com a outra, sentiu o pedaço de tecido que ainda guardava no bolso. Era tudo que tinha.

Mais alto que o barulho em volta delas, ouvia-se um som que lembrava a Katerina um lugar distante: o muezim. Fazia muitos meses que ela não escutava aquilo.

— Aqui é mesmo Tessalônica? — perguntou a Maria, que olhou para ela com um olhar vazio e deu de ombros.

Mesmo em meio ao caos, os homens sacavam seus tapetes e se ajoelhavam para rezar. Isso significava dar as costas para o mar, em direção ao qual tinham vindo correndo com tanta ansiedade. Pareciam não se importar mais com a hora enquanto se curvavam repetidamente na direção da terra, para cima e para baixo, para cima e para baixo, orando pela última vez em solo grego.

Eugenia já havia se juntado a elas novamente e também assistia ao espetáculo. Enquanto os homens terminavam de rezar, um grupo de cristãos se aproximou de uma família para se despedir. A despedida foi chorosa e os abraços, longos e sentidos.

— Ninguém se despediu da gente assim, não foi? — perguntou Sofia à mãe.

Não era uma pergunta que exigisse resposta. Todas essas coisas iam se dissipar nas lembranças das crianças, mas Eugenia nunca esqueceria que não havia tal amor entre cristãos e muçulmanos na aldeia de onde vinham. A partida delas da terra natal fora pavorosa e repentina. Ela só teve tempo de agarrar as gêmeas antes de fugir para salvar a pele e escapar do bando de soldados turcos que havia chegado.

Precisavam aguardar por algum tempo. Eugenia estava resignada com seu destino, como a maioria das pessoas à sua volta. Até que o cais ficasse mais vazio, ela sabia que não adiantava tentar encontrar alguém para ajudá-las.

Um homem passou empurrando um carrinho com pães de gergelim, mas Eugenia não tinha dinheiro. A fome começara a lhe roer a paciência. Por que ninguém vinha ajudá-las? Por que ninguém lhes trazia comida?

— Desculpe-me, meninas — disse ela, incapaz de esconder a própria fome e a própria frustração. — Talvez a gente devesse ter ficado em Mitilene.

As gêmeas olharam para ela com uma expressão vazia. Só Katerina falou.

— Vejam, o navio está indo embora. Não vai ter tanta gente agora.

Ela estava certa. Quando a noite caiu tudo mudou. O navio tinha saído do porto e agora só restavam os recém-chegados.

Instantes depois, uma mulher mais alta do que qualquer outra que Eugenia já tivesse visto veio na direção delas. Vestida com uma blusa branca engomada, saia bege impecável, sapatos baixos de couro marrom e com o cabelo louro preso num coque bem-feito, estava claro que não era uma “nativa” nem uma grega da Ásia Menor. Parecia uma francesa sofisticada, mas, quando se abaixou para falar com as crianças, seu grego hesitante revelou um sotaque americano.

— Poderia preencher uns formulários? — disse, num tom de quem pede desculpas. Aquilo foi dito como se ela as estivesse incomodando. — A senhora precisa ir até lá — continuou, apontando para a alfândega.

Elas entraram numa fila de quarenta pessoas que serpenteava porta afora e aguardaram pacientemente. Na fila comentavam que o destino final do grupo não era essa cidade, mas uma nova “aldeia” a oeste de Tessalônica que estava sendo especialmente construída para os refugiados em terra agrícola. Informaram-lhes que estavam recuperando a terra do pântano e que haveria empregos e sustento para todos os que fossem para lá. A cultura principal da região, o tabaco, era bastante valorizada.

Parecia tentador e era muito mais do que Eugenia esperara durante todos os meses vivendo de donativos, mas suas habilidades estavam na tecelagem de tapetes, não na terra, e ela torcera para estar numa cidade onde poderia haver oportunidades adequadas. Ela não possuía uma dracma, era uma forasteira, uma refugiada, uma mulher sem status nem dinheiro. Talvez não tivesse direito de se gabar de suas habilidades e lembrar aos outros do que já havia tido. O que quer que a vida pudesse ter prometido, o resultado fora aquele.

Enquanto informava a idade das crianças ao oficial, Eugenia notou uma segunda fila onde as pessoas estavam vestidas de maneira diferente. Vendo

alguns homens usando turbuchês, percebeu que estavam obrigando os muçulmanos a fazer fila para alguma coisa também.

A americana olhou na direção de Eugenia e algo conectou em sua mente. Foi até ela.

— Veja — disse —, há uma família muçulmana que acabou de nos dar os detalhes da casa em que morava. O casal tem três filhas, como a senhora, e a casa é na cidade velha. Mas isso significa ficar em Tessalônica em vez de ir para uma das aldeias novas.

A reação de Eugenia não foi difícil de interpretar.

— Então você preferiria ficar em Tessalônica?

— Preferiria, sim! De verdade.

— Bem, deixe-me ver se posso conseguir aquela casa para a senhora. Há algumas pessoas na sua frente na fila, mas sua família parece combinar com a que está partindo. E vocês se encaixariam muito bem ali.

A americana falava com um interesse verdadeiro e queria visivelmente a melhor solução para aqueles a quem estava ajudando.

Eugenia não contradisse sua suposição quanto a Katerina ser sua filha. Não queria pôr em perigo as suas chances de permanecer na cidade.

Isso era a troca de população em ação. Vidas estavam sendo trocadas. Uma família chegava e outra partia. Se pudesse ter a casa muçulmana, Eugenia finalmente poderia se assentar e começar vida nova. Era tudo que ela queria agora. Uma chance de recomeçar.

À noite, os cristãos pesarosos que ela vira abraçando seus amigos muçulmanos teriam novos vizinhos. Os muçulmanos que haviam partido em seu navio estavam agora a caminho da Turquia, deixando para trás uma vida que haviam amado e dividido com cada membro da comunidade.

O equilíbrio de Tessalônica já mudara. Em poucos meses, a cidade tornara-se predominantemente grega, e os judeus agora eram minoria.

Fechando a contabilidade naquela noite, Konstantinos Komninos contemplou essa ideia e calculou por alto os ganhos que isso lhe traria.

Enquanto isso, Eugenia instalara as meninas embaixo de uma manta num vão de porta perto do posto da alfândega. Ficou sentada vigiando-as. Não era a irregularidade das pedras do calçamento que a impedia de dormir, era a sua empolgação incontida com a possibilidade de terem em breve um teto sobre a cabeça.

Katerina estava entre Maria e Sofia, quieta embora acordada. Havia feito uma viagem longa, mas ela ainda não encontrara a mãe e a irmã.

Amanhã sua procura teria que recomeçar. Pelo menos estavam na Grécia agora. Atenas não podia ficar muito longe.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, Eugenia era a primeira da fila de distribuição de pão antes de voltar para sua posição próxima ao posto da alfândega, determinada a confrontar a americana que lhes fizera uma promessa na noite anterior. Outro navio poderia chegar e a casa que ela já ocupara em seus sonhos poderia ser tomada por outra pessoa.

Passaram-se várias horas. As meninas corriam pelo cais, brincando, provocando gatos vira-latas e encontrando rapidamente outras crianças, mas Eugenia não arredava pé de onde estava. Não ia deixar a oportunidade escapar.

Por volta de meio-dia, viu a americana escultural andando com um passo enérgico pela rua. Estava vestida de modo ainda mais impecável e improvável do que no dia anterior, com uma blusa de musselina branca, saia floral e sapatos de camurça azul-claros que agora estavam cinzentos de poeira. Eugenia nunca vira ninguém assim, uma pessoa com a autoridade de um homem e a graça de uma mulher.

Seu coração palpitava. Teve muito medo de que a americana as tivesse esquecido, mas, com grande alegria, percebeu que se encaminhava para ela.

— *Kalimera, Kyria Karayanidis* — disse a mulher.

Eugenia sorriu. Ela até se lembrava de seu nome. Com dezenas de milhares de outros refugiados, só isso já parecia um milagre.

A mulher era enérgica e eficiente, e seu jeito não era simplesmente o de quem queria passar tempo.

— Lembra-se da família de que lhe falei ontem...? Estive na casa deles...

Eugenia engoliu em seco. As meninas agora estavam reunidas em volta dela. Quer estivessem para ser enviadas para uma das aldeias novas na área agrícola ao norte de Tessalônica ou para uma casa na cidade mesmo, ela precisava reagir como se estivesse contente. Em circunstância alguma as crianças poderiam sentir qualquer decepção de sua parte.

— ... bem, acho que seria ideal para vocês. Vocês se encaixam

perfeitamente. Quer ver antes de se decidir?

— Não — respondeu Eugenia. — Tenho certeza de que será ótimo.

Katerina titubeava.

— E a minha mãe? — perguntou a Eugenia.

A americana olhou para a criança, depois de novo para Eugenia, uma expressão intrigada no rosto.

— Eu não sou mãe dela — explicou Eugenia. — Ando à procura dela desde que deixamos Esmirna em setembro...

Katerina interrompeu.

— Porque a minha irmã e minha mãe foram para Atenas e eu fiquei para trás e achei que a gente estava sendo levada para Atenas e aí o navio foi para outro lugar e pareceu que a gente tinha voltado para Esmirna, mas não tinha, só era igual porque tinha pegado fogo, e agora eu preciso ir para Atenas para encontrá-las porque elas ainda não sabem onde eu estou e...

O fluxo de palavras de Katerina saiu com tamanha velocidade que a americana se esforçou para entender.

— Você pode me contar tudo isso de novo? — pediu-lhe.

Eugenia ouvia, nervosa. Sem Katerina, elas só seriam três, e isso talvez pusesse em perigo a chance de elas conseguirem a casa. Se ao menos a menina tivesse ficado quieta por mais algum tempo. Eugenia achou difícil conter sua irritação.

— ... então a senhora pode me ajudar a encontrá-la? — Katerina repetira seu discurso intenso, mas dessa vez um pouco mais devagar.

A americana ouviu tudo, fez uma avaliação e deu seu veredicto.

— A melhor coisa é ficarem juntas por ora, e, enquanto isso, vou investigar o paradeiro da sua mãe. Há alguns registros, mas não são suficientemente precisos para nos permitir despachar uma menina para Atenas! Sua mãe pode estar lá, pode estar aqui, ou pode estar em outro lugar completamente diferente. Mas vamos fazer todo o possível para reunir vocês.

Ela pegara as mãos de Katerina e olhava em seus olhos inteligentes e crédulos enquanto falava. A menina assimilou o que ela disse e aceitou tudo.

— Vamos indo, vamos? — disse a mulher com energia. — Venham. Deem uma mãozinha à sua mãe com as coisas dela.

Eugenia quase chorou de alívio por aparentemente terem conseguido a casa, e as quatro seguiram-na, as meninas se esforçando para acompanhar o ritmo. Para cada passo da americana, as pequenas davam dois.

Elas subiram, subiram, subiram e subiram, pegando a ladeira que saía do

mar. Viram todo tipo de prédio: antigos, modernos, abandonados, incendiados, com andaimes, palacianos, outros pouco mais que choupanas. Viram igrejas, mesquitas e sinagogas. Passaram por casas de banho, bazares, lojas de departamentos, mercados fechados e abertos e o estado desses prédios públicos variava de forma tão desconcertante quanto o de suas casas. Devastação por incêndio, superpopulação e pobreza, reforma feita pelos ricos e ambiciosos: havia provas de todas as influências e acontecimentos escritas nas ruas.

A cidade era construída numa encosta e o destino delas parecia ser o ponto culminante. As ruas, tanto as maiores quanto as menores, fervilhavam de gente, baús, carroças, móveis, e até animais. Além dos navios que chegavam regularmente, trazendo mais pessoas, havia um fluxo constante de gente partindo. Como o vaivém das formigas por uma colina, a correria e o transporte de fardos pareciam uma movimentação aleatória, no entanto tinham um objetivo. Todo mundo ali estava indo a algum lugar. Embora elas não soubessem com precisão onde terminaria a sua viagem, uma coisa era certa: os cristãos estavam chegando e os muçulmanos, partindo.

Por uma ou duas vezes, a americana foi obrigada a parar para dar passagem a um grupo de pessoas. Se não desse, ela e suas protegidas poderiam ser varridas de novo para o lugar de onde vieram.

— Chegamos — disse a americana, com um sorriso. — Rua Irini.

Estavam no fim de uma rua estreita onde só batia sol no alto verão. Era uma rua de terra e, Eugenia imaginou, seria um lamaçal no inverno. Não era diferente do centro de sua aldeia, onde os andares superiores dos prédios se projetavam sobre a rua e galinhas perambulavam à cata de sobras. Era quase como estar em casa.

Para Katerina, o ambiente pareceu menos familiar. Em Esmirna, a rua onde ela morava tinha calçamento de mármore e os únicos bichos que ela já vira perto de sua casa eram cavalos atrelados a carruagens.

Diferentemente de todas as outras ruas por que haviam passado no caminho, esta era silenciosa. Havia um cão deitado no meio dela e galinhas ciscando a terra sem cessar. Na hora da sesta, ninguém se mexia.

— Estamos quase lá — disse a americana às meninas num tom incentivador. — Esta é a casa e... aqui está a chave!

Sacou a chave do bolso como num passe de mágica e ficaram todas olhando para a porta da frente, a tinta escura lascada precisando de reparos.

Ela lutou contra a fechadura até o mecanismo dar um estalo e girar.

Uma a uma, elas cruzaram o umbral atrás da americana, primeiro Eugenia, depois Maria e Sofia, e então Katerina. Um fósforo foi riscado para acender o lampião a óleo do canto. Sombras estranhas dançavam no clarão amarelado.

— Vamos deixar entrar a luz do dia — disse Eugenia alegremente. — Precisamos ver onde estamos!

Foi andando até o outro lado da sala e abriu as pesadas venezianas de madeira. Uma réstia de sol forte entrou enviesada, iluminando uma mesa que era o móvel central. A sala pareceu respirar.

Katerina permaneceu quieta. Ela não pisava numa casa havia mais de seis meses e estranhou a solidez das paredes à sua volta. Acostumara-se ao precário abrigo do acampamento em Mitilene. Parecera apropriado estar num lugar provisório enquanto acordava todos os dias na esperança de um reencontro com a mãe e a irmã. Essa casa era diferente: mobília de madeira, piso de pedra e, na mesa, um vaso de flores que já haviam sido frescas um dia. Agora, pétalas secas rodeavam a base do vaso. As margaridas secas pareciam uma escultura e lançavam uma leve sombra sobre a mesa.

— Bem, meninas — disse Eugenia, com uma animação forçada —, estamos em casa. Este é o nosso lar.

Nenhuma delas falou. Era incompreensível que uma casa pudesse de repente se tornar um lar só pelo fato de ter sido designada por esse nome, só pelo fato de ter um vaso de flores mortas.

— E olhem! — prosseguiu. — Aqui tem uma carta para nós!

Numa prateleira, ao lado de um livrinho, estava um envelope. Eugenia abriu o envelope com cuidado.

Dentro dele havia um pedaço de papel dobrado ao meio. No lusco-fusco, Eugenia piscou ao ler o que estava escrito.

— A senhora lê turco? — perguntou à americana.

— Desculpe-me, não leio — respondeu a mulher. — Nem uma palavra.

Depois de ter ouvido turco todos os dias, e embora compreendesse o que falavam, Eugenia não sabia ler uma palavra de turco. O texto era incompreensível para ela.

— Bem, meninas — disse ela, devolvendo a carta ao envelope e colocando-o dentro do livro —, vamos guardar isso bem guardado e um dia talvez encontremos alguém que saiba ler a carta para nós.

Katerina não se mexia. A casa de um estranho, a carta de um estranho. Uma cidade estranha. E — pela primeira vez em muitos meses, a consciência

disso a aturdiu — uma família estranha. Talvez, se ela fechasse os olhos, as coisas voltassem a ser como antes.

— Bem, devo deixá-las agora — disse a americana, quebrando o silêncio constrangedor. — Volte ao posto da alfândega mais tarde e é possível que consigamos ajudá-la com um pequeno empréstimo, mas, enquanto isso, posso lhe arranjar mais roupas para as meninas. Temos recebido muitos donativos dos Estados Unidos, é só uma questão de organizá-los.

Ela era uma mulher com uma missão e com muita vontade de passar à próxima tarefa. Havia centenas de milhares de refugiados exatamente na mesma situação que Eugenia, e ela não devia ser atrasada por mais perguntas.

— Obrigada por tudo que a senhora fez — disse Eugenia. — Estamos muito gratas por esta casa. Como devemos dizer, meninas?

— Obrigada — disseram elas em coro.

A americana sorriu e se foi.

Maria e Sofia estavam empolgadas, subindo e descendo as escadas, correndo atrás uma da outra, agarrando a saia uma da outra, gritando e rindo. Assim que se acostumaram com a ideia de que a casa era delas, saíram abrindo armários, destampando caixas e contando, aos gritos, o que descobriam para a mãe.

— Eles deixaram um colchão!

— Aqui tem um baú grande!

— Tem uma manta dentro...

— ... e tem um tapete no chão!

Enquanto isso, Katerina ficava sentada num canto quietinha, e Eugenia investigava cada gaveta e cada armário no andar de baixo para ver o que os antigos donos haviam deixado. Ela conseguira algumas coisas pelo caminho: vasilhas, pratos de metal e três mantas. Com a exceção de um, todos os seus pertences, tanto materiais quanto sentimentais, tinham sido deixados para trás na terrível pressa de sua partida. Com uma pequena oração, ela colocou numa prateleira a imagem de Agios Andreas, que pertencera a seus avós. Dizia-se em sua velha aldeia que o santo pregara próximo ao litoral do mar Negro, e Eugenia crescera sob o seu olhar constante.

Em todos os armários havia vestígios eloquentes dos antigos donos. Além de potes, panelas, pratos e facas, havia sacos de especiarias moídas, um vidro de óleo, mel e ervas. Encontrou um baú ainda com mantas e até uma caixa marchetada contendo alguns jornais.

As diferentes fragrâncias desses bens que restaram — a pungência da cúrcuma, o mofo do tapete — pareciam trazer o espírito dos antigos ocupantes de volta e deixaram Eugenia constrangida. Quem poderia dizer que eles não voltariam? Será que ouviriam alguém batendo à porta? Talvez eles ainda tivessem uma chave e pudessem entrar a qualquer momento. Ela estava aflita.

Disse a si mesma para ficar calma. Nada indicava uma partida às pressas, e a casa parecia em ordem e aquecida pela presença dos antigos donos. Era como se eles tivessem feito uma refeição e ido embora com tranquilidade, levando tudo de que precisavam, mas deixando objetos cuidadosamente selecionados para seus sucessores. Ainda havia migalhas na mesa, mas foram logo limpas junto com as pétalas murchas.

Fazia muito tempo que Eugenia não precisava manter uma casa arrumada, e a *nikokyra*, a dona de casa, prontamente despertou dentro dela. Encontrou uma vassoura velha encostada na parede e se pôs a trabalhar com coragem. Um desejo de apagar todos os vestígios dos antigos ocupantes tomou conta de si. Um dia, talvez, ela até conseguiria substituir as coisas da casa pelas suas próprias: cadeiras, armários, copos e almofadas. Embora quase não soubesse mais fazer isso, cantarolou enquanto trabalhava.

No andar de cima, as gêmeas haviam encontrado um tesouro. Roupas abandonadas com um fez, cujo feltro fora roído pelas traças, sugeriam uma atividade nova e, com alegria histérica, elas apareceram ao pé da escada dentro daquelas vestes volumosas. Começaram a marchar para baixo e para cima como sultões de modo muito solene diante da mãe, e todas as três tiveram dificuldade de conter o riso. Maria estava usando um típico chapéu turco e Sofia envolvera a cabeça num turbante de seda.

Katerina continuava quieta sentada nas sombras. Não tinha boas recordações das pessoas usando aquele tipo de traje.

Ao lado dela havia um desenho na poeira. Com o dedo, ela desenhara um barco, com uma impressão digital para cada um dos ocupantes: um capitão e dois passageiros. Sua mãe e sua irmã nunca estavam longe de sua mente.

CAPÍTULO 10

Em sua primeira noite na rua Irini, elas se encolheram juntinhas no mesmo colchão. Estavam tão acostumadas com o conforto e a proximidade do calor e da respiração umas das outras que não queriam outra coisa.

Na manhã seguinte, Katerina acordou antes de o dia raiar. Viu um vulto andando na penumbra e sentou-se na cama.

— Kyria Eugenia! — sussurrou. — É a senhora?

A sombra voltou em direção à cama.

— Estou indo arranjar pão para a gente.

— Posso ir junto? — perguntou Katerina baixinho. — Não vou conseguir mais dormir.

— Pode, mas tem que ficar quietinha feito um camundongo. Não quero que as gêmeas acordem.

Katerina deslizou para fora da cama, calçou os sapatos e saiu do quarto atrás de Eugenia.

Era quase impossível alguém se perder em Tessalônica, e Eugenia seguiu seus instintos até o porto. O mar ficava ao pé da colina, a cidade velha estava no topo e todo o resto ficava no espaço entre um e outro.

Quando chegaram ao seu destino, o posto da alfândega, já havia uma fila, mas ela estava decidida a continuar ali até poder falar com o funcionário. Tinha quatro bocas para alimentar e precisava saber se alguém poderia ajudá-la.

As pessoas envolvidas no trabalho com os refugiados se dedicavam a isso porque tinham bom coração, e o encarregado era bondoso e interessado. Explicou que ela devia ir diariamente com sua família receber donativos e se informar sobre empregos. Havia muitas oportunidades em fábricas e na classificação do tabaco.

Eugenia queria lhe dizer que não se adequaria a nenhuma dessas opções. A perspectiva de classificar folhas de tabaco a desanimava. Ela não sabia se tinha o direito de recusar tal trabalho, mas não queria parecer ingrata pelo que estava sendo oferecido. Naquele momento, o importante era a distribuição de

leite e vegetais, e elas foram pegar alguma coisa antes de voltarem depressa para a rua Irini.

Na volta, passaram por uma fileira de lojinhas. Uma delas vendia tecido, a outra, todo tipo de acabamento para estofados, e a vitrine da terceira estava abarrotada de variados tipos de fios e linhas. Ver as meadas de lã de todas as cores a fez voltar a pensar, depois de muitos meses, no tear que deixara para trás, e uma onda de esperança a inundou. Ela fora uma experiente tecelã num lugar que agora parecia insuportavelmente longe, mas quem sabe pudesse recuperar esse pedaço de sua vida? Parou um instante para apreciar, sonhar, fantasiar sobre as cores que compraria. Além dos fios, Eugenia viu outra imagem no vidro: uma mulher com o dobro de sua idade, magra, andrajosa, com o cabelo desgrenhado. Olhou para ela com tristeza e incredulidade.

— Kyria Eugenia! Kyria Eugenia! Venha ver!

Katerina puxava sua mão toda empolgada e Eugenia foi de bom grado conduzida para longe do reflexo da mulher que ela se tornara.

— Olhe aqueles botões! E todas aquelas fitas! Podemos entrar?

Eugenia sabia que a mãe de Katerina era costureira e que a menina nutria paixão por costura e bordado. A criança estava quase tão empolgada quanto ela com as amostras de cor e de luxo.

— Agora não, Katerina. Voltaremos outro dia.

Mais ou menos naquela última hora, o restante da cidade despertara. Havia várias outras pessoas circulando na rua Irini, umas varrendo os degraus da entrada de suas casas, outras a caminho do mercado ou do trabalho. Eugenia sabia que era estrangeira e recebia, sem constrangimento, os olhares descarados dos residentes. Sua imagem refletida na vitrine do armarinho lhe mostrara quão magra e doente ela ficara depois de todos aqueles meses em Mitilene, e ela sentia vergonha de suas roupas esfarrapadas.

Então, perguntou a si mesma se teria sido melhor ir para a área rural fora de Tessalônica, onde pelo menos estaria com outros refugiados, talvez até com alguém de sua aldeia. Poderia ser um grande conforto ter a companhia de quem havia compartilhado as experiências de medo e fuga. Em vez disso, ela se sentia marginalizada.

Será que a sensação de formigamento em suas costas era causada por olhares ressentidos ou era só imaginação? Ela tentou se fazer notar por uma ou duas pessoas ao passar, mas não recebeu delas nada senão olhares vazios. Nem a presença da pequena Katerina ao seu lado conseguia despertar um sorriso amigável.

Uma voz atrás dela interrompeu esses pensamentos.

— *Kalimera!* Bom dia.

Eugenia sobressaltou-se.

A dona da voz a alcançou. Segurava a mão de um menino, que chutava o chão com o calcanhar enquanto elas conversavam.

— Bom dia — repetiu a mulher. — Acho que vocês são nossas novas vizinhas.

— Bom dia — disse Eugenia educadamente, pela primeira vez consciente do sotaque que a fazia soar muito diferente dos habitantes de Tessalônica. — Estamos morando lá em cima à esquerda.

Eugenia apontou para a casa pouco mais adiante e mesmo agora sentiu-se ligeiramente envergonhada de sua aparência física.

— Meu nome é Pavlina e moramos na casa ao lado, então se houver alguma coisa que a gente possa fazer para ajudá-la com...?

— Muito obrigada — disse Eugenia sorrindo. — Tenho certeza de que deve haver muita coisa de que eu preciso saber. Estamos tentando nos instalar, mas é tudo muito novo para nós.

— E como é o nome da sua menina? — perguntou ela, abaixando-se para Katerina.

— Meu nome é Katerina — respondeu a menina. — Mas essa não é a minha...

— Tenho certeza de que você e Dimitri vão ser os melhores amigos — disse Pavlina, interrompendo-a.

As crianças se entreolharam com desconfiança mútua. Dimitri continuava cavando a terra com o calcanhar e Katerina se retirou para dentro das pregas da saia de Eugenia. Isso parecia improvável para ambos.

Eugenia e as meninas levariam mais que alguns dias para se adaptar ao novo ambiente. Elas haviam limpado a casa e rearrumado os objetos herdados dos antecessores turcos, mas o cheiro da poeira e das especiarias deles estava entranhado nas tábuas do piso. Eugenia levaria muitos meses para esquecer que a mesa, as cadeiras, os potes e as panelas haviam pertencido a outras pessoas e se perguntava quando deixaria de sentir a presença de outra mulher na cozinha.

Os olhares curiosos dos vizinhos logo viraram sorrisos. No dia seguinte, ao voltar das docas para pegar o donativo diário, Pavlina falou com Eugenia novamente.

Sentindo-se mais confiante, Eugenia perguntou a quem pertencia a casa.

— Não lhe disseram? — perguntou Pavlina. — Acho estranho a pessoa nem sequer saber de quem é a casa onde mora.

— Mas a casa não é mais deles, não é?

— Bem, dizem que eles não podem voltar. Mas, hoje em dia, quem sabe? Os políticos dizem uma coisa e depois mudam de ideia. Veja bem, seria um longo caminho para chegarem até aqui...

A vizinha parecia feliz de lhe dar informações, e Eugenia puxou mais conversa com ela.

— Qual era o nome da família?

— Ekrem. Ela era uma mulher encantadora. Ele não era mau, mas às vezes se embebedava no kafenion, e de vez em quando a gente ouvia as surras que ele dava nela. A senhora sabe que os muçulmanos não devem beber! Mas ela tinha uma boa alma. E havia três meninas, todas lindas, com olhos escuros feito carvão. Sabe de uma coisa? Acho que, se fossem mais velhas, teriam preferido fugir a deixar essa cidade, de tão felizes que eram. Foi uma crueldade. Tenho a impressão de que torciam para ninguém notar que eles continuavam aqui. Foram para algum lugar na Turquia central. Ela estava apavorada com isso; chorou muito no dia da partida. Não suportava a ideia de ir para uma cidade no meio do nada para morar com a família dele. Eu não me admiraria se ela se atirasse no mar no caminho. “Você vai se afogar nas próprias lágrimas”, eu disse a ela. “Eu vou me afogar de um jeito ou de outro”, ela me respondeu. Bem, ela começou a embalar tudo que eles tinham e aí ele disse que isso não tinha cabimento. Eles teriam coisas na casa nova. E ela disse que queria ter os objetos dela. E ele disse não. E a coisa continuou. Com a janela da casa deles aberta, dava para ouvir tudo. Não era preciso falar a língua deles para saber o que estava acontecendo.

Pavlina ficaria feliz em continuar falando, mas Eugenia já tinha ouvido o suficiente. Quanto mais viva ficava a imagem de seus antecessores turcos, menos ela sentia que aquele era o seu lar.

Uma semana depois de chegar à cidade, Eugenia se perdeu ao voltar para casa do porto, e a família se viu na frente de uma igrejinha. Como patinhos, as meninas seguiram Eugenia pelo portão e atravessaram o pequeno adro. Ela abriu a porta e aos poucos foram acostumando a vista à escuridão. Lá dentro, uma lâmpada a óleo bruxuleava, iluminando com luz tênue o rosto do santo, cujos olhos escuros e ovaes as contemplavam. Após alguns instantes, elas perceberam que as paredes e o teto antigos estavam recobertos de lindos afrescos em cores terrosas fortes; dezenas de rostos angelicais com

halos claros pareciam pairar sobre elas.

Elas se revezaram para acender uma vela fina e colocá-la numa tina de areia. Eugenia adivinhou que Maria e Sofia rezavam pelo pai. Ela também fez um pedido à *Panagia* pela família em cuja casa agora moravam. Pediam pelo bem-estar deles, mas também para que jamais voltassem.

Era fácil adivinhar pelo que Katerina rezava. Seus lábios repetiam sem cessar as palavras “*Mitera Mou*”, confirmando o que Eugenia já sabia: os pensamentos de Katerina raramente se afastavam de sua mãe.

Suas velas deixaram a igreja com claridade suficiente para Eugenia apreciar seu tamanho e sua beleza. Havia um santo retratado realizando vários milagres, e, nesse espaço íntimo, ela teve a sensação de que mil pares de ouvidos poderiam estar escutando suas preces. Embora tivesse trazido com ela uma imagem da igreja de sua aldeia na esperança de que uma nova construção fosse erguida em nome de seu santo local, ela agora se questionava se algum dia precisaria de tal igreja, quando havia uma casa de Deus perfeita tão perto.

As quatro formaram uma roda e ficaram observando as chamas da vela dançarem. O calor e a atmosfera eram tão acolhedores que elas não tinham vontade de ir embora. Talvez já estivessem lá há dez ou até vinte minutos quando ouviram o rangido de dobradiças velhas e a igreja subitamente se inundou de luz.

O homem enorme de vestes negras e um chapéu alto que entrou parecia encher a igreja. Fez uma saudação retumbante, sua voz muito potente para aquele espaço, e elas todas se sobressaltaram, como se flagradas por estarem fazendo algo errado. Era o padre.

— Sejam bem-vindas a Agios Nikolaos Orfanos.

Eugenia se benzeu várias vezes. Não vira o nome da igreja ao entrar, mas sabia que Nikolaos Orfanos era o santo padroeiro das viúvas e dos órfãos. Todos aqueles meses de dúvida, e de repente ela teve certeza. Seu marido, o pai das gêmeas, devia estar morto, do contrário, por que Deus as teria atraído para aquele lugar? Devia ser um sinal.

Nos últimos anos, muitas mulheres haviam enviuvado e muitos de seus filhos tinham ficado órfãos. A Grécia estava cheia de mulheres solitárias e filhos sem pais, e ela sabia que a morte de seu marido era quase uma certeza.

— Bom dia, *Pater* — murmurou Eugenia, passando depressa por ele e saindo da igreja.

As meninas foram atrás sem questionar, sensíveis à mudança de humor

da mãe.

Katerina ficou ofuscada pela claridade. *Orfanos*. Tinha tanta certeza de que sua mãe a estava esperando em algum lugar que a ideia de ser órfã não parecia possível. Mesmo assim, sentiu um frio na espinha. Estava intrigada com as lágrimas que escorriam pelo rosto de Eugenia, mas decidiu que eram consequência da claridade do lado de fora.

Logo voltaram para a rua Irini, e enquanto desciam a ladeira em direção à sua casa, Pavlina subia no sentido oposto. Dessa vez, ela estava com outra mulher, mais alta que ela e belíssima.

— Olá — cumprimentou Pavlina. — Como está, Kyria Karayanidis?

— Muito bem, obrigada — respondeu Eugenia.

Katerina se viu encarando a bela senhora morena. Havia muito não vislumbrava um vestido tão caro e ele lhe lembrou um pouco do que sua mãe costumava usar, com um pequeno pregueado na bainha, que balançava enquanto ela andava.

Olga se apresentou e perguntou os nomes das crianças. Trocaram amenidades e, logo depois, outra vizinha se aproximou.

— E esta é Kyria Moreno — disse Pavlina. — A família dela mora na casa de número sete.

— E aquele ali é o meu filho Elias, brincando com o Dimitri da Olga — disse Roza Moreno com orgulho.

Eugenia olhou para os dois meninos de cabelos pretos que discutiam com as cabeças a pouca distância uma da outra. Se não estivessem vestidos de modo tão diferente, pareceriam ser irmãos.

Muitos outros comentários passavam de um lado para o outro enquanto elas trocavam informações sobre suas vidas, seus filhos e como ganhavam a vida. Eugenia se deu conta de que todas elas, de alguma forma, estavam ligadas a roupas, tecidos e têxteis, e mencionou timidamente que fora tecelã de tapetes.

— Meu marido talvez conheça alguém que esteja procurando tapeceiros! — exclamou Kyria Moreno entusiasmada. — Deixe-me perguntar a ele hoje à noite. Com a partida dos turcos, você ficaria surpresa com o desfalque que alguns ofícios sofreram. Acho que não pensaram muito no que essa cidade perderia quando tudo estivesse assinado e sacramentado.

— Foi um transtorno, mas tenho certeza de que Kyria Karayanidis sabe disso melhor que ninguém — disse Olga, baixinho.

As crianças haviam evaporado durante a conversa de adultos. Maria

entrara em casa, mas Sofia, a mais segura das duas, continuou do lado de fora, encostada numa parede observando Dimitri rolar um bambolê ladeira abaixo com o outro menino. A cada tentativa, o aro ficava mais tempo em pé. O menino estava consciente do fascínio dela com o seu progresso e, por isso, começou a se exhibir. Dez minutos depois, Sofia estava conversando com os meninos e participando da brincadeira deles.

Katerina foi vagueando para o fim da rua. A busca por sua mãe tinha que começar ali mesmo, naquele momento, e a única forma era fazer perguntas e procurar. Não era isso que sua mãe sempre lhe dizia? “Quem procura acha”. Então era o que ela precisava fazer.

Mais uma vez, ela se viu em frente à igreja e sabia que, se continuasse descendo a ladeira, voltaria ao porto. Talvez lá houvesse alguém que tivesse uma lista de pessoas de Esmirna. Quem poderia dizer que sua mãe estava em Atenas? Talvez ela tivesse vindo para Tessalônica. Não saberia se não perguntasse. Ainda não tinha ido muito longe quando se viu diante de uma série de lojas familiares. Foi a que vendia fitas que a atraiu.

Nas vitrines, o vendedor criara um vistoso arco-íris de cetim, e Katerina parou para olhar. Uma *zacharoplasteion*, uma confeitaria, com uma pilha de doces do chão ao teto não teria mais encanto. Evocava uma lembrança que parecia de mil décadas atrás, de uma saia de balé que a mãe fizera para ela com várias carreiras de fita costuradas à mão numa espiral contínua de cores em degradê, do vermelho ao laranja, depois nos tons do amarelo ao verde e ao azul. À mão ou em sua preciosa máquina de costura, Zenia Sarafoglou fizera todos os vestidos de Katerina com amor e originalidade.

Essa loja seria um paraíso para minha mãe, pensou Katerina. Se estivesse nessa cidade, ela seria atraída para lá. Era o tipo de lugar a que ia todos os dias. Com uma ousadia que não era própria de uma criança, ela empurrou a porta e entrou.

Quando abriu a porta, um sininho tocou. Seu objetivo era alertar o lojista de que alguém estava entrando, mas ninguém apareceu. Contrastando com a luminosidade do lado de fora, o interior da loja era escuro, mas a luz que passava pela fresta da porta batia nos jarros de contas. Pareciam balas em cima da prateleira.

Katerina fechou a porta atrás de si e correu os dedos pelos rolos de fita enfileirados nas prateleiras. Sentir a textura do cetim em seus dedos era um luxo e ela não resistiu à tentação de pegar um rolo e desenrolá-lo nas mãos. Então ouviu alguém tossir. A fita caiu no chão com um baque, em seguida,

um fósforo foi riscado e a sombra de um gigante de repente pairou sobre ela.

Com o coração disparado de pavor, ela correu para a porta, mas, quando chegou lá, viu alguém agora postado no balcão. Não era um gigante, mas um homem normal, com óculos na ponta do nariz e cabelos brancos.

Seu instinto de fugir da loja desapareceu. Que mal o homem poderia lhe fazer de trás do balcão? Seu desejo de saber do paradeiro da mãe sobrepujava qualquer timidez que ela sentisse.

— Posso ajudá-la? — O tom era bondoso, delicado. Uma voz de avô. — Imagino que queira alguma coisa para o seu cabelo?

Ela continuava com muito medo para falar.

— Pode pegar um retalhinho, mas, mais do que isso, tenho que cobrar.

Katerina levou a mão ao cabelo. Estava emaranhado e não muito limpo. Talvez um pedacinho de fita pudesse segurá-lo melhor.

— De que cor você gostaria? — perguntou ele, pegando uma tesoura enorme.

— Azul...

— Azul? — Ele riu. — Tenho algumas. Talvez uns trezentos tons de azul. Azul-bebê, azul-anil, água-marinha, cerúleo, cobalto, safira, azul-marinho, turquesa... Qual é o seu preferido?

Katerina podia ver que ele estava sorrindo, orgulhoso da extraordinária gama de cores que abarrotava aquela lojinha.

— Não sei. Qual é o seu favorito? — perguntou ela.

— Sabe que nunca me perguntaram isso... — respondeu ele, divertindo-se mais que nunca com a criança. — Quando meus clientes vêm aqui, eles normalmente chegam decididos a respeito do que querem, então, em geral, eu não dou a minha opinião.

— A minha mãe é assim — respondeu Katerina. — Quando está fazendo um vestido para mim, ela sempre sabe o que quer. Eu não tenho escolha. Então o senhor diz qual e eu pego.

— Bom, nesse caso, vou lhe dar a minha cor preferida. Não tenho muito dela sobrando, mas é especial e algumas das senhoras ricas começaram a debruar os chapéus com ela.

Ele enfiou a tesoura no bolso do avental, deslizou a escada de madeira pela estante, subiu até o topo, se esticou e tirou um rolo da última prateleira.

— É o que chamamos de azul-marinho — disse lá de cima. — Mas este tem um fio de ouro entremeado. Eu mesmo acrescentei, e parece que as senhoras adoram.

Equilibrado na escada, ele cortou dois pedaços de uns quinze centímetros cada um e tornou a guardar o rolo.

Já no chão, entregou os pedaços de fita a Katerina, que, enquanto isso, tentara trançar o cabelo.

— Obrigada — disse ela, dando um laço malfeito em cada uma. Os raios dourados da fita eram uma riqueza que destoava do seu vestido sujo. — Muito obrigada! É linda.

Ela examinava a fita com atenção, tocando admirada o alinhavo dourado.

— Estou procurando a minha mãe. Ela faz vestidos. Será que ela veio aqui comprar fita?

— Quando foi a última vez que você viu sua mãe? — perguntou ele, prestativo. — Tenho certeza de que quando chegar em casa, você vai ver que ela está lá. Deve estar aflita por sua causa.

— Ela não vai estar em casa. Não sabe onde eu moro. Não a vejo há séculos.

O velho ficou intrigado.

— A gente estava em Esmirna — acrescentou a menina. — E eu me perdi dela.

Ela na verdade não precisava lhe contar mais nada. O mundo agora sabia da destruição de Esmirna e das consequências para seus habitantes.

— Aconteça o que acontecer, não vou desistir de procurar — acrescentou.

Seu otimismo infantil o afligiu. Ela obviamente não tinha ideia de quão grande e quão caótica era aquela cidade, e não se dava conta da confusão criada com a chegada de tanta gente. O dono do armário não sabia o que dizer. Não queria destruir as esperanças da menina, mas também não achava que deveria alimentá-las.

Como se para esconder o seu temor por ela, disse animadamente:

— Bem, me diga como ela é, e, se alguém assim entrar na minha loja, mando procurar você.

Lenta e meticulosamente, Katerina deu os nomes de sua mãe e sua irmã, e observou enquanto ele os anotava:

— Zenia Sarafoglou, cabelo castanho, olhos castanhos, com uma neném chamada Artemis.

A manga subira um pouco no braço da menina, e a enorme cicatriz chamara a atenção do homem. Ele sentiu ainda mais pena dela. Não havia

nada de característico no nome de sua mãe, e como a criança tinha poucas esperanças de encontrá-la, tudo que ele podia fazer era ser bondoso. A alegria dela com aqueles pedacinhos de fita tocou-o profundamente.

— Prometo ficar atento para ver se ela aparece, e você pode vir aqui buscar uma fita nova sempre que quiser. Que tal?

Katerina sorriu de orelha a orelha, esquecendo um pouco a tarefa de encontrar a mãe.

— Obrigada — disse. — Meu nome é Katerina, por sinal.

— E o meu é Kyrios Alatzas.

Ela estava de volta à rua Irini antes mesmo de Eugenia ter dado por sua falta. Sofia agora estava aprendendo com Dimitri alguns truques para equilibrar o bambolê, Maria continuava dentro de casa e Eugenia conversava com as vizinhas. Algumas outras mulheres haviam se juntado ao grupo.

Nos dias posteriores, acompanhada por uma ou por ambas as gêmeas, Katerina procurou a mãe com mais afinco. Buscou em igrejas, mesquitas e sinagogas, muitas delas queimadas no incêndio de 1917. Em algumas, ainda havia grupos de refugiados abrigados.

As ruas de Tessalônica eram cheias de árvores, plantadas para oferecer sombra no calor escaldante do verão. Atualmente, as árvores tinham se transformado em quadros de avisos para familiares desesperados que haviam afixado anúncios procurando parentes desaparecidos. Embora a própria Katerina não soubesse decifrá-los, Maria e Sofia liam os nomes para ela. Como o nome de sua mãe era bastante comum, ela se animava cem vezes por dia, mas, quando elas liam o sobrenome, suas esperanças desmoronavam.

As três meninas ficaram mais aventureiras nas explorações, e se afastavam das ruas sinuosas da cidade velha em direção ao centro. No caminho, passavam pelos perfumes do mercado de flores e dos grupos de carretas que os fazendeiros e suas mulheres haviam empurrado por vários quilômetros desde seus sítios até lá. Acocorados à sombra dos próprios carros, eles esperavam os clientes virem comprar seus tomates, melões, batatas e berinjelas.

Quando chegavam ao imponente prédio que era a sede do maior banco de Tessalônica, elas sabiam que estavam quase no mar. Katerina adorava se sentar na beira do mar com as pernas balançando quase dentro da água e, por um momento, gostava de deixar a vista perder o foco até só conseguir ver o fervilhar dançante da água. Depois de alguns minutos, as gêmeas puxavam seus braços, uma de cada lado, para fazê-la se levantar.

— Vamos, Katerina! Está na hora de ir! A mamãe vai ficar aflita!

Na verdade, Eugenia sabia que elas não se perderiam e ficava feliz de tê-las fora de casa por algum tempo. O que as gêmeas realmente queriam era ver o que era a maior festa para os seus olhos: a loja de departamentos. Ali as vitrines eram um espetáculo sempre diferente. Aquela foi uma das primeiras lojas desse tipo da cidade, e o proprietário exibia com habilidade desde vestidos e sapatos a cristais e porcelanas. Para elas parecia um palácio, um lugar onde uma princesa faria compras. Elas viam mulheres bem-penteadas entrando com os filhos bem-vestidos e sonhavam.

Mesmo depois que as meninas ficaram conhecidas na região, os comerciantes sempre sorriam ao vê-las chegar. Todos ficavam fascinados com a incrível semelhança das gêmeas e a forma como seus gestos se espelhavam. Elas pareciam uma dupla de bonecas de pano com aquelas tranças compridas. Até as rugas em suas meias pareciam combinar e o esfolado de seus sapatos era idêntico.

Quase todo dia, quando estavam na rua, viam Dimitri e Elias. Às vezes, eles tentavam jogar *tavli*, em outras ocasiões chutavam uma bola. Certo dia, Dimitri estava sozinho com seu bambolê.

— Cadê o seu amigo? — perguntou Katerina.

— Não sei.

— Você não tem irmãos?

— Não.

— Pai? Eu não tenho pai.

— Eu tenho pai, sim. Mas ele está trabalhando num depósito novo e também numa casa nova para a gente.

Ele explicou como o pai estava reconstruindo uma casa na orla marítima e que algum dia eles iriam morar lá.

Katerina ouviu incrédula, os olhos arregalados. Ela e as gêmeas já tinham visto algumas vezes as casas à beira-mar e se perguntado se eram para a família real. Talvez isso explicasse por que Dimitri era tão diferente das outras crianças da rua. As três meninas volta e meia davam risadinhas quando o viam com aquelas calças bem passadas e aquela camisa branca reluzente. Às vezes, ele tinha os joelhos sujos, mas o restante estava sempre brilhando. Mesmo seu amigo Elias costumava provocá-lo. Saul Moreno tentava fazer os filhos andarem bem-vestidos, simplesmente porque o desalinho dos meninos era algo que depunha contra a sua alfaiataria, mas, mesmo que comessem o dia arrumadinhos, na hora do almoço já estavam mal-ajambrados.

— Às vezes vamos ver os barcos — disse Katerina. — Sozinhas. Por que não vem com a gente?

Dimitri entreouvira o pai falando desses “novos” gregos e sabia que não devia se aproximar muito deles. Ouvira as palavras *prosfiges* — refugiados — e *Mikrasiates* — gente da Ásia Menor — e não eram palavras ditas com gentileza. Pior ainda, pensou Dimitri, ele ouvia dizer que elas haviam sido “batizadas com iogurte”, o que lhe soava muito anti-higiênico, e só anos depois ele se deu conta de que esta era uma forma pejorativa de descrever os cristãos que haviam chegado como parte da troca de população. Agora que estava em pé perto dessa menina, ele percebeu que ela não tinha cheiro nenhum. Seu pai devia estar errado. Essas meninas pareciam iguais às de sua escola, ainda que fossem muito mais mal-ajambradas.

Dimitri queria explorar Tessalônica com Katerina, mas sua mãe ficava aflita por duas razões. Nos últimos meses, desenvolvera um medo profundo e irracional da cidade. Embora se sentisse segura na rua Irini, qualquer lugar para além do fim de sua calçada de pedra a apavorava. Pavlina insistira para que ela não transmitisse tais sentimentos ao filho.

A outra razão para querer manter Dimitri por perto era que seu pai poderia fazer uma de suas visitas. Embora nunca se demorasse muito, ele normalmente ia à casa duas vezes por semana. Dimitri sabia que era por isso que o mantinham tão limpo, que era por isso que sua mãe insistia em que ele usasse uma camisa limpa todos os dias, que era por isso que precisava lavar o rosto de manhã e à noite e ter as unhas escovadas. Esses rituais eram “por via das dúvidas”.

Nas ocasiões que aparecia na rua Irini, Konstantinos Komninos sempre tinha duas obrigações. Se fosse à noite, ele passava parte do tempo com Saul Moreno, que era um dos muitos alfaiates judeus que compravam seus tecidos. Seu principal objetivo, porém, era inspecionar o filho. Olhava-o de alto a baixo, e certa vez até lhe puxou a orelha para olhar atrás dela.

Um dia, porém, Konstantinos veio por outro motivo. Dimitri foi mandado para o quarto, onde se sentou na cama estreita e ficou ouvindo os barulhos que vinham da sala. Cortando o silêncio, ouviu um som desconhecido. Um adulto estava aos prantos. Dimitri sabia que era sua mãe. Ele deslizou até o topo da escada precária e ficou ouvindo.

Eram como duas frases de música de piano: na mão direita, o som do choro de Olga, e, na esquerda, a voz do pai. Os sons se interligavam, nenhum mais alto que o outro, ambos igualmente audíveis. Havia muitas palavras que

Dimitri não entendia ou não conseguia ouvir, mas estava familiarizado com algumas. “Esmirna” e “Ásia Menor” estavam entre elas.

O som do choro de sua mãe o atraiu para a sala lá embaixo. Seu pai estava sentado em frente a Olga, lendo um papel. Ele parou ao ver o filho aparecer ao pé da escada.

— Dimitri! — gritou zangado.

— Dimitri — ecoou a mãe falando baixo. — Volte lá para cima, meu querido, depressa.

O menino ficou paralisado. Estava enfeitiçado. Nunca vira a mãe assim. Seu cabelo sempre perfeito estava solto. Seus olhos estavam inchados.

— Bem, acho que o menino deve saber — disse o pai, dobrando o papel e colocando-o num envelope.

Houve um momento de silêncio. Dimitri ficou em pé no degrau, sem saber se estava autorizado a participar daquela cena adulta de anúncios e lágrimas. Queria correr para a mãe, mas temia a reação do pai.

— Seu tio Leonidas foi dado como desaparecido há algum tempo na Turquia, mas o corpo dele ainda não foi encontrado.

Era um fato solene, exposto sem emoção por Konstantinos. Dimitri ouviu. Tinha lembranças muito fortes e felizes do tio. Mas não foi isso que mais o perturbou. Foi a imagem da mãe tão comovida com o que acabara de ouvir que ele jamais esqueceria.

Mais tarde, depois de seu pai ter ido embora, e quando sua mãe, com o penteado refeito, foi à casa da vizinha, Dimitri seguiu para a rua e encontrou Katerina e as gêmeas.

— Da próxima vez que vocês forem para o mar — disse —, quero ir também.

CAPÍTULO 11

Após um grande trabalho de persuasão de Pavlina, Olga acabou concordando em deixar o filho explorar as ruas onde ela mesma crescera.

— Mesmo que a senhora esteja com muito medo de andar por essas ruas — argumentou a confiável governanta —, não há motivo para manter seu filho trancado dentro de casa. Ele tem que aprender.

Tendo concedido, havia uma exigência que ela desejava fazer: o pai não podia saber das saídas.

Essa foi uma época tranquila para Dimitri. Além das três meninas, Elias e Isaac costumavam ir com eles. Como havia muitos outros grupos de crianças na rua, aquele pequeno bando, passeando, conversando e brincando de esconde-esconde não chamava a atenção de ninguém. Dimitri sempre tinha algumas moedas, e eles conseguiam comprar *koulouria*, os pãezinhos redondos com gergelim, do vendedor de rua. Isso os mantinha de barriga cheia até voltarem para casa.

Uma ou duas vezes eles se viram perto de um dos depósitos de Komninos e desviaram dali, tomando o caminho na direção do mar. Vislumbraram em muitas ocasiões a enorme mansão em obras à beira-mar. Os andaimes ainda estavam em pé, mas as janelas já tinham sido instaladas.

— Você vai morar aí em breve, não é? — perguntou Katerina, certa tarde.

Dimitri não respondeu. Olhou sem expressão para a casa imensa com suas colunas estriadas e sua escadaria imponente levando à porta da frente. A mansão parecia não ter nada a ver com ele. A casa da rua Irini sempre fora o seu lar, e ele temia o dia em que a deixaria para morar com o pai que mal conhecia.

— A gente vai poder visitar você? Vão deixar a gente entrar? — provocou Sofia.

Elas podiam ser idênticas fisicamente, mas Sofia e Maria pouco tinham em comum. Maria viu que Dimitri ficava branco diante das perguntas provocantes de sua irmã.

— Para com isso, Sofia.

— Mas será que o seu pai vai deixar a gente entrar, com as nossas roupas mal-ajambradas e nossas meias furadas?

— Sofia!

Katerina viu que Dimitri estava sem jeito, e pareceu um bom momento para mudar de assunto.

— Vamos, Dimitri — disse, puxando-o pela mão. — Vamos logo.

— E que tal achar um caminho novo para casa? — sugeriu Maria.

Pegaram uma ruazinha que os levou na direção nordeste, para longe do mar, e foram subindo até dar em outra rua grande, que atravessaram, tomando cuidado para evitar os enormes bondes chacoalhantes que vinham disparados dos dois lados.

— Onde estamos? — perguntou Katerina timidamente vinte minutos depois de terem começado a subir.

— Eu sei! Eu sei! — cantarolou Sofia. — Eu sei onde a gente está!

— Então onde a gente está? — desafiou Maria.

— A gente está... perto do cemitério — respondeu a gêmea, olhando em volta e vendo que estavam em frente à entrada do grande *nekrotafio* municipal.

— Vamos! Vamos ver...

— Ver o quê? — perguntou Maria.

— O que está lá dentro, claro! — gritou Sofia.

— Você quer dizer “quem”? — falou Dimitri.

— Acho que sim — respondeu ela secamente, irritada como sempre com a correção quase precoce e pedante do menino mais novo.

Confiantes, entraram em fila pelo portão de ferro. Eles não estavam sozinhos naquela cidade dos mortos. Várias mulheres que cuidavam de um túmulo de família ergueram os olhos para eles e sorriram. Estavam ocupadas com seus afazeres como se fossem tarefas puramente domésticas, limpando e polindo a sepultura da família do mesmo jeito que fariam com um degrau ou uma janela de suas casas, arrumando flores como as arrumariam para a mesa de suas cozinhas, e varrendo folhas como haviam varrido seus quintais mais cedo naquele dia. Havia vários monumentos bastante grandes em que as pessoas tinham erguido estátuas em tamanho natural de seus entes queridos falecidos. à luz do crepúsculo, davam a impressão de que poderiam ganhar vida.

Katerina reparou nas cartas e nos poemas que as pessoas deixavam para

os mortos e viu que muitas sepulturas estavam recém-decoradas. Olhou para Maria.

— Você não acha...?

— Não — disse Maria com firmeza. — Não acho que sua mãe esteja aqui.

Sofia estava sentada num degrau de mármore no alto de uma das dezenas de “avenidas” principais do cemitério. Encontrara uma família de gatinhos morando atrás de uma das lajes que era a entrada de um jazigo de família e um dos bichinhos sentou-se no seu colo, ronronando. A mãe parecia ter desaparecido. Dimitri e Elias estavam por perto, acertando pedras num círculo que haviam desenhado na terra.

— Vamos levar um deles para casa?

— Não seja boba, Sofia — disse Maria. — Na nossa rua já tem gato à beça. Vamos. Está na hora. Acho que Katerina não está gostando daqui.

Era um alívio para as crianças ter Katerina como desculpa. Nenhuma delas sentia-se confortável ali, naquele horário tão próximo ao crepúsculo, com tantas sombras e tantos fantasmas.

* * *

Eugenia voltara ao posto da Comissão de Assentamento dos Refugiados. A elegante americana que fora tão boa para elas meses antes ainda estava lá, distribuindo donativos e conselhos aos necessitados.

— Como estão as meninas? — perguntou.

— A senhora se lembra da gente?

Eugenia estava incrédula. Tantos milhares de refugiados haviam chegado em Tessalônica depois delas, e a maioria havia passado por aquele posto.

— Claro. De você, das gêmeas, da menininha. Por uma razão ou outra, a imagem de todas as famílias fica gravada na minha mente. Mesmo sem as suas gêmeas, eu me lembraria da senhora. A mais jovem não é sua filha, não é?

— Não — respondeu Eugenia. — E é por isso que estou aqui. Ainda precisamos tentar encontrar a mãe e a irmã dela.

— É compreensível. — A americana sorriu. — E há alguns registros guardados. Mas o melhor ponto de partida são os acampamentos perto daqui.

— Mas ela foi para Atenas!

— A menina acha que foi, mas é bem possível que o navio dela tenha vindo para Tessalônica. Acho que vale a pena tentar primeiro os acampamentos vizinhos.

Havia vários acampamentos no perímetro da cidade nos quais mais de cem mil refugiados haviam sido acomodados. As novas habitações ainda estavam para ser construídas. Eugenia tinha que levar Katerina com ela para identificar a mãe, então, no dia seguinte, elas tomaram um ônibus para os arredores da cidade e começaram a busca.

A cidade de zinco era uma imagem estranha. Latões de querosene de vinte litros tinham sido transformados em chapas para fazer paredes, e caixotes haviam sido desmanchados e reutilizados como alizares de madeira. Eram improvisados, mas também tinham um quê de permanência, que se refletia na presença de vasos plantados com flores e ervas na frente de suas entradas. Quando metia a cabeça ali dentro, Eugenia podia ver o piso de terra batida limpo e a mesma configuração de uma casa simples na Ásia Menor, com pesadas mantas tecidas fazendo as vezes de cama e a imagem de um santo pregada na parede.

Elas andaram horas e horas para cima e para baixo pelas fileiras dessas casas prateadas, repetindo as mesmas perguntas. De vez em quando, por um momento, parecia que alguém reconhecia o nome. Um velho coçou a cabeça como se dentro do seu crânio houvesse uma informação vital. Uma mulher cruzou os braços e balançou-se nos calcanhares como se estivesse prestes a fazer um pronunciamento inspirado. Em ambas as ocasiões, Katerina ficou esperançosa, para logo desanimar quando via que nenhum deles tinha a menor ideia. A maioria das pessoas balançou a cabeça ou deu de ombros ou não deu ouvidos à pergunta, muito desmoralizada para se interessar pelo parente desaparecido dos outros.

Eugenia sempre começava perguntando se elas tinham notícias de alguém de Esmirna. No início, encontrou muitas que pareciam vir das proximidades do mar Negro, e até se deparou com algumas famílias que haviam morado em Trebizonda. Chorou e trocou com elas sorrisos de reconhecimento e algumas recordações da antiga vida na Ásia Menor, mas, no final das contas, ninguém reconheceu o sobrenome de Katerina. Absolutamente ninguém.

Depois de terem passado vários dias percorrendo o acampamento, Eugênia não tinha mais ilusões com a vida que elas poderiam ter tido naquela

comunidade de refugiados. Ela se deu conta da sorte imensa que as abençoara no dia em que foram levadas para a rua Irini. Mitilene era civilizada comparada com algumas das cenas de miséria que vira naquele acampamento, e Eugenia voltou para casa na cidade velha mais agradecida ainda pelo fato de terem a própria porta da frente.

Afinal, parecia que Katerina estava certa e que sua mãe e sua irmã estavam em Atenas. A americana avisou a Eugenia que centenas de milhares de refugiados tinham ido para lá também, muitos ainda não tinham endereço fixo, mas que iria ver o que podia fazer para ajudá-las. Enquanto isso, Eugenia assegurou a Katerina que não desistiriam da busca. Na semana seguinte, foram a outro acampamento, que ficava um pouco mais longe.

Não faltava a Maria e Sofia quem quisesse tomar conta delas. Alguns dias, elas iam comer na casa de Olga e Dimitri, outros, Kyria Moreno as convidava para ir à sua casa, e elas comiam um tipo de refeição diferente. Saul Moreno normalmente chegava do trabalho às cinco da tarde, e todos se acotovelavam ao redor de uma mesa na cozinha, a avozinha, às vezes com sua jaqueta de pele, comendo em silêncio no canto. Era um caos agradável, e a comida era melhor ainda.

Quando voltavam de sua busca infrutífera, cansadas das viagens e sem ter o que comer em casa, Eugenia e Katerina continuavam sendo convidadas pelos Moreno para as refeições. Elas gostavam do ambiente da casa deles, da avó em seu traje tradicional e dos trechos de seu ladino lírico.

Saul Moreno adorava uma plateia e gostava de repetir as histórias da chegada dos judeus vindos da Espanha. Certa noite, bateu-lhe uma nostalgia de uma época que ele não vivera, mas cujo legado usufruía. Confessou baixinho a Eugenia que o século XX, até aquele momento, não fora a melhor época deles e que a vida era melhor antes de 1912, quando a cidade ainda fazia parte do Império Otomano. As autoridades muçulmanas haviam sido mais tolerantes com os judeus do que eram as gregas ortodoxas, que fizeram do domingo o dia oficial de descanso e não levaram em consideração a importância do sabá.

As crianças agora estavam inquietas, tossindo, remexendo-se na cadeira e entediadas com as divagações dele.

— Não estou dizendo que hoje é ruim — explicou, inclinando-se para Eugenia. — Mas não é bem o que era antes do incêndio. E agora os muçulmanos todos foram embora, como a senhora sabe. Isso não ajudou. Com todas essas mudanças, passamos a ser a minoria, o que nos causa alguns

problemas, é claro.

— Ora, querido, não vamos voltar a esse assunto. — Kyria Moreno deu tapinhas em seu braço. — Agora não está tão ruim. Você não deve entediar a pobre Eugenia com tudo isso.

Elias abafou um bocejo e levou um cutucão nas costelas do irmão mais velho.

— Ele não está me entediando — respondeu Eugenia. — É tranquilizador saber que não fomos o primeiro povo a chegar aqui sem um teto para morar.

— Lógico que não foram. Vai ver que terão uma era de ouro, como nós tivemos.

— Duvido — disse Eugenia. — Mas temos que nos conformar com as coisas do jeito que estão por enquanto. Porém, talvez se mais alguns maridos voltassem...

* * *

As tarefas domésticas se acumularam enquanto Eugenia esteve fora. Depois de lavar o chão, ela deu prioridade ao processo trabalhoso de lavar os lençóis. Vendo a oportunidade de brincar de bater uma na outra com um pano molhado, Maria e Sofia ficaram felizes de torcer as grandes extensões de algodão branco. Katerina ajudou Eugenia a pendurá-las. Terminado o trabalho, foram todas para dentro de casa.

— Katerina — chamou Eugenia —, vamos nos sentar e escrever uma carta para a sua mãe? A moça americana diz que vai ajudar a entregá-la.

Lá fora, ao ar livre, seus lençóis tremulavam na varanda.

* * *

A muitos quilômetros dali, em Atenas, a mãe de Katerina também estava pendurando sua roupa na corda. No cenário luxuoso da Ópera de Atenas, ela estendeu uma blusa molhada na beirada de uma varanda.

Por toda a capital, refugiados estavam sendo acomodados em escolas, teatros, igrejas, e em qualquer outro lugar onde pudessem se acomodar com

os filhos para guardar alguns pertences e dormir à noite.

A Ópera foi o último prédio a abrir as portas aos refugiados. À noite, as pessoas dormiam enfileiradas no palco duro que fora limpo ou atravessadas nas poltronas rangentes de veludo na plateia. As famílias maiores tinham recebido um dos camarotes do balcão nobre como lar temporário. Todos os invejavam, com sua privacidade e seu piso acarpetado.

O prédio que um dia fora elegante agora parecia um depósito de lixo e fedia como esgoto a céu aberto. Não havia água encanada e, de vez em quando, alguém tentava acender um fogo para cozinhar, acrescentando o fedor de veludo chamuscado ao já repugnante repertório de cheiros.

Zenia e sua bebê haviam sido designadas para uma vaga no balcão nobre, com outras mães e outras crianças pequenas. Na mesma seção, estavam algumas de suas antigas vizinhas de Esmirna. Elas haviam conseguido ficar juntas desde que fugiram de suas casas. Consolavam Zenia pela perda da filha e a tranquilizavam dizendo que elas iriam se reencontrar, prometendo fazer tudo que pudessem para ajudá-la. Ela achava difícil esquecer que essas mesmas mulheres a haviam impedido de sair do barco quando ela dera por falta de Katerina. Achava difícil perdoar isso e continuava amargurada.

Com o passar dos meses, Zenia descobrira por que elas tinham ficado tão aflitas com o risco de o barco virar. Não estavam preocupadas com as próprias vidas. Havia conseguido salvar as relíquias e algumas imagens da igreja de seu bairro em Esmirna e planejavam construir uma nova igreja com os fragmentos da antiga. Esses vestígios insubstituíveis da vida passada estavam no fundo do barco a remo e elas fariam qualquer coisa para impedi-la de pôr em perigo a sobrevivência deles. Só por essa razão interpuseram-se entre ela e Katerina.

Zenia tentava tirar essas ideias da cabeça. Chorava a morte do marido e o desaparecimento da filha, e uma vez por dia deixava a miséria barulhenta da Ópera para ir a uma igreja próxima. Beijando a chapa de vidro que havia entre ela e a imagem da *Panagia*, perguntava-se quantas das impressões ali haviam sido deixadas por seus lábios. Todos os dias ela vinha fazer o mesmo pedido: informação. Estava de luto sem sequer saber se sua querida filha estava morta.

Será que Katerina havia escapado da vingança da cavalaria turca? Zenia não queria nada além de “sim” ou “não”. Histórias de estupros e decapitações organizados logo se espalharam para além de Esmirna. Tudo que ela queria

era saber se sua filha estava viva ou morta, por mais dolorosa que fosse a descoberta.

Falava-se a respeito de algumas moradias definitivas para os abrigados da Ópera, e as pessoas estavam alvoroçadas. Zenia fantasiava: a casa teria uma lareira, um banheiro do lado de fora, mesa e cadeiras, um berço para o bebê e um catre para Katerina. Como se para alimentar seu sonho acordado, uma de suas vizinhas no balcão nobre lhe falou de algumas pessoas que talvez conseguissem colocá-la em contato com a filha.

— Talvez elas consigam localizá-la e entregar uma carta. Por que não escreve e vê o que acontece? Não custa nada tentar, não é?

No dia seguinte, ela procurou o posto da Comissão de Reassentamento de Refugiados.

— A minha filhinha ainda não tem idade para saber ler direito — explicou a uma mulher sentada a uma mesa —, mas alguém, em algum lugar, poderia saber o nome dela e saber onde ela está...

— Sim — disse a mulher, repetindo as palavras de Zenia, como um papagaio, mas com forte sotaque francês. — Alguém, em algum lugar, poderia saber...

A mulher olhou para a carta com indiferença e jogou-a numa pilha em cima de sua mesa.

“Katerina Sarafoglou”, dizia o envelope. “Outrora de Esmirna.”

Zenia tinha poucas esperanças de que a carta chegasse ao seu destino, mas que alternativa tinha? Era como uma flecha disparada às cegas.

CAPÍTULO 12

Por muitos anos, Katerina continuou escrevendo diligentemente suas cartas, mas não recebeu nenhuma resposta. Isso não a deteve. Era uma boa maneira de praticar caligrafia. A cada mês, embora o desespero para encontrar a mãe diminuísse, sua habilidade para a escrita aumentava. A correspondência unilateral registrava o que ela andara fazendo e relatava como passava os dias. Era o diário de uma criança muito feliz.

Cada carta era levada por Eugenia ao posto da Comissão de Reassentamento de Refugiados, que, por sua vez, encaminhava-a aos Correios. Eugenia reparou que a americana não estava mais lá e se deu conta de que tinha havido uma redução de pessoal. A situação dos refugiados já não era tão crítica. Embora muitos continuassem em acampamentos, a maioria estava alojada em aldeias decentes, construídas especialmente para eles. Os locais de distribuição de sopa continuavam abertos, mas quase todo mundo agora ganhava o próprio sustento, na classificação de tabaco ou de passas, na tecelagem ou na confecção de roupas. Quem tinha habilidades finalmente estava ganhando bem.

Eugenia comprara um tear com um empréstimo que Olga lhe fizera, e o barulho da lançadeira passando para lá e para cá enquanto ela tecia enchia sua casa.

— Não quero que você me pague em dinheiro — dissera-lhe Olga —, mas um dia, quando minha casa estiver pronta para nos mudarmos para lá, você pode tecer alguma coisa para mim em troca.

Eugenia sorriu. Como o dinheiro que ganhava tecendo era a quantia exata para cobrir suas despesas com alimentação e vestuário, ficou muito grata a Olga por tanta bondade. A mansão ia tomando forma lentamente, mas ainda levaria algum tempo até ela precisar completar sua “encomenda”.

Katerina adorava ver os tapetes crescendo diante de seus olhos. As gêmeas se interessavam menos. O ato de tecer lhes lembrava de sua antiga casa, quando ainda não moravam na Grécia. O som daquele clic-clac e a imagem daqueles rolos de lã amontoados em volta dos pés da mãe

transportavam-nas para um lugar que agora estava praticamente esquecido, e elas não sabiam ao certo se as vagas lembranças que tinham eram amargas ou doces. Sua recordação mais viva era a da fuga. Momentos antes, a mãe delas estava tecendo.

Eugenia resistia aos pedidos de Katerina para deixá-la brincar com o tear. Os tapetes precisavam de uma mão firme e quaisquer irregularidades os desvalorizava. Assim, Katerina sentava-se ao lado dela e trabalhava satisfeita em algum bordado, que fazia sob a supervisão de uma especialista, Kyria Moreno.

Embora não fosse todos os dias à confecção Moreno, Kyria Moreno costurava em casa fazendo os acabamentos à mão de algumas das roupas produzidas pela empresa do marido. Com dois filhos homens e sem filhas mulheres, ela estava empolgada com a possibilidade de passar para Katerina alguns de seus pontos preferidos e inspirá-la a compor cenas com sedas coloridas, assim como ela mesma fizera quando tinha nove anos. Com o passar dos meses, Katerina, com seus dedos pequenos e sua vista aguçada, começou a criar desenhos de uma delicadeza superior.

As famílias na rua Irini se tornaram mais próximas. Suas casas podiam ter portas, mas nunca eram fechadas. No inverno, pendurava-se uma cortina grossa para não deixar o calor sair e, no verão, elas eram substituídas por uma de tecido mais leve para deixar entrar um pouco da brisa que soprava do mar. Essas cortinas significavam que tanto adultos quanto crianças podiam entrar e sair das casas uns dos outros sem convite. As crianças andavam sempre em bando e as mães logo descobriram que ou tinham seis crianças em casa ou não tinham nenhuma. A relação entre elas era mais de irmãos do que de amigos.

Era uma rua que fervilhava de atividade. Só Olga às vezes se via sem uma tarefa. Era uma dama à espera de reassumir seu papel na mansão, embora não tivesse pressa para isso. Uma vez por semana, era levada à casa para decidir sobre cores de tinta, e passara o último ano dando instruções sobre a nova decoração aos profissionais. Pintores, cortineiros, marceneiros, fabricantes de tapetes, todos eles desfilavam pela casa de frente para o mar. Quando assinavam o contrato confirmando um pedido, sempre tinham uma surpresa.

— Não há pressa — dizia Olga, sorrindo docemente para eles.

Nas altas esferas da sociedade de Tessalônica, todos queriam as coisas para ontem. Menos Kyria Komninos. Num lugar onde os ricos ficavam mais

ricos e os pobres pareciam sempre mais pobres, quem tinha dinheiro aparentemente fazia exigências cada vez mais rigorosas. Todos os fornecedores comentavam sobre isso. Estavam intrigados com aquela mulher que pedia que eles trabalhassem com calma e iam embora coçando a cabeça.

Os depósitos Komninos estavam prosperando. A empresa crescera exponencialmente e Konstantinos agora estava impaciente para morar na casa nova. Quase dez anos haviam se passado desde o incêndio, e, embora sua vida com Olga e Dimitri tivesse se acomodado num padrão que lhe convinha perfeitamente, que lhe permitira focar por inteiro em seu negócio, ele agora queria o status de uma casa espetacular com uma família instalada lá dentro.

Dimitri fora levado várias vezes à casa nova. Para ele, seu tamanho intimidava. As salas enormes eram maiores que sua sala de aula, e a altura do pé-direito lhe lembrava uma igreja. A casa parecia fria e de uma claridade ofuscante, e tinha um cheiro estranho que ele não conseguia definir.

Quando comentava com Pavlina sobre aquilo, dizia simplesmente:

— Tem um cheiro branco.

Ela tentava deixá-lo mais entusiasmado, mas suas palavras encontravam ouvidos moucos.

— Você vai ter um quarto enorme — dizia-lhe ela. — E eu vou fazer guloseimas deliciosas para você na minha cozinha nova!

Dimitri foi ficando com medo de se mudar para a casa imponente que não era o seu lar, sabendo que isso acarretaria grandes mudanças. Havia muitos anos, ele via Elias, Isaac, Katerina e as gêmeas todos os dias. Sabia que não haveria mais brincadeiras de *pares y nones* nem de *los palicos*, a sua preferida.

Seu pai também lhe dissera que ele iria para uma nova escola internacional, onde aprenderia francês e conheceria crianças diferentes. Nenhuma dessas perspectivas o alegrava muito. Ele gostava dos amigos que tinha e não queria aprender a língua de um país estranho.

Olga tampouco se entusiasmava com a ideia de voltar para aquela vida solitária à beira-mar: temia o isolamento, a *monaxia*, e sentiria falta das pessoas maravilhosas que lhe haviam ensinado que a perda, a separação e a expectativa de tempos difíceis podiam antes fortalecer do que enfraquecer. Pavlina tinha o mesmo sentimento e sentiria saudades principalmente do fluxo de mexericos inofensivos, o *koutsombolio*, com as mulheres da rua.

Chegou o dia em que finalmente estavam arrumando as malas para ir embora. Ainda que a casa nova ficasse a menos de vinte minutos a pé, era

como se estivessem indo para um país estranho, de tão mexidos que ficaram com a mudança. Um carrinho de mão chegou à porta para pegar as caixas que eles haviam acumulado com o passar dos anos, e um carro preto reluzente esperou por eles no fim da rua. A estreita rua Irini não permitia que o carro chegasse até a casa, mas todos sabiam que estava ali à espreita, aguardando para levar Olga para sua vida antiga e Dimitri para uma vida nova. Dimitri apertou solenemente a mão dos amigos, mas em Elias, seu “irmão de leite”, ele deu um abraço apertado. As mulheres choraram sem pudor enquanto se despediam.

Talvez pela última vez, o menino deixou a mãe lhe dar a mão enquanto se afastavam de seu lar feliz.

* * *

Embora nem tivesse certeza de que Katerina estava viva, Zenia continuou a escrever para ela. Fazia mais de quatro anos que haviam fugido de Esmirna e as cartas de uma para a outra jaziam num posto de triagem num subúrbio de Atenas sem chegar ao destinatário. Havia talvez centenas de milhares de outras cartas empilhadas ali que não haviam chegado ao destinatário, um indício da grande quantidade de pessoas separadas das famílias ou sem endereço permanente.

A triagem era administrada por um meticuloso funcionário do correio, quase obsessivo, que fazia tudo que podia para ajudar a correspondência a chegar ao seu destino. Solteirão que morava com a mãe viúva, ele dedicara a vida ao aprendizado de línguas estrangeiras. Lia francês, italiano, búlgaro e inglês, e aprendera vários alfabetos para decifrar algumas outras línguas, todas elas aprendidas em livros estudados à luz de vela no mesmo quarto escuro onde nascera muitos anos antes. Por baixo de sua basta cabeleira prateada, havia um cérebro poliglota tão brilhante que de vez em quando ele era consultado por professores universitários e políticos para traduções. Não tinha outras ambições, porém, senão levar a cabo a tarefa que lhe fora designada oficialmente: garantir que as cartas chegassem ao destinatário certo. Com o excepcional volume de recém-chegados à Grécia e o movimento geral da população, ele enfrentava um grande desafio.

Quando ficava sem alternativa, não tinha outra opção que não tomar medidas drásticas. Isso significava abrir um envelope e invadir a privacidade

do missivista. Para um homem de hábitos tão meticolosos, este era o último recurso. Se isso não desse certo, porém, ele era obrigado a ir um pouco mais longe, e jogar fora a correspondência, o que para ele era a aceitação de um fracasso tão completo que não o deixaria dormir à noite.

Dentro do imenso depósito com caixas empilhadas do chão ao teto (cada uma com o nome de um lugar), o funcionário do correio sempre trabalhava até tarde da noite, normalmente revisando a correspondência mais antiga. Certo dia estava trabalhando com uma lucidez especial, fazendo conexões e se recordando de cartas que sabia estarem no depósito.

Algumas delas eram rotuladas de acordo com o carimbo do correio, algumas pelo destino, outras pelo nome da terra original do missivista na Ásia Menor. Às vezes, ele tinha um lampejo de inspiração e lembrava exatamente onde vira a carta que poderia combinar com o nome de outra.

Katerina endereçara seus envelopes: “Zenia Sarafoglou, Atenas”. O funcionário dos correios também havia visto cartas para “Katerina Sarafoglou, Outrora de Esmirna”. Será que essas duas tinham conexão? Havia grandes chances de que não tivessem, já que o nome não era incomum, mas ele abriu cuidadosamente as cartas de cada pacote e anotou o endereço do qual haviam sido escritas.

Viu que as cartas para Katerina haviam sido escritas da região de Atenas que alojava predominantemente os refugiados de Esmirna e era conhecida como “Nova Esmirna”. Então, abriu cuidadosamente com um cortador um dos envelopes que tinham o carimbo de Tessalônica. Lá dentro, viu uma letra grande, porém legível, de criança. No alto, havia um endereço, “Rua Irini, número 5”, e embaixo, uma assinatura: “Katerina”.

Seu coração deu um salto. Não tinha certeza de que as cartas combinavam, mas como um detetive que segue o palpite de uma inspiração para resolver um crime, viu que suas mãos começavam a suar. Valia a pena tentar. Ele encaminhou as cartas para Katerina a um colega em Tessalônica com a instrução: “Tente este endereço.”

Algumas semanas depois, Eugenia ouviu uma batida na porta.

— Sei que o sobrenome não é seu — disse o carteiro —, mas... — Estendeu o pacote para ela sem soltar. — Conhece algum Sarafoglou? — perguntou.

Ela olhou para o nome e confirmou com um aceno de cabeça.

— Pois então alguém vai ter bastante coisa para ler! — disse o carteiro animadamente, antes de virar as costas.

Havia umas trinta ou quarenta cartas amarradas com barbante. Eugenia examinou a letra elegante. Suspirou. Era aquilo que Katerina esperara esses anos todos. Eugenia a incentivara a guardar a lembrança de sua família real, mas agora que tinha na mão a chave do reencontro, percebeu quão afeiçãoada estava à menina. Passava semanas sem lembrar que Katerina não era sangue do seu sangue. As cartas foram colocadas numa prateleira alta perto da imagem de Agios Andreas, onde havia uma lamparina sempre acesa e, por vários dias, lá ficaram intactas.

Certa tarde, dias depois, Eugenia entrou na igreja de Agios Nikolaos Orfanos ali perto cheia de remorso por não ter entregado ainda as cartas a Katerina. A desculpa que dava a si mesma era que elas poderiam perturbar a menina. Implorou à *Panagia* que a guiasse.

Já em casa, começou a preparar a refeição da noite, mas o tempo todo pensava nas cartas. Pela primeira vez desde que a acendera fazia uns quatro anos, a lamparina perto do ícone se apagara. Deus devia estar zangado por ela estar segurando a correspondência.

As meninas chegaram mais ou menos uma hora depois. Estavam com fome depois da longa caminhada da escola. Assim que terminaram, Eugenia mandou as gêmeas subirem e, tentando esconder a aflição, contou a Katerina que tinha algo para ela.

— Chegaram umas cartas para você — disse. — Não abri, já que eram endereçadas a você, mas acho que talvez sejam da sua mãe.

— Minha mãe! — exclamou Katerina. — Onde elas estão? Onde elas estão?

Eugenia já cortara o barbante e colocara as cartas na ordem das datas do carimbo.

— Aqui estão elas — disse, colocando-as na mesa em duas pilhas.

Katerina olhou para as cartas, de repente apavorada. Eram de uma mulher que ela já não conhecia e, naquele momento, percebeu que não se lembrava mais do rosto da mãe. Se elas se esbarrassem na rua, talvez não a reconhecesse.

Eugenia começou a ler a correspondência para ela, de vez em quando omitindo uma linha ou outra se achasse que era a coisa certa a fazer. Embora Katerina estivesse melhorando na leitura, ler os garranchos irregulares daquelas centenas de páginas era demais para ela.

As primeiras doze cartas da mãe tinham um estilo despreocupado e alegre, cheias de observações triviais sobre a viagem que elas haviam feito de

Esmirna a Atenas. Havia sido escritas na incerteza de que pudessem algum dia chegar ao seu destino, num tom que fazia parecer que elas tinham feito uma viagem de lazer e estavam para se reencontrar em breve. Cada página continha referências superficiais a coisas que elas fariam quando estivessem juntas novamente, descrições dos vestidos que ela estava planejando fazer para Katerina, das toucas e dos babadores que ia debruçar para o bebê e dos novos temas para os seus bordados.

Descrevia o que acontecera com ela e Artemis na chegada a Atenas. Foi muito diferente da experiência de Katerina e Eugenia, salvo por um fator: as mãos que se estenderam para elas da organização humanitária.

“Sem elas”, dizia Zenia, “a vida teria sido impossível”.

“Você não pode imaginar para onde nos levaram! Não é nada parecido com uma casa normal. Chama-se Ópera e é um dos prédios mais imponentes de toda Atenas. É aqui que montam peças, mas as falas, em vez de recitadas, são cantadas. Todos os cantores usam trajes volumosos, e as pessoas que vão assistir-lhes também usam roupas muito sofisticadas (só que, enquanto estamos morando aqui, não estão montando os espetáculos). Tudo é vermelho e dourado: tapete vermelho e cadeiras vermelhas e enormes cortinas de veludo vermelhas com bordados dourados e as maiores passamanarias do mundo. Imagine só como seria a casa de um gigante se esse gigante fosse rei, e é nesse lugar que nós estamos. Tudo é imenso e vamos ficar nesse prédio elegante até encontrarem algum lugar definitivo para a gente!”

A vida na Ópera, segundo as cartas, era vibrante, sociável e protegida. Encantada, Katerina ouviu as descrições da mãe a respeito desse palácio que era habitado por gente comum convidada a entrar lá por um gigante e bondoso monarca. A imagem dos caldeirões colossais de onde eram servidas suas refeições completava esse retrato de uma vida sob a proteção amigável de um gigante invisível. Em nenhum momento Zenia mencionou a realidade miserável.

“Obviamente, não passamos o dia inteiro dentro da Ópera. Às vezes, saímos na rua e exploramos a cidade de Atenas.”

Zenia também evitou uma descrição verdadeira das ruas na capital superpovoada. Teve o cuidado de omitir os detalhes de mendicância e

prostituição, embora estes não fossem estranhos a Katerina. Tessalônica tinha muitos problemas como aqueles. Em vez disso, ela falava sobre as grandes praças e os grandes monumentos que mesmo as crianças criadas em Esmirna haviam visto nos livros.

“Em cima de um grande rochedo dominando a cidade está um dos prédios mais antigos e mais importantes do mundo. Chama-se Partenon e antigamente era um templo. Estava na capa de um livro que você tinha quando era pequena. Quando o sol se põe, o prédio é banhado por uma luz âmbar e parece em chamas.”

Katerina saboreava cada palavra sentada à mesinha ao redor da qual tudo na casa girava. Às vezes, a voz parecia tão perto que era como se sua mãe estivesse falando. Outras vezes, era como escutar uma música tão distante que ela precisava se esforçar para entender.

A correspondência estava salpicada de nomes de pessoas de Esmirna, e Katerina tinha uma vaga lembrança de algumas delas. Na história da vida atual de Zenia, elas voltavam a ser familiares.

Depois das doze primeiras cartas tão persistentemente alegres, escritas poucos meses depois de partirem de Esmirna, houve uma interrupção na correspondência.

As cartas seguintes descreviam uma “aldeia” nova para onde elas haviam se mudado. Zenia confessou que, no fim, todos estavam felizes por deixarem a casa do gigante.

“Ele deixou que a casa ficasse cheia demais”, dizia ela, “e foi construído um lugar novo para a gente, com muito mais espaço. É como uma aldeia normal, com ruas e pequenas casas. Compartilhamos a moradia com uma senhora e sua filha, mas as crianças estão se dando razoavelmente bem uma com a outra.”

Eugenia captou a sutileza: as crianças brincavam umas com as outras satisfeitas e com naturalidade, mas havia desconfiança entre as mães. Raramente estranhos se sentiam felizes com a coexistência forçada.

Um dos poucos homens naquela comunidade cheia de viúvas pedira Zenia em casamento. Angelos Pantazoglou morava na casa vizinha com três filhos (sua mulher morrera ao dar à luz o último).

Com duas vezes mais mulheres do que homens entre os refugiados,

Zenia sabia que aquela era uma oportunidade única de dar um pai para as filhas, e assim, numa sexta-feira, pela segunda vez em sua vida, bebeu da taça comum e sentiu na cabeça o toque fugaz das coroas matrimoniais, *stephana*. Na carta a Katerina, ela descreveu para a filha o padre obeso que espirrava tanto que mal conseguiu dar as três voltas ao redor do altar.

Cartas escritas menos de um ano depois anunciavam a chegada de um filho, “um irmão para você e sua irmã”, contava com entusiasmo, “e, claro, para seus outros irmãos também.”

Eugenia leu o maço de cartas quase sem pausa. A narrativa parecia exigir um fluxo contínuo. Katerina não interrompeu uma só vez, a não ser quando tornou a repetir os nomes dos filhos de seu padrasto depois de Eugenia os ter lido pela segunda vez: Petros, Froso, Margarita e, por fim, do meio-irmão, o bebê Manos.

As cartas sempre terminavam com as palavras: “Se esta carta a encontrar, Katerina, espero que traga você para se juntar a nós. Falo sobre você com Artemis e ela pergunta todo dia a seu respeito. Acho que é difícil para ela entender que tem uma irmã que não está aqui.”

Quando Eugenia chegou ao fim da última carta, era quase meia-noite. Normalmente Katerina estaria dormindo a essa hora, mas, naquela noite, estava acordada, quase sem caber em si de tão empolgada.

— Achamos ela! — dizia. — Vou ver minha mãe de novo!

Eugenia deu um sorriso forçado. Por dentro, estava chorando.

* * *

Dias depois, um carteiro encontrou Zenia em Atenas e entregou o maço de cartas que Katerina escrevera durante anos. Não era preciso colocá-las em ordem pelas datas: o desenvolvimento da letra desde os primeiros estágios até a fluência quase adulta mostrava ao leitor quais eram as primeiras cartas e quais eram as últimas.

Eram cheias de divagações satisfeitas sobre sua vida em Tessalônica, e quando Katerina descreveu a mulher que cuidava dela havia tanto tempo, Zenia sentiu uma pontada de ciúme. O sentimento voltava todas as vezes que ela via o nome “Eugenia” escrito na página. Era mais forte que ela.

Ao longo da leitura, ela passou a conhecer as famílias Karayanidis, Komninos e Moreno e muitas outras que povoavam a colorida rua antiga

onde elas moravam. A paixão da menina pela vibrante e colorida cidade de Tessalônica saltava de cada palavra, de cada página.

Em sua carta mais recente, Katerina anexara um lenço em que bordara com cuidado o nome da mãe. Zenia sorriu, feliz de ver que a filha dava continuidade a uma tradição da família. Atualmente, seu talento para a costura se limitava a pregar botões em camisas baratas, enviadas num pacote para um atacadista e vendidas numa barraca de mercado.

* * *

— A gente pode escrever, a gente pode escrever? — insistia Katerina, empolgada com a certeza de que afinal iria enviar uma carta que chegaria ao destino.

Sua carta foi uma lista de perguntas. Ela queria saber mais sobre os irmãos, como encontrar a casa de sua mãe e quando poderia ir. Eugenia anexou uma carta à de Katerina, apresentando-se formalmente e perguntando a Zenia que preparativos deveriam fazer.

Agora que tinham o endereço completo, as cartas não demoravam a chegar, e, em poucas semanas, o carteiro estava de novo batendo à porta da rua Irini.

Zenia endereçara sua resposta a Eugenia, mas, dentro do envelope, havia duas cartas: uma para Eugenia e outra para Katerina.

Antes que a menina voltasse da escola, Eugenia leu a carta destinada a si. Zenia explicava a sua situação. Agora tinha cinco filhos para cuidar. Seu marido tinha preferência pelos quatro que eram dele, e a pequena Artemis sofria implicâncias não só do padrasto como também das outras crianças. Quando tentava apontar essa injustiça, Zenia levava um tapa estalado. As pancadas começavam a deixar marcas, mas as roupas as escondiam. Embora as paredes que separassem suas acomodações precárias fossem finas, as famílias não se intrometiam nesses assuntos. Dentro de casa, os problemas de cada um eram de cada um.

Preciso que conheça a minha verdadeira situação, Kyria Karayanidis. Nada me deixaria mais feliz do que tornar a ver Katerina, mas acho que talvez ela tenha um futuro melhor ficando em Tessalônica com a

senhora do que vindo para Atenas. Sei que os tempos são difíceis, mas a senhora cuidaria dela por mais algum tempo?

Quando Katerina chegou em casa, sua carta a esperava em cima da mesa, e ela a pegou muito empolgada.

— Quer ler para mim? — exclamou. — Não consigo ler a letra engraçada dela.

— Claro, querida — disse Eugenia. — Vamos nos sentar. Respirou fundo e começou.

“Minha querida filha, fiquei encantada ao receber todas as suas cartas. Sua vida parece muito feliz e satisfeita e Tessalônica deve ser uma cidade maravilhosa. A vida em Atenas não é fácil. Temos muito pouco espaço e é uma luta para arranjar comida para alimentar-nos todos.”

Eugenia fez uma pausa. Sabia o que certamente viria depois.

“Por mais que eu anseie vê-la, quero que você pense duas vezes quanto a vir morar conosco. Considere o que você tem na sua vida hoje. Se tiver coisas boas e estiver vivendo com pessoas boas, talvez deva se agarrar a isso. As coisas conhecidas às vezes são muito melhores que as desconhecidas.”

Eugenia olhou e viu que a menina tinha os olhos marejados. Notou também que Katerina afagava maquinalmente o braço com a cicatriz, um ato que se tornara automático sempre que ela estava nervosa ou perturbada. Eugenia conseguia sentir a angústia da mãe da menina, e sabia o que ela estava tentando dizer à filha. Sentiu pesar pelas duas. Katerina era muito jovem para fazer tal escolha, mas ela estava ali, com todas as letras, naquela carta à sua frente.

Antes mesmo de Eugenia terminar de ler, Katerina se dera conta de uma coisa. Já não sabia mais qual das duas mulheres realmente era sua mãe: a que vinha lendo para ela ou a que estava lhe escrevendo. Guardou esses

pensamentos, mas o desejo de ir para Atenas, que ela sentia tão profundamente havia tanto tempo, começou a se dissipar.

CAPÍTULO 13

Por algum tempo, a tristeza foi companheira constante de Katerina. Estava à sua espera todas as manhãs quando acordava e ficava com ela o dia inteiro enquanto ia à escola e brincava com os amigos. Às vezes, invadia seus sonhos e ela despertava com o rosto banhado em lágrimas. Aprendera a ser corajosa quando pequena, e estava decidida a não dar importância a essa amiga indesejada. Eugenia a observava com atenção e, depois de muitas semanas, viu-a lentamente voltar a sorrir.

Mais ou menos na mesma época em que perdeu o sonho de rever a mãe, ela ficou sem um de seus colegas mais próximos. A rua Irini não parecia a mesma sem Dimitri. Ele e sua mãe, por razões diferentes, não cumpriram a promessa de visitá-los.

Dimitri também estava sentindo falta dos amigos. Sua nova escola o levava para outro lado, para além da Torre Branca, na direção das enormes mansões da rua Olga Vasilis. Muitas tinham torres, domos e escadarias duplas para chegar à porta de entrada. Foram encomendadas pelos comerciantes ricos que queriam anunciar o seu sucesso, se não o seu bom gosto, e faziam até a casa dos Komninos parecer modesta.

Aos domingos, Katerina, Elias, Isaac e as gêmeas passeavam até o mar, e Dimitri os avistava pelas enormes janelas da sala do primeiro andar.

— Posso sair um instante? — perguntava à mãe.

— Desde que esteja em casa para jantar — respondia ela. — Seu pai chega às oito.

O marido sempre passava o dia fora, no depósito ou no escritório. Olga sabia que Konstantinos desaprovava, mas ela achava bom Dimitri fazer um intervalo durante os estudos. Além de doze disciplinas, ele estava aprendendo francês, alemão e inglês, e seu pai tinha grandes ambições para a sua fluência, desde que ele trabalhasse com afinco suficiente.

— Se vamos levar nossa empresa para a frente, Dimitri, essas são as línguas que você tem que aprender. Agora estamos olhando na direção da Europa e dos Estados Unidos. Comprar do Oriente e vender para o Ocidente.

É assim que vamos fazer crescer nossas fortunas.

Olga às vezes se perguntava o que ele queria dizer com aquilo. Quanto mais de uma fortuna ele poderia querer?

Quando se mudaram para a casa reformada, já nos primeiros dias, Olga viu quanto Dimitri sentia falta dos velhos amigos e insistiu para que se encontrasse com eles de novo. Mesmo que seus temores a mantivessem longe da rua Irini, ela não queria que o filho perdesse contato com os antigos amigos de brincadeiras.

Certo dia, ele os viu no passeio e foi correndo procurá-los. Olga observou o grupo da varanda.

Dali de cima, olhando as pessoas andando à beira-mar, ela podia sentir o poder opressor da solidão. Uma parte de si desejava estar ali com aquelas pessoas. A visão do filho com os amigos e de mil outras pessoas passeando num fim de semana de sol, aproveitando a embriagadora combinação de calor, brisa e luz lhe era familiar. Sentir-se isolada, não apenas das outras pessoas, mas também de si mesma, criava uma barreira invisível que a mantinha à parte de tudo.

Ela se sentia incapaz de sair de casa. No verão, achava o calor opressivo e, no inverno, sentia a umidade lhe doer nos ossos. No entanto, essas não eram as únicas justificativas. As quatro paredes de sua magnífica casa eram como uma gaiola, dentro da qual ela estava segura. Providenciavam-lhe a comida, faziam-lhe as roupas, o cabeleireiro vinha em casa tratar de seu cabelo e agora o seu filho entrava e saía sem precisar de orientação ou ajuda. Desde que voltara da rua Irini, o mundo externo virara um lugar de medo irracional, e a relutância de Olga em sair de casa se transformara em pânico total.

Konstantinos Komninos não se abalava com a fobia silenciosa da mulher. Trazia sempre clientes importantes para jantar em casa, e, nessas ocasiões, Olga estava sempre impecável, tanto no que dizia respeito à aparência quanto ao humor. No inverno, ela usava vestidos feitos sob medida que exibiam a qualidade dos luxuosos tecidos da loja de Komninos, e, no verão, usava tecidos mais leves. Às vezes, se o cliente fosse muito importante, um alfaiate era contratado para fazer algo especialmente para a ocasião. Certa vez, quando um costureiro francês esteve lá, Olga o recebeu com uma roupa vermelha, branca e azul. Até Dimitri apareceu naquela noite para recitar um poema em francês.

Olga parava de observar quando as crianças sumiam de vista.

Imaginava-as comendo *trigona* com a mão e bebendo limonada que compravam do vendedor da esquina, como ela fazia quando criança. Fechava as venezianas e ia descansar na sala escurecida. Por fim, Dimitri voltava, o rosto corado do sol e de tanto dar risada.

Isaac nunca deixava as meninas perderem a hora de voltar para casa. Responsabilizava-se por todas elas, e Eugenia gostava de saber que o menino forte e competente podia lhes garantir segurança. Sofia e Maria já estavam com quatorze anos, quase na idade em que não deviam sair na rua sozinhas, desacompanhadas.

Em pouco tempo as gêmeas deixariam a escola, e as duas já haviam declarado que não queriam ser tecelãs como a mãe. Não queriam ficar dentro de casa. Para tristeza de Eugenia, as gêmeas lhe anunciaram que queriam classificar folhas de tabaco. Um agrônomo visitara a escola para cadastrar alunos e Sofia e Maria estavam em sua lista de recrutas.

— Mas por que vocês não querem aprender uma habilidade manual? — apelou a mãe. — Se começarem agora, estarão bem experientes antes dos vinte anos. Não querem isso?

— Não queremos passar o resto da vida sentadas dentro de uma casa escura — respondeu Sofia.

— E estaríamos com várias outras pessoas — disse Maria.

— E seríamos pagas pela quantidade que processássemos.

— Mas com a tecelagem é a mesma coisa — disse Eugenia. — Recebo por cada tapete que termino.

— Mas você leva meses para fazer um tapete!

— Isso não quer dizer que eu ganhe menos que quem recebe por semana pela classificação de tabaco!

Pelo visto, alguém já havia conseguido convencer as meninas de que seu futuro estava no enorme negócio de tabaco que prosperava na Grécia setentrional.

Katerina encolhia-se num canto. Ainda era muito jovem para estar na mira dos fazendeiros a quem fora dado acesso à escola e, de qualquer maneira, ela não estaria aberta à propaganda deles. Sempre que essa discussão começava, ela ia para a casa vizinha.

Roza Moreno adorava quando Katerina aparecia em sua casa. Vivia ocupada, qualquer que fosse a hora do dia, mas gostava de conversar enquanto trabalhava. Geralmente havia uma arara cheia de paletós que ela terminara naquele dia, o impecável caseado finalizado e os botões pregados

(até doze se eram do tipo jaquetão e havia botões pequeninos em cada punho). Por fim, ela pregava uma etiqueta no forro de cetim: MORENO & FILHOS, Mestres-Alfaiates de Tessalônica.

— Toda vez que termino uma roupa e leio essas palavras — disse ela a Katerina — fico orgulhosa.

O primeiro Moreno havia sido o bisavô de Saul, e a habilidade fora transmitida por três gerações. Com seus dois filhos, haveria uma quarta.

Roza Moreno passava a maior parte do dia trabalhando com tecidos para ternos: lãs e tweeds no inverno, e às vezes linho no verão. Inúmeras vezes Katerina observara os movimentos primorosos e ritmados com que ela cosia a casa de um botão. Ficava enfeitiçada ao ver um ser humano trabalhar como uma máquina, mas não era por isso que ela estava ali.

Além de fazer o acabamento dos ternos, Roza era especialista em trabalhos de crochê e bordado que as pessoas queriam para seus enxovais. Era famosa entre os europeus muito ricos, e ensinar uma menina que possuía os melhores dedos que ela já vira era uma alegria. Ela ensinava tudo a Katerina, desde os cuidados básicos para manter a pele das mãos macias, de modo que nada agarrasse ali, até a importância de costurar a seda corretamente para que ela corresse junto com a trama do tecido. As minúcias do ofício eram cruciais, e, uma vez aprendidas, jamais eram esquecidas.

Em pouco tempo Roza não conseguia mais ver a diferença entre os pontos da menina e os seus. Kyria Moreno era uma virtuose, mas Katerina, sua discípula, era um prodígio.

Na noite em que a discussão sobre as fábricas de tabaco rolava a todo vapor, Kyria Moreno ficou, como sempre, encantada por vê-la. Aquilo significava que ela podia deixar o paletó masculino de lado e se entregar à sua verdadeira paixão.

— Olá, Katerina! — disse. — Como está você?

— Muito bem, obrigada, Kyria Moreno. E como está Kyria Moreno?

Ela apontou com um gesto de cabeça para o canto onde a sogra de Kyria Moreno sempre estava sentada. A Kyria Moreno mais velha andava muito calada ultimamente e a maior parte do tempo parecia não ter consciência do que a cercava. Parecia uma figura de cera vestida com o traje tradicional sefardita, para ser admirada como uma obra de arte.

— Estamos muito bem, não é, Kyria Moreno?

Como Roza Moreno tinha o hábito de falar pela sogra, um estranho monólogo muitas vezes se desenrolava diante da velha senhora

aparentemente comatosa.

— Vamos descer a caixa, então?

Katerina puxou a cadeira para junto de uma prateleira alta e subiu nela para pegar uma caixa de madeira. A caixa parecia quase do seu tamanho, mas ela conseguiu deslizá-la para fora da prateleira e passá-la para Kyria Moreno, que a colocou no centro da mesa.

Katerina correu a mão pela tampa, apreciando a pátina macia, e acompanhou com o dedo a delicada imagem de uma romã marcheteada em sua superfície. A caixa era oval, forrada de seda clara e tinha a tampa acolchoada. O espaço interior era dividido em compartimentos arrumados, dentro dos quais havia carretéis de algodão branco para renda, tiras de gaze fina para viés, meadas de seda em tons pastel, carretilhas menores que um dedo mínimo e, no acolchoado da tampa, as agulhas estavam alinhadas por ordem de tamanho.

De uma caixa menor, Roza Moreno retirou algumas peças imaculadas de lingerie de seda, acomodadas entre camadas de papel fino. Eram para a filha de um cliente rico, para serem usadas no dia do casamento. Não se deviam poupar despesas nem com o vestido, que estava sendo confeccionado na oficina, nem com as roupas que seriam usadas por baixo.

As duas se sentaram lado a lado à mesa para Katerina poder acompanhar as mãos de Roza e imitá-la.

— Pode passar a lingerie?

Quando Katerina pegou as calcinhas de seda que nem peso tinham, elas lhe escorreram feito água por entre os dedos.

— Pronto — disse rindo, quando as peças caíram na toalha de mesa. — É como se a pessoa nem sentisse que está de calcinha!

— Esse é o tecido mais fino em que é possível costurar — disse Kyria Moreno. — Para mais fino que isso, não existe no mundo agulha pequena o suficiente.

Katerina tinha o próprio retalho de *crêpe de Chine* para trabalhar. Já havia bordado a bainha e agora trabalhava em algumas letras. Seu plano era terminar um nome inteiro nas roupas de baixo com o mesmo estilo de letra que sua professora estava usando. Era preciso habilidade e concentração enormes para enfiar a ponta da agulha e não repuxar o tecido, mas a menina era determinada e sua habilidade parecia inata.

— Pode enfiar uma número oito para mim?

A agulha número oito era muito fina e deslizava facilmente pelo tecido

sem deixar nenhuma marca. Primeiro, Kyria Moreno dividiu a seda em dois “filos” e depois subdividiu um desses, de modo que costuravam com algo mais fino que um fio de cabelo humano. Ela confiou na vista aguçada de Katerina para enfiar a agulha. Ela não dava nó na linha, pois as pontas ficavam totalmente escondidas dentro do tecido.

Então as duas começaram a costurar. A arte era “escrever” o nome com pontos, e criar o efeito de uma assinatura espontânea, um estilo que personalizava a roupa para a usuária.

Trabalharam por uma hora ou mais, com o som abafado da discussão contínua atravessando a parede. Roza costurava cantarolando bem baixinho, olhando de vez em quando para o lado, onde Katerina cuidadosamente ia bordando o nome, cada ponto a aproximando mais da flor com que iria terminá-lo.

— Está perfeito, *glyki mou*, impecável, querida — exclamou Roza. — Mas não acha que agora você devia ir para casa?

— Quero terminar isso primeiro — disse Katerina sem hesitar um segundo. — E, de qualquer maneira, Kyria Eugenia vai me chamar quando estiver na hora.

— Eu devia parar agora, minha vista está muito cansada, mas vou lhe fazer companhia! Quando Saul chegar, eu paro.

Kyria Moreno havia terminado o bordado em rosa-claro nas calcinhas, então as dobrou com cuidado e as recolocou na caixa, que depois fechou com um laço de fita. Não saíam dali de dentro até o dia do casamento.

Ela então pegou a costura que fazia apenas por prazer. Era um bordado que estava ao mesmo tempo acabado e inacabado, uma obra em progresso que ela poderia continuar pelo resto da vida: uma colcha bordada que usava em sua cama com aplicações de pássaros, frutas, flores e borboletas. Ela sempre encontrava espaço para acrescentar mais um pequeno cacho de uvas, um raminho de jasmim ou, como estava fazendo hoje, uma flor de laranjeira.

— É o meu pequeno paraíso — disse.

Para Roza Moreno, a colcha que aquecia o casal à noite era um trabalho profundamente simbólico.

— Mesmo se eu viver mais mil anos — dizia —, ela nunca vai estar pronta. Teve um começo, mas nunca terá um fim.

As palavras de Roza ficaram na cabeça de Katerina. Para sempre, amor e costura estariam ligados.

Poucos minutos antes de Saul chegar em casa, Katerina deu seu último

ponto e orgulhosamente pôs seu trabalho terminado na mesa, recolocando a minúscula agulha na tampa acolchoada da caixa de costura.

— Está lindo, Katerina — elogiou Roza, deixando a própria costura de lado para admirar o trabalho. Havia semanas que observava a menina trabalhando naquela peça, e sem dúvida era a melhor coisa que ela já fizera. — Vamos arranjar um papel fino para embrulhar isso?

Embrulhada a peça, estava na sua hora de ir para casa. O cheiro dos legumes recheados de Eugenia, *gemista*, chegava à casa vizinha avisando que o jantar devia estar quase pronto.

A discussão sobre o futuro das gêmeas ainda se estendia e continuou durante o jantar.

— Mas o Isaac já saiu da escola! — queixou-se Sofia.

— Então por que a gente não pode? — continuou Maria.

Eugenia manteve-se calma picando os tomates para a salada. As gêmeas nunca tinham gostado de estudar e ela sabia que, muitas vezes, matavam aula. Parecia que elas não viam sentido na educação na sala de aula e queriam estar no mundo lá fora, desfrutando de sua liberdade.

— Para o Isaac é diferente. A família dele tem uma empresa para a qual ele vai entrar. E ele trabalha como aprendiz — respondeu ela calmamente.

As três meninas sentaram-se à mesa aguardando o jantar. Maria partia um pão em pedacinhos, agitada. Sofia, sempre a porta-voz da dupla, estava determinada a continuar com o assunto.

— Então por que não podemos ser aprendizes?

— Vocês podem. Podemos tentar encontrar um tecelão de tapetes que queira ter vocês como aprendizes. Ou eu posso ensinar a vocês.

— Mas a gente não *quer* fazer o que você faz.

Eugenia sabia tão bem quanto as gêmeas que nenhuma das duas tinha paciência para tecer ou costurar. Sofia chegara a produzir uma amostra muito tosca, mas os dedos de Maria não tinham agilidade suficiente nem para o mais básico dos pontos. Mesmo assim, Eugenia não queria que elas se tornassem “meninas do tabaco”. Ela não sabia para onde tal vida levaria.

A discussão continuava infrutífera. Katerina, sentada em silêncio, comeu o que lhe foi posto no prato e saiu de fininho para se deitar. Tirou do bolso o pacote embrulhado para presente e o colocou embaixo do travesseiro.

Na manhã seguinte, antes de sair para a escola, colocou seu presente no tamborete ao lado do tear. Era o dia da santa padroeira de Eugenia, e a menina sabia que, quando todas as tarefas domésticas estivessem prontas, ela

iria sentar-se para tecer.

Quando Eugenia abriu o embrulho e o lenço caiu em sua mão, seus olhos se arregalaram de espanto. Havia algo que a espantava ainda mais do que a delicadeza perfeita de seu nome e do sombreado das pétalas da rosa. Pairando acima da flor bordada sem falhas, havia uma borboleta com asas e antenas. O detalhe era extraordinário. Ainda com o lenço na mão, ela foi correndo na casa vizinha.

— Roza — chamou ela, levantando a cortina e entrando na casa Moreno —, já viu isso?

— Sim, claro. Eu a vi costurando.

— Não sei o que dizer...

— Essa menina tem um grande dom. Também fiquei admirada com o que ela fez.

— Mas como uma criança de dez anos pode costurar assim?

— Não sei. Até Saul diz que nunca viu nada igual. Ensinei a ela o básico, mas ninguém consegue competir com ela.

— Então o bordado é dela mesmo? Achei que pudesse ter tido a sua ajuda...

— Eu não toquei nisso! Foi trabalho de Katerina, pode acreditar. O meu bordado é canhestro perto do dela.

— Gostaria que as minhas gêmeas tivessem um pouco desse talento...

As duas riram juntas e conversaram um pouco, antes de Eugenia se levantar para sair. Tinha um tapete para terminar naquele mês e precisava dedicar o máximo de horas possível a essa tarefa.

— *Xronia Polla, Eugenia* — disse Kyria Moreno. — Feliz dia da sua santa padroeira.

— Obrigada — respondeu Eugenia. — Vá lá em casa mais tarde comer um *glyko* com a gente — convidou, sorrindo.

Ela voltou para casa e passou o restante da manhã tecendo, ora sonhando com um futuro seguro para Katerina, ora se preocupando com o que o futuro reservava para suas teimosas gêmeas.

Seu devaneio foi interrompido por um brusco chamado na porta. Era o carteiro. Suas visitas ao número 5 da rua Irini eram relativamente raras, uma vez que as cartas de Zenia passaram a ser menos frequentes. Eles se cumprimentaram, e Eugenia estendeu a mão, esperando receber o costureiro pequeno envelope claro com os conhecidos garranchos.

Dessa vez, entretanto, a carta era datilografada, e o nome no envelope

era o dela.

Era evidente pelo tipo de envelope que o governo havia enviado milhares de cartas como aquela, idênticas em todos os detalhes, salvo o nome do destinatário. A carta simplesmente informava que o marido de Eugenia, “Mikaelis Karayanidis” (o nome vinha escrito à mão), não era visto fazia cinco anos e, embora não houvesse uma prova definitiva, ele agora seria dado como morto.

Meses se passaram sem que Eugenia dedicasse a ele sequer um pensamento, então agora era difícil chorar sua morte. Ela fizera isso muito tempo atrás.

Quando as três meninas voltaram da escola naquela tarde, as gêmeas começaram a fazer um bolo. Era uma preparação confusa e caótica de amêndoas moídas, mel e açúcar, que seria grande o suficiente para a rua inteira comemorar a santa padroeira da mãe delas.

Eugenia precisava escolher o melhor momento para contar às meninas, mas, enquanto elas riam e tagarelavam debruçadas sobre a tigela, deduziu que aquela não era a hora certa.

Mais tarde, à noite, depois que a família Moreno já havia se retirado e não sobrava nenhuma migalha no prato grande onde o bolo fora servido, Eugenia deu às meninas a triste notícia. Elas a receberam com neutralidade. Nenhuma delas tinha qualquer lembrança do pai.

— Eu sabia que ele tinha morrido — disse Sofia.

— Como? — desafiou Maria.

— Eu simplesmente sabia. Há séculos.

— Você sempre sabe tudo — disse Maria, ressentida com o talento profético da irmã.

— Quando a gente esquece o rosto de uma pessoa e sabe que nunca mais vai vê-la, a pessoa está morta, não é? Ou pelo menos é como se estivesse.

— Sim, mas mesmo assim você não *sabia*. Não podia saber. E, de qualquer, maneira, ninguém sabe, mesmo agora. É isso que a carta diz.

Katerina pensou na mãe. Mal se lembrava do rosto dela e se perguntava se isso significava que ela também estava morta.

As gêmeas continuaram discutindo mais um pouco, discordando quanto à possibilidade de o pai estar morto ou não. Por fim, Eugenia ficou farta.

— Meninas, por favor, parem. Agora! Está na hora de irem para a cama.

As duas subiram batendo os pés, deixando Katerina dar boa-noite a

Eugenia sozinha.

Katerina deu-lhe um abraço. Viu que Eugenia tinha o lenço que bordara para ela no colo.

— Obrigada pelo presente, Katerina — disse, estendendo-o para admirar a rosa e a borboleta. — Você deve ter trabalhado muito para fazer este lenço e ele é lindíssimo.

Katerina viu que Eugenia tinha lágrimas nos olhos e presumiu que fossem pela perda do marido. Não estava certa do que fazer.

— Levei um tempinho — disse animadamente. — Gostou do acabamento? Eu inventei esse ponto. E viu a borboleta?

O que realmente causou o nó na garganta de Eugenia não foi a notícia do marido. Isso já parecia coisa do passado. O que mexeu com ela foi a perfeição absoluta do bordado e a inocência de sua execução. Enquanto houvesse desejo e instinto de criar tamanha beleza, havia esperança. Naqueles cinco anos desde sua fuga da Ásia Menor, houvera muitas horas sombrias, mas momentos assim, gestos como esse, iluminavam tudo. A arte e a perfeição criadas por aquelas mãozinhas a tinham deixado tão emocionada que ela não conseguia falar.

— Sim — conseguiu dizer baixinho. — Adorei a borboleta.

CAPÍTULO 14

Quando Katerina estava com treze anos, seu prodigioso talento para a costura tinha aumentado, e sua paixão pelo ofício tornara-se uma obsessão. Ela passava cada vez mais tempo com Kyria Moreno.

Estava agora bordando protetores de espaldar e de braços para móveis, toalhas de mesa e fronhas com renda feita à mão. As bainhas eram feitas de crochê com uma agulha que não era mais grossa que uma agulha de tapeçaria. Uma vez por semana, Eugenia colocava as peças prontas numa sacola, andava até uma das partes mais ricas da cidade e as vendia de porta em porta. Eram trabalhos de grande qualidade e valiam muito mais do que o que as pessoas pagavam por eles, mas, quando ela voltava, tinha sempre a sacola vazia e a carteira cheia. O talento de Katerina significava que elas nunca passariam fome.

Eugenia perdera a discussão com as gêmeas. As duas começaram a trabalhar na fábrica de tabaco na periferia da cidade e estavam felizes com a nova rotina. Exigia muito, mas o ambiente de trabalho era diversificado, e as mantinha ocupadas das sete da manhã às quatro da tarde, com um bônus se impressionassem o gerente com a velocidade e a qualidade de seu trabalho. Sofia com frequência ganhava um extra no dia do pagamento, embora seu trabalho de classificação não fosse diferente do de ninguém, e Maria via quanto a irmã era sedutora com o supervisor. Concluiu que as duas coisas provavelmente tinham ligação, mas ficou quieta, sabendo que a irmã lhe responderia com quatro pedras na mão.

A vida no número 5 da rua Irini era muito silenciosa sem as gêmeas. Eugenia se preocupava por elas estarem tão longe e continuava infeliz com o trabalho que haviam escolhido. Pelo menos, sabia que Katerina certamente não as acompanharia. Seu extraordinário talento a levaria por outro caminho.

— Eugenia — disse Roza um dia —, Saul comentou que, assim que você quiser que Katerina deixe a escola, ela é bem-vinda para trabalhar com ele. Elias começou semana passada e seria bom ter outro jovem na empresa.

— Acho que isso vai acontecer em breve, Roza. É o que ela quer.

— Ele está interessado em ver como as habilidades dela serão aplicadas na moda feminina — prosseguiu ela. — Ele aposta muito nela, você sabe.

— Vamos conversar com ela mais tarde?

Naquela noite, expuseram a ideia para Katerina. A menina deu pulos de alegria diante da possibilidade de deixar a escola. A matemática que aprendera seria útil, já que havia sempre cálculos a fazer com padrões, medidas e números de pontos, mas as outras matérias, como ciências, história e geografia, sempre lhe pareceram tediosas. Ela nunca entendera como poderiam ter relação com a sua vida.

No dia seguinte, as três foram à oficina Moreno na rua Filipou, a quinze minutos a pé da rua Irini. Kyrios Moreno estava na entrada para recebê-las.

— Senhoras, sejam bem-vindas! — saudou com um grande floreio.

A oficina foi arrumada como uma escola, com grandes salas de cada lado de um corredor. Primeiro havia o showroom, onde ficavam expostos os tecidos e os manequins sem cabeça vestidos com ternos masculinos de estilos diversos. No canto, elas viram Isaac envolvido numa conversa animada com um cliente, segurando mostruários de tecido na luz enquanto ajudava um senhor idoso a fazer a sua seleção.

Na sala ao lado, estavam os croquis de roupas femininas, e estes eram exibidos nas paredes como quadros numa galeria. Katerina andou ao longo da fileira de imagens e sorriu. Cada vestido ilustrado era feito sob medida, tão bem-moldado ficava na silhueta da cliente.

— É aqui que nossas clientes vêm para examinar nossos croquis e tirar as medidas, mas elas muitas vezes querem algo mais exclusivo. Então, em todas as roupas, podemos criar algum detalhe único, seja com contas, renda ou um formato especial de gola. Aqui somos conhecidos por duas coisas, Katerina: nossa qualidade e nosso detalhe. Nada é menos que perfeito.

Havia um único manequim sob um foco de luz na sala, e Katerina e Eugenia pararam para contemplá-lo. Exibia um vestido de noiva tão luminoso que não parecia destinado a um ser humano.

Era longo e reto, como era moda da época, e feito com *crêpe de Chine* creme do tom mais claro que havia. O corpo era todo bordado com pérolas miúdas não maiores que pingos de chuva, e as mesmas pérolas eram usadas para debruar a bainha. Presa nos ombros, uma capa de gaze ondulava delicadamente com pequenos rios de pérolas mais miúdas ainda correndo em sua extensão. O efeito geral era o de uma roupa de fada, e, a não ser pelas pérolas, que lhe davam algum peso, o vestido poderia ser levado pelo vento.

Era impossível imaginar uma noiva bela o suficiente para usá-lo.

Kyrios Moreno as viu admirando o vestido.

— Não é excepcional?

Nenhuma delas precisava responder.

— Só para pregar as pérolas foram três semanas de trabalho em tempo integral — disse ele com orgulho. — E cada uma está no lugar exato.

A luz captava o brilho opalino das pérolas. Era um vestido mágico.

— A noiva virá buscá-lo hoje à tarde — disse Kyria Moreno. — Mas sempre tem um vestido de noiva nesse manequim, e às vezes são muito mais elaborados que este. Vocês ficariam espantadas com o que as pessoas ricas dessa cidade sonham para as filhas!

— E tentamos ajudá-las a realizar suas fantasias! — acrescentou o marido. — Por isso precisamos do tipo de habilidade que você tem.

— Mas eu nunca poderia fazer um vestido assim! — disse Katerina.

— Bem, ainda não. Mas garanto que em alguns meses você será capaz de pregar todas essas pérolas sem problema! Vamos, deixem-me lhes mostrar o restante.

Na sala ao lado, havia enormes mesas de corte, e homens e mulheres trabalhavam com as tesouras. Katerina viu Elias com uma fita métrica pendurada no pescoço recebendo instruções de como alinhar o tecido antes de começar a cortar. Ele era um jovem aprendiz como ela.

Na sala seguinte havia várias fileiras de pessoas sentadas em bancos compridos, cada qual com uma reluzente máquina de costura Singer. O barulho das agulhas se movendo para cima e para baixo impedia a conversa. Todas as pessoas pareciam completamente envolvidas no trabalho, e várias delas ergueram a mão para cumprimentar Kyrios e Kyria Moreno. As idades variavam muito, de meninas que pareciam mais jovens que Katerina a mulheres que poderiam estar na faixa dos oitenta anos, e com os homens era a mesma coisa.

A penúltima sala era conhecida como “Estoque” e ali se guardavam os botões, as linhas e os acabamentos em reluzentes caixas de madeira e de vidro, todas etiquetadas a fim de facilitar a localização das peças. Katerina sorriu, lembrando-se do belo e organizado armário de Kyrios Alatzas de que ela gostava tanto.

A disposição da última sala era mais informal. Dezenas de mulheres trabalhavam com roupas no colo, fazendo o mesmo tipo de trabalho de acabamento que Kyria Moreno muitas vezes fazia em casa: caseando,

pregando contas, fazendo bainha, rolotê e complexos pontos de bordado. Cada uma delas tinha ao lado uma mesinha e uma caixa de madeira e havia um agradável zum-zum de conversa enchendo a sala, que não foi interrompido nem mesmo quando Kyrios Moreno entrou.

— Bom dia, senhoras — cumprimentou Kyrios Moreno, sobrepondo-se ao burburinho. — Posso lhes apresentar minha boa vizinha, Kyria Karayanidis e Katerina Sarafoglou, uma das jovens estrelas do bordado em ascensão na cidade?

Os modos de Saul Moreno eram impecáveis e sua apresentação deixou Katerina sentindo-se mais alta do que a Torre Branca.

— Bom dia — responderam todas em coro sem interromper o fluxo de trabalho.

Katerina observou atenta o que as mulheres estavam fazendo. Se pudesse ganhar mais experiência no caseado, seria mais do que capaz de se juntar a elas.

Quando voltaram ao showroom, Kyrios Moreno virou-se e encarou Katerina.

— Bem, jovem, o que acha? Gostaria de se juntar a nós na Moreno & Filhos?

Sem pensar duas vezes, Katerina confirmou com um gesto de cabeça.

Com carinho e humor, Kyrios Moreno pegou sua mão e a apertou firmemente.

— Fico muito feliz — disse. — Quando pode começar?

— Semana que vem?

— Haverá uma cadeira esperando por você na sala de acabamento — disse ele sorrindo.

Quando ele se virou para acompanhá-las até a saída, elas viram um rosto que reconheceram: Konstantinos Komninos. O cumprimento dele foi formal.

— Bom dia — disse Eugenia, baixinho. — Como está Kyria Komninos?

— Está bem, obrigado. Vim ver uns tecidos novos para ela.

Eugenia queria perguntar por que ela mesma não tinha ido ver os tecidos, mas não o fez. Fazia cinco anos que Olga deixara a rua Irini, e mesmo quando morava lá, Eugenia se lembrou de que raramente se aventurava a sair de casa.

— Esta é Katerina, lembra-se dela?

— Na verdade, não — disse ele, de chofre. — Mas as crianças mudam mesmo, não é?

— E como está Dimitri?

Havia vários meses que Katerina não via Dimitri e sentia muita falta dele. Ela e as outras crianças costumavam implicar com ele por sua seriedade, mas ele era inteligente e bom, e sua ausência deixara um vazio.

— Ele está indo bem na escola e se esforçando muito — respondeu Konstantinos com imponência. — Tem provas importantes chegando e depois vai começar a estudar direito.

— Por favor, dê lembranças nossas à sua família — pediu Eugenia.

Komninos tornou a pôr o chapéu e confirmou com um gesto de cabeça.

— Bom dia — disse, virando as costas e saindo pela porta principal.

Eugenia tinha certeza de que Kyrios Komninos não daria o recado e resolveu ela mesma visitar Olga. Sabia que estaria pouco à vontade na mansão da rua Niki, mas se sentia culpada por ter deixado passar tanto tempo sem ir lá.

Katerina se perguntava se estudar direito era ambição de Dimitri ou simplesmente do pai dele. Até onde ela se lembrava, o rapaz sempre quisera ser médico. De qualquer forma, não era difícil imaginar seu amigo inteligente mergulhado nos livros.

Despediram-se finalmente de Kyrios Moreno e as três voltaram para a rua Irini debaixo de sol. A cidade fervilhava de gente, e elas passaram por vários cafés onde mulheres elegantes estavam sentadas tomando café e comendo doces.

— Estão vendo aquelas senhoras, bem à nossa direita? — sussurrou Roza. — Todas elas estão usando roupas “Moreno”.

— Como a senhora sabe? — perguntou Katerina.

— Vejo simplesmente pelo caimento. Você vai começar a reconhecer o estilo também, a fatura do tecido, o detalhe. Eu me lembro de ter pregado os botões do blazer verde-hortelã — disse ela.

Eugenia riu.

— Você se lembra de tudo?

— De tudo, não. Não me lembro do nome da maioria das pessoas da sinagoga. Simplesmente não memorizo. Mas me lembro de quase cada ponto que fiz!

Katerina se perguntou se seria assim um dia. Sentiu-se muito adulta, como uma mulher andando ao lado de Eugenia e Kyria Moreno. Seus dias de bonecas e faz de conta tinham acabado e ela estava mais que pronta para começar a vida profissional.

As duas mulheres começaram a fofocar.

— Acha que devíamos visitar Olga? — refletiu Eugenia, que andara pensando em Kyria Komninos desde o encontro com o marido dela.

— Já entreguei uma ou outra peça na casa dela, mas normalmente Pavlina pega a encomenda para ela. Aparentemente ela não sai de casa desde que deixou a rua Irini — disse Kyria Moreno.

— Que horror! Então quem ela vê?

— Kyrios Komninos recebe os clientes em casa, e é por isso que mantém a mulher tão bem-vestida.

— Então ele ainda a trata como seu manequim?

— Acho que se pode ver dessa maneira. Na oficina, estão sempre trabalhando numa coisa ou noutra para ela, mas duvido que muitas das roupas sejam usadas mais que uma ou duas vezes.

Katerina arregalou os olhos. A ideia de usar uma roupa uma vez só era inimaginável. Quase a vida toda ela tivera um vestido no corpo e outro pendurado para secar, e, desde que Eugenia passara a cuidar dela, usava as roupas herdadas das gêmeas. O vestido de algodão branco bordado de margaridas com que ela fugira de Esmirna fora a última roupa nova que possuía.

— E Dimitri? Alguma vez ele estava em casa quando você foi lá?

— Não. Normalmente, ele está na escola — refletiu Roza. — Elias às vezes vai lá. Lembra como aqueles dois gostavam de brincar de *tavli*?

— Lembro — disse Eugenia.

— Bem, eles não mudaram. Estão mais competitivos que nunca. Uma disputa eterna da qual nenhum deles vai sair vencedor. E se Kyrios Komninos chega quando eles estiverem brincando, Elias tem que ir embora imediatamente. O pai tem muitas ambições para aquele pobre menino. Se ele não for fluente em cinco línguas antes de sair da escola, vai ter problema.

Eugenia riu.

— Coitadinho.

Katerina ouvia. Uma imagem viva da estranha vida de Dimitri em sua casa privilegiada lhe veio à mente.

Uma pergunta começou a se formar em sua cabeça a respeito dos Moreno. Com aquela empresa enorme e todos os seus clientes ricos, por que moravam na rua Irini com pessoas como elas? Ela não pôde deixar de se perguntar. Com certeza eles poderiam ter uma mansão como a da família Komninos.

Ela juntou coragem para perguntar.

— Por que vocês não moram numa casa como a do Dimitri? Numa casa maior e mais imponente?

— Por que haveríamos de querer fazer isso? — rebateu Roza, fingindo surpresa diante da pergunta.

Katerina ficou meio sem jeito, mas se sentiu compelida a continuar.

— Bom... vocês têm uma oficina tão grande... e um nome tão importante nesta cidade. E todas aquelas senhoras arrogantes usam as suas roupas, e os maridos delas também.

Roza Moreno sabia exatamente o que a menina estava querendo dizer. As poucas pessoas que iam à oficina e também sabiam onde eles moravam geralmente ficavam intrigadas. A família Moreno havia prosperado, mas nunca se mudara daquela casinha numa rua malconservada da cidade velha.

— Vou lhe dizer por quê, minha querida. E é muito simples — explicou. — Meu marido toca a empresa tanto para as pessoas que trabalham lá quanto para ele mesmo. Só empregamos os melhores alfaiates e costureiras de Tessalônica, então pagamos a eles mais que o salário médio.

Katerina balançava a cabeça enquanto Kyria Moreno continuava.

— Muitos deles são nossos parentes, portanto estão tão determinados quanto nós a manter a reputação da empresa que carrega o nome da família. Mas — fez uma pausa — não empregamos só judeus. Há alguns gregos! Sempre fizemos questão disso. Havia muitos muçulmanos conosco também, e ainda sentimos falta deles.

— Acho que não há muitas outras oficinas tão iluminadas e espaçosas quanto a sua — disse Eugenia.

— A maioria delas é muito menor — respondeu Roza. — Saul gastou todos os lucros dos últimos dez anos melhorando as instalações, então, em vez de ter uma casa maior, temos uma oficina maior!

— E as máquinas de costura novas devem ter custado muito dinheiro — disse Eugenia.

— Sim — disse Roza. — Foi um grande investimento, mas todo mundo cuida da sua máquina como se realmente fosse o dono dela. — Pegou a mão de Katerina. — Então, você entende, não precisamos viver como os nossos clientes assim como não precisamos nos vestir como eles — disse, mostrando com um gesto a própria roupa, uma saia longa e uma blusa simples que não tinham relação nenhuma com os novos estilos europeus.

Àquela altura, elas já haviam entrado na rua Irini. Ali estava o restante

da resposta: a rua onde ninguém olhava de cima para ninguém, fosse grego antigo, grego “novo” da Ásia Menor, judeus que falavam grego ou judeus que falavam só ladino.

Simultaneamente, as três tiveram a mesma ideia. Por que qualquer uma delas haveria de querer trocar sua vida e sua casa com Olga Komninos? Elas a imaginaram, sisuda e sozinha, em sua mansão sobre o mar.

Uma semana depois, Katerina foi à escola pela última vez. No dia seguinte, Eugenia a acordou às seis e meia. Em dez minutos, a menina tinha se lavado, se vestido e estava pronta para sair de casa.

Com o coração palpitando de empolgação, ela saiu para a rua. Kyrios Moreno e seus filhos estavam à sua espera na luz clara do alvorecer.

— Aí está ela! — disse Elias, com entusiasmo. — Pronta? Vamos?

Era o início da vida de Katerina no mundo do trabalho, seu primeiro dia como costureira, como *modistra*.

— Sim — respondeu ela com orgulho. — Estou pronta.

CAPÍTULO 15

Katerina começou seu treinamento sob as asas da tia de Saul, que era uma professora rígida porém preparada. Esther Moreno trabalhava havia quarenta anos na empresa, que era a sua vida tanto quanto a do sobrinho. Solteira, ela não perdera um só dia de trabalho em quatro décadas.

O primeiro estágio do aprendizado envolvia adquirir conhecimento sobre os tecidos — que limitações, vantagens e aproveitamento tinham, desde tweeds e sarjas masculinos até sedas e algodões femininos. Davam-lhe amostras de cem rolos de tecido e mandavam-na experimentá-las e tentar agulhas de tamanhos diversos e linhas de várias espessuras para saber quais as melhores para usar.

— Só sentindo essas coisas entre os dedos e vendo você mesma o resultado, aprenderá o que é mais apropriado. Não dá para errar quando estiver trabalhando numa roupa. Portanto, cometa seus erros agora.

O conhecimento de Esther Moreno das expectativas dos clientes baseava-se em décadas de experiência ininterrupta. Ela não tinha senso de humor, mas normalmente estava com a razão, e a novata prestava atenção a tudo que ela dizia.

Katerina passou três semanas inteiras sentada num canto com uma pilha de tecidos de todos os pesos, de veludo a brim, e viu as possibilidades de cada um, que peso de seda ou fio funcionava melhor. Ela nunca tivera uma oportunidade como aquela de sentir tantas variações diferentes de textura, qualidade e espessura de tecido. Nada a distraía de sua tarefa.

Depois disso, foi mandada para observar o processo (só das roupas femininas, claro) de tirar medidas e provar, e depois passou dois dias na sala de corte. Era ali que cada dracma de lucro podia ser perdida. Sendo o tecido de qualidade tão caro, cada centímetro quadrado tinha que ser bem aproveitado. Se houvesse um erro no sentido do pano, um deslize com a tesoura, ou se a organização dos moldes não fosse econômica, a roupa dava prejuízo.

— Se houver um erro neste estágio, o custo da roupa para nós será maior

do que o preço com que podemos vendê-la ao cliente — disse-lhe Esther sem rodeios.

Katerina pegou uma daquelas tesouras de alfaiate difíceis de manejar e torceu para nunca se envolver com corte.

Depois, foi à sala de costura, onde foi saudada por um estrépito ensurdecedor, mas ritmado. Elas se sentaram juntas a uma das máquinas e Katerina correu os dedos por suas curvas de aço frias. Eram uma obra de arte, cada uma daquelas Singers, com uma gravação fina na placa de prata que escondia o mecanismo e flores e frondes preciosamente pintados no corpo principal. Esther Moreno demonstrou a Katerina como enfiar a linha na máquina e acionar o pedal com os pés, mas a jovem ficou alarmada com a sensação de que a agulha estava fugindo dela e torceu para não precisar passar seus dias na Moreno & Filhos entre as máquinas.

— Agora, a sala de acabamento — disse Esther. — É aí que a sua imaginação pode levá-la aonde você quiser.

Katerina sonhara com essa sala desde sua última visita. Todas as mulheres ergueram os olhos quando ela entrou, e sorriram.

— A modelagem tem regras — disse Esther. — Somos quase governadas pela matemática e pelas regras de proporção e, até certo ponto, a forma singular e muitas vezes curiosa do corpo humano, mas...

Katerina estava tentando focar no que a mulher dizia, mas achou o modo científico como ela falava do corpo bastante curioso. Pouco depois, sua concentração voltou e Esther continuava falando.

— ... não há limites, não há regras em relação ao que se pode fazer para embelezar um vestido — continuava ela. — Há certas coisas que precisam ser definidas previamente com a cliente. Você tem que estimar o tempo de que vai precisar, calcular o preço dos tecidos, orçar os custos e submeter isso a mim para que eu possa avaliar a rentabilidade.

Katerina não tinha ideia do que ela estava falando. Tudo que queria era costurar, e estava paralisada com a carreira de laços que uma das mulheres estava pregando de cima a baixo nas costas de um vestido longo de baile.

Confirmou com um gesto de cabeça. Parecia a resposta correta. Era óbvio que Esther Moreno não esperava que ela dissesse muito.

— Sei que Kyrios Moreno quer você aqui, então vou deixar Kyria Raphael tomar conta de você agora.

— Muito obrigada, Kyria Esther — agradeceu Katerina educadamente.

Esther Moreno já estava abrindo a porta para sair. Sentia-se muito mais

à vontade em seu escritório, onde lidava com orçamentos e faturas da empresa, e todos na sala deram um suspiro de alívio quando ela se foi.

Katerina foi posta imediatamente para trabalhar pregando contas. Só uma vista jovem e dedos pequenos como os dela conseguiam pegar os cristais minúsculos e empunhar a agulha número nove exigida para pregá-los. No fim do dia, ela já havia pregado todos ao redor da bainha do vestido, e as outras costureiras vieram admirar o bom trabalho que fizera.

— Está muito caprichado!

— E uniforme!

— Perfeito, Katerina!

Ela quase ficou constrangida com a prodigalidade dos elogios, mas isso lhe disse o que ela precisava saber. Era boa o bastante.

Desde este dia, ela prosperou, e sempre era chamada para fazer as tarefas que exigiam o trabalho mais esmerado. Sabia fazer bordados, aplicações, rolotês e franzidos com pontos quase invisíveis a olho nu, e a regularidade de seus pontos, qualquer que fosse o tamanho, era extraordinária. Estivesse ela fazendo ponto cheio, ponto de aresta, ponto russo ou de cadeia, sua agulha entrava e saía com o mesmo ritmo mecânico das máquinas na sala ao lado.

Às vezes, até mesmo o ato de enfiar uma agulha evocava uma profunda nostalgia e era nessas longas horas na oficina que ela mais pensava na mãe. Era sempre o mesmo momento que lhe voltava, um momento em que suas vidas, em sua maneira infantil de ver o mundo, eram perfeitas. Naquela partícula de tempo congelada, sua mãe estava sentada numa cadeira de espaldar muito reto, perto de uma janela, e suas costas estavam retas e rígidas. Ela estava bordando algo com linha de ouro e, com a luz que entrava pela janela, o bordado brilhava. Seu trabalho, uma veste eclesiástica, estava estendido em seu colo.

— Nunca deixe o corpo cair — dissera sempre a Katerina, e sempre que essa imagem lhe voltava, ela automaticamente endireitava sua posição.

Diariamente, Katerina era protegida da sordidez de grande parte de Tessalônica. As vielas calçadas que davam na rua Filipou, onde ficava a oficina Moreno, não passavam pelas barracas improvisadas que ainda abrigavam muitos que haviam perdido suas casas no incêndio de 1917. Nem a levavam perto dos casebres de madeira espremidos de forma incongruente entre magníficos prédios de apartamentos e fileiras de mansões de classe média, onde alguns refugiados da Ásia Menor ainda viviam como ciganos. E

ela nunca havia estado perto da estação ferroviária, que talvez fosse a pior área de todas. Nas “ruas” apinhadas de barracões de zinco, esgoto e ratos andavam lado a lado, e uma em cada duas portas dava num esconderijo ou num bordel.

Embora as casas fossem simples e grudadas, como se construídas despreocupadamente por uma criança, a rua Irini era rica comparada com outras partes de Tessalônica, que naquela época, mais do que nunca, era uma cidade de riqueza e pobreza extremas. Numa das pontas estavam os banqueiros e comerciantes ricos, o tipo de gente que incluía a clientela dos Moreno e de Komninos, e, no outro, os paupérrimos que moravam em favelas e viviam de donativos de sopa. As famílias da rua Irini estavam no meio.

O desemprego era alto, mas, mesmo entre quem estava empregado, a efervescência da insatisfação constantemente vinha à tona. Diferentemente de Saul Moreno, a maioria dos patrões não se dava o trabalho de manter os empregados felizes, e os últimos anos da década de 1920 viram protestos contínuos. Os trabalhadores da indústria do tabaco eram uma enorme fonte de militância trabalhista e lutavam por condições e salário, mas não estavam sós. Trabalhadores dos meios de transporte, tipógrafos, padeiros e açougueiros faziam mobilizações operárias. Essa atmosfera intranquila de pobreza e exploração era um criadouro perfeito para o comunismo.

Os nacionalistas eram veementemente hostis à esquerda, que ganhava cada vez mais adeptos, mas tinham também outro alvo: os judeus, a quem acusavam de não se integrar à vida grega.

Durante toda a década, o jornal direitista *Makedonia* suscitou ódio e desconfiança contra os judeus, propagando rumores de que eles planejavam tomar o controle do Estado. O jornal lembrava aos leitores que em 1912, quando a cidade deixou de pertencer ao Império Otomano e tornou-se parte da Grécia, os judeus da cidade deram uma fria acolhida ao Exército grego. Alguns nem sequer falavam a língua grega e continuavam a usar o ladino. Em outras palavras, não eram patriotas nem gregos de verdade. A lista de seus “crimes” era longa, segundo o *Makedonia*.

Era uma época de ressentimento em fermentação e de pobreza generalizada entre os gregos da Ásia Menor, o que ajudava a fomentar esse ressentimento. Certo dia, Saul Moreno chegou à oficina muito cedo, como sempre, e encontrou a palavra “judeu” pintada com tinta vermelha na porta. Antes de o primeiro funcionário chegar, ele já havia comprado uma lata de tinta preta e repintado a porta inteira. Todos ficaram intrigados com o seu

desejo repentino de mudar a cor, mas ele não quis perturbar sua equipe contando o que acontecera.

— Fiquei com vontade de mudar — disse, mas, poucas semanas depois, ele a repintaria com sua cor verde preferida.

Kyrios Moreno tentava proteger sua mulher. Todos os dias, quando ia para o trabalho, comprava um dos milhares de jornais que abarrotavam o jornaleiro, mas, se houvesse referência a atividades antissemitas, logo o jogava fora. Ele também ficava calado a respeito dos olhares hostis que notava de vez em quando e não contou a Roza que dois de seus clientes levaram seus negócios para outro lugar.

No fim de junho, houve uma notícia importante que lhe chegou antes mesmo de ser publicada num jornal.

Dois de seus alfaiates moravam num bairro predominantemente judeu, conhecido como bairro Campbell. Na noite anterior, suas casas haviam sido incendiadas com tochas. Os homens ainda estavam em estado de choque, mas queriam contar a história toda aos colegas. Vinte pessoas se reuniram numa roda na sala de corte, apavoradas com o que ouviam, mas ávidas por um relato em primeira mão. Ao que tudo indicava, um bando de refugiados da Ásia Menor, principalmente das áreas carentes vizinhas, era o responsável.

— Para começar, nós nos entrincheiramos dentro de casa. Parecia o melhor a fazer, se quiséssemos proteger nossas casas e ficar a salvo.

— Mas não foi isso que aconteceu... — disse seu vizinho.

— Eles estavam arrasando tudo.

— Feito loucos!

— Tão logo tocaram fogo no primeiro prédio, tivemos que sair. Depressa. Então todo mundo correu. Fugimos com o que deu para carregar.

— Teve gente que perdeu tudo! Oficinas, casas, tudo!

— Tivemos sorte de sair vivos!

— E atacaram duas outras áreas também, vocês sabem!

O incidente chocou judeus e gregos igualmente. Houve um julgamento de alguns dos autores da violência, incluindo o editor do *Makedonia*, que incitara tanta hostilidade contra os judeus. Muitos judeus, inclusive um dos alfaiates da Moreno, fizeram planos de emigrar. Se não era possível se sentir seguro na própria cama, ele ia embora. No mês seguinte, com mais algumas dezenas de famílias, partiu para a Palestina.

Saul Moreno estava decidido a não deixar que esses acontecimentos afetassem sua empresa. Colocou anúncios de página inteira em alguns dos

jornais mais direitistas e, com a permissão deles, reproduziu depoimentos de alguns de seus clientes ricos e proeminentes.

Os anúncios continham a mensagem: “Deixem-nos vesti-los dos pés à cabeça.” Usaram a ilustração de um casal elegante, o homem de terno escuro e a mulher de vestido longo bordado com contas. A mulher retratada tinha uma semelhança incrível com Olga Komninos.

No pé da página, em letras grandes, lia-se: “MORENO & FILHOS, OS MELHORES ALFAIATES DE TESSALÔNICA.”

O anúncio era uma demonstração de confiança, um gesto de desafio dirigido àqueles que lhes desejavam mal.

Saul Moreno usou também de outros artifícios para manter alto o moral dos empregados. Comprou um gramofone. O gramofone era ligado no fim da tarde, e as mulheres adoravam quando ele entrava para dar corda no aparelho. Assim que a agulha pousava com um rangido no disco e o som crepitava na sala, o ambiente ficava mais leve.

A coleção de discos era limitada, mas a sessão geralmente começava com uma das canções sefarditas da Turquia de Haim Effendie e sempre terminavam com a sua preferida, Roza Eskenazi. Suas mãos ocupadas trabalhavam no ritmo dessa música.

Acima do estrépito das máquinas de costura, quem trabalhava na sala ao lado sorria ao ouvir as mulheres cantando a todo volume.

Esther Moreno não aprovava a música e o ambiente festivo que ela criava, convencida de que a produtividade baixava quando estava tocando. Ela estava errada. Na verdade, a música deixava as mulheres com menos pressa de arrumar as coisas e ir para casa. Katerina foi uma das que gostaram particularmente da novidade e aprendeu com perfeição as letras de todas as canções. Em sua casa não havia gramofone.

Os dedos esguios de Katerina estavam ficando cada vez mais ágeis e sua execução de algumas das técnicas mais difíceis melhorou. Às vezes, nos tecidos mais finos, havia costuras que não podiam ser feitas adequadamente à máquina e ela as fazia à mão. Seu trabalho manual nos vestidos tornou-se o mais procurado da cidade.

— Dá para usar os vestidos dela pelo avesso — gabavam-se suas clientes ricas.

Era verdade. Suas costuras eram perfeitas, e, às vezes, o lado do avesso das contas que ela pregava ficava até mais bonito que o direito.

Certo dia pediram-lhe para finalizar um vestido de crepe amarelo-claro.

Ele fora confeccionado para alguém com uma cintura bem fina, e pediram a Katerina para pregar os mais de vinte e cinco botões forrados que havia na frente, e fazer as alças para as casas. O desafio não seria tão grande se eles não fossem do tamanho de botões de luva.

— É para Kyria Komninos — disse-lhe Saul Moreno.

Katerina sabia que não devia fazer comentários pessoais sobre as clientes ou suas escolhas. A descrição e o tato eram pré-requisitos para o trabalho, mas Katerina não pôde deixar de fazer uma observação.

— Ela está muito magra! Mais magra que nunca!

Chocava-a imaginar quão magra Olga ficara. Em sua mente, tal magreza normalmente era associada à doença ou à fome, mas ela sabia que a causa não poderia ser essa. Mesmo que houvesse milhares de pessoas sem o que comer na cidade, todos sabiam que a empresa de Komninos ficava cada vez mais rica.

— Ela está...?

— O quê?

— Bem de saúde?

— Uma das provadoras foi à casa dela tirar as medidas e não mencionou nada a respeito de ela estar doente. Aliás, quando terminar o vestido, você poderia entregá-lo?

— Claro — disse Katerina, tentando não parecer ansiosa demais.

— Kyrios Komninos quer que ela tenha o vestido para sábado.

Isso dava a Katerina menos de dois dias úteis para completar a tarefa.

Ela começou imediatamente, e, no ritmo da música de Markos Vamvakaris, o último botão foi pregado às três horas da tarde de sexta-feira. O vestido passou pela inspeção final de Kyrios Moreno e depois foi embrulhado em várias camadas de papel fino, sendo cuidadosamente colocado dentro de uma caixa rasa e grande que foi amarrada com uma fita amarela.

Com o embrulho embaixo do braço, Katerina vestiu o casaco e nervosamente partiu para a residência dos Komninos, uma casa que ela vira e em que pensara tantas vezes, sem nunca ter posto os pés dentro.

Chuviscava quando ela saiu da oficina, e, ao alcançar o mar, viu que ondas quebravam na esplanada. Ao passar por um bonde sentiu a água espirrar nos tornozelos e apertou o passo. A chuva tinha apertado, e, sabendo que o vestido devia valer mais de meio ano do seu salário, ela se afligiu, temendo que a caixa difícil de carregar pudesse ficar molhada. Agarrou-a

com os dois braços.

As ruas estavam calmas naquela tarde, já que a maioria das pessoas aguardava a chuva passar antes de se aventurar a sair, mas, através da chuva fina, ela viu um vulto solitário vindo no sentido contrário. O vulto carregava uma pasta de couro como um homem de negócios e ela se perguntou qual deles se afastaria para permitir que o outro desviasse da poça que havia na calçada.

Então ela percebeu que ambos estavam virando na mesma entrada.

Naquele último ano, ela só vira Dimitri de longe, e era estranho vê-lo agora tão de perto. Embora se vestisse como adulto, com um terno elegante, ele tinha o mesmo rosto dos tempos de menino. Dezesseis anos parecia uma idade precoce para alguém começar a imitar o pai, foi a primeira coisa que passou pela cabeça dela.

— Dimitri... olá. Como vai? — saudou ela, o coração palpitando.

— Katerina! Que surpresa! O que você está fazendo aqui?

Antes que ela tivesse tempo de responder, Pavlina já abrira a porta.

— Entrem — disse ela. — Depressa. Está um horror aí fora!

— Vim entregar um vestido para Kyria Komninos — explicou Katerina, entregando a caixa a Pavlina.

— Você tem que entregar pessoalmente a ela! — exclamou Pavlina. — Tire as suas roupas molhadas e vá lá em cima. Ela está na sala.

Dimitri e Katerina tiraram os casacos molhados e subiram a larga escadaria atrás de Pavlina. Katerina tentava não ficar boquiaberta diante da grandiosidade da casa, do tamanho das salas e da suntuosidade das cortinas. Nunca vira nada igual. Havia quadros a óleo em molduras douradas nas paredes e quase toda a reluzente mobília europeia parecia ter um toque de ouro.

Dimitri bateu de leve na porta dupla no topo da escada. Eles ouviram um “entre” baixinho.

Olga estava sentada próximo à lareira numa cadeira grande, com os pés apoiados em outra. Estava lendo. Ergueu os olhos, surpresa e ligeiramente intrigada de ver o filho com uma jovem que, no primeiro momento, não reconheceu.

— Mãe, é a Katerina! Ela trouxe um embrulho da Moreno para você.

— Katerina! Quase não a reconheci.

O rosto e os olhos redondos da menina não haviam mudado, assim como a expressão aberta e o sorriso largo, mas o cabelo, que antes ela usava

penteadado em duas tranças que lhe chegavam à cintura, fora cortado bem curto.

Olga estava exatamente igual, ainda que mais magra.

Talvez ela tivesse andado doente, pensou Katerina, o que explicaria por que nunca ia pessoalmente à Moreno & Filhos.

Colocou a caixa numa cadeira ao lado de Olga e ficou admirada com a falta de interesse dela em abri-la.

— Quer que eu o tire da caixa? Acho que é preciso pendurá-lo.

— Não se preocupe. Pavlina fará isso em um minuto. Quero saber como estão as coisas. Como está Eugenia? E as gêmeas?

Apesar do jeito discreto e da voz baixa, Olga Komninos parecia ávida por informações. Katerina começou a lhe contar sobre as noites que passara com Roza Moreno e como fora convidada a trabalhar na empresa.

— Todo dia quando acordo é como se o sol estivesse nascendo dentro de mim — disse com entusiasmo. — E todas as manhãs, vou a pé para a oficina com Isaac e Elias. O pai deles sai bem antes de nós...

Por uns dez ou quinze minutos, ela prosseguiu sem parar, descrevendo como passava cada dia, as pessoas com quem trabalhava, o que ouviam no gramofone e assim por diante. Sua empolgação e seu entusiasmo por seu trabalho e sua vida eram invejáveis. Ela até conseguiu despertar simpatia pela lúgubre Esther Moreno, que usava o seu azedume como um vestido sem graça.

Quando ela terminou, Olga tinha um retrato completo de sua vida profissional, assim como Dimitri, que ficou algum tempo parado no vão da porta, escutando, enfeitado, cada palavra. Não pôde deixar de comparar os colegas de Katerina com o pessoal da faculdade particular que ele frequentava. Era em geral com cansaço que ele levantava da cama, vestia aquelas roupas formais e pegava a pasta de livros para ir andando e chegar pontualmente para as aulas. Acordava cansado, tendo estudado até tarde na véspera, portanto, a alegria que Katerina sentia quando o despertador tocava era desconhecida para ele.

Quando Pavlina apareceu atrás de Dimitri com uma bandeja de café, ele viu que não podia mais ficar na passagem.

Katerina parou de falar quando ele entrou, de repente inibida.

— Parece que você gosta do seu trabalho — disse Dimitri.

— Gosto, sim — respondeu ela.

Ambos foram quase vencidos pela timidez.

— Café, Katerina? — perguntou Pavlina.

— Não, obrigada — disse ela. — Só um pouco de água, por favor. E depois eu preciso ir.

— Que pena, Katerina — exclamou Olga. — Eu estava gostando tanto de ouvir sobre o que você está fazendo. E ainda não me contou sobre a rua Irini. Por favor, fique mais um pouco.

Por uns momentos, Olga sentiu-se viva novamente, como se alguém tivesse abanado as brasas moribundas de uma fogueira. Embora a ideia do mundo lá fora fosse apavorante e a possibilidade de sair quase a paralisasse, ela ainda tinha um grande desejo de participar do dia a dia das ruas, dos cafés, dos locais de trabalho. O marido não oferecia isso para ela, tampouco os convidados que trazia em casa, pessoas cuja polidez e formalidade só a faziam sentir-se mais e mais isolada.

Katerina modificara a sala. Se alguém tivesse tirado do vaso o arranjo formal de rosas e crisântemos e posto no lugar um molho de flores silvestres recém-cortadas, com as abelhas ainda zumbindo em volta delas, teria feito uma transformação semelhante.

Dimitri atravessou a sala e sentou-se ao lado de Olga. Mãe e filho continuavam enfeitiçados com as histórias e anedotas da jovem, e o bom humor com que ela as contava.

Quando chegou em casa, Konstantinos Komninos foi recebido com um barulho que era incomum ali: torrentes de gargalhadas vindas do primeiro andar. Sua tosse e o ruído seco de seus passos calou-as, e, quando ele entrou na sala, Katerina já se levantara para sair.

— Essa é a Katerina, da Moreno & Filhos — apresentou Dimitri depressa, como se para justificar a presença dela. — Ela veio fazer uma entrega.

— Eu sei quem ela é — disse ele com rudeza. — Onde está a entrega? Cadê o vestido?

Ele viu a caixa ainda sobre a cadeira. Pavlina não voltara para pendurar o vestido e, quando Komninos o desembrulhou e o segurou, todos puderam ver que havia um vinco na frente.

— Mas você deveria usar este vestido hoje à noite! — exclamou ele, sem esconder o aborrecimento.

Com o vestido na mão, foi até a mesinha ao lado da cadeira de Olga, pegou a campainha e tocou-a com irritação. Segundos depois, Pavlina estava na sala.

Ela não precisava de instruções e pegou em silêncio o vestido das mãos dele.

— Garanto que o vestido vai estar perfeito para hoje à noite — disse Pavlina alegremente. — Só precisa ser passado.

Katerina ficou morta de vergonha. Ela devia ter se assegurado de que a roupa fosse tirada da caixa tão logo chegou. Essas tinham sido as instruções precisas de Kyrios Moreno, e, infelizmente, ele ficaria sabendo que ela falhara.

O clima na sala mudara completamente. Katerina olhou pelas grandes janelas de portas duplas e viu que o mar e o céu continuavam de um cinza ameaçador. Apesar disso, o clima lá fora parecia mais convidativo do que aquele em que ela se encontrava.

— Dimitri — chamou Olga com uma animação forçada. — Acompanhe Katerina até a porta, sim?

— Claro — respondeu ele.

— E muitíssimo obrigada por entregar o vestido, Katerina. Foi ótimo ter conseguido terminar a encomenda a tempo.

— Até logo, Kyria Komninos.

Katerina desceu atrás de Dimitri. Ele estava constrangido pelo modo como o pai demonstrara sua irritação na frente da moça. Ele e a mãe tinham gostado de tornar a vê-la, disse, e esperava que ela repetisse a visita. Katerina sorriu e disse que também esperava muito isso. Ele abriu a porta da casa para Katerina sair e subiu direto para seu quarto no segundo andar.

Algumas horas depois, ouviu os convidados do pai chegarem. Imaginou a mãe, sua pele clara habilmente avivada com blush e seu cabelo preso elegantemente no alto para acentuar o pescoço fino. O crepe de seda amarelo-claro de seu vestido estaria acariciando seu corpo e balançando com perfeição enquanto ela caminhava. Ela eclipsava todas as outras esposas e logo os convidados afluentes, que eram de Atenas naquela ocasião, teriam tomado a decisão de, no futuro, comprar todos os seus tecidos de Komninos. Eles se impressionariam particularmente com a roupa de Olga. Cinco anos antes, Konstantinos comprara vinte mil *stremmata* de terra na região agrícola ao norte da cidade e fizera uma plantação de amoreiras. Os bichos-da-seda andavam trabalhando bem, e Komninos agora produzia a própria seda, cuja qualidade colocaria a sua empresa em outro patamar.

Dimitri passou a noite inteira debruçado sobre os livros. Se passasse nas próximas provas escolares, teria garantida uma vaga na faculdade de

medicina. Embora seu pai fosse contra, ele estava determinado.

Não era só o burburinho constante das conversas e o ruído interminável da louça que perturbavam sua concentração. Enquanto as palavras do livro dançavam à sua frente, ele pensava nas histórias que Katerina lhe contara e se lembrava de sua voz infantil, tilintando como um sino pelo quarto. Fazia muito tempo que ele não ouvia uma risada tão descontraída da mãe. Mesmo se ela não precisasse de mais vestidos, ele torcia muito para que Katerina fosse lá entregar outros.

Enquanto ele se esforçava para decorar a tabela periódica, a única coisa que parecia ter ficado em sua memória era a imagem do sorriso de Katerina.

CAPÍTULO 16

Em um ano, Dimitri foi aprovado nos exames e entrou para o curso de medicina na universidade. Seu pai estava furioso. Como os negócios naquela época pareciam cada vez mais envolver contratos e documentação escrita, a perícia e a qualificação de Dimitri em direito teria fortalecido ainda mais a empresa. O conhecimento médico do filho em nada contribuiria.

Konstantinos varreu a desobediência do filho, assim como fazia com a maioria dos obstáculos que aparecia em seu caminho. Seu grande prazer na vida era superar desafios, fosse na forma de concorrentes, fornecedores ou, naquela época, dos trabalhadores de sua fábrica.

Ele sobrevivera à recessão financeira do início dos anos 1930, quando a maioria de seus concorrentes havia desaparecido sob o peso das próprias dívidas, e estava mais forte que nunca. Se usufruía de tal sucesso financeiro em tempos de incerteza política e econômica, era quase inimaginável o quanto seria capaz de alcançar no futuro.

Ele saudava cada manhã com esperança e confiança. Tudo parecia ir a seu favor. Era um gigante em seus sapatos sob medida tamanho trinta e oito.

Dimitri, enquanto isso, encontrava um mundo novo, um lugar de ideias e visões baseadas em outros princípios que não a necessidade econômica. Diferentemente dos professores de sua escola, que haviam sido pagos pelos pais dos alunos para ter determinadas opiniões e instilar neles determinados princípios e crenças, os professores universitários que davam aulas a Dimitri pensavam com mais independência. Além das disciplinas de anatomia e farmacologia, ele começou a ter aulas de filosofia e logo estava envolvido em debates sobre a natureza do certo e do errado, a exploração da fé em comparação com o conhecimento, da sabedoria em comparação com a verdade, e assim por diante. Logo vieram as aulas de teoria política e suas próprias opiniões sobre a sociedade começaram a se desenvolver.

Ele nunca fora alheio ao que via ao seu redor, e sua infância na rua Irini lhe dera mais experiência das partes mais dilapidadas de Tessalônica do que a maioria de seus colegas já tivera. Mesmo assim, ele não vira com os próprios

olhos a profundidade da pobreza que existia na cidade. Havia suposto que os ambulantes que vendiam cigarros e pentes deviam morar nas favelas perto da estação ferroviária ou em Toumba, mas agora sabia que havia lugares consideravelmente piores que aqueles. Ele precisava encarar o fato de que fora criado de um modo bem diferente da maioria das pessoas.

Talvez fosse uma vantagem ele não ter muito contato com o pai nessa época. Se tivesse, brigariam. Dimitri estava sendo exposto a todo tipo de ideias políticas e logo viu que o pai não tinha nenhuma ideologia definível, quer política quer espiritual. O deus de Konstantinos era o dinheiro. Ele acreditava na Igreja Ortodoxa grega como instituição e pedra angular da nação, mas só rezava quando lhe convinha. Não tinha nenhuma “fé” verdadeira e meramente observava os rituais porque eles o definiam como um cidadão grego. Sua única verdadeira “convicção” era na própria habilidade para expandir os lucros de seu império de negócios.

Konstantinos também não era filiado a nenhum partido político. Era um conservador por natureza. Ficara nervoso com a enxurrada de refugiados que inundara a cidade na década anterior e revoltado com o custo desse influxo para a cidade e com o impacto dessa realidade nas ruas. Como tivera poucos amigos entre os muçulmanos que partiram, estava bastante feliz por vê-los partir. Em alguns aspectos, aprovara o estadista veterano Eleftherios Venizelos, porque ele tornara a Grécia mais grega. Em outros, era favorável à monarquia. Votava com pragmatismo, mas era um conservador com “c” minúsculo e um realista com “r” minúsculo, e nunca pendurara um retrato do rei exilado nem de Venizelos. A lei, a ordem e o controle das classes trabalhadoras faziam bem aos negócios, e ele apoiara inteiramente alguns expurgos que haviam sido realizados no exército e na universidade após um recente golpe militar fracassado.

Em Dimitri crescia um rápido sentimento de mal-estar. Ele vivera numa mansão luxuosa; no entanto, instintivamente, simpatizava com a maioria pobre. Um dilema difícil de resolver, mas ele torcia para que seu treinamento médico pelo menos lhe desse a oportunidade de ajudar alguns dos habitantes da cidade menos favorecidos.

— Apenas tente viver da melhor forma possível — dizia Olga a Dimitri.

Ela escutava o filho, sabendo que não devia dividir com o marido os problemas dele.

Dimitri evitava constantemente o pai. Não era difícil, já que Konstantinos quase nunca estava em casa.

Certo dia, em seu segundo semestre na universidade, ele viu Katerina e Elias indo para o trabalho de manhã cedo. Quando os enxergou vindo em sua direção pela rua, eles pareciam se bastar a si mesmos num mundo de alegria e satisfação compartilhadas. Só o viram quando estavam a poucos passos dele.

— Dimitri! — exclamou Katerina. — *Ti kaneis?* Como está?

Em poucos minutos, eles haviam trocado dezenas de informações, se interrompendo mutuamente com perguntas, exclamações e respostas.

— Como está Eugenia?

— Agora está tecendo numa oficina. É um trabalho duro, porém o ambiente é agradável.

— E as gêmeas?

— Maria está casada e se mudou para Trikala com o bebê.

— Um bebê! Tão jovem!

— E Sofia deve se casar também...

— Deve?

— Bem... Eles já estão noivos há dois anos. Acho que é muito tempo. E Kyria Komninos?

Katerina estava terminando de pregar as contas num vestido novo para Olga, por isso estava com o pensamento nela.

— Está bem — respondeu Dimitri, sabendo ser essa a resposta esperada. — Talvez peçam para você entregar o vestido.

— Eu adoraria. Mas se lembra da última vez? Arranjei muito problema por causa daquele vestido amarelo. De qualquer maneira, estamos tão ocupados agora que há um serviço especial de entrega. Kyrios Moreno tem até uma van particular!

Que pena, pensou Dimitri. Lembrou-se daquela tarde, dois anos antes, em que Katerina entregara o vestido amarelo. Quanta alegria ela trouxera à casa! Ele não sabia bem se vira a mãe sorrir depois disso. Observava-a todos os dias, pálida e bela, e sabia que ela nunca saía da mansão da rua Niki. Só conversava com Pavlina e com ele, e o rapaz sabia que os pais raramente se falavam. Seu pai chegava quando ela já estava deitada e saía antes de ela se levantar. O único contato de Olga com o mundo externo era observar, da distância segura da sala de estar, o movimento à beira-mar. Ela estava sempre ansiosa para saber sobre a universidade, ávida pelos detalhes do dia de Dimitri: onde suas discussões o haviam levado, quem eram seus amigos. Vivia através dele, porque não tinha outra vida.

— Vamos sair para tomar um café um dia desses! — convidou Elias

com entusiasmo. — Temos um negócio pendente, não?

Dimitri riu. Elias estava se referindo ao torneio de *tavli* que haviam começado séculos atrás. Eles haviam jogado um sem-número de partidas e o placar entre os dois nunca ultrapassava uma vitória de vantagem para um deles. Era uma obsessão. Os dois tinham evoluído bastante desde aquela época e acrescentado mais versões do jogo ao seu repertório.

Desejando lembranças carinhosas às respectivas famílias, eles concordaram em se ver novamente no fim de semana seguinte.

Dimitri não resistiu a dar uma olhada para trás. Com uma pontada de inveja, notou que Katerina e Elias andavam com a cabeça quase encostada uma na outra. Mal dava para passar um sopro de vento entre elas.

Parte integrante da vida de Dimitri na universidade era o seu grupo de novos amigos. Quando terminavam os trabalhos, quase sempre tornavam a se encontrar à noite. Sempre havia muitos assuntos para serem debatidos e o kafenion era um lugar mais adequado que a biblioteca.

Vassili era o líder natural do grupo, não só por ser o mais viril (jogava futebol em um dos times da cidade), mas também por ter uma voz possante e total autoconfiança. Sua origem e educação haviam sido muito diferentes das de Dimitri. Seu pai, um refugiado da Ásia Menor, era sindicalista, e as convicções socialistas corriam em suas veias, vermelhas como sangue. Alguns meses antes, ele conhecera o carismático líder comunista Nikolaos Zachariades, que, como a própria família de Vassili, era originária da Ásia Menor. Vassili se encantara com ele.

Ali estava um conjunto de convicções com objetivos bem-definidos, e jovens idealistas como Vassili respondiam à personalidade poderosíssima que as propagava na cidade. No passado, talvez eles tivessem seguido Venizelos, mas este já estava havia muito com a barba branca e as forças esgotadas. A recente causa de Vassili era mais obsessiva que um novo caso de amor e mais fanatizadora que uma conversão religiosa.

A única coisa que distraía o rapaz da política era a música. No fim de uma noite de sexta-feira, ou talvez até na madrugada do dia seguinte, quando os cinco amigos, Dimitri, Vassili, Lefteris, Manoli e Alexandros, já haviam esvaziado uma garrafa de *tsikoudia* e quase esgotado as ideologias para debater, Vassili disse ao grupo que ia levá-los para ouvir música. Havia um cantor popular de *rebetika* se apresentando no centro da cidade, e todos deviam ir.

Como o pai de Dimitri desprezava quase todo tipo de música, nunca

houvera um gramofone na casa Komninos. Mesmo assim, Dimitri ouvira muita música nos últimos meses. A cidade tinha sede de entretenimento e suas ruas eram cheias de música, as pessoas se reuniam debaixo tanto de sol quanto de neve para ouvir os tocadores de *klarino* das montanhas, bandas de bandolim e percussionistas ciganos.

Quase todos os donos de café agora tinham rádio e, dos aparelhos cheios de ruídos normalmente pregados na parede atrás do bar, Dimitri recentemente conhecera *rebetika*, a “música popular underground”, a música dos sofredores. Ele gostava dos nostálgicos sons orientais e dos que choravam suas origens perdidas no Leste, mas ainda não assistira a nenhuma apresentação ao vivo. Sempre havia trabalhos para terminar, livros para ler.

— Vamos, Dimitri, seu ensaio pode esperar. Esse *rebetis* não.

Eles foram andando na direção da estação ferroviária e entraram numa rua com *tekhedes*, clubes de *rebetika*, bares de haxixe e bordéis, e Dimitri pensou em quão zangado seu pai ficaria se soubesse que ele estava ali. De que maneira ele poderia aprender sobre a vida sem explorar outros lugares além das ruas burguesas da cidade com suas calçadas lavadas? Vassili conduziu-os por um arco baixo até uma sala sórdida com pouca luz e muita fumaça. O lugar estava repleto de gente e eles foram abrindo caminho no meio das pessoas até a única mesa ainda livre. Em segundos, uma garrafa de um líquido claro era colocada com estrépito na mesa, juntamente com copinhos.

Três músicos estavam tocando, um no *bouzouki* e dois no *baglama*, sua irmã de tom mais alto. A música era rítmica, insistente, repetitiva, e a atmosfera, impregnada de expectativa.

Por fim, a grande atração emergiu de uma sala dos fundos e abriu caminho pela plateia. Levou algum tempo. O músico parou para cumprimentar mais de dez pessoas no trajeto até uma área ligeiramente elevada para criar um palco. Em cada mesa, ele aceitava uma *tsikoudia* e, depois de bater seu copo contra todos os outros que estavam por perto, esvaziava-o de um trago e ia em frente. Estava elegantemente vestido com um terno e uma camisa branca, tinha boa aparência, era carismático e sorridente.

— Este é Stelios Keromitis — gritou Vassili sobrepondo-se ao burburinho.

Keromitis era um astro de *rebetika* do Pireu, e estava se apresentando em Tessalônica por algumas noites.

Quando finalmente alcançou seus colegas músicos, ele pegou o *bouzouki* que esperava por ele e sentou-se. Apertou um pouco as tarraxas para afinar o instrumento, enfiou o cigarro cuidadosamente entre os dedos médio e mínimo da mão esquerda e, com um aceno de cabeça para os outros, começou a tocar. Após alguns acordes introdutórios, começou a cantar. Era um rugido, como o de um leão, fundo, doído e angustiado, combinando com a letra, que falava de morte, doença e separação. Tais temas eram a realidade do cotidiano nos becos sórdidos por onde eles haviam passado para chegar àquele lugar.

Grande parte das pessoas na sala, entre elas Vassili, era de refugiados da Ásia Menor, e uma nostalgia de sua terra natal estava sempre presente. O som meio oriental, meio ocidental da música encarnava esse sentimento de separação e desejo, e eles respiravam o *páthos* da canção tão fundo quanto tragavam o haxixe para dentro dos pulmões.

Com o passar da noite, o público começou a cantar e, às vezes, a voz de Keromitis quase se perdia. Agora, ele fumava um narguilé e só cantava entre uma tragada e outra. A fumaça e o barulho eram palpáveis no ar, e o álcool embotara as sensibilidades.

Às três da manhã, um homem próximo ao palco se levantou e as mesas vizinhas foram puxadas para trás. Lentamente, ele começou a girar, braços abertos, cigarro em punho, a cabeça inclinada. Dimitri pensou nos dervixes que ele vira uma vez. O estado semelhante a um transe desse homem lembrou o deles, embora ele olhasse mais para a terra do que para o céu.

O dançarino era magro e forte, a camisa desabotoada revelava um tronco firme. Seus amigos começaram a bater palmas lentas e ritmadas à medida que ele girava, gradualmente se abaixando quase até o chão e sem perder o equilíbrio ao girar agachado e tornar a se levantar. Ele parecia num estado de introspecção extrema e, de vez em quando, como se puxando energia da terra, dava um salto, elevando-se no ar.

Dimitri viu que as poucas mulheres no fundo da sala, perto do bar, provavelmente prostitutas, espichavam o pescoço para ver. Uma delas até subiu numa cadeira para olhar por cima das pessoas.

Essas mulheres que eram pagas para fazer sexo dariam seus serviços de graça àquele ser humano inocente. Seu corpo torneado e a aparente inconsciência cativaram seus olhares de admiração.

A apresentação dele empolgou a todos, homens e mulheres igualmente, e, durante seis minutos e meio, ninguém olhou para Keromitis. A força do

zeibekiko enfeitiçava a todos. Por fim, quando alguns copos haviam sido quebrados aos pés do dançarino, um sinal de aprovação e incentivo, a música mudou do ritmo misterioso e ilógico do compasso ternário e o homem voltou para o seu lugar, misturando-se de novo à plateia.

Por volta de cinco da manhã, quando Keromitis finalmente cansara-se, Dimitri e seu grupo foram embora. As ruas estavam banhadas da luz alaranjada- do nascer do sol, e eles se dirigiram para um café vizinho.

— Vamos comer — disse Vassili, que encabeçava o grupo.

O efeito combinado do haxixe e das *rebetika*, embora cheio de sofrimento, os deixara animados. Era a primeira vez que Dimitri havia perdido uma noite inteira de sono e ele estava surpreso por se sentir mais alerta. O ambiente irresistível do *teke*, a estridência e a sinceridade da música, e a forte camaradagem do grupo de estudantes lhe deram uma ideia diferente do que era estar vivo. Ele achou o perfume da subcultura da cidade inesperadamente atraente e se perguntou como a burguesia podia se contentar com jantares caros em restaurantes europeizados ou com noitadas em casas imponentes, quando ali perto estava uma cultura de tamanha força emocional.

Quando tivesse tempo e estivesse mais sóbrio para refletir, ele saberia a resposta. Naquela aurora, sentado diante de sua sopa *mayiritsa*, comendo às colheradas pedaços quentes e nutritivos de tripas de carneiro, de uma maneira infantil, ele não conseguia imaginar como alguém podia não querer estar ali, com ele, naquele momento.

— Vou voltar para dormir um pouco antes da nossa aula — anunciou Vassili.

Houve um murmúrio grave de concordância da parte dos outros, e cada um deles pôs algumas dracmas na mesa antes de sair do café e seguir seu caminho.

Dimitri tinha uma vaga noção do trajeto que seu pai fazia para o trabalho e, com aquela cara de sono, lembrou-se de evitar as mesmas ruas. Quinze minutos depois, chegou em casa, entrou e subiu de fininho para o quarto. Na noite anterior, seu pai havia presumido que ele estava atrás da porta fechada, estudando com afinco para os próximos exames.

Após aquela noite, as visitas a bares de *rebetika* passaram a ser mais frequentes e a aparência sombria da subcultura da cidade aproximou-o mais do coração de Tessalônica. As letras evocativas de corações e vidas partidos podiam não ter relação com sua própria experiência, mas deram a Dimitri uma chance de se assombrar e sonhar.

Cafetões, *rebetes* e traficantes de haxixe pareciam tão parte integrante da cidade quanto banqueiros e donos de lojas de departamentos, e havia certa atração na crueza dessa vida alternativa, afastada da ordem e da perfeição da casa em que ele dormia. Havia no mínimo dez anos que Konstantinos Komninos fazia advertências ao filho a respeito das áreas de Tessalônica que afirmava serem muito perigosas para se frequentar.

— Estão cheias de canalhas e prostitutas — dizia o pai. — Fique longe delas.

Elias Moreno passou a se reunir ao grupo nas noitadas, que normalmente acompanhavam uma partida ruidosa de *tavli* com Dimitri. Passavam mais ou menos uma hora percorrendo um repertório de jogos: *portes*, *plakoto* e *fevga*, jogando num ritmo percussivo acelerado cuja batida nenhum deles jamais perdia. Entre a queda do dado e o movimento das pedras não se passava um segundo, e cada ação tinha o seu som. Primeiro, o matraquear dos dados ao serem jogados de encontro à lateral do tabuleiro, depois o zunido enquanto giravam como piões e finalmente o rápido deslizar das pedras, antes de serem recolhidos e lançados de novo. O bater das pedras era constante, mas, entre o momento em que começava o jogo e o último golpe da pedra do perdedor na divisória do tabuleiro, os jogadores não diziam uma palavra.

Vez ou outra xingava-se o dado baixinho por não ter caído dobrado. Durante todo o jogo, era guerra e, por mais ou menos uma hora, focados no tabuleiro, eles nem se olhavam. Dimitri secava a testa com um lenço e Elias usava o punho. Terminado o jogo, a conversa recomeçava. Era aí que Dimitri perguntava pelos pais de Elias e também por Katerina.

Agora que as gêmeas haviam saído da casa da rua Irini, e Eugenia trabalhava muitas horas na fábrica de tapetes, Katerina quase virara um membro da família Moreno. Muitas vezes ia jantar lá e sentava-se à mesa no lugar antes ocupado pela mãe de Saul, que morrera havia alguns meses. A casa parecia um pouco mais vazia sem sua presença silenciosa.

Quase toda noite, Katerina ficava lá mais umas horas depois do jantar, trabalhando em algum bordado e aproveitando a companhia de Roza Moreno. Para ambas, aquilo não era trabalho, apenas a continuação de uma atividade prazerosa que elas tinham a sorte de praticar de dia e também à noite.

Elias falava de Katerina com admiração e afeto, e Dimitri, embora achasse errado ter ciúmes de seu “irmão de leite”, às vezes sentia um ligeiro formigamento sob a pele.

Elias aprendera sozinho a tocar *oud* e às vezes se apresentava num dos bares. Dimitri, Vassili e os outros sempre iam assistir a essas apresentações. Elias fora bem aceito e já fazia parte do grupo. Diferentemente deles, era um homem que trabalhava, ligado a um mundo de comércio muito distante daquele ambiente acadêmico de bibliotecas e salas de conferências, mas todos tinham em comum o amor à *rebetika*.

A música e os homens que a tocavam eram o cenário de muitas noites passadas juntos, e política era quase sempre o tema que discutiam.

O país continuava vendo pobreza generalizada e incerteza política e econômica. O mal-estar crescia. Em apenas dez anos houvera uma dúzia de golpes e quase o dobro de governos, e o pêndulo continuava oscilando entre os que queriam a volta da monarquia e os que não queriam. O lugar da monarquia na Grécia continuava sendo assunto de muita polêmica e discussão. Em 1920, quando o rei Alexandre morrera em consequência de uma mordida de macaco, seu pai voltara do exílio só para ser novamente expulso do país dois anos depois. Fora substituído pelo filho mais velho, George, que, por sua vez, foi obrigado a partir no final do ano seguinte. Durante quase doze anos, o rei George continuava no exílio, regressando finalmente após um plebiscito manipulado.

Foram realizadas eleições muito disputadas em janeiro de 1936, e embora os realistas tivessem ficado com a maioria dos assentos, os comunistas tinham o equilíbrio do poder. Isso contribuiu para um clima desconfortável, sem um centro de autoridade claro.

A polícia tinha novos poderes e agora podia prender quem simplesmente discordasse do governo ou protestasse.

Vassili achou que era hora de agir. Tentava incitar os amigos.

— Esses prisioneiros não fizeram nada de *errado*! — esbravejava. — Em geral eles só expressaram a verdade: que estão sendo mal pagos e explorados. O que, em termos factuais, é *correto*.

— É um absurdo, uma injustiça...

— Intolerável! — gritou Vassili. — E nós deveríamos fazer alguma coisa a esse respeito!

Dimitri sabia que, se entrasse numa discussão com o pai sobre o que estava certo e o que estava errado no tratamento dado à esquerda, eles acabariam brigando. Em geral, conseguia se esconder atrás da urgência dos seus estudos, da necessidade de ir para o laboratório, de compromissos prementes com os professores e assim por diante, mas, uma vez por semana,

sobretudo por sua mãe, Dimitri jantava com os pais. Para poupar Olga, já que seu humor evidentemente não lidaria bem com um grande entrevero entre pai e filho, ele não tocava em assuntos polêmicos, mantinha a conversa leve, falava de suas aulas de anatomia, perguntava sobre a empresa e alimentava a ilusão de que, um dia, trabalharia com Komninos.

Era a noite do sábado logo depois da Páscoa e o calvário semanal estava planejado para a noite seguinte. Dimitri e Elias estavam jogando *tavli* e haviam combinado de se encontrar com Vassili mais tarde para uma noitada em sua *teke* preferida. Passava das onze quando deixaram o kafenion, mas os músicos que eles estavam esperando ouvir provavelmente não começariam a tocar antes de meia-noite.

Dimitri só bebera uma cerveja, pois teria que estudar muito no dia seguinte para se preparar para as provas. Se não estivesse tão lúcido, teria tido dificuldade de acreditar nos próprios olhos quando andavam pelas ruas de má fama. Vinham andando havia algum tempo uns cinquenta metros atrás de um vulto masculino escuro e indistinto. Então, o vulto parou numa entrada diante deles e se virou para olhar para trás antes de passar pela porta que fora aberta para ele. Ele não viu Dimitri e Elias, que estavam no escuro, mas ambos o viram com bastante clareza.

— Aquele não era...? — Elias parou, constrangido, desejando não ter falado.

— Meu pai. Sim. Tenho certeza de que era.

Sem falar mais no assunto, os dois continuaram andando. Dimitri estava em estado de choque. Aquele não era um dos piores prostíbulos, mas, mesmo assim, era um bordel conhecido. Seu pai estava visitando uma prostituta.

A primeira ideia de Dimitri foi esperar até o pai sair e confrontá-lo no ato.

Elias pegou Dimitri pelo braço, lendo sua mente. Podia sentir a raiva e a tristeza do amigo.

— Talvez seja melhor não fazer uma cena aqui, Dimitri — sugeriu. — Talvez você não deva dizer absolutamente nada.

Dimitri sabia que precisava de tempo para assimilar o que vira. Por ora, só conseguia pensar que tudo aquilo que seu pai defendia se baseava numa mentira. O pai tinha até mais ligações com o lado sombrio de Tessalônica do que ele. Era um hipócrita.

Quando chegou em casa à noite, Dimitri estava quase inconsciente de tão alcoolizado. Caiu de encontro à mesa do hall e derrubou um bibelô. Seu

pai apareceu com tamanha presteza no topo da escada que Dimitri se perguntou se ele andara à sua espera.

— Que horas você pensa que são? — Meio sussurrando, meio gritando, o homem partiu escada abaixo para cima do filho. — Onde esteve?

Dimitri pensou que o pai ia bater nele, do contrário, por que a pressa? Ficou bem quieto enquanto o pai veio voando feito um corvo com aquele roupão de seda preto. Ele segurou na mesa do hall com uma das mãos para se equilibrar.

— Não está me ouvindo? Onde você andou? — O tom de voz de Konstantinos passara do sussurro à máxima potência agora. — Responda!

Pavlina fora perturbada pelo barulho e estava parada à porta do quarto no térreo, a expressão de total preocupação.

Mantendo o controle, Dimitri chegou perto do pai e, a dois centímetros do rosto dele, e falando baixo para Pavlina não ouvir, respondeu à pergunta.

— Estive na rua Dionis.

Komninos ficou branco. Ouviu distintamente um tom triunfante na voz do filho.

Pavlina tinha desaparecido e agora voltava com uma vassoura para varrer os cacos do bibelô. Juntou-os num monte único sem tirar os olhos dos dois homens.

Konstantinos logo se recompôs. Olga estava parada no alto da escada.

— O que aconteceu? — perguntou lá de cima. — Dimitri, você está bem?

Seus primeiros pensamentos foram maternos. Ela sabia que Dimitri frequentava uma das partes mais perigosas da cidade e lera que sempre havia brigas de faca nos *tekhedes*.

— Estou bem, mãe — gritou ele.

— Está na hora de todo mundo se deitar — rosnou Konstantinos. — Pavlina, acabe de fazer isso amanhã de manhã, por favor.

Olga tinha desaparecido e Pavlina voltou calada para o seu quarto, deixando a vassoura encostada à parede. Konstantinos virou as costas para Dimitri e subiu calmamente as escadas.

Dimitri esperou até a porta dos pais estar fechada e então, segurando com força o corrimão, subiu trôpego para o quarto.

No almoço seguinte, Dimitri, Olga e Konstantinos estavam reunidos ao redor de uma grande mesa redonda, seus lugares postos, como sempre, a intervalos de “vinte minutos”. O duro arranjo de flores do centro refletia o

estado de espírito deles. Pavlina ia e vinha com os diferentes pratos e a conversa era forçada. Cada vez que ela tirava um prato, via que Olga mal tinha tocado na comida, e que Dimitri não fizera diferente.

Olga sabia que havia um problema entre o marido e o filho, e tentava manter a conversa leve. Durante toda a refeição, Dimitri evitou olhar para o pai.

A Páscoa fora na semana anterior, e eles tinham ido juntos a um culto. Dimitri tinha frescas na cabeça as imagens do pai beijando a imagem sacra, fazendo o sinal da cruz e ajoelhando-se obsequiosamente ao tocar com os lábios o anel na mão estendida do padre. Contraiu o rosto ao pensar na posição do pai na primeira fila da igreja, um assento que, ele agora se dava conta, fazia mais jus a uma contribuição financeira para o prédio do que a uma proximidade com Deus. Ele olhou para sua doce mãe e se perguntou se ela fazia alguma ideia daquilo.

Mais do que nunca, Konstantinos Komninos parecia ter um prazer masoquista em explorar a profunda diferença política entre ele e o filho, e sempre trabalhava com base na suposição de que Dimitri acabaria aceitando sua opinião. Um filho sempre assumia os negócios da família. Nunca era diferente. Ele ainda não aceitara que o seu tinha outras ambições.

Konstantinos sabia que o filho não o trairia na frente da mãe e usava esse princípio para fazer um jogo mais duro ainda com o rapaz, incitando-o a uma fúria indescritível sobre a situação atual do país. O rei acabara de indicar um general do exército, Ioannis Metaxas, como primeiro-ministro, e Metaxas permitia que a polícia adotasse medidas severas contra os protestos trabalhistas, que eram uma ameaça cada vez maior à lei e à ordem da cidade. Alguns sindicalistas e comunistas foram exilados e, como proprietário de fábrica, era gratificante para Komninos ver que algo estava sendo feito para impedir que os operários saíssem da linha.

— Para mim, quanto mais fortes as medidas, melhor!

Ele dirigia esse comentário especificamente a Dimitri, certo de que ele reagiria.

Por Olga, Dimitri não respondia à provocação. Tinha medo de dizer algo de que se arrependeria e que não desejava que a mãe ouvisse, mas sabia que o pai o estava testando, levando-o ao limite. Enquanto Olga estivesse presente, Konstantinos Komninos sabia que estava seguro.

Dimitri cortou a carne, fantasiando que a lâmina reluzente penetrava a pele do pai. Ainda mastigando, levantou-se.

— Preciso ir — anunciou.

— Aonde você vai num domingo à tarde? — perguntou o pai agressivamente. — A biblioteca não está fechada?

— Vou me encontrar com uns amigos.

— Que pena, *agapi mou!* — disse Olga. — Pavlina fez a sua *glyko* preferida.

— Pode guardar um pedaço para mim, *mana mou?* — perguntou ele, abaixando-se para beijá-la no alto da cabeça. — Lamento ter que sair.

Em um segundo, estava na rua e logo apressava o passo em direção ao kafenion onde concordara se encontrar com Elias e Vassili. Ao passar pela janela, viu que havia alguém com eles. Katerina.

Dimitri viera andando depressa, mas seu coração batia mais furiosamente que o normal quando ele abriu a porta.

Não era comum ver mulheres naquele café, e Katerina foi logo explicando por que estava ali.

— Tive que fazer a prova de um vestido na casa de uma cliente pertinho daqui — disse-lhe ela —, e Elias me convenceu a vir tomar um café depois.

— Num domingo? Domingo não é dia de descanso?

— Nem sempre, quando se trabalha para Kyrios Moreno — disse ela rindo, pegando a bolsa. — Espero vê-lo em breve, Dimitri.

— Posso acompanhá-la até em casa?

As palavras saíram com total espontaneidade, e Dimitri imediatamente ficou sem jeito por causa da sugestão. Era óbvio que Elias devia acompanhá-la. Moravam na mesma rua.

— Não, mas obrigada. — Ela riu. — Ainda está claro. Vou bem sozinha.

— Tem certeza?

— Bem, na verdade, seria bom. Você não está indo para casa agora, está, Elias?

Elias negou com um gesto de cabeça.

A rua Irini não era longe, e Dimitri flagrou-se tentando diminuir o passo.

Enquanto caminhavam, Katerina falou da família Moreno. Kyria Moreno lhe ensinara todas as técnicas que ela agora sabia, e todos os dias lhe davam novas oportunidades de ampliar suas habilidades. Ela falava de seu ofício com paixão.

— Penso em todas aquelas moças nas fábricas de tabaco, fazendo a mesma coisa todos os dias, e sei que eu morreria se tivesse que fazer isso —

disse ela. — No meu trabalho, não tem uma única hora igual à outra. Há dezenas de tipos de ponto diferentes e toda vez que faço um deles é numa cor diferente, num tecido novo, numa combinação nova. O resultado nunca é o mesmo.

— Um pouco como a música? — refletiu Dimitri.

— É! Acho que é igualzinho. — Ela riu.

— Só há oito notas, mas elas podem ser misturadas de mil maneiras diferentes! Pois então você é como Mozart, mas com fios em vez de notas? — Dimitri sorriu diante dessa imagem de Katerina. — Elias disse que você foi uma criança prodígio também, como Mozart.

Katerina corou. Talvez por causa da menção a Elias. Dimitri não tinha certeza e tentou não pensar na quantidade de tempo que os dois passavam juntos.

— Eu não sei muito sobre Mozart, mas acho que Elias pode ter exagerado.

A caminhada dos dois para casa foi rápida demais. A conversa animada e espontânea de Katerina o encantara. Para ele, parecia que alguma coisa a iluminava por dentro. Seus olhos sorriam tanto quanto sua boca, e até seu modo de andar parecia sugerir felicidade.

Nos dias seguintes, ele percebeu que estava pensando em Katerina e torcendo para vê-la. Uma imagem dela se instalou no fundo da sua mente e ele não a afastou. Katerina exemplificava algo que ele provavelmente já sabia: que nem sempre felicidade tinha a ver com riqueza. Seu próprio mal-estar e a consciência da fortuna que esperava por ele eram, em si, uma prova disso.

Existia, entretanto, uma ligação entre fome e insatisfação. Em Tessalônica, havia muita gente na fila do pão e inevitavelmente o tumulto iria acontecer.

Vassili trazia atualizações diárias, através do pai. A temperatura nas ruas aumentava conforme se aproximava o mês de maio, o clima ameno da primavera se transformava no calor abrasador do verão e, com isso, a população estava perdendo a paciência e fazendo exigências. Falava-se em greve geral.

— Tessalônica está à beira da revolução — relatou Vassili a seus *parea*, muito empolgado. — Os trabalhadores do tabaco vão entrar em greve! Amanhã! Temos que estar lá para apoiá-los.

Eles não tinham escolha. Precisavam apoiar os explorados, os fracos e

os oprimidos, as pessoas que recebiam menos por uma semana de trabalho do que os ricos gastavam numa refeição nos hotéis caros da cidade. Vassili levava Dimitri para conhecer muitas áreas onde essas pessoas moravam, e agora era hora de mostrar um pouco de solidariedade.

Eles se encontraram no dia seguinte na universidade e então partiram em grupo para a prefeitura. Em minutos, se viram no fluxo de um rio caudaloso de gente. Havia um sentimento de empolgação: um dia ensolarado no país que inventara a democracia, um protesto aberto na rua. Parecia certo.

— É assim que mostramos a eles o que sentimos! — exclamou Vassili. — O governo não pode ignorar isso, pode? — Ele tinha que gritar acima do barulho da multidão para os amigos o escutarem.

Corria a notícia de que os ferroviários, os estivadores e os eletricitistas haviam se juntado à manifestação. O desejo de protestar se alastrara como uma epidemia, e havia mais de vinte mil pessoas nas ruas.

Vassili estava eufórico.

— Isso pode funcionar — disse. — Isso é o poder do povo!

Por fim, os manifestantes se dispersaram.

Num encontro inoportuno com o pai naquela noite, Dimitri ouviu algo desagradável.

— Bem — disse Konstantinos entregando o chapéu para Pavlina, mas olhando diretamente para o filho. — Você vai gostar de saber que Metaxas deu liberdade de ação à polícia!

Dimitri tentou não reagir. Não queria que o pai soubesse que ele estivera na rua naquele dia.

— Isso parece exagerado — respondeu.

— Não na minha opinião, Dimitri, não na minha opinião.

Dimitri ficou quieto.

— Melhor ainda, ele impôs a lei marcial. É a única maneira, com esse tipo de gente.

Até a maneira que o pai disse “esse tipo de gente” deixou Dimitri com vontade de cuspir, mas sua força estava na capacidade de se controlar. Ele sempre deixava o pai ter a última palavra. Essa concessão era quase uma brincadeira que fazia consigo mesmo.

— Fique longe das ruas amanhã, sim?

Konstantinos sabia que ele havia participado da manifestação naquele dia. Alguém o vira e lhe contara.

O dia seguinte começara do mesmo jeito. Um grupo de estudantes, entre

eles Dimitri, se reuniu e partiu para o centro de Tessalônica para se juntar a vários outros grupos.

O clima era muito diferente. No centro da cidade, manifestantes gritando “Viva a greve” formavam uma falange em frente à polícia e aos soldados. Durante algum tempo, os grupos ficaram só se olhando. Havia uma quietude estranha no ar, mas cheia de agressividade.

Vassili, ansioso para estar no centro da ação, foi chegando bem para o meio do povo. Dimitri tentou acompanhá-lo, mas não conseguiu abrir caminho em meio à massa cada vez mais compacta de manifestantes. Ouvia-se um rugido conforme eles avançavam em bloco.

Então, como se para admitir a possibilidade de estar perdendo o controle, a polícia abriu fogo.

De onde estava, Dimitri nada viu senão o movimento da multidão recuando, algumas pessoas dando meia-volta, tentando fugir. Houve caos, pânico, confusão absoluta, incredulidade total. A polícia abriu fogo contra uma multidão desarmada.

O povo corria para todos os lados, gritando e se empurrando para fugir, os estudantes amigos de Dimitri no meio. Foi um salve-se quem puder.

Ninguém sabia o que estava acontecendo, nem o que ia acontecer, mas todos tinham o instinto da autopreservação, e uma ou duas pessoas foram derrubadas ao dispersarem-se. Dimitri se viu num beco. As lojas e os cafés próximos estavam fechados e não havia para onde recuar. Ele correu às cegas e continuou correndo. A polícia devia estar prendendo os manifestantes e ele sabia que os presos seriam tratados com brutalidade.

Com as pernas quase bambas em consequência do esforço e do medo, percebeu que estava perto da rua Irini. Bateu à porta de Kyria Moreno.

Ficou ali algumas horas, sentindo-se seguro, embora aflito pelos amigos. Por fim, quando pensou que a polícia devia ter desistido de tentar encontrar os delinquentes, levantou-se para ir embora. Olhou para um lado e para o outro da rua para se certificar de que não havia perigo, mas também, admitia a si mesmo, para ver se Katerina poderia estar ali, e então voltou andando depressa para a rua Niki. Sua mãe exultou ao vê-lo.

— Dimitri! — disse, abraçando-o. Ele sentiu as lágrimas quentes escorrendo do rosto dela para sua camisa. — Você esteve lá, não foi?

— Desculpe-me, mãe. Sinto muito mesmo. Você deve ter ficado muito preocupada.

— Tudo que eu sei é que pessoas foram mortas — disse ela. — Pavlina

veio com as notícias... Achei que uma delas poderia ser você.

— Ah, meu Deus! — disse Dimitri, afastando-se da mãe. — Nenhum de nós estava armado.

— E muitos foram gravemente feridos — acrescentou ela. — Ainda bem que você está aqui.

— Vassili estava na frente da manifestação. Preciso ver se consigo achá-lo.

Dimitri saiu de casa como um raio e foi correndo para o hospital. Havia escombros por toda parte, indícios do pânico que se instalara depois que a polícia apontara suas armas para os manifestantes.

Uma busca pelas enfermarias confirmou que seu amigo não estava entre os feridos e, aflito, Dimitri seguiu para o necrotério. Um médico no hospital lhe disse que os mortos haviam sido levados para lá.

Ao se aproximar do prédio, Dimitri notou um rosto conhecido, cansado. Era o pai de Vassili.

— Ele não está aí! — exclamou, abraçando Dimitri e chorando de alívio. — Ele não está aí.

— E também não está no hospital! — disse Dimitri.

— Não está? Eu já estava indo para lá.

— Não precisa ir. E ele não esteve em casa?

— Não — disse o pai de Vassili. — Só há um lugar que me vem à cabeça.

Eles se deram conta de que Vassili devia ter sido detido.

— Eu vou à cadeia — informou o pai. — Mas você não deve vir. É um risco desnecessário.

No dia seguinte, houve luto em profusão pelos mortos. Milhares vieram chorá-los. Doze corpos cobertos de flores foram carregados em andores abertos pelas ruas, e o povo estava aos prantos pelos mártires e pelas dezenas de feridos no hospital. Quem estava no funeral vinha para lamentar o fim de sua liberdade, bem como a morte dos amigos. Um tapete de pétalas cobria o local onde os manifestantes haviam tido suas vidas ceifadas.

Quando mais greves foram programadas, Metaxas teve a desculpa que estava esperando. Ele informou ao rei que o país estava enfrentando um complô comunista. No dia quatro de agosto, foi autorizado a declarar lei marcial. A Grécia agora era uma ditadura.

O calor era opressivo, e, naquela noite, a temperatura não baixara dos trinta e cinco graus. Olga foi se deitar cedo.

Dimitri viu que seu lugar à mesa de jantar havia sido posto em frente ao do pai. Pavlina ainda não chegara com o primeiro prato, mas o vinho já fora servido.

Konstantinos Komninos pegou seu copo.

— Eu gostaria de fazer um brinde — disse.

Pela primeira vez, Dimitri enfrentou o olhar do pai.

Teimosamente, não pegou o copo, e continuou encarando os olhos frios que o fitavam.

— À lei e à ordem — brindou Komninos. — À ditadura.

Ele não estava sorrindo, mas havia uma expressão triunfante em seu olhar.

Seria autocontrole ou covardia que o impedia de quebrar a garrafa na cara do pai?, perguntava-se Dimitri.

Vamos! Faça isso! A expressão do pai parecia zombar dele.

Sem dizer palavra, com cuidado, Dimitri se levantou e saiu da sala. Embora seu coração estivesse inflamado de ódio, ele não daria ao pai a satisfação de reagir.

Konstantinos Komninos ouviu o ruído distante da porta batendo e continuou jantando, sozinho. Na rua, Dimitri vomitou na sarjeta.

CAPÍTULO 17

Exatamente como Dimitri temia e precisamente como seu pai esperava, Metaxas determinou mais repressão aos sindicatos e deu poderes adicionais à polícia. Ativistas comunistas e esquerdistas foram detidos e colocados em campos de prisioneiros. A tortura era usada para arrancar confissões ou para fazer os prisioneiros identificarem outros comunistas.

Por vários meses Vassili ficou na prisão. Ninguém fora autorizado a vê-lo, e Dimitri e seus amigos se reuniram com o pai dele em muitas ocasiões para discutir o que podiam fazer. Sua recomendação era sempre dura.

— Sei que vocês não são membros do partido — dizia ele —, mas se forem visitá-lo, ainda assim eles vão marcá-los como comunistas. Fiquem longe. É o melhor a fazer.

Um dos professores de direito fazia campanha pela liberação do aluno, até mesmo testemunhando que ele estava a caminho de sua aula quando foi apanhado na manifestação. Seis semanas após a detenção do rapaz, seu pai recebeu uma carta. Ele a abriu todo empolgado, esperando que anunciasse a liberação de seu filho.

“Prezado Kyrios Filipidis”, dizia. “Desejamos informar-lhe que seu filho faleceu em quatorze de junho. Causa da morte: tuberculose. Se desejar recolher seus objetos pessoais, poderá fazê-lo no dia dezoito do mês corrente.”

Ele recebeu a carta nesta data.

Como o pai de Vassili estava muito abalado para ir até a prisão, Dimitri e seu amigo Lefteris foram por ele. Dimitri sabia que assinar seu nome no formulário o incriminava, mas orgulhava-se de ser amigo de um mártir como aquele.

Lágrimas de tristeza lhe escorriam pelo rosto no funeral, mas, por dentro, a fúria o consumia. Sem dúvida nenhuma, as autoridades eram responsáveis pela morte de Vassili, e Dimitri prometeu a si mesmo que nunca apoiaria um governo que incentivava tal ato. Com certeza, a Grécia merecia algo melhor.

Aparentemente, a vida na cidade permanecia a mesma. Dimitri assistia às aulas na universidade, e empresas como a dos Moreno seguiam funcionando como se nada tivesse acontecido. De vez em quando, Katerina se juntava a Elias e Dimitri para tomar um café, mas o tom da conversa deles mudara. Eles estavam de luto por Vassili e os três sabiam que, por baixo da normalidade da cidade, a ansiedade aumentava.

Nessa época, Dimitri fazia o possível para evitar o pai. Para ele, a refeição que esporadicamente faziam juntos já era demais. Sentia receio na presença do pai, não por ter medo dele, mas por temer o que poderia dizer a esse homem que agora desprezava.

Sua mãe parecia entender tudo sem discussão. Nunca o questionou quando ele saía de casa pouco antes da hora em que o pai deveria chegar, nem quando ele fazia as refeições em horas esquisitas.

Olga entendeu o que Dimitri sentia pelo pai e o que Konstantinos sentia pelo filho. Desde que o menino nascera, não houvera nem um pouco de amor. Ela se lembrava de como o marido olhara para a criança adormecida como se fosse um espécime raro, não a carne de sua carne e o sangue de seu sangue. Então ocorrera o incêndio, e a situação da família mudara de maneira muito drástica. O momento em que um pai vê o filho pela primeira vez, olha-o nos olhos e vê a sua imagem fora perdido.

Naquelas primeiras duas décadas da vida de Dimitri, ela com frequência fazia a mesma pergunta a Pavlina.

— Será que fiz algo errado? — questionava, torcendo as mãos finas.

Pavlina tinha ideias próprias sobre Konstantinos, mas seu instinto era proteger Olga.

— Acho que às vezes isso simplesmente acontece — dizia. — Há muitos homens que não se interessam pelos filhos. Acham que cuidar deles é trabalho de mulher.

— Talvez você esteja certa, Pavlina...

— E então, quando os filhos chegam a determinada idade, os pais se dão conta de que eles viraram homens e começam a falar com eles. Você vai ver.

Em alguns aspectos, a teoria de Pavlina era corroborada pelo comportamento de Konstantinos. Ele parecia só estar esperando uma coisa: a contribuição do filho para o império empresarial crescente. Ainda achava que poderia obrigar Dimitri a se tornar o filho que ele queria, mas Dimitri sabia que nunca faria o que o pai mandasse.

Embora desprezasse a grandiosidade da casa e subisse os degraus até a

porta como se fosse um ladrão, sem querer ser visto, ele esperava com ansiedade o momento em que punha os pés dentro de casa e sua mãe aparecia no alto da escadaria. Dimitri nunca questionava o fato de Olga estar sempre lá, esperando. Fora assim desde que tinham se mudado para a rua Niki, e ele nunca quis que isso mudasse. A beleza e a presença silenciosa dela eram as constantes na casa. Ditadura ou república, o regime político não influía no abraço sorridente que Olga Komninos dava no filho.

* * *

Na rua Irini, Katerina quase sempre tinha a mesma acolhida calorosa em casa. Eugenia, tendo trabalhado o dia inteiro na fábrica, ainda chegava em casa e ia tecer no seu tear. Quando Katerina aparecia à porta, ela invariavelmente estava lá para recebê-la. Uma pequena chama de gás embaixo do *briki* era então acesa e a casa toda ficava impregnada de aroma de café. A refeição da noite vinha depois. Enquanto ainda houvesse uma hora de claridade natural, as duas queriam aproveitá-la, uma vez que trabalhar à luz do lampião a óleo cansava a vista. Elas prezavam cada último segundo em que o sol permanecia no céu.

Às vezes, quando tomavam café, Katerina se posicionava atrás de Eugenia e massageava seus ombros exaustos enquanto falavam sobre seus respectivos dias.

Certa vez, Eugenia recebeu uma carta de Maria convidando-a para morar com ela e sua nova família em Trikala. Sofia morava a mais ou menos um quilômetro de sua casa, num vilarejo vizinho.

— Já me mudei uma vez na vida — refletiu ela. — Foi o suficiente... mas sinto muita falta das gêmeas.

— Claro que sente falta delas! — disse Katerina.

— Não é certo estarmos separadas, não é?

— Não, não! Claro, não é certo estarem afastadas.

Perceberam a ironia da conversa na mesma hora. Eugenia virou-se para Katerina.

— Sinto muito — disse. — Eu realmente não estava pensando...

Em silêncio, Eugenia continuou tecendo e Katerina abriu a caixa de bordados e tirou uma combinação que estava debruando.

— Sinceramente. Eu não tive intenção de...

— Tudo bem, Eugenia — disse Katerina. — Às vezes meses se passam e depois eu me dou conta de que fiquei todo esse tempo sem pensar na minha mãe.

Katerina pousou a costura e inclinou-se à frente. Eugenia podia ver que os olhos dela brilhavam.

— É um sentimento estranho. No fundo, sei que estou separada de uma coisa. Mas não consigo mais realmente entender do quê. Um lugar? Uma pessoa? Nem consigo encontrar as palavras... — Lágrimas lhe escorriam pelo rosto enquanto ela tentava descrever o quase indescritível. — Ao passo que aqui...

Eugenia deu seu lenço a Katerina e a jovem enxugou as lágrimas.

— Aqui é... Eugenia, eu nem sei como dizer isso! Você deve saber do que estou falando.

— Sim, claro que sei, *agapi mou*. Aqui é o lar, não é? Eu sinto exatamente a mesma coisa.

Katerina lutava consigo mesma. Estava dividida entre sentimentos de lealdade e traição.

— Tessalônica agora é o meu lugar — disse.

— Eu sinto o mesmo — concordou Eugenia. — E não pretendo ir embora.

As cartas de Zenia para a filha tinham se tornado menos constantes. Ela agora não escondia de Katerina a dura realidade da vida com o novo marido, e lhe disse francamente que ela estaria melhor onde estava. Sua última carta descrevia a subdivisão de sua casa, que agora compartilhava com os maridos das duas enteadas e suas mães viúvas. Eram doze usando uma única latrina. Eles viviam em condições precárias. Só Zenia tinha um emprego.

Katerina parara de lutar com sua consciência, e sua percepção de separação se modificou. Deu-lhe um novo sentimento de perda, mas também um novo sentimento de pertencimento. Como ainda fazia com frequência, passou a mão automaticamente no braço esquerdo. A cicatriz não desaparecera nesses últimos anos.

Elas ficaram caladas por alguns instantes até Eugenia romper o silêncio.

— Está ficando mais difícil me lembrar dos lugares antigos. As pessoas ainda falam deles, mas agora, para nós, eles fazem parte do passado, não é? E Tessalônica foi muito boa para nós.

— *Muito boa* — ecoou Katerina. — Eu realmente não me lembro de tudo agora, mas as pessoas nos acolheram bem quando chegamos?

Eugenia jogou a cabeça para trás e riu. Katerina nunca a vira de fato reagir assim a coisa alguma. Ela se balançava para a frente e para trás, quase incapaz de responder.

— Sim, minha querida, eles nos acolheram bem. Nem todo mundo na cidade fez isso, é verdade. E muita gente teve experiências muito diferentes. A não ser o pessoal da rua Irini. Como fomos bem-recebidas!

Eugenia sorria ao se lembrar de tudo.

— Eu me lembro de entrar nesta casa pela primeira vez — disse Katerina. — As pessoas olhavam para a gente na rua.

— Ah, mas elas foram muito boas. A família Moreno nos trouxe comida e roupas. Nem sei por que eles tinham vestidos de meninas, já que só tinham filhos homens. Mas agora, pensando bem, Kyria Moreno deve ter mandado fazer os vestidos especialmente para vocês. Eu nunca tinha pensado nisso antes... e Pavlina trouxe mel e alguns vegetais. Você lembra que Olga e Dimitri estavam morando aqui na rua enquanto aquele casarão enorme estava sendo reconstruído?

— Sim, claro.

— E aposto que Olga Komninos era muito mais feliz morando aqui nesta rua do que é agora.

— Ouvi Kyria Moreno dizer que ela não sai de casa desde o dia em que foi embora da rua Irini. Ela deve estar exagerando, não é?

— Quem vai saber? — Eugenia deu de ombros. — Mas não fazem aquelas roupas todas para ela na oficina? Não devem ser só para decorar o guarda-roupa dela, não é?

— Elias diz que são só para Kyria Komninos usar em casa. Para quando eles recebem gente importante para jantar.

— Bem, não sei. Nenhum de nós sabe o que acontece atrás das portas fechadas daqueles casarões, e não vai saber nunca.

Isso fez Katerina sorrir. Em ruas onde as casas eram pequenas, as portas raramente eram fechadas, e, quando eram, bastava um empurrão para abri-las. Na mansão na rua Niki, ninguém sabia o que acontecia. A não ser os donos. Katerina nunca esquecera a visita que fizera anos antes e era capaz de visualizar Katerina sozinha em sua sala de pé-direito alto, com suas arquitraves e cornijas elaboradas. A casa delas caberia inteira no hall de entrada.

As duas continuaram conversando no escuro. A costura de Katerina, inacabada, e a lançadeira, ociosa.

Suas únicas lágrimas agora eram de alegria.

* * *

Várias vezes nos últimos meses, Katerina topou com Dimitri e eles se habituaram a ir à mesma confeitaria todas as vezes que se encontravam. Era perto do armarinho deslumbrante que ela visitava quase semanalmente desde que chegara na cidade. Ficara muito amiga do dono, o velho Kyrios Alatzas, embora ele não tivesse mais que lhe dar pedaços de fita para o cabelo.

Com o tempo ainda quente, Dimitri e Katerina tomavam limonada na calçada, mas, com os dias mais curtos, iam para dentro e Katerina escolhia um doce da vitrine. Dimitri sempre pedia mais um, que ela levava para casa, e brincava com ela a respeito de sua paixão por açúcar. A conversa deles era uma mistura estranha.

“Na verdade, eu não devia contar isso, mas...”, era normalmente como ela começava suas histórias.

Em Tessalônica havia mulheres ricas “de certa idade”, como ela as descrevia, que vinham tirar medidas para os últimos lançamentos da moda. Elas traziam ilustrações e fotografias recortadas de revistas e estavam convencidas de que se podia fazer com que ficassem iguais às mulheres das fotos.

— Cabe a Kyrios Moreno informar à cliente, sem ofendê-la, de que a roupa em questão não é adequada. É sempre a mesma coisa. A gente tem que procurá-lo e dizer: “Kyrios Moreno, o senhor poderia vir falar com uma cliente sobre Chanel?” É mais ou menos um código. Então, lá vai ele e, com todo o tato, adapta o que a cliente quer para que a roupa caia bem nela. Ele diz qualquer coisa para fazer as clientes concordarem, fingindo que há vinte vestidos parecidos em produção ou que aquele estilo vai envelhecê-las. Isso geralmente funciona. E cores também. Às vezes, o amarelo-canário entra na moda, e amarelo simplesmente não funciona em todo mundo, não é? A maioria das pessoas parece mais morta que viva com essa cor!

“Eu tenho sorte — continuou ela, suspirando. — Não tenho que lidar muito com mulheres ricas e difíceis, mas, como às vezes preciso fazer algumas provas, sei como elas podem ser.

Dimitri sorriu, cúmplice. Muitas daquelas mulheres ricas e difíceis provavelmente frequentavam a mesa de jantar da casa de seus pais. Ele ouvia,

encantado com as descrições satíricas que a jovem fazia delas.

Katerina não se dava conta de que Dimitri saía de seu caminho para encontrá-la. Nunca era coincidência. Uma ou duas vezes, quando a vira indo para casa com Elias, ele os evitara e mudara de itinerário, dando a si mesmo a desculpa de que não queria interromper o que parecia ser uma conversa íntima.

Ela também gostava de ouvir sobre o mundo em que Dimitri vivia. Sempre devorava as palavras dele quando lhe contava sobre quaisquer músicos de *rebetika* que havia visto, e às vezes reconhecia o nome de alguns. Dimitri os frequentara menos desde a morte de Vassili e o advento da ditadura, que introduzira novas leis de censura. A *rebetika* era considerada subversiva e a polícia fazia incursões regulares aos lugares que a tocavam.

Ele falava um pouco de seus estudos e de seus supervisores na faculdade. Tentava acrescentar toques divertidos, mas era difícil. Não havia muita graça num curso de medicina.

Naturalmente, Katerina sempre perguntava por Olga.

— Eu às vezes gostaria que ela saísse — disse ele. — Não entendo muito, mas talvez um dia entenda, se estudar medicina o bastante.

— Talvez eu seja chamada para ir à sua casa em breve — disse Katerina a Dimitri certa vez.

Os olhos dele se iluminaram.

— Por quê?

Kyrios Moreno lhe dissera recentemente que em breve iria lhe pedir para fazer as provas finais de Kyria Komninos. Sua costureira mais velha estava para se aposentar após sessenta anos de casa, e Kyrios Moreno via Katerina como sua sucessora. Martha Perez era famosa na cidade. Suas costuras eram invisíveis e suas pences e pregas eram mais perfeitas do que as de qualquer máquina moderna. Sua modelagem se ajustava ao corpo como uma segunda pele. Ela era a melhor *modistra* da casa, e, desde que Konstantinos se casara com Olga, insistia para que as roupas de sua mulher fossem feitas por ela. Aos setenta e cinco anos, o cansaço começava a vencê-la.

Dimitri às vezes via Kyria Perez chegando e saindo, mas adorava a ideia de que em breve Katerina estaria no lugar dela.

— Tenho certeza de que minha mãe deve estar ansiosa para ver você — disse sorrindo.

O mundo de Katerina era um lugar de sedas e cetins, botões e laços, bordados e enfeites, uma fábrica de coisas belas. Era um mundo colorido,

enquanto o de Dimitri era monocromático. O ambiente da universidade sempre fora austero, mas se tornara ainda mais sombrio sob a ditadura. Um misto de medo e desafio pairava no ar, e de amargura também, pois estudantes de diferentes filiações políticas se misturavam, criando tensões e rivalidades próprias. A militância de esquerda e o comunismo eram reprimidos, mas isso só parecia fortalecê-los.

Por algum tempo, um aspecto da vida dos Moreno pareceu melhorar. A ditadura eliminara a organização que encorajara os ataques antissemitas do início da década, e os judeus da cidade sentiam-se seguros outra vez.

— Faz seis meses — comentou Saul Moreno com os filhos — que não picham as nossas paredes. — Nem uma palavra.

Eles estavam indo para a oficina. Katerina sempre os acompanhava.

— Ainda bem — disse Elias. — Porque, cedo ou tarde, teríamos que contar à mãe a razão de vivermos comprando tinta.

Isaac, que sempre fora menos otimista que o irmão caçula e vira com os próprios olhos a destruição no bairro Campbell havia apenas cinco anos, sentiu-se obrigado a comentar:

— Podem até prender algumas pessoas — disse —, mas se houver quem nos odeie, pode acreditar, essa gente vai encontrar um jeito de demonstrar isso.

— Ora, Isaac, não seja tão pessimista — disse o pai.

— Tomara que eu esteja errado, mas esses sentimentos não vêm só da esquerda. Não viu o jornal ontem?

— Não. Não vi.

— Estão ocorrendo uns ataques a judeus na Alemanha. Brutais. E não partem da esquerda.

— Mas onde fica a Alemanha? — zombou o pai. — Hã? A Alemanha não é a Grécia, é?

— O pai está certo, Isaac! Quem está interessado na Alemanha? Vamos falar de Tessalônica!

— Você pode falar de onde quiser — disse Isaac —, mas acho que está sendo ingênuo.

— Bem, não discutam — disse Saul Moreno. — Especialmente na frente da sua mãe. Vocês sabem quanto ela detesta ouvir vocês brigando.

— Acha mesmo que as pessoas nos procurariam para comprar todas aquelas roupas maravilhosas se nos odiassem como você diz? — persistiu Elias, querendo desmentir a teoria do irmão.

Enquanto os filhos continuavam discutindo, Saul Moreno abria as portas da oficina. Ainda que tivesse perdido alguns clientes, seus livros de encomendas estavam completos. Como nunca, havia espera para roupas de batizado e bar mitzvah, vestidos de baile e de noiva, e ternos — sempre ternos. Sempre que a moda mudava em um centímetro na largura, na virada da bainha ou no comprimento das calças, muitos homens naquela cidade corriam para tirar medidas novas.

A vida em Tessalônica seguia, de modo geral, como antes, com os ricos continuando a ser ricos e os pobres continuando a ser pobres (mas com menos válvulas de escape para expressar seu descontentamento). As pessoas, de modo geral, não se abalavam com o fato de a vida estar mudando drasticamente em outras partes da Europa. Então, em setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia e começou outra guerra mundial.

* * *

Não faltavam notícias em Tessalônica à medida que os meses passavam. Embora alguns dos jornais esquerdistas tivessem sido fechados sob a ditadura, ainda havia centenas de outros e muitas visões diferentes da guerra. A posição da ditadura era ambivalente. Alinhava-se politicamente com a França, dependia comercialmente da Alemanha e tinha laços de amizade com Mussolini, uma posição de desconfortável neutralidade que provavelmente não poderia se sustentar por muito tempo. As boas relações entre Grécia e Itália, que Metaxas conseguira manter, começaram a se deteriorar quando aviões italianos sobrevoaram o território grego.

Dimitri e seus amigos debatiam constantemente suas posições.

— O que Metaxas está esperando? Por que ele acha que não vamos seguir o caminho do restante da Europa? Não suporto essa apatia!

— O que quer que ele faça?

— Que coloque o país de prontidão!

— Talvez ele saiba o que está fazendo — sugeriu Dimitri. — Talvez seja um jogo diplomático mais complexo do que a gente imagina.

— Não acredito. Acho que ele só está com medo de lutar.

— Um general do Exército, com medo de lutar? Independentemente da política que defenda, quem não luta por seu país é um covarde.

Os estudantes eram muito exigidos intelectualmente, mas não

fisicamente, e estavam prontos para a ação. Sabiam que a Grécia era um alvo fácil.

Nas primeiras horas do dia vinte e oito de outubro de 1940, o embaixador italiano entregou uma mensagem a Metaxas em sua casa em Atenas. Mussolini queria ocupar certas posições estratégicas no norte da Grécia.

O primeiro-ministro grego respondeu com um retumbante “*Ochi*” — “Não!”

Em poucas horas, os italianos invadiram o país pela Albânia.

“^{É GUERRA!}”, afirmavam as manchetes, citando Metaxas. Todo mundo sabia que o exército grego estava despreparado e mal equipado.

— Vou me alistar — disse Lefteris, um dos colegas de Dimitri. — Nossos estudos podem esperar. Se não tirarmos os italianos do nosso solo agora, talvez em breve não haja uma universidade.

— O quê? Você, o arqui-inimigo de um general do exército, vai se alistar? — perguntou Dimitri, incrédulo.

— Nós temos um inimigo comum, não é? De que outra maneira podemos combatê-lo? Esperamos até Mussolini aparecer aqui à nossa porta e acertamos um livro na cabeça dele?

Os outros riram, mas aquela realmente não era hora de fazer graça.

— Se nos alistarmos hoje, à noite estaremos a bordo de um trem para Ioannina, e em quarenta e oito horas estaremos participando da ação. Faremos alguma coisa, pelo amor de Deus.

Quaisquer que fossem as tendências políticas dos estudantes, em última instância eram todos patriotas. Estavam determinados a proteger sua *patrida*, embora nenhum deles jamais tivesse segurado numa arma, e o que os levasse ao front fosse antes a paixão que o bom senso.

— Estou com você — disse Dimitri. Todos ao redor da mesa concordaram. — E vou informar Elias do que estamos fazendo.

Tudo aconteceu depressa depois disso. A caminho de casa para pegar algumas coisas, Dimitri parou na oficina Moreno. Nunca estivera lá dentro, e Kyrios Moreno espantou-se ao vê-lo.

— Posso falar com Elias? — perguntou, confiante, sabendo que o fato de ele aparecer ali no meio do dia era estranho.

— Vou mandar chamá-lo em um minuto — disse Saul Moreno. — Ele está com um cliente agora. Você talvez pense que as pessoas deveriam estar com outras coisas na cabeça além de um terno novo. Mas hoje estamos

trabalhando como de costume. Talvez elas achem que a invasão vai fazer os preços subirem.

Ao passar pela porta da recepção para a oficina, Saul a deixou entreaberta. Dimitri ficou chocado com o que viu. Uma moça com um vestido comprido cor de creme, todo de lantejoulas que brilhavam como escamas de peixe, estava em pé em cima de uma cadeira, enquanto outra marcava a bainha com alfinetes. Com os braços esticados para cima dentro de mangas compridas, a moça parecia um anjo, ou um dervixe, mas, quando se virou para ajudar a marcação da bainha, Dimitri viu que era Katerina. Mechas de cabelo caíam sobre seu rosto. Parecia que seus pensamentos estavam a um milhão de quilômetros dali.

De repente, a porta foi aberta e Katerina o viu.

— Dimitri! — exclamou com surpresa e visivelmente feliz. — O que está fazendo aqui?

Antes que ele tivesse tempo de responder, Saul Moreno voltou.

— Elias já vem — disse.

Katerina estava parada na frente dele. Parecia uma pequena deusa.

— O vestido fica bem em você. — Foi só o que conseguiu dizer.

— Sou exatamente do tamanho da cliente — disse Katerina. — Então ela não precisa vir aqui provar.

Dimitri não sabia o que dizer. Até então só tinha visto Katerina com roupas do dia a dia, e a transformação era estarrecedora.

Então Elias apareceu.

— Dimitri! O que está fazendo aqui? Meu pai disse que você quer falar comigo. O que houve?

Dimitri rapidamente se recompôs.

— A invasão...

— Sim, eu sei. A gente disse que isso ia acontecer, não foi?

— Bem, alguns de nós estão indo.

Não houve um só momento de hesitação antes de Elias responder:

— Eu também vou.

— Eu sabia que você iria. Mas temos que ir agora. Hoje às sete da noite sai um trem para Ioannina.

— Tão cedo! Tudo bem. Vou falar com meu pai, passar em casa para pegar umas coisas e encontro vocês na estação.

Havia determinação na voz de Elias. Dimitri sabia que ele chegaria à estação a tempo, antes de o trem partir.

Enquanto Elias ia contar ao pai, Dimitri foi dar a notícia à mãe. Konstantinos Komninos só descobriria depois que o filho já estivesse longe.

Era como se Olga esperasse que Dimitri fosse. Quando ele bateu à porta da sala de estar, ela estava parada junto às janelas de portas duplas e olhava o mar, que estava agitado naquele dia.

— Você veio se despedir?

— Como você sabia?

— Conheço meu filho — disse ela, com a voz embargada. — É assim que sei o que ele vai fazer.

Dimitri envolveu a mãe nos braços.

— Espero que ache certo o que estou fazendo.

— Você vai defender a Grécia, Dimitri. Claro que é certo. E você é jovem e forte. Quem mais vai fazer isso, se não você?

— Vou com uns amigos também. Não estou defendendo a pátria sozinho — disse ele, quase em tom de brincadeira.

Olga tentou sorrir, mas, como não conseguiu, virou-se e andou até a escrivaninha dourada que ficava encostada na parede. Abriu uma de suas muitas gavetas e pegou um envelope marrom.

— Você vai precisar disso — disse.

Dimitri pegou o envelope sem timidez. Pela espessura, dava para imaginar que continha milhões de dracmas. Ele e os amigos precisariam do dinheiro, e ele o aceitou sem hesitar.

— Obrigado, mãe.

Não havia vantagem em retardar uma separação que era insuportável para os dois. Olga estava em pé, tensa, os braços cruzados com rigidez. Apertava-se tanto que mal conseguia falar ou respirar. Tal postura era a única capaz de impedi-la de se descontrolar. De forma alguma ela poderia se permitir chorar.

Olhou para o filho com olhos suplicantes e fez um gesto de cabeça, indicando que ele devia ir embora.

Ele beijou-a na testa e se retirou. Pavlina meteu-lhe na mão algumas coisas para comer e, com algumas mudas de roupa e uns livros, ele saiu correndo de casa.

No dia seguinte, a oficina Moreno estava em polvorosa com a notícia da partida de Elias. Kyrios Moreno ficara impressionado com a coragem do filho, e anunciou a todos os seus jovens trabalhadores do sexo masculino que os apoiaria se eles optassem por tomar a mesma decisão. Dois deles não

voltaram para trabalhar no dia seguinte. Haviam seguido o “exemplo” de Elias e se alistado. Todos ficaram orgulhosos, sabendo que estavam se unindo a milhares de outros jovens judeus que partiam para lutar.

Logo chegavam novas informações do front. O exército sofria de uma escassez terrível de equipamentos e suprimentos, e as condições meteorológicas estavam ficando péssimas, com muita neve e temperaturas abaixo de zero nas montanhas. A maioria dos soldados carecia de experiência, mas logo a adquiriu.

Katerina perguntou-se como Kyria Komninos recebera a partida do filho e imaginou que ela devia estar tão aflita quanto Roza Moreno. Quando ia para casa naquela noite, desviou-se de seu caminho, passando pela igreja de Agios Nikolaos Orfanos, e acendeu duas velas. Olhou para as chamas e demorou-se um bom tempo rezando com igual fervor pela saúde de Dimitri e Elias. Elias e Dimitri. Era difícil saber que nome vinha primeiro.

Os dias se passavam e todos aguardavam notícias. Na oficina Moreno, continuava-se a costurar. Costurar sempre fora uma distração para as mulheres quando seus homens partiam para a guerra e agora o era mais do que nunca.

Katerina começara a fazer o acabamento de uma das encomendas mais esplêndidas de sua carreira, um vestido de noiva para a filha de uma rica família judia que morava numa das maiores mansões de Tessalônica, um palacete que ofuscava até a casa dos Komninos.

As pences e as pregas brancas do vestido em seu colo levaram sua imaginação para as montanhas acidentadas onde a luta estava acontecendo. Circulavam histórias das condições no front, e todos os que tinham familiares na guerra temiam tanto os efeitos do congelamento quanto uma bala italiana. A mente de Katerina estava a milhares de quilômetros de Tessalônica, e seu olhar desfocado só enxergava o borrão branco de uma tempestade de neve. Ela se deu conta de que seus olhos estavam marejados de lágrimas.

De repente, sentiu uma pontada de dor. Em seu devaneio, espetara o dedo, enterrando fundo a agulha na carne e, quando viu, uma gota de sangue já tinha pingado no tecido. Agora, naquela paisagem de um branco imaculado que cobria seu colo e caía em cascata até o chão, havia uma mancha vermelha. Katerina ficou horrorizada. Rapidamente enrolou o dedo com um retalho e estancou o sangramento, mas não podia fazer nada para eliminar a marca. Kyria Moreno lhe dissera, logo no início de seu aprendizado, que nada no mundo tirava uma mancha de sangue. A única solução era ocultá-la. Por

isso, todas as *modistras* tinham que aprender a evitar espetar os dedos. Como a marca teria que ser cuidadosamente escondida, Katerina começou a criar a primeira de cem flores de contas de pérola, esperando que a noiva ficasse feliz quando deparasse com aquele enfeite inesperado.

Enquanto continuava o trabalho naquela manhã, refletiu sobre o seu “acidente” e viu por que perdera a concentração. Gostava de Elias como irmão, mas fora seu temor por Dimitri que a levava à beira das lágrimas. Era a imagem de Dimitri que ela vira naquelas montanhas.

Então, boas notícias chegaram do front. Apesar das condições horribíeis, o exército grego começara a fazer os italianos recuarem. Em um mês haviam capturado a cidade albanesa de Koritsa. Transferiram a ofensiva para o litoral, o que lhes dera acesso a suprimentos vindos do mar, e enquanto isso continuaram avançando Albânia adentro.

Era a primeira vitória contra as forças do Eixo. Os italianos agora haviam sido expulsos do solo grego. Os soldados eram heróis e sua sobrevivência às duras condições tornara-se lenda.

Na mansão da rua Niki onde agora estava sendo oferecido um jantar, foi feito um brinde. Afinal, Konstantinos Komninos achava que tinha um filho de quem podia se gabar.

— Ao nosso exército! A Metaxas! — disse. — E a meu filho!

Olga ergueu o copo, mas não bebeu.

— A meu filho — repetiu baixinho.

Houve alvoroço na oficina Moreno também.

— Quanto tempo você acha que eles vão levar para chegar em casa? — perguntou Katerina a Kyria Moreno.

— Alguns dias, espero. Talvez algumas semanas. Não sabemos exatamente onde eles estão, não é?

Os Moreno haviam recebido uma carta de Elias, e sabiam que ele estava numa unidade com Dimitri.

Era ingênuo pensar que voltariam tão cedo. Os soldados agora eram necessários para a proteção da fronteira e a carta seguinte de Elias informava seus pais de que ele fora obrigado a ficar. Katerina tentou disfarçar o desapontamento.

Se o exército ainda não estivesse concentrado principalmente na Albânia, talvez pudesse ter havido um front mais forte para resistir ao ataque seguinte ao território grego. Veio com uma força terrível e irresistível no início de abril.

Avançando pela fronteira desde a Iugoslávia, as tropas alemãs vieram com tal velocidade que as forças gregas e britânicas não conseguiram detê-las.

Os habitantes de Tessalônica prenderam a respiração. Nem as folhas primaveris pareciam se mexer. As ruas estavam em silêncio enquanto todos os aguardavam. A cidade deles era a primeira que os alemães alcançariam.

— Não há nada que possamos fazer? — perguntou Kyria Moreno ao marido, torcendo as mãos chorosamente. Era só uma questão de tempo até a chegada dos alemães.

— Eu realmente acho que não, minha querida — disse ele com calma. — Acho que só podemos aguardar. Temos trabalho a fazer, não?

— Sim, acho que o trabalho vai nos ajudar a afastar esses pensamentos.

Kyrios Moreno estava certo. Não se podia fazer nada.

Embora Metaxas tivesse sido abominado por muitos, sua morte três meses antes deixara o país sem uma liderança e uma determinação fortes, mesmo dentro do próprio exército. Estava faltando força para resistir à invasão alemã.

Em nove de abril de 1941, os tanques entraram na cidade.

CAPÍTULO 18

Em Tessalônica, as pessoas estavam acostumadas a ouvir línguas diferentes: sabiam identificar os idiomas grego, árabe, ladino, francês, búlgaro, russo e sérvio ainda que não os falassem. Os sons dessas línguas eram como composições musicais que fluíam nas ruas. As composições não precisavam ser compreendidas, mas suas notas em conjunto faziam parte da textura da cidade, e, como acordes, constituíam uma música que era agradável aos ouvidos.

Agora havia um som com que a maioria dos ouvidos estava menos familiarizada: o alemão. Desde que as tropas de ocupação chegaram, os tessalonicenses ouviam os alemães se dirigirem aos gritos uns aos outros, depois à população, dando ordens. Isso aumentou a inquietação.

— Acho que simplesmente vamos fingir que não aconteceu nada por enquanto — disse Kyria Moreno a Katerina, alguns dias após a ocupação.

Não que tivessem realmente escolha, mas na oficina Moreno havia tanto trabalho a ser feito que não sobrava muito tempo para se preocuparem com o que poderia estar acontecendo na rua. Os Moreno, como todos os judeus de Tessalônica, não desconheciam o modo como os nazistas haviam perseguido a população judia na Alemanha. Isso os deixava aflitos, mas não excessivamente apavorados. Sentiam alguma segurança nos números. Eles eram, afinal de contas, quase cinquenta mil em Tessalônica. A oficina dos Moreno era um casulo dentro do qual podiam continuar vivendo como se nada tivesse mudado e, uma vez debruçados sobre suas várias tarefas, a concentração ajudava a distanciá-los do mundo lá fora.

— Talvez Elias volte em breve — arriscou Katerina.

Ela sabia que seus patrões estavam perdendo o sono por causa do filho caçula e, com a invasão alemã, Katerina esperava que ele e Dimitri pudessem voltar para casa. Afinal, o que eles poderiam fazer? Os alemães estavam a caminho de Atenas, e os gregos tinham sido praticamente derrotados, mesmo que a maioria das pessoas não gostasse de admitir isso.

— Espero que sim, Katerina — disse Roza, com o vestígio de um

sorriso. — Espero que sim.

Enquanto isso, era importante manter o moral elevado, e, naquela semana, apesar da visível desaprovação de Esther Moreno, não se esperou até o fim do expediente para ligar o gramofone. A voz doce e afinada de Sofia Vembo ressoava diariamente na sala de acabamento. Isso deixava todos animados, enquanto costuravam ao ritmo da música.

Na primeira semana após a invasão, a vida continuou quase normal, a não ser pelo desaparecimento de azeite e queijo do mercado.

— Tenho certeza de que logo estarão de volta às prateleiras — disse Eugenia a Katerina com otimismo. Ela já enfrentara muitas épocas de escassez.

Para Katerina, o primeiro indício significativo de mudança foi quando chegou à oficina e o magnífico vestido de noiva praticamente finalizado não estava pendurado no manequim. Fora retirado.

— Onde está...? — começou a perguntar, com um toque de indignação na voz, dirigindo-se a passos largos para o manequim despido.

Virou-se para Kyria Moreno e viu que ela estava aos prantos.

— Guardei-o por enquanto — respondeu Kyria Moreno, enxugando o rosto com um lenço. — O casamento foi adiado.

Katerina ficou sem fala. Trabalhara quatro meses no vestido e sabia que ele precisava estar pronto no fim de maio.

— Mas por quê? O que aconteceu?

Katerina tinha a boca seca. Algo terrível devia ter acontecido à pobre noiva.

Kyria Moreno torcia as mãos. Algumas outras costureiras haviam chegado na oficina, e todas elas faziam a mesma pergunta.

— Onde está o vestido?

O vestido virara um grande acontecimento. Mesmo na oficina Moreno, passara dos limites da ambição e da extravagância. A noiva, Allegra Levi, que estivera lá para uma prova na semana anterior, queria parecer uma princesa europeia, e fora isso que haviam conseguido para ela.

Kyria Moreno começou a explicar. Falava baixinho, como se não quisesse ser ouvida fora da sala.

— Eles prenderam Kyrios Levi.

Ela enfrentou uma sequência de perguntas:

— Quando? Por quê?

— Ele não é o único. Prenderam outros membros do conselho e líderes

comunitários. Por nenhum motivo.

Isaac entrara na sala.

— Há um motivo, mãe, e todos nós sabemos qual é — disse ele sem rodeios. — É por sermos judeus.

Houve silêncio na sala. O espectro do antissemitismo voltara, e a esperança de que podiam “viver como se nada tivesse acontecido” terminou ali. Em um mês, outras medidas contra os judeus haviam sido implementadas. Os judeus foram obrigados a entregar seus rádios. Kyrios Moreno raramente se preocupava com a música que era tocada no rádio, mas sempre ouvia as notícias.

— Simplesmente *não* vamos entregar — anunciou Isaac. — Eles não vão saber, não é?

— É muito arriscado — refletiu o pai.

— Bem, eles não disseram que não podemos ter gramofones, disseram? — falou Kyria Moreno. — Então vou esconder este. Não vão tirar a nossa música.

Três dias depois, os Moreno receberam a primeira visita de dois oficiais alemães. Vinham acompanhados por um jovem grego, que servia de intérprete.

Tendo cumprido a ordem de entregar seu rádio, os Moreno não estavam seguros do motivo da vinda dos alemães.

— Eles estão aqui para inspecionar as suas instalações — informou o intérprete. — E fiquem cientes de que muitos judeus tiveram seus negócios confiscados.

A certeza do jovem de que os alemães não falavam uma palavra de grego permitia-lhe falar com Kyrios Moreno com muita liberdade.

— Acho que não é isso que eles querem fazer aqui. Se tiverem cuidado, vocês estarão bem — acrescentou.

Os oficiais pediram para ver todas as salas. Os alfaiates e as costureiras pararam automaticamente de fazer o que estavam fazendo e se levantaram quando eles entraram. Não era por respeito, simplesmente parecia a atitude mais segura a tomar.

O mais jovem dos dois oficiais correu a mão pelos rolos de lã no depósito. Parecia particularmente interessado em alguns artigos finos de lã e parou para examiná-los. Finalmente, puxou um rolo e deixou-o cair com um baque na mesa de corte.

— *Dieser!* — gritou. — Este!

— Como vê, eles querem ternos — disse o intérprete a Saul Moreno. — Com suas habilidades, vocês devem estar a salvo. Não há por que eles expulsarem vocês daqui. Não é só o tecido, eles poderiam conseguir isso em outro lugar, mas também a sua competência no ofício. A sua reputação já chegou a eles. Vocês têm sorte!

— Então, é melhor tirar as medidas.

Saul Moreno chamou seu melhor alfaiate e, com uma atenção quase obsequiosa, começou a anotar as medidas.

O intérprete passava com habilidade do alemão ao grego, falando com respeito e formalidade visíveis com os dois oficiais.

Uma espécie de conversa foi entabulada entre Kyrios Moreno e o oficial mais velho.

— Deixe-me contar-lhe como ouvimos falar no senhor... — disse o oficial.

Descreveu, triunfante, a casa que haviam requisitado para morar.

— É perto da Torre Branca — informou. — Um lugar maravilhoso e a família é muito culta e nos dá uma hospitalidade excelente. Têm duas filhas, um Steinway muito bom, e um cozinheiro excelente.

Não havia muitas pessoas em Tessalônica com um piano Steinway. Isaac, que não saíra do lado do pai, trocou um olhar com Saul.

Logo em seguida, o oficial confirmou o que suspeitavam.

— Cumprimentei Kyria Levi pelo vestido. Parecia roupa do melhor costureiro de Berlim ou mesmo de Paris! — disse. — Então ela nos levou para fazer uma pequena visita ao seu armário, e lá estavam eles! Fileiras e fileiras de belos vestidos, todos com as suas etiquetas! Espero trazer minha mulher nos próximos meses, então sei que esta será a primeira escala dela. Queira receber as nossas congratulações!

O oficial mais jovem fez coro com ele.

— E depois demos uma olhada nos ternos de Kyrios Levi. Pena que as calças batiam nas nossas canelas. Não estaríamos aqui agora se não fossem tão curtas!

Seguiu-se algo que o jovem grego não se deu o trabalho de traduzir, e os dois oficiais riram juntos.

A ideia daqueles dois revirando os armários e o quarto de vestir de um de seus melhores clientes, que no momento estava preso, enojou o alfaiate.

O intérprete então falou com Kyrios Moreno:

— Calculo que vão recomendar a casa aos colegas. Se vocês

trabalharem bem para eles, não há por que fecharem seu estabelecimento. Eles não planejam lhes pagar o preço vigente, mas acho que vocês estão bastante seguros. São vaidosos, esses oficiais, então façam com que fiquem com a aparência mais elegante possível.

Tão logo eles saíram, Kyrios Moreno reuniu a equipe. Todos haviam visto os oficiais alemães.

— Temos novos clientes — disse — e precisamos garantir que vamos produzir o nosso melhor para eles.

A equipe voltou ao trabalho, mas a tensão era palpável. Todos na oficina eram judeus, exceto Katerina. Na sala de acabamento, puseram um disco novo de *rebetika*, com o volume baixo.

Apesar da estranha tranquilidade à noite, partes da cidade fervilhavam durante o dia. Dezenas de milhares de refugiados começaram a inundar a cidade vindos da Bulgária, engrossando o enorme número de pessoas na fila do pão. Como trigo, queijo, nozes, azeitonas e frutas estavam sendo enviados pelos alemães para fora do país, faltavam cada vez mais produtos e as filas nas cozinhas de sopa cresciam. As *commodities* que haviam desaparecido das prateleiras não voltaram a aparecer, e até os alimentos básicos só estavam disponíveis no mercado negro.

No dia em que os oficiais nazistas visitaram o estabelecimento Moreno, Katerina foi para casa com Kyria Moreno. Ao passarem por uma das confeitarias perto da rua Irini, ela notou um novo cartaz na vitrine. Talvez já estivesse ali havia dias — não tinha certeza — ou vai ver que notara porque não havia muito mais coisas na vitrine. Com o suprimento cada vez menor de ingredientes brutos disponíveis, a diversidade e a quantidade de doces já não enchiam as prateleiras do balcão de exposição.

“JUDEU NÃO É BEM-VINDO AQUI”.

Lá estava, em descaradas letras pretas garrafais, com uma frieza e uma grosseria chocantes. O máximo que Katerina conseguiu fazer foi se segurar para não ir lá dentro protestar.

Kyria Moreno estava olhando para o outro lado e não vira o cartaz. Katerina deu o braço a ela e as duas continuaram subindo em direção à cidade velha. Conversavam sobre a notícia de que Atenas caíra e a suástica agora tremulava na Acrópole. Era o símbolo supremo da derrota.

As ruas estavam em silêncio. As pessoas tinham ficado menos propensas a sair, mesmo no início da manhã, e o ruído de seus passos nas pedras da rua vazia era assustador.

— O que quer que aconteça com o nosso país, minha querida — disse Kyria Moreno quando se aproximavam da rua Irini —, ainda teremos uma à outra.

Os dois oficiais logo voltaram para provar seus ternos. Ficaram encantados com o resultado e mandaram fazer mais quatro cada um. Então iniciou-se um fluxo constante de outros clientes alemães. Cada encomenda cancelada por um cliente grego parecia ter sido substituída por uma encomenda alemã. Os oficiais muitas vezes olhavam as revistas de moda e examinavam os desenhos nas paredes. Davam as medidas de suas mulheres e suas namoradas, e então os cortadores começavam a trabalhar. Na Alemanha não havia tecidos que se igualassem àqueles, e eles enviavam as roupas para lá como turistas enviando cartões-postais. Estavam particularmente impressionados com a seda de Komninos e, apesar de não pagarem os preços com que Moreno estava habituado, ainda assim pagavam bem. Pelo menos, ninguém em sua oficina iria morrer de fome.

As *modistras* não tinham muito entusiasmo nem inspiração para esses trabalhos. Não criavam nada, fazendo os pontos de bordado mais básicos que sabiam, com franzido padrão, sem suas melhores contas ou passamanarias. Entretanto, os alemães ficavam sempre empolgados com os resultados, e as mulheres se sentiam satisfeitas consigo mesmas por terem sonegado alguma coisa. Elas não tinham o hábito de trabalhar sem paixão. Era um trabalho vazio, mas evitava que passassem fome.

Sentavam-se agora mais perto do gramofone e deixavam o volume baixo, de modo que ninguém fora da sala pudesse ouvir. Se um alemão aparecesse, alguém batia ruidosamente à porta e o gramofone era arrastado para dentro de um armário e coberto.

Numa cidade em que as pessoas estavam vendendo qualquer coisa que tivessem para comprar comida, os funcionários da Moreno & Filhos eram um dos poucos privilegiados. Se o valor apurado com a venda de uma pintura a óleo ou um tapete fosse suficiente para comprar pão, vendia-se o objeto sem sentimentalismo. Esses bens já não tinham valor.

Havia, porém, alguns objetos que não tinham preço. Depois de 1917, quando a maior parte da cidade fora arrasada, muito poucos tesouros das sinagogas tinham sobrevivido. O conteúdo inteiro de bibliotecas e arquivos ardera nas chamas, e, com algumas exceções, antigos escritos rabínicos e da Torá que diziam ter sido trazidos da Espanha no século XV se perderam.

No fim de junho, cerca de um mês após a prisão do rabino chefe da

cidade, dois homens bem-vestidos chegaram a Tessalônica e fizeram uma visita a dois membros mais velhos da comunidade judaica. Um deles falava grego o suficiente para se fazer entender, e as pessoas concluíram que havia estudado grego antigo na universidade. Eles se apresentaram educadamente como representantes da Comissão para Assuntos Judaicos, que, explicaram, fora instalada para estudar os judeus do mundo. O chefe da Comissão, Alfred Rosenberg, era um homem muito culto e preparado e desejava que eles reunissem quaisquer documentos ou manuscritos relevantes e os devolvessem à sede da Comissão em Frankfurt.

Isso soava tanto plausível quanto acadêmico, e até o nome da pessoa que fundara a comissão soava judaico. Os rabinos fizeram um aceno positivo com a cabeça, sorriram e fingiram interessar-se muito por tal plano e aceitá-lo plenamente. Da forma como os homens de Frankfurt apresentavam, a ideia certamente tinha credibilidade intelectual.

— Então, quando vão começar a coletar? — indagou um dos anciãos judeus com interesse.

— Amanhã de manhã cedo — respondeu o de cabelo alisado. Embora seus lábios finos esboçassem um sorriso, seus olhos azuis permaneciam frios. — E até o fim da próxima semana esperamos ter terminado o processo de catalogação e ter embalado tudo de que precisamos. Isso, naturalmente, depende da colaboração total da comunidade judaica. Estamos contando com vocês para garantir o cumprimento desse prazo.

— Claro — disseram em uníssono os líderes da comunidade.

— Nós os veremos aqui amanhã de manhã?

Os dois assentiram. Estavam em pé na sinagoga que abrigava alguns dos poucos tesouros que haviam sobrevivido ao fogo havia mais de duas décadas. Um dos alemães se encarregou da maior parte do discurso, enquanto o outro ficou circulando pela sinagoga, examinando tudo. Ele parou diante da Arca, o armário alto onde eram guardadas as sagradas escrituras.

— Presumo que a Torá more aqui — disse ele. — Alguma chance de darmos uma olhada aí dentro?

Correu os dedos com uma avidez quase sensual pela cortina pendurada na frente do móvel.

— A chave não é guardada aqui — explicou um dos rabinos. — Mas eu a terei amanhã.

Tão logo os alemães se foram, os judeus começaram a falar num tom de voz baixo. Pouco depois, deixaram a sinagoga, e, em quinze minutos,

estavam na rua Irini. Eram então sete horas da noite.

No instante em que viu à porta os rostos encovados e ansiosos com aquelas barbas, Saul Moreno sentiu um pavor que não sentia desde o dia em que os tanques tinham entrado em Tessalônica.

— Temos que esconder algumas peças. Nem todas, mas algumas — explicou um dos rabinos ofegante.

— Do contrário, levantaremos suspeitas, claro — disse o outro.

Os dois ficavam sentados enquanto Saul Moreno andava de um lado para o outro.

— O que posso fazer? Vocês não estão me pedindo para esconder na oficina?

— Não exatamente...

— Os alemães vão lá quase todos os dias. Isso colocaria meus funcionários em grande perigo.

— Bem, não estamos lhe pedindo para fazer isso. Não faríamos isso.

— E, obviamente, não podemos esconder os rolos. Isso seria impossível. Mas precisamos da sua ajuda para esconder um manuscrito e um fragmento de um dos rolos. E a cortina. Temos que tentar — suplicou o mais jovem. — E você é a única pessoa que pode nos ajudar.

Saul Moreno ouviu. Queria muito ajudar. Nada era maior do que o seu dever para com sua sinagoga, mas ele temia colocar em perigo sua mulher, seus filhos e toda aquela boa gente que trabalhava para ele.

O rabino tinha com ele uma mala de couro surrada.

— Deixe eu lhe mostrar o que temos. Depois você pode nos dizer se nossa ideia é insana.

Kyria Moreno agora estava parada olhando por cima do ombro do marido, e, à luz trêmula da vela, eles observaram o rabino abrir a mala e começar a retirar o conteúdo. Uma de cada vez, ele colocou todas as preciosidades na mesa, enquanto os Moreno observavam, admirados.

— Isto é um fragmento do rolo da Torá que se acredita ser o mais antigo a sobreviver em Tessalônica.

Em seguida, abriu um enorme pano de veludo.

Era a *parochet*, a cortina que diziam estar pendurada na frente da Arca Sagrada havia centenas de anos e talvez nem fosse nova ao ser trazida da Espanha. O fio com que era bordada agora estava sem brilho, mas era de ouro puro.

— Já fiquei sentado contemplando essa cortina muitas vezes — disse

Saul. — É estranho vê-la na minha própria casa.

— Olhe o bordado, Saul. Ninguém poderia fazer isso hoje. O trabalho é de outra época.

Roza correu os dedos pelo padrão em relevo, com um misto de reverência e admiração.

— E estes são alguns ensinamentos rabínicos que foram trazidos da Espanha. Agora são difíceis de decifrar. Só uma página sobreviveu. Ladino, olhem, escrito de maneira tão linda.

Finalmente, tirou da mala um talit. Era a peça mais fina e mais frágil de todas, uma extensão de seda listrada talvez de quinhentos anos, com suas franjas.

— Achamos que deve ter pertencido a alguém que veio da Espanha naquele primeiro navio — disse.

Ninguém falava enquanto Saul Moreno analisava os tesouros e se perguntava onde poderia escondê-los. Kyria Moreno finalmente quebrou o silêncio.

— Saul, temos que ajudar. Acho que podemos fazer isso.

— Como?

— Vamos costurar a noite inteira.

Saul olhou para ela com algum espanto. Roza soubera imediatamente o que precisava ser feito, ainda que o marido não compreendesse.

— Sei exatamente como fazer isso — disse ela. — Vão ocorrer alguns furos no papel, isso não dá para evitar.

— Sua mulher tem razão. Temos que permitir alguns estragos menores. Se não, vamos perder tudo.

— Por isso recorreremos a vocês.

— Ah, tem mais uma coisa. Esqueci.

O mais velho abriu um apontador, um *yad*, que acompanhava as linhas da Torá em lugar de um dedo, para evitar qualquer estrago às sagradas escrituras. Na ponta do apontador de prata havia uma mãozinha perfeita com o indicador esticado.

— Não é tão velho quanto as outras coisas. Mas não podemos deixar que eles o levem.

— Acho que não há nada que possamos fazer com esse *yad* — disse Kyria Moreno. — Creio que embaixo das tábuas do seu assoalho talvez seja o melhor lugar para ele...

Excepcionalmente, Kyrios Moreno deixou a mulher assumir o comando

da situação. Ela tinha um plano.

— E podem levar a mala embora — disse ela. — Quando terminarmos o trabalho, nada estará escondido. Estará tudo exposto. — Virou-se para o marido. — Pode chamar o Isaac, por favor?

O filho mais velho estava no andar de cima, mas logo apareceu.

— Isaac, traga Katerina e Eugenia aqui. E depois preciso que dê uma volta rápida pela cidade. Preciso de Allegra, Martha, Mercada, Sara, Hannah, Bella e Esther. Diga a elas para nos encontrarem aqui. Diga que é urgente. Saul, pode ir à oficina? Essas são as coisas de que precisamos.

Mais depressa ainda do que conseguia falar, Roza estava fazendo uma lista de itens: vários metros de seda e acolchoado, uma vintena de linhas de cores diferentes, várias alturas de passamanaria.

Os dois anciãos da sinagoga desciam a rua depressa quando Katerina e Eugenia apareceram à porta.

— O que houve? — perguntou Eugenia preocupada, olhando para a estranha miscelânea de objetos. — Quem eram aqueles homens?

Roza explicou. Em quinze minutos, as outras mulheres haviam chegado, e logo todas sabiam o que precisava ser feito. Roza alocara tarefas individuais e esboçara e riscara os desenhos que deviam fazer. Tendo passado mais ou menos os últimos cinquenta anos de sua vida bordando coisas para a sinagoga, ela estava cheia de ideias para desenhos e padrões.

Oito das bordadeiras iam trabalhar na colcha para esconder o *parochet*. Em uma noite fariam uma colcha que normalmente levaria sete meses para ficar pronta. No centro, haveria um padrão elaborado de romãs, e, nas bordas, um pespontado dentro do qual elas bordariam os próprios nomes em ladino. Além de ser uma imagem popular de bordado, com seu simbolismo de fertilidade e abundância, ela estava “plantando” uma pista. Em ladino, a palavra para romã era “*granada*” e ela queria revelar a quem quer que tivesse esse conhecimento que o que estava por baixo das camadas de cetim carmim viera originalmente da Espanha, de Granada, para ser mais preciso.

O pano teve que ser estendido na cama dos Moreno para ser trabalhado, e era ali que ficaria, cobrindo a colcha que Kyria Moreno bordava desde o dia em que se casara. Quatro das bordadeiras trabalharam no padrão central, inspirado em palavras do Êxodo: “Farás romãs de azul e púrpura e escarlata... e campainhas de ouro no meio delas.” Quatro trabalharam nas bordas, uma de cada lado. A urgência da tarefa parecia inspirá-las, e seus dedos trabalhavam com ligeireza e precisão.

No andar de baixo, Esther se ocupava em disfarçar cuidadosamente o frágil talit. A seda de que era feito era tão fina que não resistiria à perfuração de uma agulha. Ela o escondeu entre duas peças ligeiramente maiores de tecido acolchoado, que costurou com capricho. Em volta da bainha, bordou o que parecia ser um padrão abstrato, mas, na verdade, eram letras que compunham umas poucas palavras que ela sabia em hebraico, contando ao leitor o que estava oculto no interior. As volutas do desenho significavam que ninguém nem sequer cogitaria desfazer seus pontos elaborados.

— Precisamos fazer alguma coisa diferente com esses, Katerina — disse Kyria Moreno. — Algo tão comum que ninguém olharia para eles duas vezes.

As duas estavam paradas à mesa, olhando para os dois pedaços desgastados de pergaminho.

— O que eu gostaria que você fizesse, minha querida, é se imaginar de novo criança. Espero que não seja difícil, mas você precisa acertar o estilo. Quero que borde uma cena que diga “*Kalimera*” em letras maiúsculas. Você sabe o tipo de desenho, com o sol nascendo e um pássaro, ou uma borboleta, ou alguma coisa assim, no céu. E depois, um outro desenho com “*Kalispera*”.

— Com a lua e as estrelas?

— Sim! Exatamente isso. Mas não faça com que pareçam feitos por uma criança canhestra — disse ela sorridente. — Tenho que conviver com esses desenhos nas minhas paredes!

Katerina fizera desenhos semelhantes muitos anos antes, sob as instruções de sua mãe, e a lembrança retornou com nitidez.

Sua *Kalimera* era cheia de grandes pontos sinuosos, num fio amarelo-brilhante, e a *Kalispera* tinha um tom azul da cor da noite. Ela gostou da simplicidade da tarefa e sorriu diante do resultado. Ninguém desconfiaria de algo encontrado nas paredes de todas as casas gregas. Mesmo se fossem retiradas da moldura, as páginas preciosas que tinham de esconder seriam enquadradas com um reforço de percal. Era comum esconder as imperfeições do lado avesso do bordado.

Embora uma dúzia de pessoas estivesse naquela pequena casa, havia um silêncio estranho. A concentração era total, a atividade clandestina, urgente. Elas estavam salvando os tesouros que as ligavam ao seu passado.

De vez em quando, Katerina olhava para Esther Moreno. Pela primeira vez, desde que a conhecia, a velha senhora parecia satisfeita.

Costuraram sem cessar a noite inteira. Tudo precisava estar terminado

pela manhã.

Como era de praxe com tais peças tradicionais, Katerina bordou datas no canto. Na primeira, pôs “1942”. Depois, na segunda, inverteu os algarismos. Bordou o número “1492”. Era a data da expulsão dos sefarditas da Espanha. Qualquer pessoa que conhecesse a história dos judeus em Tessalônica detectaria esse equívoco deliberado.

* * *

Não muito longe dali, os dois anciãos judeus aguardavam na sinagoga. Às sete e meia, precisamente, os representantes da Comissão apareceram. Do lado de fora, havia dois carregadores encostados em seus carrinhos de mão fumando e conversando. Eles haviam sido contratados para transportar o conteúdo da sinagoga para a estação ferroviária.

Embora estivessem falando rapidamente entre si em alemão, era claro o que um deles dizia. Dera por falta da cortina da frente da Arca da Torá e estava gritando e gesticulando. Um dos anciãos logo apareceu com a enorme chave que abria a porta estreita, e, ao ver o que havia lá dentro, o alemão imediatamente esqueceu a cortina e mudou de expressão. Chegava a salivar de tanto interesse. Pôs a mão dentro da arca e pegou um dos rolos, embrulhado em sua capa de veludo antiga, e segurou-o amorosamente, como se fosse um bebê. Então, colocou-o na mesa ao lado e desenrolou-o cuidadosamente. Correu a ponta dos dedos pelas palavras como se estivessem escritas em braile e depois recolocou-o na capa. O outro alemão começou a levar os objetos para os carregadores do lado de fora.

Os anciãos da sinagoga, que haviam passado a noite inteira rezando para se prepararem para esse saque silencioso mas terrível, ficaram ali em silêncio. Não demonstraram emoção alguma. Era como se tivessem sido apunhalados mil vezes sem terem tido capacidade de esboçar qualquer defesa.

Tendo esvaziado a Arca, os alemães retiraram várias dezenas de outros livros. Por fim, embrulharam a menorá no pano pesadamente bordado que cobria a mesa e a levaram para a rua, onde a colocaram em cima de um dos carrinhos. Isso foi feito com um cuidado surpreendente. O imediato anotara meticulosa e ostensivamente tudo que eles haviam levado. Talvez fosse para dar a impressão de que as coisas seriam devolvidas. Essa farsa foi o único aspecto da operação que impediu os anciãos de irromperem num pranto

degradante.

A tarefa dos alemães estava completa. A sinagoga fora despida.

Houve um momento estranho em que o representante mais graduado estendeu a mão, como se quisesse apertar as mãos dos anciãos judeus. Ambos instintivamente deram um passo atrás.

— *Danke schön und guten Morgen* — disse o alemão.

Com essas palavras, eles retiraram-se, os carrinhos se arrastando ruidosamente atrás deles.

Vários membros da congregação vieram se juntar aos dois anciãos e ficaram olhando os alemães se afastarem. Tão logo sumiram de vista, todos entraram na sinagoga e começaram a rezar.

Terminada a tarefa da Comissão de espoliar os judeus de seus tesouros e arquivos sagrados, as forças de ocupação os deixaram mais ou menos em paz. Já haviam tomado as casas dos judeus mais ricos e fechado muitas empresas.

Sentimentos antissemitas, que alguns anos antes tinham sido reprimidos naquela cidade, agora eram aceitáveis.

* * *

Judeus e cristãos tinham algo em comum em Tessalônica: a falta de comida. Com a chegada do frio, a escassez aumentou. Os alemães enviaram por navio tudo que puderam para alimentar sua população e nada podia ser importado.

Naquele inverno, a população brigava na rua por restos ou separava montes de lixo, na esperança de que alguém tivesse jogado fora um pedaço de pão. Crianças descalças faziam fila com pais emaciados em frente a cozinhas de sopa, embora pouco houvesse de nutritivo no que era servido. A Cruz Vermelha fazia o que podia, mas seus esforços eram quase em vão. Começava a morrer gente em Tessalônica.

Todos os dias Katerina via um novo horror. Certa vez, descendo a rua Egnatia, o principal bulevar da cidade, viu duas figuras encurvadas com os ventres distendidos e as costelas aparentes. Não era uma cena incomum, mas com aqueles olhos fundos e aquelas cabeças aparentemente aumentadas, era difícil dizer se eram jovens ou velhos. Pareciam estar entre os dois, uma mistura medonha de bebê e octogenário.

No dia seguinte, ela viu um homem deitado na calçada. Não olhou duas vezes, pois muitos refugiados dormiam nas ruas por não terem para onde ir.

Quando saiu da oficina algumas horas depois, percebeu seu erro. O corpo estava sendo colocado numa carroça. Uma breve conversa com uma mulher parada por ali perto confirmou o que ela temia. O homem que Katerina presumira estar dormindo estava sendo recolhido para ser sepultado. Morreria de fome. Ela se benzeu várias vezes, mortificada de vergonha.

Era sabido que a situação em Atenas era cem vezes pior. Katerina esperava que a mãe estivesse conseguindo sobreviver. Fazia tempo que não tinha notícias dela.

Todos que trabalhavam para a Moreno & Filhos tinham consciência de sua sorte. Os alemães continuavam visitando a oficina Moreno assiduamente, e a renda que eles proporcionavam dava aos empregados acesso ao mercado negro. Essa era a única maneira de sobreviver e significava que não só eles comiam, mas seus vizinhos também.

Como os tecidos de Saul Moreno estavam quase esgotados, seus clientes alemães iam à loja de Komninos e escolhiam daquele vasto estoque. O estoque de Konstantinos Komninos parecia não ter sido afetado pela escassez de que sofria uma em cada duas empresas na cidade. Sua produção de seda continuara, e sua variedade de lã e linho só diminuía minimamente. Depois que as medidas eram tiradas na oficina Moreno, um mensageiro era despachado para pegar a quantidade de tecido exata.

— Bem, pelo menos costurar faz com que não pensemos no que está acontecendo com nossos conterrâneos — disse uma das costureiras.

— Fale por você — respondeu outra. — Cada vez que espeto a agulha neste vestido, imagino que a estou enfiando no alemão que o encomendou.

— Ou na mulherzinha gorda que vai vesti-lo — acrescentou outra.

Katerina não participou da conversa. Passava as horas devaneando, perguntando-se onde e como estaria Dimitri. Ela sabia que Kyria Moreno pensava em Elias durante os longos períodos de trabalho e as duas especulavam muitas vezes sobre onde eles poderiam estar e torciam para que ainda estivessem juntos. Não tiveram mais notícias. Katerina fora enviada algumas vezes para fazer a prova de um vestido em Olga, mas parecia que havia muitos e muitos meses que ela não recebia carta alguma.

O tempo agora passava devagar na oficina. Um “cliente” alemão chegara um dia e as pegara acompanhando um daqueles discos de *rebetika*.

— São subversivos! — gritou.

Não havia necessidade de tradução. Ele pegou os preciosos discos um por um, quebrou-os no joelho e os jogou no chão com desprezo. Fragmentos

de Bezos, Eskenazi, Papazoglou, Vamvakaris e muitos outros ficaram espalhados pelo chão para as apavoradas mulheres catarem mais tarde. Na visita seguinte, ele lhes trouxe uma gravação dos *Lieder* de Wagner. Seu “presente”, oferecido com grande polidez, foi guardado num armário. Todas concordavam que o silêncio era infinitamente melhor.

Além da confecção de ternos para os oficiais alemães e de vestidos para suas esposas, havia outro trabalho que as costureiras tinham começado a fazer. Mesmo com cupons de racionamento, poucos conseguiam comprar tecido para roupas novas, então aproveitar e adaptar o que as pessoas possuíam em seus guarda-roupas tornou-se uma grande indústria. Reformavam-se os vestidos das mães para as filhas usarem, e, para homens e mulheres que haviam perdido dez ou quinze quilos, havia cinturas para diminuir e novas pences para fazer. Como muitas crianças não tinham nada além dos trapos com que estavam vestidas, elas passavam as noites desmanchando e adaptando as roupas doadas pelos gregos ricos.

Enquanto os dedos de Katerina manejavam a agulha em tecidos velhos e novos, o inverno virou primavera. As laranjeiras floriram, enchendo as ruas com uma fragrância densa, alheias à sujeira embaixo delas e à morte à sua sombra. Katerina olhava para as flores e sabia que Dimitri não estaria mais na neve.

Ela e Roza especulavam diariamente sobre onde ele e Elias poderiam estar, e quando a primavera virou verão e muitos soldados voltaram, elas concluíram que eles haviam entrado para a resistência. Embora o exército grego não pudesse mais se opor aos alemães, ainda havia muitos homens suficientemente corajosos para continuar uma campanha de obstrução e sabotagem.

CAPÍTULO 19

Katerina e Roza estavam certas. Dimitri e Elias eram uns dos milhares de soldados que haviam se juntado à resistência tão logo a ocupação começara, e estavam agora nas montanhas da Grécia central, mal alojados e mal alimentados. Eles tinham sobrevivido ao maior inimigo de todos, o frio, mas os meses de desconforto quase insone deixaram os dois sonhando intermitentemente com uma noite em suas camas.

Quando os alemães invadiram, os oficiais do exército receberam ordens de não resistir, mas muitos dentro das fileiras continuaram determinados a subverter o inimigo e tornaram-se membros da Frente de Libertação Nacional (EAM, na sigla em grego) apoiada pelos comunistas. Parecia a única forma de participar de uma guerra contínua contra os ocupantes.

O rei George e seu governo se retiraram para o Oriente Médio juntamente com parte das forças armadas; um armistício fora assinado com os alemães e estabeleceu-se um governo colaboracionista em Atenas. Os maiores partidos políticos haviam escolhido não apoiar o movimento de resistência, o que, na opinião de Elias, Dimitri e seus colegas *andartes*, era o mesmo que aceitar que seu país agora pertencia à Alemanha.

Inicialmente, a EAM se concentrou num trabalho de auxílio humanitário para alimentar as populações famintas em vilarejos e cidades, e, no início da ocupação, Dimitri e Elias foram convocados para ajudar a saquear vários depósitos que mantinham suprimentos estocados pelos alemães para alimentar suas tropas.

Às vezes, agiam com dureza, mas se isso significasse levar alimentos para seus conterrâneos, eles achavam justificável.

— Pelo menos estamos *fazendo* alguma coisa — disse Dimitri. — Podemos não estar lutando corpo a corpo, mas isso ainda é guerra, certo?

— Eu preferiria ter uma arma na mão — disse Elias. — Acho que devemos tentar botar esses filhos da mãe para fora do nosso país. Roubar a comida deles não basta. É muito pouco.

— Você tem razão — concordou Dimitri com relutância. — Do jeito

que as coisas estão, é mais provável morrermos de fome do que por causa de um tiro.

— Então por que não lutar?

— Porque estamos ajudando outras pessoas. E, por enquanto, isso talvez seja suficiente.

Dimitri era racional e comedido comparado ao amigo.

— A EAM está fazendo tudo que pode para manter os hospitais e as farmácias abertos. Você sabe disso, não é?

— Sim, ouvi dizer — respondeu Elias. — Pelo menos, com o seu conhecimento médico, você pode fazer alguma coisa construtiva. O que estou fazendo simplesmente não parece suficiente.

— Seria impossível lutar quando as pessoas estão passando fome. Pode imaginar alguém tentando conduzir uma campanha quando metade das tropas está muito fraca para segurar uma espingarda? Pense nisso, Elias.

— Há um boato de que uma ação de guerrilha vai começar. Se for verdade, estou dentro. Rebelião ativa. É o único jeito. É o que o Vassili teria feito. Lutar!

Dimitri e Elias muitas vezes tinham esse tipo de conversa. Como membro da EAM, Dimitri acreditava nos mesmos princípios comunistas que seu amigo, mas, na situação em que o país se encontrava, ele não conseguia ver como algum dia livrariam a Grécia dos alemães. A guerra no restante da Europa não estava se direcionando a favor dos aliados. França e Bélgica estavam ocupadas e havia rumores de que a Grã-Bretanha seria a próxima.

A notícia da ação organizada de guerrilha de que Elias ouvira falar se revelou verdadeira. Em fevereiro, o movimento de resistência armada dentro da EAM, conhecido como Exército Nacional de Libertação Popular, começara as operações. Seu outro nome era ELAS.

— Vamos aderir — disse Elias.

Dimitri ficou calado.

— Dimitri? O que há com você? — gritou. — E todos aqueles heróis gregos? Não são os nossos antepassados?

Dimitri olhou para o amigo e ficou com vergonha. Muitos não consideravam os judeus sefarditas gregos de verdade, mas lá estava Elias mais do que disposto a arriscar a vida para libertar sua *patrída*. Como poderia ele, Dimitri, não seguir tal exemplo? Deveria continuar a luta. Parecia-lhe o único jeito de ser um verdadeiro grego. Elias estava certo. Deixar as armas de lado e se submeter a um ocupante inimigo não era a maneira de uma nação

orgulhosa se comportar.

— Estou com você, Elias — disse ele finalmente com veemência.

Por algum tempo, eles tiveram grande sucesso, atacando gendarmarias e postos italianos em áreas remotas de montanha. Sentiam que estavam realizando algo, e lentamente, mas com firmeza, recuperavam o controle de seu país. Mesmo se o governo central nada fizesse, o ELAS estava provando a que viera.

Mais de dezoito meses haviam se passado desde que os dois amigos tinham deixado Tessalônica, e eles receberam alguns dias de licença. Desejavam muito ver os familiares. Tinham documentos falsos, o que era fácil de conseguir, mas mesmo assim precisavam tomar cuidado para evitar os bloqueios nas estradas e um ou outro gendarme, cuja desconfiança seria facilmente despertada. Viajando principalmente à noite, pegando carona com fazendeiros que ainda tinham suprimentos de combustível, em cinco dias avistaram Tessalônica.

Era junho, e os dois mantinham-se constantemente à sombra generosa criada pelas árvores nas principais ruas da cidade. Suas famílias e seus lares estavam quase ao seu alcance.

Eles estavam felizes de chegar lá, mas Tessalônica não era a mesma cidade que haviam deixado. Um manto de tristeza pairava sobre ela. Acabara o alvoroço que caracterizava a rua Egnatia e as pequenas ruas em torno dela. Muitas lojas estavam fechadas com tapumes, e as que ainda funcionavam não tinham nada em suas vitrines. Vendedores de rua que costumavam acrescentar vibração e música ao dia a dia, com seus gritos e pregões, tinham desaparecido, e perto da estação só havia dois engraxates onde antes ficavam pelo menos uma dúzia. Notaram muitos soldados alemães na rua, mas Dimitri e Elias não despertaram suas atenções.

Dimitri observou um grupo de crianças virar uma lata de lixo. A fome que ele experimentara nas montanhas e nas aldeias nunca parecera tão desesperadora quanto a da cidade. Pelo menos, longe dali, havia sempre algum tipo de vegetação que poderia ser transformada em sopa, ou mesmo frutas, nozes e raízes. Com a orientação de nativos de confiança que lhes ensinavam quais evitar, até as bagas tornaram-se parte importante da dieta deles. A natureza quase sempre provia, mas, na cidade, as pedras do calçamento não davam nada a não ser lama no inverno e, agora que as temperaturas estavam subindo, uma poeira sufocante. A paisagem urbana era um lugar árido para os famintos.

Eles chegaram ao grande espaço da Praça Aristotelous, onde ainda havia cafés em fervilhante atividade como antes. Os clientes estavam desfrutando do sol da tarde e da vista do golfo e do monte Olimpo reluzindo ao longe, uma visão que não mudara. Muitas das mesas eram frequentadas por soldados alemães, e havia até algumas moças gregas sentadas conversando com eles. Além deles, grupos de gregos elegantes e bem alimentados. Dimitri percebeu que alguns dos amigos e clientes ricos de seu pai poderiam facilmente estar entre eles.

— É melhor a gente se separar agora — disse Dimitri, sabendo que deveria evitar ser reconhecido por aquelas pessoas. Com suas botas pesadas e seus rostos barbados, eles despertavam atenção.

— Acha que parecemos *andartes*? — perguntou Elias, quase brincando.

— Infelizmente, acho que sim.

Sozinhos, seria mais fácil se misturar à multidão, desaparecer ao entrar numa loja ou sumir num café lotado. Dimitri e Elias foram avisados de que não podiam confiar em ninguém. Nas cidades, os alemães estavam empregando garçons, porteiros e qualquer outra pessoa que pudesse levá-los a subversivos e membros da resistência. Todos aqueles que ficavam ouvindo dissimuladamente os seus concidadãos tinham famílias para alimentar, e juntar-se ao inimigo poderia significar um dia ou dois sem as cólicas dolorosas de um estômago vazio e o choro interminável de uma criança pedindo comida. A fome transformara Tessalônica num lugar perigoso.

Os gendarmes, que haviam sido temidos e desprezados no passado, eram detestados ainda mais agora por estarem servindo aos alemães. Eles não tinham muita escolha. Caso se recusassem a colaborar com a força de ocupação, seriam torturados e executados. Alguns desses policiais militares tinham permanecido em suas posições e assumido o risco de ajudar os resistentes, mas era difícil dizer quem era o gendarme “bom” e quem era o “mau”. Por via das dúvidas, o melhor era evitá-los.

— Vamos nos encontrar de novo em vinte e quatro horas — disse Dimitri. — Virei à rua Irini às seis horas.

Ele tinha esperança de ver Katerina.

Olhou o relógio. Era um milagre que ainda funcionasse depois de todos os meses de chuva, neve e terra aos quais fora exposto. Era de uma cara marca suíça, um presente do pai por seu vigésimo primeiro aniversário que a princípio ele usara com grande relutância. Simbolizava o amor de seu pai a dinheiro e status, e Dimitri ficara sem jeito de usá-lo quando cursava a

universidade. Parecia colocá-lo em evidência. Na noite em que saíra de casa, ele o pegara na última hora. Sabia que seria útil, talvez até algo que pudesse vender. Agora que o mostrador estava arranhado e o ouro em volta, sem brilho, ele começara a gostar do relógio e até a contar com ele. Muitas vezes, a precisão de seu mecanismo tivera um valor inestimável, quando ele e seus companheiros *andartes* precisaram se orientar nas montanhas.

— Vejo você amanhã — disse Elias. — Dê lembranças minhas aos seus pais.

— E minhas aos seus — disse Dimitri.

Elias deu meia-volta e foi andando para a cidade velha, pegando um beco da rede de ruelas que acabaria por levá-lo à rua Irini.

Dimitri pegou uma rua calma paralela à orla. Não viu ninguém. Havia um desânimo enervante na cidade. Dez minutos de caminhada acelerada levaram-no à rua Niki. O tamanho e a grandiosidade da casa eram mais impressionantes ainda do que ele se lembrava. Tocou a campainha e seu coração começou a bater furiosamente. Muitas das casas haviam sido tomadas por oficiais alemães, e ele subitamente intuiu que poderia estar a segundos de ser preso. Não sentira tanto medo em todos aqueles meses nas montanhas. Estando havia tanto tempo sem nenhuma comunicação com os pais, não tinha nenhuma ideia de quem estava lá dentro.

Antes que pudesse decidir se fugia ou não, ouviu a pesada tranca sendo levantada, bem devagar, como se a pessoa atrás dela estivesse tão nervosa quanto ele. Ao ver quem estava à porta, Pavlina tapou a boca com a mão, chocada.

— *Panagia mou!* Dimitri! — Ela quase engasgou de surpresa. — Entre! Entre!

Puxou-o para o hall, recuou e olhou para ele com prazer e preocupação.

— Olhe para você! — disse ela, benzendo-se muitas vezes. — O que eles fizeram com você?

Não era uma pergunta que precisasse de resposta. Dimitri sabia que estava com um aspecto abatido e exausto. Vira seu reflexo no espelho do corredor, o primeiro que encontrava em muitos meses. Não sabia ao certo o que Pavlina queria dizer com “eles”. Algum tipo de inimigo, presumivelmente. Os alemães? Outros gregos?

— Sua mãe vai ficar muito feliz de ver você! Ela está lá em cima.

— E meu pai?

— Imagino que ainda esteja na loja.

Dimitri subiu a escada de três em três degraus, parou um instante no topo e bateu timidamente na porta da saleta. Sem esperar pela resposta, entrou. Olga não ergueu os olhos da leitura, presumindo que fosse Pavlina entrando com seu chá.

— Mãe. Sou eu.

Largando o livro, Olga se levantou e se viu presa no abraço do filho.

— Dimitri...

Não havia palavras, só lágrimas, derramadas abertamente pelos dois. Ela então recuou para olhá-lo.

— Não consigo acreditar que seja você. Andei tão preocupada. Pensei que nunca mais o veria! Não tivemos nenhuma notícia sua! Em mais de um ano... — As lágrimas continuavam escorrendo no seu rosto.

— Eu não podia enviar uma carta. Não era possível. Desculpe-me, mãe, sinto muito mesmo.

— Estou muito feliz de ver você...

Eles continuaram alguns minutos abraçados. Olga acabou ficando mais calma e enxugou o rosto. Queria aproveitar aquele momento.

— Vamos nos sentar — disse. — Conte tudo. Conte o que anda fazendo. Conte onde esteve!

Eles ficaram sentados lado a lado na chaise longue.

— Quero que compreenda uma coisa — disse Dimitri seriamente. — Algo muito importante que preciso lhe contar agora.

— Isso não pode esperar, *agapi mou*? Seu pai vai estar de volta mais tarde — disse ela obedientemente. — E, com certeza, agora que você está em casa, haverá muito tempo — sorriu.

— Esse é o problema, mãe. Eu não tenho muito tempo.

— Como assim, querido? — perguntou ela, num tom desapontado. — Você acabou de chegar. E a guerra terminou.

— Ah, *mana mou*, você sabe que isso não é verdade — disse ele gentilmente. — A guerra está longe de acabar.

— Para o seu pai, acabou.

— Bem, talvez esteja aí a nossa diferença. A luta continua. Milhares de nós não desistimos. Os alemães e os italianos ainda são nossos inimigos e, enquanto permanecerem em nossa terra, vamos continuar a atacá-los.

Olga olhou para o filho com um misto de amor e consternação. Ele voltara para ela e, no entanto, ela podia sentir que estava prestes a ir embora de novo.

— E quem são “nós”? — perguntou Olga.

— O ELAS — respondeu ele.

— O ELAS — repetiu ela num sussurro. — Você se uniu aos comunistas?

— Eu me uni à organização que está oferecendo resistência contra os alemães — respondeu ele na defensiva.

— Ah — disse ela, empalidecendo visivelmente.

— Estamos lutando por pessoas que não são capazes de se defender, mãe — continuou ele.

Então, viu um movimento no canto do olho dela. Nenhum deles notara a leve aragem da porta se abrindo.

— Konstantinos! — exclamou ela surpresa ao vê-lo de volta tão cedo. — Veja! Veja quem veio para casa!

Dimitri levantou-se, e pai e filho se encararam. Dimitri foi o primeiro a falar.

— Voltei. — Não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Konstantinos pigarreou. A tensão era palpável. Dimitri podia sentir a raiva do pai a ponto de explodir. Apesar do tempo em que estivera fora, nada parecia ter mudado, e ele sabia que a conversa agora seguiria um rumo educado antes da inevitável explosão.

— Sim, estou vendo. E por onde andou?

O tom de voz de Komninos era o que as pessoas costumavam usar quando alguém voltava após uma semana de ausência. Dimitri estivera ausente por oitenta e quatro semanas e quatro dias, precisamente. Olga contara.

— Nas montanhas, sobretudo — respondeu Dimitri com honestidade.

— Estávamos esperando a sua volta há alguns meses... a guerra terminou em abril passado — disse Konstantinos num tom entrecortado. — Você poderia ter nos informado onde estava.

— Expliquei para minha mãe que não era possível mandar nenhuma correspondência — respondeu o filho, se defendendo.

— Então o que ficou fazendo nas montanhas?

As perguntas do pai eram ao mesmo tempo persistentes e pouco sinceras. Olga deduzira que o marido já estava no quarto antes de eles notarem sua presença.

Dimitri olhou para o chão. Viu suas botas, brancas de poeira, o couro rachado quase revelando seus pés. Elas haviam levado Dimitri por uma

quantidade incalculável de quilômetros. Seus olhos desviaram para os sapatos impecáveis do pai, tão lustrosos que refletiam o padrão do tapete sobre o qual estavam.

Ele se orgulhava de como passara os últimos meses desde que aderira ao ELAS.

— Olga. Quer fazer o favor de sair da sala agora?

Dimitri passara muitas noites quase morrendo congelado em cavernas de montanhas, observando as estalactites de gelo do teto, mas nada o congelara mais do que a voz do pai naquele momento.

A voz congelou o coração de Olga também. Ela saiu da sala e se retirou para o quarto, temerosa pelo filho.

Dimitri continuou em pé. Era da mesma altura do pai e naquela noite queria olhá-lo nos olhos. Por dentro, censurava-se por sentir tanto medo. Depois do que enfrentara enquanto soldado, era um absurdo estar tremendo. Podia sentir o coração quase explodindo no peito.

Tão logo Olga saiu do quarto, Konstantinos voltou a falar.

— Você é uma desgraça para esta família — disse calmamente. — Entreouvi o que você contou à sua mãe. Quando eu tiver dito o que quero dizer, você deixará esta casa. E enquanto ainda estiver lutando com o ELAS, não voltará. Ninguém com tais convicções tem o direito de ser meu filho. *Ninguém com tais convicções* é admitido dentro dessas quatro paredes. Retire-se imediatamente desta sala e saia desta casa. Não quero saber aonde vai, desde que seja para fora desta cidade.

A voz de Konstantinos elevava-se à medida que ele falava. Dimitri olhava impassível para ele. Não havia mais nada que quisesse dizer ao homem com quem não compartilhava nada a não ser o nome.

— Se eu não quisesse desprestigiar o nome desta família, denunciaria você agora mesmo para as autoridades.

Komninos queria uma resposta do filho e fez uma pausa. O silêncio do rapaz o enfureceu.

— Por que não é sensato, Dimitri, e admite que lutar não é a maneira deste país ir para a frente?

— E qual é o futuro? — perguntou Dimitri afinal. — *Colaboração.*

Não houve vozes exaltadas nesse encontro entre pai e filho, mas a raiva contida era palpável. Konstantinos Komninos teve a palavra final.

— Saia da minha frente, Dimitri — disse.

Ao passar pela porta fechada do quarto de Olga, Dimitri sentiu um pesar

terrível. Como podia sua mãe, a quem ele amava tanto e de quem sentia falta todos os dias, ser casada com aquele ego monstruoso, aquele fascista? Com essa pergunta e a terrível culpa pela tristeza que devia estar causando a ela, desceu lentamente a escada. Pavlina estava parada no hall.

— Até logo — disse ele, beijando-a. — Diga a minha mãe que sinto muito...

Antes que ela tivesse tido tempo de lhe dizer que o jantar estava quase pronto, ele já havia ido embora. Ela pôs a mão no rosto e viu que estava molhado de lágrimas que não eram suas.

Uma vez na rua, Dimitri não sabia o que fazer. Seu encontro com Elias estava marcado para o dia seguinte, mas só havia um lugar onde se sentiria em segurança. A rua Irini.

Chegou lá em vinte minutos, usando nervosamente os portais para se esquivar, tomando cuidado para evitar a atenção dos gendarmes. A rua Irini estava em silêncio, salvo por duas mulheres sentadas na calçada na parte mais alta. Afastando a cortina da porta, Dimitri entrou na casa dos Moreno. Embora fosse fim de tarde, era ainda mais escuro lá dentro do que na rua.

— Dimitri!

Era uma voz familiar. Em um instante, seus olhos se acostumaram à escuridão e ele conseguiu ver os vultos de quatro pessoas sentadas ao redor da mesa. Todas se levantaram e vieram em sua direção.

— Dimitri! O que está fazendo aqui? — perguntou Elias.

— Mas que surpresa boa! — exclamou Saul Moreno. — Estamos muito felizes de ver você!

— Venha! Venha se sentar. Você precisa comer! Precisa comer!

Roza Moreno o guiava para a mesa, e Isaac já havia puxado mais uma cadeira.

Logo ele estava comendo. Era a primeira refeição saudável que fazia em muitos, muitos meses. A normalidade era uma alegria.

—Você viu seu pai? — perguntou Elias.

— Vi — disse Dimitri, de boca cheia. — Eu devia saber como ele ficaria.

A família inteira entendeu sem precisar que ele falasse mais nada. Houve uma pausa.

— Conte-nos tudo — insistiu Saul Moreno. — Queremos saber de tudo.

Kyria Moreno ia incansavelmente para lá e para cá, sem deixar faltar os seus *quieftes e fijón* especiais nos pratos nem perguntas nas mentes dos

comensais. Até de madrugada, os dois rapazes cansados contaram onde haviam estado, suas campanhas, seus encontros, como Dimitri suturara ferimentos, aplicara torniquetes e aprendera a extrair bala. Kyria Moreno queria detalhes do que eles haviam comido, e ficou chocada com as respostas.

Dimitri e Elias não só falaram como também ouviram e fizeram perguntas. A vida dos Moreno sofrera enormes mudanças nos últimos dezoito meses. Como era morar numa cidade ocupada? Como os alemães se comportavam? Como estavam tratando os judeus?

Kyria Moreno pintou um quadro positivo de tudo, mas Isaac foi mais honesto.

— Temos que fazer ternos para os alemães — disse, amuado. — Gostaríamos de colocar lâminas de barbear dentro das bainhas, mas isso seria ruim para a empresa.

— Mas temos tido muita sorte — entrevistou Saul. — Muitas empresas de judeus foram confiscadas. Pelo menos ainda temos a nossa. E, podem acreditar, estamos mais ocupados que nunca.

— Mas não com o negócio que gostaríamos de ter...

— Isaac! — repreendeu o pai. — Pare, por favor. Pessoas morreram de fome nessa cidade o inverno passado. Passamos fome alguma vez?

— Não vamos discutir — disse Kyria Moreno, que estava entusiasmada de ver seu caçula e não queria que palavras coléricas estragassem a breve reunião de família.

— A mãe tem razão — disse Elias. — Temos muito pouco tempo para ficar juntos.

Kyria Moreno foi para a pia e começou a lavar a pilha de pratos. Saul Moreno subiu, para dormir sob a colcha sagrada. Enquanto sua mãe fazia barulho com as vasilhas na pia, Elias teve a oportunidade de fazer uma pergunta ao irmão mais velho.

— Vamos partir de novo amanhã. Por que não vem conosco? — perguntou em voz baixa. — Perdemos alguns homens na nossa unidade, e não seria ruim conseguirmos mais alguns.

— Nada de fazer mais roupas para os hunos — sussurrou Dimitri num tom encorajador.

Isaac olhou de um para o outro.

— Deixem-me consultar o travesseiro — respondeu.

Kyria Moreno olhou por cima do ombro. Viu os dois filhos e Dimitri

inclinados à frente, as cabeças quase se tocando. Davam a impressão de estar envolvidos em algum tipo de conspiração.

— Meninos — chamou ela, sorrindo —, não acham que é hora de dormir?

— Sim — responderam os filhos em uníssono, e riram.

— Elias, por que não fica mais um pouco? — perguntou. — É tão maravilhoso ter você de volta. E Dimitri também pode ficar o tempo que quiser.

— Nós gostaríamos, mãe. Mas só temos sete dias de licença, e levamos quatro para chegar aqui...

Naquela noite, Dimitri dormiu um sono pesado no sofá de alvenaria da sala. Nunca uma cama fora mais macia, e ele logo estava envolvido em sonhos vívidos que o mantiveram adormecido até depois do meio-dia. Então tomou um banho completo lá fora no pátio, esfregando a poeira entranhada em volta do pescoço e lavando as feridas provocadas por picadas de piolhos. Kyria Moreno deixara roupas limpas para ele (Dimitri era do mesmo tamanho de Elias) e o algodão levemente engomado farfalhou quando ele colocou a roupa, o frescor do tecido acalmando sua pele. Sentiu-se renascido.

Elias deixara um bilhete para Dimitri na mesa. Estaria de volta no fim da tarde, a tempo de partirem para sua viagem, mas, enquanto isso, fora à oficina para tentar persuadir o irmão a se juntar a eles.

Dimitri sentiu uma pontada de ciúme. Não podia fingir para si mesmo ser outra coisa: Elias veria Katerina.

Nos últimos meses tentara não pensar nela. Parecia não valer a pena. Nas montanhas, longe de tudo que era civilizado e delicado, pensar nela parecera quase errado, mas agora que sabia onde Elias estava, ele mesmo queria ir correndo para a oficina.

Não era a coisa certa a fazer. Ele sabia. Em vez disso, foi para a rua, de repente desesperado para tomar ar puro, e começou a andar em direção ao mar. Animado pelas roupas limpas, entrou num kafenion em que nunca estivera antes e fez o pedido. Podia sentir olhares estranhos sobre ele, e virou-se para um gendarme que o encarava com algum interesse.

— Filho de Konstantinos? — perguntou.

Dimitri não sabia como reagir. Negar tal coisa poderia parecer ridículo se aquele homem conhecesse seu pai. Admitir a verdade poderia ter repercussões diferentes.

— Você é filho dele! Não é? — insistiu o homem, que estava com um

grupo de meia dúzia de colegas.

Dimitri sentiu o rosto corar. Talvez seu pai o tivesse denunciado como comunista. Ele ficou rígido de medo. Nas montanhas, sempre havia algum lugar para onde correr se estivesse cara a cara com o inimigo. Ele olhou para a porta atrás dos gendarmes e viu que não haveria escapatória.

— Você deve ser Dimitri. São muito parecidos. Dê lembranças minhas ao seu pai!

Ele odiava a ideia de ser parecido com o pai, mas, por ora, sentiu uma onda de alívio.

— Sim... claro — disse com um sorriso forçado.

Virou a xícara de café, engoliu um pouco da borra amarga, levantou-se e saiu. Era repugnante que seu pai e um gendarme se tratassem pelo primeiro nome, pensou, mas previsível.

Dimitri voltou depressa para a rua Irini. Elias logo estaria de volta. Será que Isaac viria com ele?

Só foi preciso esperar dez minutos pela resposta. Elias voltou sozinho.

— Ele não vem — informou Elias com um tom desapontado. — Diz que alguém precisa estar aqui com a mãe e o pai. Talvez ele tenha razão.

— Que pena — respondeu Dimitri. — Não seria ruim ele vir conosco.

Elias subira correndo para pegar uma camisa extra e os dois guardaram os embrulhos de pão e queijo que Kyria Moreno deixara para a viagem deles.

— Acabei de me despedir da mãe e duvido que ela sobrevivesse se nós dois fôssemos. Ficaria desconsolada — acrescentou Elias.

— Bem, ele sabe o que é certo para ele — disse Dimitri. — Vamos.

Não conseguiu perguntar a Elias se ele vira Katerina.

Quando a noite caiu, Tessalônica não era sequer um pontinho no horizonte. Em dois dias e meio, estavam de volta à sua unidade nas montanhas.

Em Tessalônica, duas mulheres choraram dormindo aquela noite. Os encontros fugazes com seus filhos as deixaram sentindo-se ainda mais desoladas. Olga nem podia discutir a visita do filho com Konstantinos. O nome de Dimitri não devia ser mencionado. Pelo menos Roza Moreno tivera a oportunidade de se despedir do filho com um beijo.

Nos quatorze meses desde a invasão, além de confiscar tesouros de sinagogas, empresas e casas, os alemães pouco haviam feito para prejudicar os próprios judeus. Em meados de julho, isso mudou. De repente anunciaram que os judeus entre dezoito e quarenta e cinco anos deveriam se apresentar

para serem registrados. Seriam usados como mão de obra civil na construção de estradas e pistas de pouso.

Kyrios Moreno tentou animar Isaac.

— Bem, eles precisam de alguém para fazer o trabalho duro — disse. — E não são só os judeus. Há gregos fazendo trabalho pesado de construção também.

— Mas por que os alemães não podem fazer eles mesmos? — protestou Isaac. — Eu sou alfaiate, não sou construtor.

— É assim mesmo — disse a mãe. — Tenho certeza de que não vai ser por muito tempo, *agapi mou*.

* * *

A temperatura havia subido naquela semana para a marca mais quente do ano, e, no sábado de manhã, nove mil judeus foram obrigados a se postar em filas na Plateia Eleftheria. Este nome pareceu irônico naquele dia: Praça da Liberdade. O sol do meio-dia batia em suas cabeças, e não havia uma brisa do mar para refrescá-los.

— Pensei que fôssemos começar a construir estradas — disse um dos alfaiates a Isaac. — Por que estamos todos em pé aqui?

— Acho que estamos prestes a descobrir — respondeu ele.

Ordens eram gritadas do outro lado da praça. Se os judeus fossem muito lentos para entender suas ordens, os soldados alemães os ajudariam usando cassetetes. Parecia que estavam sendo instruídos a executar uma série de exercícios para manter a forma.

Isaac e mais oito homens da oficina tentavam não se afastar uns dos outros. Se aquilo tivesse ocorrido alguns meses depois, Jacob, o mais velho do grupo, com quarenta e quatro anos, não seria obrigado a se registrar. Ele era baixo, corpulento, e achou os exercícios mais difíceis que Isaac e os mais jovens. Os alemães notaram sua dificuldade e o obrigaram a dar cambalhota, não uma, mas sim cinco vezes seguidas, para poder ser fotografado.

Um dos jornais da cidade estimulava sentimentos antissemitas nas semanas anteriores, e uma multidão, que incluía cidadãos respeitáveis de Tessalônica, se reunira para assistir ao espetáculo dos jovens sendo forçados a fazer exercícios ridículos no calor do meio-dia. Houve palmas encorajadoras e vaias debochadas para aumentar a humilhação deles.

Durante várias horas eles foram obrigados a se apresentar para o povo reunido, sem água, sombra ou descanso. Após quatro horas, a careca exposta ao sol inclemente, Jacob vomitou e desmaiou. Continuava inconsciente uma hora depois, mas nenhum de seus amigos foi autorizado a acudi-lo. Por fim, foi arrastado sem cerimônia pelos pés por dois soldados alemães, e quando Isaac tentou protestar, soltaram cães em cima dele. A multidão parecia gostar disso. Quanto mais terror e humilhação presenciavam, mais alto gritavam. Os cristãos jogados aos leões nunca agradaram tanto assim às multidões exacerbadas. Afinal, a novidade cansou até para os algozes, e, a essa altura, os judeus foram reunidos, a maioria prostrada, e colocados em caminhões.

Na manhã seguinte, Isaac e seu grupo, que havia conseguido continuar junto, se viram fora de Larissa, a sudoeste de Tessalônica. Jacob não estava entre eles. Morreria sem recobrar a consciência.

Foi então que a tortura realmente começou. Durante dez horas por dia eles trabalhavam sem descanso, expostos ao sol inclemente e ao interesse implacável dos mosquitos. À noite, enquanto dormiam, os insetos cruéis continuavam seu trabalho e, em quinze dias, muitos deles apresentavam sintomas de malária. Não havia trégua mesmo assim, e os soldados encarregados os obrigavam a sair da cama todas as manhãs e os forçavam a voltar ao trabalho. Uma ou duas vezes, os aldeões locais se arriscaram a lhes levar mais comida ou uma muda de roupa, mas esse foi o único gesto de bondade que receberam. Muitos desmaiam diante dos guardas, que cutucavam seus corpos emagrecidos com a culatra dos rifles para ver se podiam tirar mais uma hora de trabalho deles. Só a morte lhes dava uma desculpa para parar de trabalhar.

Quando o quarto do grupo da oficina morreu em consequência da crueldade bestial dos alemães, dois deles começaram a falar em fugir.

— Vamos morrer aqui, então é preciso nos dar uma chance!

— Você não sabe se eles não estão planejando nos deixar ir embora quando o trabalho estiver terminado — disse Isaac. — E, de qualquer forma, eles vão fuzilá-lo se tentar fugir.

— Mas eles não vão nos ver tentando fugir...

— Não dá para garantir isso! Você só vai piorar as coisas para nós.

Mesmo com um guarda permanentemente postado do lado de fora de sua tenda improvisada, eles sempre achavam que sua língua criava um reduto onde não podiam ser tocados. Para os alemães, o ladino era uma algaravia incompreensível.

Em Tessalônica, uma polêmica se anunciava. Embora Isaac visse seus companheiros judeus morrerem diariamente, surgia um fio de esperança de que todos eles poderiam ser libertados.

Fora oferecida à comunidade judaica a oportunidade de recomprar os trabalhadores, e estabelecera-se o preço de três milhões de dracmas. Em absoluto desespero, as pessoas começaram a tentar levantar o dinheiro.

Foi então proposta uma sugestão. Em vez de arranjar essa soma inatingível, a comunidade judaica poderia fazer uma permuta, entregando seu cemitério. Havia muito que a prefeitura desejava pôr as mãos naquele vasto e valioso terreno no coração da cidade, e agora tinha a sua chance: foi atribuído um valor ao cemitério exatamente igual ao montante do resgate.

Foi um alvoroço na comunidade judaica. Na oficina Moreno, onde quase todos tinham familiares sepultados naquele cemitério antigo e histórico, havia gente chorando de raiva e frustração.

— Mas o valor de nossos antepassados está além do valor monetário — protestou um dos alfaiates mais velhos. — Não podemos deixar isso acontecer!

— E algumas dessas sepulturas têm mais de quinhentos anos!

— Os sepultados estão mortos, e meus filhos ainda estão vivos — disse um dos alfaiates mais velhos, que tinha três filhos nos campos de trabalho. — Como você pode sequer considerar isso uma escolha?

Cada um tinha um ponto de vista, e ninguém estava errado.

Katerina viu que Kyria Moreno sempre encontrava uma desculpa para sair da sala quando a questão era levantada. Por uma ou duas vezes, seguiu-a e encontrou-a chorando baixinho num dos depósitos.

— Toda vez que penso em Isaac, tenho essa sensação terrível de que nunca mais vou vê-lo — disse ela. — E agora temos a chance de ter o nosso filho de volta e as pessoas reclamam!

Katerina passou o braço em volta de Kyria Moreno e abraçou-a.

— Não aguento ouvir essa gente — disse. — Não há nada que eu possa fazer em relação a Elias, mas pelo menos eu poderia tornar a ver o Isaac.

— Teve alguma notícia do Elias? — perguntou Katerina, torcendo por uma informação.

— Nada — respondeu Roza. — Mas disseram que a maior parte da resistência está nas montanhas, então presumo que ele esteja lá. Espero que Dimitri também. E o tempo está mudando, não?

— Neve. Sim. Ouvi dizer que houve uma nevasca lá.

A mulher concordou com um gesto de cabeça, e as duas ficaram sentadas em silêncio por alguns minutos. Kyria Moreno queria se acalmar antes de voltar a se reunir com os outros. Katerina pensava em Dimitri. Estremeceu, imaginando-o atravessar outro inverno sem comida ou roupas decentes.

A polêmica sobre o cemitério continuou durante algum tempo, mas a realidade é que os judeus não tinham escolha. A prefeitura já alinhara uma força de trabalho para destruí-lo, e, em dezembro, mais de três mil sepulturas, incluindo as dos grandes rabinos e professores, foram destruídas. Os parentes correram para tentar resgatar os despojos dos familiares, mas a maioria chegou tarde demais, descobrindo que os ossos haviam virado pó e as próteses dentárias de ouro haviam sido arrancadas. Alguns tiveram sorte e chegaram a tempo de salvar seus entes queridos para tornar a enterrá-los mais tarde em cemitérios novos a leste e oeste da cidade.

Lápides de mármore foram levadas para serem vendidas e reapareceram mais tarde como parte de um prédio ou mesmo no chão, como laje de calçamento. Os Moreno, como quase todos os outros judeus, ficaram desolados ao ver a profanação de seu local de sepultamento histórico e sagrado. Se o cemitério estivesse no epicentro de um terremoto, o estrago feito não poderia ter sido maior. A destruição foi cataclísmica.

Em poucos dias, porém, as lágrimas de tristeza dos Moreno viraram lágrimas de alegria. Um homem esquelético apareceu à sua porta. Era Isaac. Os ossos de várias centenas de milhares de mortos foram trocados com sucesso por alguns milhares de quase mortos.

CAPÍTULO 20

Quando começou o ano de 1943, a situação da cidade se complicou ainda mais. A fome passou a ser a maior preocupação dos moradores de Tessalônica.

A oficina Moreno estava conseguindo conservar todos os seus empregados remanescentes (assim como Jacob, três outros haviam morrido no campo de trabalho), mas agora havia pouco serviço. Os alemães já não encomendavam ternos, nem as pessoas mais abastadas da cidade — que deviam ser colaboradores, concluiu Kyria Moreno — conseguiam arranjar tecido para roupas novas. Konstantinos Komninos subira tanto os preços que só os muito ricos podiam pagar.

Uma das poucas mulheres que continuavam a ter vestidos novos era Olga. A aflição por causa do filho, mais que a falta de comida, fizera-a emagrecer ainda mais. Alguns poderiam confundir sua magreza com elegância, mas, por baixo do forro caro de seu *crêpe de Chine*, seus ossos eram tão pronunciados quanto os das pessoas mais carentes da cidade. Atualmente, seu marido recebia os oficiais alemães, e, quando eles estavam à mesa de jantar, Olga perdia completamente o apetite.

Como todos os outros alfaiates e *modistras*, Katerina continuava ocupada com as reformas de roupas. O tempo de uso podia ter deixado os punhos puídos e os tecidos desbotados, mas as pessoas encontravam dignidade em manter o padrão da aparência. A oficina Moreno cobrava muito pouco por esse serviço, e quando os clientes eram amigos, não cobrava nada.

Correram boatos de que os judeus estavam sendo deportados de seus países em toda a Europa, mas nada disso acontecera na Grécia, e os Moreno não tinham por que pensar que teriam o mesmo destino. Como se alguém tivesse tomado uma resolução de ano-novo, as coisas mudaram em janeiro de 1943. Um dos assistentes de Adolf Eichmann foi enviado a Tessalônica com a ordem de planejar “a solução final” para os cinquenta mil judeus da cidade. Em um mês, cem policiais alemães chegaram para implementar as novas medidas.

— O que é isso com uma estrela? — perguntou Isaac.

O rapaz vinha à oficina todos os dias, embora ainda estivesse fraco e seus dedos antes habilidosos com a agulha tivessem sido estragados pelos meses de trabalho pesado.

— Tem que ser amarela, é só o que sei — disse Kyria Moreno. — E alguns de nossos clientes nos pediram para aplicá-las.

— E tem que ter dez centímetros de diâmetro e seis pontas — disse Katerina, que já começara a aplicar estrelas em paletós e sobrecasacas. Isaac ficou em pé, observando-a.

Com seu bordado fino e ritmado, Katerina conseguia deixar as estrelas parecidas com suas melhores aplicações. Ela vira uma ou duas pessoas na rua com aquelas feias estrelas pregadas com pontos grosseiros. Se seus amigos judeus tinham que usar aquelas coisas, então elas podiam pelo menos ter um aspecto caprichado.

— Não vejo por que devemos usá-las — disse Isaac. — Já fiz o meu serviço para os alemães. E, no que me diz respeito, ele já acabou.

— Isaac — disse seu pai —, não temos escolha.

— Quem exatamente nos mandou usá-las? E como podem nos obrigar?

— O rabino Koretz disse que temos que usá-las — falou sua mãe calmamente.

— O rabino!

— Ele não criou a regra, Isaac — argumentou seu pai. — É só o intermediário.

— E o que mais mandaram ele nos dizer?

O ódio de Isaac pelos alemães era muito mais profundo do que o de seus pais. Ele passara muitos meses sentindo os efeitos da crueldade deles e sabia os extremos a que podiam chegar. Escondera dos pais a maior parte dos detalhes.

Viu os dois se entreolhando.

— Parece que vamos ter que nos mudar — disse o pai.

— Da rua Irini? — perguntou Katerina, espantada.

— Achamos que sim — disse Kyria Moreno, aos prantos. — Ainda não sabemos os detalhes.

— Mas por que os alemães querem que vocês se mudem? Têm certeza de que não é só um boato?

Isaac saiu da sala sem conseguir disfarçar a raiva, e Katerina e Roza continuaram a costurar as estrelas em silêncio.

Em poucos dias, a notícia foi confirmada. A família Moreno, com todos os seus funcionários, exceto Katerina, iriam se mudar para uma área próxima à estação ferroviária.

— Bem, tenho certeza de que eles têm suas razões — disse Saul Moreno. — E espero que as expliquem para nós no devido tempo.

A fé cega de Kyrios Moreno naqueles que guiavam sua vida, particularmente no rabino chefe, era inquebrantável. Ele acreditava no bom senso e tinha certeza de que havia uma explicação para aquela mudança.

Os judeus foram instruídos a fazer uma lista de todos os seus bens e a maioria deles atendeu prontamente a exigência.

— É para algum tipo de taxa que vão nos impor — murmurou Kyrios Moreno.

Ele começava a ter as suas desconfianças, mas ainda as escondia da mulher.

Nenhum de seus funcionários foi à oficina no dia seguinte. Ficaram todos em casa, reunindo seus bens, analisando suas coisas de valor e se perguntando o que levar para a nova moradia. Foram informados de que a acomodação provavelmente seria mais apertada do que as casas em que moravam.

Katerina e Eugenia receberam a visita de vários funcionários da oficina Moreno naquela noite.

— Podem guardar isso em segurança para nós?

— Querem tomar conta disso para mim, só até voltarmos para nossas casas?

— Vocês se incomodariam de esconder uma coisa? Não por muito tempo, espero!

Havia uma falsa animação e uma dose de euforia em seus pedidos. Katerina e Eugenia se viram guardiãs de broches, anéis e pingentes. Não tinham nenhum lugar seguro para colocar tais coisas de valor, mas iriam costurá-las dentro de almofadas onde ninguém as encontraria. Cada uma foi bordada com um monograma elaborado, formado pelas iniciais do dono.

No dia seguinte, Saul e Roza foram visitar as vizinhas. Katerina os esperava. No colo, como um bebê, Kyrios Moreno carregava algo que ela reconheceu. Era a colcha dentro da qual estava escondido o antigo *parochet*. Ela o pegou das mãos dele sem dizer nada e subiu para estendê-lo na cama. Kyria Moreno entregou a Eugenia dois “panos de amostra” bordados.

— Você se incomodaria de colocá-los na sua parede? — perguntou.

— Claro que não — disse Eugenia.

Colocaram os outros itens num baú. Mesmo que houvesse alguém espionando a rua Irini, nada teria levantado suspeitas. Os Moreno estavam se mudando e não poderiam levar tudo com eles. Na verdade, haviam sido obrigados a deixar muitos de seus bens. Vários tapetes, uma cama, algumas cadeiras e um baú inteiro de roupa de cama e mesa foram deixados na casa de número 7.

— Vamos deixar isso para Elias — disse Roza ao marido. — Talvez ele volte antes de nós.

Nos dias posteriores, o movimento caótico das carroças de mudança causou engarrafamento nas ruas da vizinhança. O conteúdo inteiro das casas seguia empilhado nelas: baús, cadeiras, potes e panelas e muitas vezes uma mesa, equilibrada por cima de tudo como um animal morto num estado de rigidez cadavérica.

A tristeza e o desespero enchiam as ruas. A chuva torrencial não ajudava. As pessoas se equilibravam sob suas posses, e mesmo os jovens pareciam velhos, reduzidos a um rebanho uniforme com suas estrelas amarelas iguais.

As mães seguravam com força as mãos dos filhos pequenos. Com dezenas de milhares nas ruas, era fácil perdê-los de vista, e qualquer um podia ser atingido por um objeto que caísse daquelas torres bambas de bens.

Desde a partida dos muçulmanos, a rua Irini era uma mistura de cristãos e judeus, e os cristãos fizeram tudo que podiam para ajudar seus irmãos que partiam, exatamente como haviam feito com os muçulmanos vinte anos antes. Despediam-se com abraços e promessas sinceras de visita.

— Ainda verei a senhora amanhã — disse Katerina a uma Kyria Moreno chorosa. — O trabalho continua como sempre, não é?

— Sim, querida, acho que sim — respondeu a mulher, cansada.

Parecia ter envelhecido dez anos da noite para o dia.

Enquanto observava os vultos da família Moreno se afastarem, uma ideia lhe ocorreu. Como Elias saberia onde encontrar sua família quando voltasse? Ela esperava estar ali para lhe contar. Não havia um dia em que seus pensamentos não a levassem para as montanhas.

Na aparência, o dia seguinte estava estranhamente calmo na oficina Moreno. Todos chegaram para trabalhar como sempre. Como não havia muito a fazer, Kyrios Moreno estabeleceu a tarefa de listar tudo que ainda estava ali, até o último alfinete, botão e pedaço de renda. Isso manteve todos

ocupados e teve como resultado instalações meticulosamente limpas e arrumadas. Durante muitos anos tinham estado ocupados demais para realizar tal tarefa. Kyrios Moreno quase teria considerado esse trabalho um capricho.

No dia seguinte, Katerina chegou à oficina pontualmente, como de praxe. Era estranho percorrer o caminho sozinha.

Quando virou a esquina, viu na mesma hora que algo estava errado. Todos os seus colegas estavam na rua. Embora nenhum deles soubesse traduzir o que estava escrito, reuniram-se em volta de um grande cartaz, em alemão, pregado na porta. Um cadeado pesado fora cruelmente aparafusado na porta.

Katerina compartilhou da absoluta consternação do grupo. A oficina fora confiscada pelos alemães. Mesmo sem saber ler uma palavra do idioma, não existia dúvida sobre o ocorrido.

Para alguns deles, havia um sentimento de grande indignação, mesmo de raiva. Isaac puxava o cadeado.

— Como ousam? — gritou. — Vamos arrancar essa coisa!

— Calma, Isaac — repreendeu o pai, tocando delicadamente o seu braço. — Acho que devíamos ir para casa.

— Casa! — gritou ele.

A palavra ecoou na rua. Estava carregada de nostalgia e tristeza. Pela primeira vez na vida, Katerina viu um homem irromper num pranto incontrolável. Foi uma cena chocante.

O grupo se dispersou, voltando para a área que havia sido estabelecida para os judeus, o seu novo gueto.

— Venha nos ver em breve, Katerina — convidou Kyria Moreno, tentando soar normal. — Acho que devemos todos sair daqui agora.

Katerina concordou com um gesto de cabeça, calada. Precisava ser corajosa por seus amigos.

Quando começaram a ser confinados nos guetos, os judeus eram obrigados a retornar às novas acomodações antes do pôr do sol. Em pouco tempo, as regras mudaram. Cercas de madeira foram erguidas em volta de toda a área, e as saídas eram vigiadas. Eles não podiam mais sair livremente. O arame farpado por cima da cerca garantia isso.

O efeito em Tessalônica foi imediato. Sem a circulação de cinquenta mil de seus habitantes durante o dia, zonas inteiras viraram cidades-fantasma. Katerina estava desolada.

Certa noite no início de março, Eugenia e Katerina estavam sentadas

perto da lareira jantando. Eram quase nove horas. Elas ouviram uma leve batida na porta. Era tarde para uma visita, e elas se entreolharam com inquietação.

As únicas pessoas nas ruas a essa hora costumavam ser soldados ou gendarmes. Eugenia balançou a cabeça e pôs um dedo na frente dos lábios.

A batida ficou mais insistente. Quem quer que estivesse lá fora agora batia com força à porta delas. Não se enganava com o silêncio do lado de dentro.

— Kyria Eugenia!

— Era uma voz familiar.

— É Isaac — sussurrou Katerina, levantando-se de um pulo. — Depressa, temos que deixá-lo entrar.

Ela correu para abrir a porta. Isaac entrou depressa.

— Isaac!

A aparência dele era chocante. Estava magro quando fora para o gueto, mas agora seus ossos pareciam prestes a atravessar a pele.

— Entre, entre — disse Eugenia.

Ele não parava de tremer.

— Está com fome?

Ele confirmou com um gesto de cabeça e ela lhe serviu uma tigela de lentilhas.

Isaac levou alguns minutos para falar. Aproximou a tigela da boca e bebeu as lentilhas cozidas direto dali, como se fosse uma sopa. Não comia havia dias, e seu desespero por comida não deixava tempo para boas maneiras.

— Dê um pouco mais a ele — disse Eugenia a Katerina. — Conte-nos o que aconteceu...

Isaac contou que seu rabino, o rabino Koretz, aparecera no gueto e anunciara que todos seriam levados para uma vida nova. Os trens já estavam partindo.

— Mas para onde? — exclamou Katerina sem acreditar.

— Para a Polônia. Cracóvia.

— Mas por quê? Lá é muito frio! — disse Katerina.

— Ele diz que lá há trabalho para nós. Meus pais até foram autorizados a sair para ir ao banco. Mandaram que trocássemos nossas dracmas por zlotis. E recebemos instruções sobre o que levar na viagem.

Eugenia e Katerina estavam sentadas em silêncio franzindo o cenho,

concentradas e preocupadas.

— Koretz está dizendo às pessoas que não é diferente da última vez.

— O que ele quer dizer com “da última vez?” — perguntou Katerina.

— Ele quer dizer que já houve uma mudança em massa antes, quando nossos antepassados deixaram a Espanha em direção à Grécia. E agora está na hora de mudar de novo. Não tem realmente diferença nenhuma.

— Acho que deve haver alguma verdade nisso — ponderou Eugenia. Ela se lembrava de seu próprio exílio forçado. Acabara construindo uma vida nova.

— Então alguns de nós decidimos fugir — disse Isaac em tom de desafio. — Os homens com quem eu estava planejam entrar para a resistência.

— Mas será que eles não vão ser pegos primeiro? — perguntou Eugenia. — Será que o sotaque não vai entregar vocês?

— E os gendarmes? Eles estão sempre parando as pessoas para identificação — acrescentou Katerina.

— Há gente vendendo documentos falsos — respondeu Isaac.

Ocorreu a Eugenia por que ele viera. Uma identidade falsa custava caro e ele precisaria das joias da mãe para pagar por isso. As joias estavam escondidas dentro do travesseiro que ficava sobre a cama dela.

— Então você precisa de dinheiro?

— Não, não foi isso que eu vim buscar.

As duas mulheres ficaram olhando para Isaac. Ele parecia muito frágil e vulnerável. Era quase impossível imaginar como tivera forças para escalar a cerca do gueto. Devia ter sido movido pelo desespero.

— Decidi voltar. No instante em que eu estava em cima da cerca na rua, vi que não tinha volta. Não posso deixar meus pais irem para a Polônia sozinhos. Eles vão precisar de mim para tomar conta deles.

Katerina conhecia muito bem Kyria Moreno e podia imaginar sua aflição.

— Posso calcular o grau de preocupação da sua mãe agora — disse. — Ela vai ficar muito feliz quando vir você de novo.

— Só espero que eles ainda não tenham partido quando eu voltar — refletiu ele. — As pessoas já começaram a embarcar nos trens.

— Se vai para um lugar tão frio, não quer levar uns cobertores ou umas roupas a mais? Seus pais deixaram muita coisa na casa.

— Foi por isso mesmo que voltei aqui — explicou o rapaz.

Eugenia e Katerina o acompanharam à casa de sua família. Após apenas dez dias, a residência parecia abandonada havia uma década. Teias de aranha que Kyria Moreno teria limpado assim que as tivesse visto apareceram no teto e o cheiro de mofo era inconfundível.

Isaac foi direto para o armário de madeira onde sabia que os pais haviam deixado roupas de cama.

— Vou ficar aqui hoje à noite — disse. — Calculei que seria muito mais difícil voltar enquanto estiver escuro. Um barulhinho, e eles pegam a gente. De dia há sempre muitas outras distrações para os guardas, com gente circulando e fazendo fila para comida ou para os trens.

— Você não pode dormir aqui — disse Eugenia, preocupada. — Por que não passa a noite lá em casa?

Isaac não protestou, e, num instante, estavam de novo na casa ao lado.

Eugenia viu Isaac olhando para a panela.

— Por favor, pode se servir. Coma tudo. E depois vá dormir um pouco.

Como um homem acostumado a obedecer a ordens, Isaac fez o que lhe mandaram e subiu, exausto, a escada estreita.

Enquanto observava Isaac tirando cobertores do armário, Katerina ficara pensando e, tão logo ouviu a porta se fechar lá em cima, começou a cortar. Um dos macios tapetes de lã daria um casaco perfeito, e ela planejara até como o arremataria e que tipo de botões usaria. Tinha doze horas, e, mesmo com a ajuda de Eugenia, tempo era crucial.

Quando Isaac acordou, havia um casaco no pé da cama para sua mãe, um blazer para Esther e uma sobrecasaca acolchoada e quente para seu pai. As peças também eram bonitas. Os dois casacos tinham um forro acolchoado e foram debruados com capricho. Pela primeira vez em meses, algo o animou. Ele podia imaginar a expressão de prazer da família ao verem seus nomes bordados no forro e o motivo de romã que aparecia nas golas. A maior preocupação deles nos últimos dias fora o clima que encontrariam na nova terra, e agora tinham a solução.

— Talvez eu lhe mande encomendas da Polônia! — disse Isaac sorrindo. — Obrigado, obrigado...

Eugenia embrulhou as roupas dobradas em papel pardo e, com o pacote embaixo do braço, Isaac desceu despreocupadamente a rua, voltando para o gueto.

As duas mulheres o observaram. Estavam cansadas da longa noite de costura. Katerina podia dormir um pouco agora, já que não tinha mais

emprego, mas Eugenia precisava sair para a fábrica de tapetes.

Naquela noite, ambas concordaram em ir até a estação ferroviária. Quem sabe até conseguissem se despedir dos amigos. Quando chegaram, logo viram que não seria possível. Os alemães não deixavam ninguém se aproximar. De trás da cerca, elas podiam ouvir choro, o som dos vagões sendo engatados e a fumaça sendo expelida no ar.

Ficaram paradas um instante antes de dar meia-volta e se afastar. Eugenia se benzeu várias vezes e, no caminho de casa, entraram na igrejinha de Agios Nikolaos Orfanos.

— *Kalo taksidi...* — disse Katerina baixinho para as chamas das quatro velas que acendera diante da imagem. — Boa viagem.

Ao se aproximarem de casa, Eugenia recordou a chegada delas na rua Irini, quando só tinham a roupa do corpo.

— Essa família foi muito generosa conosco — disse baixinho. — Espero que encontrem pelo menos uma fração dessa bondade quando chegarem à nova terra.

CAPÍTULO 21

Os Moreno estavam a bordo de um dos primeiros transportes, e os trens continuaram rodando lentamente para a Polônia durante todo o verão.

Eugenia e Katerina receberam um cartão postal dos amigos em junho. Era uma imagem de Cracóvia, e tudo que dizia era que eles haviam chegado e que sentiam falta de sua cidade. Quando o último trem afinal partiu em agosto, os guetos ficaram em silêncio e a cidade perdera um quinto de sua população.

A rua Irini agora parecia morta, e, por algum tempo, as casas que pertenceram à família Moreno e a outros vizinhos judeus ficaram vazias. Num dia terrível, porém, o sossego foi quebrado. Katerina e Eugenia foram acordadas de madrugada por um barulho de gritos e batidas. Vinha não só da rua como também atravessava a parede da casa ao lado. Às quatro da manhã, elas se descobriram vendo da janela um bando de gente saqueando descaradamente a casa dos Moreno. Entre vários objetos da família arrastados para a rua, elas viram o baú em que Kyria Moreno guardara sua roupa de cama. Estava em cima de uma carroça.

Elas souberam de saques semelhantes em áreas onde houvera uma concentração de judeus, mas não esperavam que isso acontecesse em sua rua.

— Temos que detê-los! — disse Katerina.

— Não sei se é uma boa ideia... — disse Eugenia, observando a brutalidade com que dois homens abriam um colchão com um facão. Eles rasgavam o tecido com um deleite sádico, e pedaços de felpa branca voavam pelos ares como flocos de neve. Correria o boato de que os judeus haviam escondido o ouro dentro das roupas de cama e aquelas pessoas estavam decididas a encontrá-lo.

As duas mulheres tiveram que assistir impotentes ao saque sistemático da casa dos vizinhos. Katerina sabia que Eugenia estava certa: não havia nada que pudessem fazer sem correr riscos. Seu único consolo era que tudo que os Moreno consideravam de valor estava sob outro teto. O delas.

Algumas semanas depois, um representante de Konstantinos Komninos

chegou à rua Irini com uma mensagem para Katerina, perguntando se ela poderia continuar costurando para alguns de seus clientes ricos que ainda tinham acesso aos tecidos finos que ele podia fornecer. Eles ainda queriam a melhor *modistra* que a cidade pudesse oferecer, e, mesmo que as costureiras judias ainda estivessem na cidade, o título ainda seria de Katerina.

No dia seguinte, um carregador apareceu à sua porta. Trazia com dificuldade uma grande caixa de papelão.

— Srta. Sarafoglou?

— Isso mesmo — disse ela.

— Tenho uma coisa para a senhora — disse o rapaz.

Katerina o convidou a entrar, e ele colocou a caixa em cima da mesa.

— Quer abri-la? — perguntou. — É de Kyrios Komninos.

— Ah — exclamou ela, surpresa.

Tinha sentimentos contraditórios em relação ao pai de Dimitri. Sabia que Dimitri não se dava com ele, e ela muitas vezes se perguntara se os temores de Olga tinham algo a ver com o modo como ele a tratava. Como todas as vezes em que o vira ele fora frio e antipático, ela estava intrigada com o gesto dele de lhe mandar um presente. Abriu a caixa. Reluzindo no escuro, viu o brilho de um metal preto, e, ao retirar o papel fino que protegia o objeto, ela reconheceu uma decoração familiar de flores e folhagem. Era uma máquina de costura Singer.

— Ele disse para lhe dar isto também — completou o entregador.

Ela abriu o bilhete e o leu imediatamente. “Enquanto estiver trabalhando em casa”, dizia, “precisará disso.”

Os dois juntos colocaram a máquina em cima da mesa. Era linda e era dela, e ela podia ver seu rosto refletido nas curvas brilhantes e impecáveis. Katerina não parou para perguntar como Kyrios Komninos conseguira aquilo em plena guerra.

Estava muitíssimo tentada a perguntar por Dimitri. Como funcionário de Konstantinos Komninos, o entregador talvez tivesse ouvido algo, mas ela se conteve, pois sabia que pareceria inadequado.

Dias depois, o mesmo funcionário de Komninos voltou à rua Irini. Tinha outro bilhete e um pacote com tecidos.

“Prezada Katerina, gostaria de uma peça de roupa com os tecidos do pacote para Kyria Komninos. Talvez você possa vir tão logo possível tirar as medidas.”

Katerina estava lisonjeada, mas nervosa. Mandou um bilhete de volta

pelo homem para confirmar que estaria lá ao meio-dia no dia seguinte.

Chegou pontualmente, empolgada para ver Kyria Komninos. Pavlina a recebeu e a acompanhou ao andar superior. Após terem se cumprimentado, Katerina manifestou efusivamente a sua gratidão pela máquina de costura, e pôs-se a tirar as medidas de Olga.

Quase imediatamente, Olga puxou o assunto a respeito dos Moreno, externando a sua tristeza pelo fato de terem sido obrigados a deixar a cidade.

— Espero que estejam bem naquele lugar tão frio.

— Bem, de vez em quando Tessalônica pode ser muito gelada, não é? — disse Katerina. — E estamos bastante acostumados com a neve aqui...

— Acho que é muito mais frio que Tessalônica — refletiu Olga.

Katerina contou-lhe sobre as roupas quentes que fizera para os Moreno, e, por alguns instantes, as duas ficaram em silêncio. A ausência da família judia deixara um enorme vazio na vida de Katerina, e Olga estava ciente de que a jovem havia perdido pessoas que eram seus vizinhos, seus patrões e seus amigos. Os anos que Olga passara na rua Irini haviam sido os mais felizes de sua vida, e ela sabia que a área devia parecer muito vazia agora.

— Tem notícias de Dimitri? — perguntou Katerina, aproveitando o momento.

— Só uma carta — respondeu Olga. — Há alguns meses.

— Elias ainda está com ele?

— Bem, estava quando Dimitri escreveu. Mas agora, não sei.

— De onde veio a carta?

— Eu realmente não sei. Não tem carimbo do correio.

O tom de objetividade na maneira como Olga respondeu indicou a Katerina que ela não desejava continuar o assunto. Ou não tinha informações ou não as queria dar. Qualquer que fosse o caso, o assunto foi encerrado.

Estavam no quarto de vestir de Olga para tirar as medidas. As portas do vasto guarda-roupa estavam abertas, e Katerina viu centenas de vestidos pendurados numa arara. Eram tão numerosos quanto as páginas de um livro. Notou que um deles era o primeiro vestido que bordara, e lembrava que levara uma semana para pregar as continhas cor de âmbar ao redor da bainha.

O vestido novo seria de tafetá roxo. O tecido era da própria fábrica de seda de Komninos, e ela duvidava que Olga sequer o tivesse visto. Enquanto registrava cuidadosamente as medidas de sua cliente num caderninho, Katerina percebeu que aquele azul-malva forte pareceria um hematoma na pele clara de Kyria Komninos.

Fez um croqui para o vestido na coluna oposta à das medidas.

— Pensei em um modelo elegante — disse. — Com mangas três-quartos. Talvez com punhos de renda? E a saia cortada enviesada.

— Tenho certeza de que será muito bonito — disse Olga, olhando por alto o desenho.

Sorriu para Katerina.

— Vá na cozinha falar com Pavlina antes de sair — pediu Olga. — Ela vai lhe fazer um refresco.

— Obrigada, Kyria Komninos — agradeceu Katerina educadamente.

A temperatura subira muito naquele dia.

Na cozinha, Pavlina estava ocupada. Tinha o rosto corado.

— Na minha opinião, está muito quente para esses eventos, mas Kyrios Komninos oferecerá um daqueles seus grandes jantares amanhã à noite. E quer tudo “nos conformes” como sempre. Quatro pratos, quatro vinhos, oito pessoas, às oito horas.

— Pobre Pavlina — disse Katerina. — Posso ajudá-la?

— Claro que não — respondeu ela, sorrindo. — Quer se servir de limonada daquele jarro e colocar um copo para mim também?

Katerina sentou-se à mesa grande da cozinha e tomou a limonada. Estava fascinada com a destreza de Pavlina com a faca e observou-a cortar uma série de vegetais e ervas em tiras e cubos bem picadinhos, como se fosse uma máquina. Para Katerina, parecia que os ingredientes daquela refeição seriam suficientes para alimentar a população inteira da cidade, a maior parte da qual ainda passava fome.

— Não me pergunte como conseguimos tudo isso — disse Pavlina. — Meu salário não me paga para saber responder.

Ela continuava conversando enquanto trabalhava. Nada jamais a impedia de falar.

— Então — disse. — Deve estar um silêncio sepulcral na rua Irini.

Katerina confirmou com um gesto de cabeça.

— Parece deserta — completou. — Ainda há muitas famílias morando lá, mas os Moreno estavam no centro de tudo.

— E Elias?

— Acho que ainda deve estar com Dimitri — respondeu Katerina. — Os pais não tiveram nenhuma notícia dele até terem partido para a Polônia. Pensei que Kyria Komninos poderia saber onde eles estavam, mas parece que não sabe. Deve ser terrível não saber onde o filho está...

Pavlina agora estava descascando batatas. A faca ia rodando à medida que a casca se desenrolava em uma única fita contínua, e depois de ter acabado de descascar uma dúzia exatamente da mesma maneira, cortou-as em rodela de espessura idêntica.

— O pai não ficou muito contente quando descobriu que Dimitri tinha entrado para o ELAS — disse Pavlina, as palavras quase abafadas pelo ruído dos cortes.

— Bem, não posso dizer que isso me surpreende — respondeu Katerina. — Mas talvez ele esteja mais feliz agora que estão reconquistando partes do país.

— Ah, Katerina, quem dera.

— Quer dizer que o pai não se orgulha dele? — perguntou Katerina incrédula.

Pavlina negou com um aceno de cabeça.

— Acho que é exatamente o contrário. Ele está furioso. O ELAS é comunista, entende?

— Será que o partido importa quando estão fazendo alguma coisa para reconquistar o nosso país? — indagou Katerina.

— Shhh! — sussurrou Pavlina, levando o indicador aos lábios. — Para o caso de Kyrios Komninos voltar. Ele não vê dessa maneira.

Pavlina, que circulava pela casa como uma sombra, entreouvira mil conversas entre Olga e Konstantinos ao longo dos anos. Sempre as guardara para si, mas ficara indignada com a opinião que seu patrão agora tinha do filho. Algumas coisas que o ouvira dizer a Olga eram no mínimo cheias de rancor.

— Para Kyrios Komninos, o filho está morando nas montanhas como um camponês — disse Pavlina.

Katerina ainda estava ligeiramente intrigada com tal reação. Parecia-lhe que Dimitri e Elias participavam de um esforço heroico.

— Ele vê isso como uma luta de classes — explicou Pavlina. — E o filho dele está do lado errado.

Katerina ficou pensativa um instante, observando Pavlina trabalhar.

— Ouço as pessoas que vêm jantar aqui. E o máximo que consigo fazer é me segurar para não derramar sopa no pescoço dessa gente. Sei que Kyria Komninos sente o mesmo. Ela fica sentada ali toda... dura. — Pavlina imitou a rigidez da patroa. — Dá para ver que ela odeia a maioria dos convidados. De vez em quando tem uma esposa que passa a impressão de nutrir o mesmo

sentimento. Mas, em geral, ela fica ali parecendo desconfortável e sozinha.

— Quem são os convidados?

— Industriais que reclamam que seus depósitos foram arrombados pela resistência e banqueiros que se queixam da inflação. Na verdade, eles reclamam mesmo é do ELAS. Um desses convidados dizia semana passada que tinham exigido dele dinheiro para lhe dar proteção.

— Essa gente então está feliz com a ocupação? Não se importa de ter os alemães aqui?

— Até onde sei, embora eles não façam outra coisa senão reclamar, alguns nunca estiveram tão bem. Certamente não lhes falta dinheiro. E quando há oficiais alemães aqui, parece que também não lhes faltam amigos em posições importantes.

— Oficiais alemães! Você não está falando sério!

— Fale um pouco mais baixo, Katerina — sussurrou Pavlina. — E às vezes um gendarme também.

Katerina estava chocada.

— Mas como você pode cozinhar para essa gente?

— Não acho realmente que eu tenha escolha — ponderou ela. — Faço isso por Olga. Embora ela não coma quase nada, acho que precisa de mim aqui.

— Agora estou começando a entender por que Kyrios Komninos não gosta do que Dimitri está fazendo.

Pavlina até ouvira boatos de que seu patrão estava subvencionando tropas colaboracionistas, mas não contou isso a Katerina. Nem descreveu para a *modistra* o desprezo com que algumas das esposas falavam das mulheres que estavam lutando em pé de igualdade com os homens no ELAS.

— Acha que eles estão em segurança, onde quer que estejam? — perguntou Katerina. — Dimitri e Elias.

— Não sei, minha querida — respondeu Pavlina, com pessimismo. — Como as cartas demoram tanto a chegar ao destinatário, mesmo que Dimitri escreva para dizer que está bem, quando a carta chega aqui, ele pode não estar.

Katerina esvaziou o copo e se levantou. Precisava entregar o vestido de Olga no fim da semana seguinte e tinha que pôr mãos à obra. Pelo menos agora tinha a desculpa perfeita para vir à rua Niki. Pavlina seria a primeira a lhe contar se houvesse alguma notícia de Dimitri.

Ela voltou alguns dias depois. O vestido novo estava alinhavado e

precisava da primeira prova.

Pavlina parecia mais feliz que nunca em fofocar.

— Era horrível, o grupo que veio sábado — disse. — Não admira que as mulheres não tenham direito a votar neste país. Esse bando é burro demais para soletrar o próprio nome.

Katerina riu. Como podia trabalhar no vestido enquanto estava sentada ali, não tinha pressa naquele dia.

Pavlina de repente ficou mais séria.

— Devo contar sobre o que falavam? — perguntou.

Katerina não precisou responder.

— Bem, falaram muito sobre o que os comunistas estão fazendo — começou ela —, especialmente como estão se comportando nas montanhas. Aparentemente, mesmo que não sejam bem-vindos, estão tomando os vilarejos, levando toda a comida e criando os próprios tribunais. Era o que os convidados do jantar estavam dizendo.

— Então eles estão recuperando o interior para a Grécia? Não é isso que queremos que aconteça?

— Bem, você e eu, talvez, mas a maioria das visitas desta casa não vê dessa maneira — respondeu Pavlina.

Olga entrara na cozinha, onde as duas mulheres estavam sentadas ao redor da grande mesa central. Pavlina polia o faqueiro de prata enquanto Katerina terminava uma bainha francesa, e as duas se puseram de pé imediatamente ao vê-la.

A porta estava entreaberta, e o que ela disse confirmou que entreouvira as últimas palavras.

— Nem todo mundo vê o ELAS como o salvador da Grécia — arrematou. — Há pessoas tão anticomunistas que se aliam aos alemães contra o ELAS.

Katerina e Pavlina se entreolharam e depois olharam para Olga.

— Poderia levar um chá de hortelã lá em cima, Pavlina?

— Claro — respondeu Pavlina. — A água acabou de ferver.

Katerina esperou até ouvir os passos de Olga subindo a escada para falar de novo.

— Deve ser muito estranho ouvir histórias sobre os comunistas — disse. — Quando a pessoa sabe que o filho dela está com eles.

— Acho que Kyrios Komninos nega para si mesmo que o filho está lutando com o ELAS — refletiu Pavlina —, o que vindo dele não é nem um

pouco estranho. E Olga é muito calada. As pessoas não notam muito o desconforto dela.

— Qualquer coisa pode ter acontecido com eles lá nas montanhas — ponderou Katerina.

— Só Deus sabe — respondeu Pavlina. — Só rezo para Dimitri estar a salvo. É tudo que qualquer uma de nós pode fazer.

— Pode rezar pelo Elias também?

* * *

Os meses passavam e Konstantinos Komninos continuava convidando seus colegas empresários para jantar regularmente. Eles precisavam do apoio uns dos outros. Os que estavam se dando bem durante a ocupação deviam isso exclusivamente à colaboração com as forças de ocupação, e agora começavam a dar apoio financeiro aos batalhões de segurança gregos que ajudavam a evitar que a resistência entrasse nas cidades.

De vez em quando, alguns gendarmes ou policiais eram mortos em Tessalônica, e esforços para caçar comunistas eram intensificados. Com uma força mista de tropas de ocupação, batalhões de segurança e gendarmes, em geral eram bem-sucedidos.

A regularidade das encomendas de vestidos de Konstantinos para sua mulher nesse período tornavam Katerina uma visitante assídua, e Olga muitas vezes a convidava para sentar-se com ela na sala de estar. Gostava de ver Katerina costurando, e, às vezes, a *modistra* lhe perguntava como gostaria do acabamento de um vestido. Olga estava tão habituada a aceitar o que quer que lhe dessem que costumava ter dificuldade de dar uma opinião.

— Você sempre parece saber melhor — dizia, sorrindo para Katerina.

De vez em quando, Olga tentava bordar alguma coisa, mas era apenas um exercício para passar o tempo. Ela não tinha jeito para isso. Cada ponto fazia com que mais um segundo se passasse, o que a aproximava mais do regresso do filho. Ao menos era o que ela esperava.

Na saída, Katerina sempre ia até a cozinha para ver Pavlina.

— Na verdade, não sei se posso mais cozinhar para essa gente — disse um dia a idosa governanta. — Estou servindo as pessoas e ouvindo as opiniões delas e elas me dão nojo. Parece que estão tendo prazer em ver os gregos começarem a lutar contra os gregos.

— Você não está exagerando? — questionou Katerina.

— Não, não estou. É o tipo de gente que iria a uma luta de ursos.

— Não sei se temos escolha, Pavlina. Se temos trabalho, em geral é porque está sendo pago com dinheiro sujo. Meu salário vem dos ricos. E, no momento, parece que a pessoa não pode ser honesta e rica. A opção é morrer de fome.

Pavlina ia de um lado para o outro na cozinha, o rosto vermelho de calor e irritação.

— Tenho que ir para casa agora — disse Katerina. — Preciso fazer umas costuras à máquina nesse vestido. Kyria Komninos emagreceu mais ainda e quer que eu aperte dois vestidos para ela antes do fim de semana.

* * *

A situação na Europa estava mudando. Naquele verão, a Alemanha começara a perder o controle sobre os territórios ocupados e, em junho, os aliados haviam desembarcado na Normandia. Paris foi libertada em agosto, e os alemães se retiraram da França. Com o Exército Vermelho em marcha para a Bulgária, os alemães sabiam que havia o perigo de serem isolados na Grécia, e, em poucos dias, tomaram a decisão de sair do país.

O que antes parecera impossível estava agora acontecendo. Os alemães tinham sido derrotados e a libertação da Grécia estava à vista.

Certo dia, pouco antes da retirada dos alemães de Tessalônica, Katerina estava no quarto de vestir de Olga, alfinetando cuidadosamente uma bainha. A moda mudara durante a guerra, o que significava que a maioria das roupas de Olga precisava de reforma. Ela tirou o vestido que Katerina alfinetara, colocou uma roupa que usava no dia a dia e voltou para o quarto. Katerina continuou no quarto de vestir para dobrar o vestido, deixando-o pronto para ser levado e costurado.

Quase imediatamente, ouviu Olga gritar.

Entrou correndo no quarto e, para seu espanto, viu Olga sendo abraçada por um homem. Se tivesse sido o marido, a cena já seria bastante surpreendente. Mas não era ele.

Por um instante, Katerina ficou paralisada. Não sabia o que fazer, e sua indecisão fez com que ficasse ali parada, olhos arregalados, boquiaberta.

Os dois tinham os rostos enterrados no ombro um do outro, num abraço

que não permitia a entrada do mundo, e a imobilidade e o enroscamento deles a fez se lembrar da escultura clássica no hall de entrada.

Ela devia ter saído correndo para o quarto de vestir, mas, antes de dar meia-volta para fazer isso, viu o casal se afastar. O constrangimento de Katerina agora era muito maior.

No segundo e meio seguinte, ela viu o contraste entre a elegância pálida de Olga e a sujeira do homem. Mesmo a poucos metros de distância, dava para sentir o cheiro estranho que ele trouxera para o quarto. Era um cheiro de bicho.

De repente, Olga lembrou que Katerina estava ali e se virou. Estava sorrindo de um jeito que a *modistra* nunca vira, com o rosto quase transfigurado de alegria.

— Olha! — disse, agarrando a mão esquerda do homem, como se não fosse capaz de soltá-la. — Ele voltou!

Katerina sentiu-se enrubescer. Foi obrigada a olhar para o estranho que flagrara abraçando uma mulher casada. Ele era barbado, moreno e tinha o cabelo cortado bem curto, e era muito mais jovem que Kyria Komninos.

Ela viu então que estava olhando para um par de conhecidos olhos castanhos.

— Katerina! — exclamou ele.

Ela conhecia aquela voz. Era Dimitri.

Katerina quase engasgou.

— *Panagia mou! Dimitri!*

Num gesto de espontaneidade inconsciente, Katerina esticou o braço e tocou seu rosto. Queria uma garantia de que ele não era uma aparição.

A reação dele foi pegar sua mão e, por um momento, os três ficaram parados, de mãos dadas.

O sorriso de Katerina era ainda maior que o da mãe dele.

— Não consigo acreditar que você esteja aqui — disse ela. — É tão maravilhoso ver você.

Ele sorriu para ela e encarou seus olhos brilhantes.

— É maravilhoso ver você, Katerina. Senti muito sua falta.

O olhar dele segurava o dela.

— Dimitri — disse Olga —, você sabe que precisa ter cuidado. Seu pai pode chegar...

— E eu sei que ele não ficaria feliz em me ver — completou Dimitri. — Quanto tempo eu tenho? Posso comer alguma coisa antes de ir?

— Vamos descer para a cozinha — disse Olga, falando com uma energia que Katerina nunca ouvira em sua voz. — Seu pai nunca chega cedo, mas devemos ficar atentos. Pavlina sabe que você está aqui?

— Sabe, ela abriu a porta para mim. Você devia ter visto a cara dela, mãe. Ficou mais espantada que você!

Estavam todos rindo quando desceram para a cozinha. Dimitri ia no meio, e Katerina ficou surpresa por ver que ele ainda segurava a mão dela.

Katerina despediu-se para ir embora, mas Olga insistiu para que ficasse. Ela não precisou ser persuadida.

Enquanto Dimitri dava cabo de um prato de almôndegas, pimentões, berinjelas assadas, folhas de parreira recheadas, batatas atrás do outro e, por fim, um prato inteiro de doces, as três mulheres ficaram sentadas olhando para ele com admiração.

Elas começaram a fazer perguntas.

Ele e Elias continuavam juntos? Onde estiveram? Em que atividades andaram envolvidos? O que se esperava que acontecesse agora?

— Elias e eu estamos em unidades diferentes, agora — respondeu Dimitri. — Eu não o vejo há muito tempo. Para ser franco, não tenho ideia de onde ele está.

— Você sabe que os judeus foram embora?

— Ouvi dizer — disse Dimitri com pesar. — Se Elias voltar e souber que eles partiram, talvez vá se juntar a eles, suponho.

— Vamos sempre na casa deles — disse Katerina. — Nós a arrumamos depois que foi saqueada e tentamos mantê-la sem pó. Eugenia e eu deixamos um bilhete para ele, caso apareça e não estejamos em casa. Seria um choque.

— Você acha que eles estão planejando voltar?

— É difícil dizer — respondeu Katerina. — O negócio deles ainda está lá, vazio. Mas é provável que não fique assim por muito tempo.

— Como assim?

— Um dos parceiros do seu pai está de olho na empresa — disse Olga. — É um dos que estiveram jantando aqui outro dia.

— Mas e se os Moreno decidirem voltar? — perguntou Katerina, ligeiramente indignada.

— Então eles seriam ressarcidos, espero — disse Pavlina.

— Esse homem tem alfaiatarias aqui, em Veria e Larissa — continuou Olga. — E está querendo ampliar o negócio vindo para Tessalônica quando a guerra acabar. Mas conte para nós o que andou fazendo esse tempo todo,

Dimitri...

— Eu sei algo sobre a sua estadia nas montanhas — interrompeu Pavlina alegremente. — Não tinha muita coisa para comer!

Ela estava exultante de ter Dimitri sentado à mesa comendo a sua comida.

Dimitri sorriu para agradá-la, mas logo o sorriso desapareceu.

— Para ser sincero, foi terrível lá em cima — disse. — Não dá nem para começar a contar.

As três mulheres estavam caladas. Pavlina parara de ficar andando de um lado para o outro pela primeira vez e até ela ficou sentada ouvindo.

— No início, estávamos distribuindo suprimentos para os que não tinham nada, roubando a comida que os alemães tinham roubado de nós e distribuindo-a para as pessoas necessitadas. Estávamos trabalhando juntos nessa fase, o ELAS com o EDES e os britânicos. Todos cooperando. Tínhamos todos um inimigo comum. O inimigo falava alemão. Parecia simples.

Elas continuaram caladas enquanto Dimitri punha as ideias em ordem.

— Era estranho ser odiado quando achávamos que estávamos fazendo a coisa certa — disse ele. — E algumas pessoas tinham ainda mais ódio de nós do que dos alemães porque os alemães estavam nos usando como desculpa para tratar o povo com brutalidade. Massacravam aldeias inteiras se desconfiassem que alimentavam ou abrigavam algum *andarte*. Havia quem tivesse armas alemãs lá na montanha e as usasse contra nós.

— O mundo enlouqueceu! — exclamou Pavlina, balançando a cabeça.

— Fiz tudo que pude para manter as mãos limpas — prosseguiu ele. — Mas não foi possível. Lá em cima há sangue. E está correndo nos rios.

— Tente não pensar nisso agora — disse Olga, afagando delicadamente o braço do filho.

— Pessoas como meu pai consideram o ELAS um exército de bandidos, mas espero que um dia elas entendam os nossos ideais.

— Eu também — respondeu Olga.

Ele estava exausto. Elas viam o cansaço em seu rosto encovado e o ouviam em sua voz abatida. Às vezes, era com lágrimas nos olhos que ele recordava algumas cenas que presenciara.

— Houve uma ordem para ir a Atenas, portanto estou a caminho de lá — disse.

— O quê? — gritou sua mãe. — Você não pode ir agora!

— Precisa de um bom descanso — acrescentou Pavlina.

Katerina ficou calada. Pavlina estava certa.

— Mas há mais uma coisa para fazer agora. Algo tão importante quanto — disse ele.

As três mulheres ouviram a explicação dele. O principal objetivo do ELAS de livrar o país das tropas do Eixo fora quase atingido. Agora, eles tinham outra tarefa: assegurar que a esquerda tivesse uma representação justa no novo governo.

— Por que as pessoas que colaboraram com os alemães devem governar o país? — perguntou.

Olga balançou a cabeça.

— Está errado, sei que está.

— Então eu tenho que ir. Quando o trabalho estiver terminado, volto para casa, prometo.

Ele olhava para Katerina ao dizer isso.

Dimitri partiu bem antes de o pai voltar. Embora estivessem tristes por vê-lo partir, as três ficaram muito animadas com a ideia de que ele logo estaria de volta.

Talvez não tivesse sido nada mais que um gesto de amor fraterno, mas Katerina recordava sem parar a imagem de Dimitri segurando sua mão. A percepção daqueles dedos ásperos afagando sua palma podia ter durado só alguns momentos, mas ela não conseguia esquecer a sensação do afeto dele. Era a primeira vez que tinha esse tipo de experiência. O toque dele deixara-a ao mesmo tempo fraca e forte, e embora isso a intrigasse, de uma coisa tinha certeza: saber que ele estava vivo levou seu coração às alturas.

CAPÍTULO 22

A muito esperada retirada dos alemães tornou-se realidade para Tessalônica no fim de outubro. Tanto esquerdistas quanto direitistas ficaram satisfeitos de vê-los pelas costas, mas a libertação era difícil de ser comemorada. Ao saírem da Grécia, os alemães devastaram tudo que viram pela frente e, quando chegaram ao outro lado da fronteira, poucas estradas, pontes ou linhas férreas permaneciam utilizáveis.

Nos três anos de ocupação, o país inteiro fora despojado de combustível, comida, gado, suprimentos médicos e materiais de construção. A Grécia estava num estado de indigência total e sua infraestrutura fora destruída. Só quem havia protegido meticulosamente os próprios interesses ou imaginado formas de se aproveitar da pobreza dos outros tinha alguma esperança para o futuro, mas, para o restante da população, até as necessidades básicas estavam fora de alcance. A hiperinflação atingira a economia naquele outono e o quilo do pão, que custava dez dracmas antes da guerra, agora custava trinta e quatro milhões. Os alemães haviam perdido a guerra, mas os gregos perderam quase tudo que tinham.

Num dia frio de outono, quando o último alemão havia se retirado de Tessalônica, Eugenia e Katerina saíram para uma volta pelas ruas.

— Devemos registrar o momento da nossa liberdade — disse Eugenia. — Há muito tempo não saímos para passear.

Da rua Irini elas desceram para a orla. As proas de navios semiafundados pareciam nadadeiras de tubarão em riste na água. Muitas delas estavam lá havia quase dois anos e enferrujavam depressa, tristes cadáveres de uma marinha mercante que fora forte um dia. Não havia atividade nenhuma no porto, e a vasta extensão das docas, antes um formigueiro movimentado e ruidoso, agora estava em um silêncio assustador.

— Acho que você não se lembra...

Elas estavam paradas no espaço aberto ao lado da casa da alfândega e o prédio despertou uma lembrança distante em Katerina. Não era caiado havia décadas, e o mesmo relógio enorme na fachada ainda mostrava a hora.

— Acho que me lembro de alguma coisa. Ficamos muito tempo em pé ao lado daquele prédio... e na fila para alguma coisa?

— Ficamos, sim. — Eugenia sorriu.

— E havia um monte de gente. É disso que me lembro. E de uma mulher vestida de branco.

O vazio do espaço contrastava tanto com aquela primeira lembrança que as duas se retiraram dali. Eugenia estremeceu. Uma brisa soprava do mar para o pátio. Alguns detritos corriam pelo chão.

— Você está falando da mulher do Comitê de Refugiados — disse Eugenia. — Foi ela que arranhou a nossa casa.

— Estávamos muito sujas, e ela, tão limpa! Lembro-me disso com muita clareza. Achei que ela devia ser uma fada.

Continuaram caminhando, tensas, achando difícil esquecer o medo constante de um súbito cutucão no ombro e do pedido de documentos. Embora os alemães não estivessem mais ali, o nervosismo e o mal-estar permaneciam.

Fizeram um caminho cheio de voltas pela cidade, indo em direção à Torre Branca a leste. Um vislumbre do Arco de Galério e da antiquíssima Rotunda lembrou-as de que os monumentos históricos da cidade estavam intactos, como se tivessem gozado do respeito especial dos alemães. Os lugares mais prosaicos, por outro lado, haviam sido severamente danificados pela ocupação. As ruelas de lojas cobertas de tapumes, esqueletos de prédios e sinagogas vandalizadas eram vítimas dela. Embora algumas áreas ainda ostentassem as marcas do incêndio de 1917, havia mais ruínas que nunca na cidade. Alguns bairros passavam uma sensação fantasmagórica de vazio, e as duas mulheres se assustaram com o eco de seus passos.

Mesmo nas áreas ainda habitadas, as pessoas tinham se acostumado a ficar dentro de casa, e a friagem do outono não encorajava o antigo hábito de trazer uma cadeira para a porta.

Elas continuaram andando e conversando, de vez em quando vendo um kafenion onde homens estavam sentados bebendo e jogando *tavli*, exatamente como faziam antes da guerra, e tais vislumbres de normalidade as tranquilizaram.

Finalmente chegaram numa rua que era tão familiar para Katerina quanto a rua Irini: a rua Filipou, onde ficava a Moreno & Filhos.

Eugenia sentiu a mão de Katerina apertar mais forte o seu braço. Tinham retirado o cartaz que ficava em cima das portas e janelas e apagado todas as

pichações e estrelas de davi grosseiras rabiscadas nas paredes. Homens entravam e saíam com caixas, e era possível ouvir o barulho de atividade lá dentro.

Katerina notara também outra coisa. Não havia letreiro sobre as instalações e a porta fora repintada. O verde-esmeralda a que Kyrios Moreno sempre dera preferência (para combinar com a van de entrega de que ele tanto se orgulhava) fora substituído pelo vermelho.

Elas ficaram alguns minutos olhando.

— A oficina vai ser reaberta — disse Katerina com um tom de consternação.

Era insuportável ver aquilo, e elas voltaram depressa para a rua Irini em silêncio.

No dia seguinte, toda a população da cidade desceu até a Praça Aristotelous para a comemoração oficial da libertação dos alemães. Os cafés onde os soldados inimigos se esparramaram ao sol durante quatro verões estavam de novo repletos de gregos.

Se existia algo que os habitantes da cidade não haviam perdido durante a ocupação era a sua resiliência. Sua cidade magnífica, com uma riqueza histórica de múltiplos níveis, sofrera muitas adversidades nas últimas décadas, porém, mais uma vez, o povo enfrentava o desafio de torná-la melhor do que antes.

Um mês antes da partida dos alemães, fora assinado um acordo entre os vários interesses e facções à direita e à esquerda. No Acordo de Caserta, como ficou conhecido, os líderes da resistência prometeram proibir quaisquer de suas unidades de fazer justiça com as próprias mãos depois que os alemães fossem embora. O Governo da Unidade Nacional foi instalado e, exatamente como especificara o acordo, não houve nenhuma tentativa dos comunistas de tomar o poder.

O chefe do exército de direita, o EDES, foi até Londres para assegurar os britânicos de que trabalharia com os comunistas e com o novo governo para garantir o desenvolvimento democrático do país. A transição pacífica parecia promissora.

Num fim de tarde, Katerina foi à casa Komninos para entregar um casaco que consertara para Pavlina. No corredor, viu Kyria Komninos.

— Não tenho notícias dele — disse Olga espontaneamente. — É difícil para ele fazer contato.

Apenas algumas semanas haviam se passado desde que estiveram todas

sentadas em volta dele na cozinha, mas Katerina constatara que Dimitri não lhe saía da cabeça.

— Tenho certeza de que ele logo estará de volta — disse, tentando disfarçar a própria preocupação.

— Acho que uma trégua entre ele e o pai teria sido possível se ele tivesse voltado quando os alemães partiram — refletiu a mãe com pesar —, mas imagino que o pai agora tenha se dado conta de quanto Dimitri está comprometido.

— Bem, ele está, não é? — arrematou Katerina.

— Sim, Katerina. Mas sinto muito medo — admitiu Olga. — Achamos que a guerra tivesse acabado, mas algumas pessoas estão dizendo que talvez haja mais luta. Kyrios Komninos diz que a esquerda está fazendo exigências e o governo não deve ceder.

A voz de Olga denunciava o desapontamento que muita gente estava sentindo. O inverno se aproximava rapidamente, e, com as noites mais longas, descia um manto de pessimismo.

Olga subiu e Katerina entrou na cozinha.

— Aqui está, Pavlina — disse. — Espero que goste.

Ela mostrou um casaco verde. Parecia quase novo. Usando retalhos de tecido de uma caixa que ainda havia na casa Moreno, ela forrara os botões velhos de veludo vermelho-escuro e debruara os punhos e a gola com o mesmo material. E, para arrematar, forrara o casaco com o tecido de um velho vestido florido.

Pavlina, que estava lavando louça, imediatamente enxugou as mãos e pegou o casaco de Katerina. Vestiu-o e girou para exibi-lo. O acesso de Pavlina à boa comida significava que ela continuara bem rechonchuda mesmo durante os anos de escassez.

— Parece novo — exclamou. — Mas muito melhor! Você é uma moça esperta! Muito obrigada. Não vejo a hora de chegar o inverno!

Katerina então se lembrou de algo. Precisava do conselho de Pavlina.

— Recebi uma carta hoje. Vai me dizer o que pensa?

Tirou um envelope do bolso e o entregou a Pavlina, que leu em voz alta:

— “Prezada Kyria Sarafoglou, soube de fonte segura que a senhora é uma *modistra* excelente. Tenho muitas vagas em minha nova empresa em Tessalônica e gostaria que se apresentasse para uma entrevista na sexta-feira pela manhã, às dez horas.”

— Isso parece bom. Você precisa voltar para uma oficina agora. —

Devolveu a carta e acrescentou provocadora: — Você nunca vai encontrar alguém trabalhando sozinha em casa...

Com tantos jovens lutando fora do país, havia milhares de moças solteiras que, em circunstâncias normais, deveriam estar casadas. Agora que muitos homens voltavam para casa, ela sentia que estava na hora de Katerina ter o que ela chamava de “um bom rapaz”.

— Mas você não reconhece o endereço? — perguntou Katerina num tom exasperado. — É a oficina dos Moreno!

Entregou a carta de novo a Pavlina, que a examinou.

— Passei com Eugenia por lá e havia um monte de gente repintando e organizando o local.

— E esse nome... eu também reconheço. Grigoris Gourgouris esteve aqui muitas vezes nos últimos anos. Ele e Kyrios Komninos certamente fazem muitos negócios juntos.

— Mas e quando os Moreno voltarem...?

— Eles vão receber alguma indenização, Katerina — disse Pavlina. — Não se preocupe. As autoridades não podem simplesmente deixar aquelas empresas vazias! Temos que fazer essa cidade voltar a funcionar!

Katerina olhou pensativa para a carta.

— E se voltarem e receberem a oficina de volta, eles ficarão satisfeitos de ver que você já está trabalhando lá! — acrescentou Pavlina.

Katerina podia apreciar a boa lógica de Pavlina.

— Acho que tenho que ganhar a vida — disse. — Kyrios Moreno certamente entenderia isso.

No fim daquela semana, Katerina compareceu à entrevista. Havia uma sala com mais cinquenta mulheres esperando para serem entrevistadas, e, enquanto aguardavam, trabalhavam em um pedaço de linho que tinham recebido para demonstrar cinco pontos de bordado, cinco técnicas de acabamento e um caseado em rolotê.

Uma a uma, elas eram chamadas à sala de entrevista. Quando foi chamada, Katerina aguardava havia duas horas.

O homem à mesa tinha três vezes o tamanho do minúsculo proprietário anterior. Katerina entregou sua amostra e notou suas mãos grandes com dedos macios e rechonchudos.

— Hum, ótimo, ótimo — disse o homem, inspecionando o pano com atenção. — Vejo que sua reputação é justificada, Srta. Sarafoglou.

Ela ficou calada.

— Conheço seu trabalho — disse ele, erguendo os olhos pela primeira vez. — Você faz vestidos para a mulher de Konstantinos Komninos, não é? Ela é um manequim excelente!

Enquanto ele falava, Katerina notou dentes amarelados embaixo de um bigode grisalho e olhos num rosto em formato de lua que quase desapareciam quando ele sorria, como estava fazendo agora.

— Conheço crianças que sabem costurar melhor do que algumas dessas mulheres lá fora — disse ele com enfado. — Mas isso é bom. É o que eu esperava ver.

Katerina tentou um sorriso. Achou que era a resposta esperada ao que parecia um elogio.

— Exijo muito das minhas *modistras*, então não espere passar o dia inteiro sentada conversando. Em minhas oficinas são doze horas de trabalho por dia, com meia hora de almoço. Meio expediente no sábado. Os domingos de folga. E se algo precisar ser terminado para uma cliente, então tem que ser terminado. Foi assim que fiz minha reputação em Veria e Larissa, e aqui será igual. Por isso sou conhecido como o “Melhor Alfaiate da Cidade”. Você vai ver isso na lateral das minhas vans: “Cumprimos o prazo! Nunca atrasamos!”

Ele tossiu uma vez, como se colocando um ponto final no discurso. Ele o repetira mil vezes e aqueles truísmos e lemas lhe fluíam da ponta da língua, sem suscitar resposta. Katerina soube que arranajara um emprego.

— Segunda-feira que vem. Oito horas. Bom dia, Srta. Sarafoglou.

Ele deu um sorriso, e ela soube que era o sinal para que se retirasse.

Ao sair, viu que a fila de candidatas alcançara o fim da rua. Devia haver umas duzentas mulheres ainda esperando para serem entrevistadas, e ela percebeu que era uma das felizardas.

O letreiro resplandecente acima da porta, “GRIGORIS GOURGOURIS”, deixou-a inquieta, mas, àquela altura, com a fome incomodando, parecia não haver escolha.

A empresa começou a funcionar na semana seguinte. As *modistras* foram todas recrutadas na cidade, exceto uma, trazida de Atenas por Grigoris Gourgouris. Esta foi encarregada da sala de acabamento e supervisionava as mulheres mais jovens com uma atitude nitidamente arrogante.

Gourgouris trouxera alguns de seus alfaiates de Veria e Larissa, mas a maioria dos novos recrutas carecia da experiência que ele desejava. Muitos dos melhores alfaiates da cidade tinham sido judeus, e sua ausência deixara uma enorme lacuna de mão de obra qualificada. A etiqueta Gourgouris

levaria muito tempo para ter a mesma distinção do nome Moreno.

Grigoris Gourgouris vinha pessoalmente inspecionar o trabalho das mulheres várias vezes por dia, embora elas achassem que o interesse dele fosse excesso de zelo. Até onde podiam dizer, o patrão não sabia nem fazer uma costura reta para unir dois pedaços de tecido. Tão logo ele saía da sala, as moças fofocavam a seu respeito, especulando sobre como ele passava tanto tempo debruçado sobre alguns membros da equipe. Depois de algumas semanas, Katerina virou alvo de muita implicância.

— É Katerina isso e Katerina aquilo — entoavam. — Olha o ponto cheio dela! Olha o franzido dela! Olha o debruado dela!

Estavam certas. Ficara evidente que o interesse de Gourgouris tinha ela como alvo. Ela ficou familiarizada com o forte bafo de alho que em geral lhe alertava de que o chefe vinha passando devagar pelas fileiras de trabalhadoras para ver o que estavam fazendo, antes de parar e se debruçar próximo demais a fim de inspecionar o tecido em que ela estava trabalhando.

Katerina sempre respondia às suas perguntas com exatidão e educação, prendendo a respiração entre uma resposta e outra para reduzir o efeito de seu hálito vaporoso. Ele era sincero ao elogiar o trabalho dela, e, quando era enviada para fazer alguma prova em Olga, ficava sabendo também que ele a elogiara muito na mesa de jantar dos Komninos.

— Ele está muito impressionado com você — disse Olga para Katerina, que abotoava o vestido da cliente em frente a um grande espelho. — Esteve aqui sábado e comentou que está muito empolgado com seu trabalho. Parece que você está numa categoria diferente das outras.

Katerina ficou quieta. Achava estranho que ele prestasse tanta atenção nela. Era desconfortável ser colocada em destaque e ela muitas vezes se via tocando no *mati* que usava numa corrente no pescoço, “o olho grande” cuja intenção era proteger da inveja quem o usava.

* * *

Enquanto Tessalônica começava a recuperar a normalidade, os acontecimentos corriam em Atenas. Ao lerem os jornais, os cidadãos de Tessalônica sabiam que os efeitos do que quer que acontecesse na capital teriam consequências profundas para eles.

O primeiro-ministro Georgios Papandreou demonstrava pouco interesse

em perseguir e punir aqueles que haviam colaborado com os alemães, mas parecia muito interessado na desmobilização total das forças de esquerda. A esquerda estava infeliz e desconfiada e convocou uma manifestação que seria realizada em três de dezembro. Milhares se reuniram na Sintagma, a praça central de Atenas, e, sem provocação aparente, um policial disparou contra a multidão. No caos subsequente, dezesseis manifestantes foram mortos e foi deflagrado um conflito aberto nas ruas entre a polícia, as tropas britânicas e os combatentes do ELAS. Nos dias que se seguiram, a esquerda começou a caçar aqueles que eram conhecidos como colaboradores.

O ELAS capturou postos policiais e uma prisão, mas, no geral, subestimara a força de seus oponentes, que eram muito disciplinados e bem armados. Reforços maciços chegaram cerca de uma semana depois, e o ELAS então se viu envolvido numa batalha permanente com os britânicos.

No início de janeiro, quase todo o ELAS havia abandonado a capital desordenadamente, tendo perdido até três mil homens. Outros sete mil e quinhentos foram feitos prisioneiros. As forças de direita perderam mais de três mil homens também, e muitos foram capturados. Durante essas semanas, Atenas virara um campo de batalha.

— Então era isso que o seu filho queria? — gritava Konstantinos para a mulher. — E o que ele ganhou?

— Não foi só ele — disse Olga sensatamente. — Por que você sempre fala de um jeito que faz com que ele pareça culpado por toda a situação? Acho que ele não é o único.

— Bem, ele é o único comunista que eu conheço!

Como sempre, Olga teve que morder o lábio. Recusava-se a pensar no filho como comunista, e, em vez disso, considerava-o uma pessoa que desejava democracia e justiça. Nunca discutia com o marido. Uma guerra civil parecia suficiente.

Em Tessalônica, a fome aumentava. Calçados, roupas e suprimentos médicos estavam sumindo de novo. Muitos atribuíam isso às atividades do ELAS, a quem culpavam pela nova crise de fome. Komninos era um dos milhares que se opunham ao ELAS. Com retratos de suas vítimas circulando na imprensa de direita e reportagens sobre brutais assassinatos por vendeta, havia muitos outros que não achavam que podiam estar do lado de gente que executava inimigos por vingança pessoal.

O ELAS fez milhares de reféns em Atenas e em Tessalônica. Em sua maioria, membros da burguesia, funcionários públicos, oficiais do exército e

policiais, que foram forçados a marchar longas distâncias num frio severo, sem roupas nem calçados adequados. Muitos morreram de hipotermia. A brutalidade e a crueldade das execuções perpetradas começaram a chegar aos jornais.

— Ele parece ter muita certeza de que o filho é capaz de tais coisas — lamentou Olga a Pavlina. — Como um pai pode imaginar o pior do filho? Ele acha que, se alguém é comunista, automaticamente é um assassino.

— E não é como se o outro lado fosse perfeito, não é? — apontou Pavlina. — Ouvi muitas histórias sobre o que andaram tramando e não são muito bonitas.

Pavlina estava certa. Havia uma brutalidade extrema dos dois lados, mas a esquerda estava perdendo o apoio popular, mesmo em áreas que havia libertado dos alemães. A maioria da população estava farta de guerra e tinha fome de paz, e a esquerda parecia estar atrapalhando isso.

Em fevereiro de 1945, a impressão era de que o desejo popular se realizaria. No Acordo de Varkiza, o ELAS se encarregou de entregar suas armas em troca de anistia por crimes políticos e um plebiscito sobre a constituição. Por um curto período, tanto Olga quanto Katerina imaginaram ingenuamente o regresso de Dimitri e sua reconciliação com o pai.

Contudo, o acordo logo se mostrou inútil. Esquadrões da morte direitistas e grupos paramilitares iam arrasando tudo para caçar comunistas, e iniciou-se um reino de terror contra todos aqueles que lutavam pela esquerda.

Esses desdobramentos seriam, evidentemente, o principal tópico de conversa na mesa de jantar de Konstantinos Komninos em sua próxima recepção. Comerciantes e empresários de Tessalônica não queriam nada além de que seus negócios voltassem ao normal, e a bagunça política atrapalhava os lucros.

Pavlina andava de um lado para o outro na cozinha, aguardando para entrar na sala de jantar e tirar a mesa após o prato principal. Tão logo a conversa pôde ser ouvida sobrepondo-se ao barulho de facas e garfos, ela viu que as pessoas tinham terminado de comer e estavam prontas para a sobremesa.

Ela cantarolava enquanto trabalhava e recuou para admirar sua obra. Estava orgulhosa de suas tortas de morango individuais: frutas cozidas sob glacê com um creme de confeitiro de chocolate invisível por baixo. Sabia que o creme surpreenderia os comensais quando espetassem o garfo e descobrissem que havia mais alguma coisa embaixo da macia polpa

vermelha. Ela polvilhou as tortas com açúcar de confeitiro e passou-as para o carrinho, pronta para levá-las.

Exatamente neste momento, ouviu a campainha tocar. Nenhum dos convidados estava atrasado, e dez e meia da noite era um horário estranho para uma visita. Ela largou a peneira e foi até a porta. Sabia que, se Olga tivesse ouvido o barulho, pensaria a mesma coisa. Era Dimitri? A todo momento elas torciam pelo regresso dele, mas esse desejo estava sempre misturado ao medo das consequências.

Ela abriu a porta com cuidado e olhou para a rua fracamente iluminada.

— Pavlina! — sussurrou uma voz das sombras. — Sou eu.

CAPÍTULO 23

Pavlina foi até a porta.

— Quem é? — sibilou na escuridão.

Sabia que não era Dimitri. A voz tinha um sotaque.

— Sou eu. Elias.

Após um instante de hesitação, Pavlina esticou o braço na noite e puxou-o delicadamente para a luz.

— Venha para dentro! — sussurrou. — Você tem que vir para dentro!

O vulto baixo entrou arrastando os pés atrás dela e acompanhou-a até a cozinha.

— Sente aí um pouco — disse ela, vendo seu aspecto pálido e emaciado. — *Panagia mou*, você está com uma cara horrível. Ainda pior que Dimitri da última vez que esteve aqui.

Elias olhou para Pavlina com aqueles olhos escuros e fundos. Todas as feições estavam exageradas em seu rosto encovado. Ele quase não parecia humano.

— Parece que você precisa ser alimentado — disse ela, andando aflita de um lado para o outro. — Só me dê alguns minutos para eu tirar os pratos e servir a sobremesa.

Em pouco tempo Pavlina estava de volta à cozinha. Um vulto pálido e etéreo veio atrás dela em silêncio e fechou a porta com cuidado.

— Olá, Kyria Komninos — cumprimentou Elias educadamente, se levantando.

— Elias! Faz tanto tempo...

Ela foi pegar as mãos dele, mas ele instintivamente recuou, sabendo muito bem havia quanto tempo não eram lavadas.

Sentaram-se em volta da mesa da cozinha. A camisa imunda manchada de suor de Elias e o vestido creme impecável de Olga eram os uniformes de mundos diferentes.

Havia mil coisas que as mulheres queriam perguntar, mas sabiam que Elias também teria perguntas. Por isso ele devia estar ali. As mulheres

esperariam sua vez.

— Estive na rua Irini e na rua Filipou — começou Elias. — Nossa casa está trancada, e alguém tomou posse da nossa firma. Onde estão...?

Não adiantava enganá-lo. Ele descobriria a verdade em pouco tempo.

— Sua família foi para a Polônia — disse Pavlina. — Há quase dois anos. Katerina e eu recebemos um cartão-postal faz tempo, depois mais nada.

Ele ouvira falar de algumas deportações para a Polônia.

— Mas e a oficina?

— As autoridades acham que algumas pessoas talvez não voltem, então estão vendendo as oficinas.

— Mas a oficina nos pertence!

— Precisamos falar baixo — alertou Pavlina, levando o dedo aos lábios.

— Acho que querem reativar os negócios — explicou Olga. — Mas, se os seus pais voltarem, tenho certeza de que serão indenizados.

Elias engoliu lágrimas de raiva.

— Mas por que eles não voltariam? A guerra acabou na Grécia, não foi?

Olga e Pavlina trocaram olhares inquietos. Tinham ouvido boatos sobre o destino de alguns dos judeus, mas, por enquanto, nenhuma informação fora confirmada.

— E a nossa casa?

Meia década de guerrilha havia endurecido Elias quase ao ponto da brutalidade, mas ele estava prestes a desmoronar. O prato de comida que Pavlina lhe trouxera estava intocado. Era difícil reconhecê-lo como o rapaz gentil que fora o melhor amigo de Dimitri.

— O que aconteceu com a nossa casa? — perguntou, quase agressivamente, como se as duas mulheres fossem responsáveis. — Por que as janelas estão todas cobertas de tapumes?

— Não sei, Elias — disse Pavlina —, mas acho que talvez seja por segurança.

Falava com ele devagar e com delicadeza, como se ele fosse uma criança, e ele respondia com a petulância adequada.

— Eu quero entrar lá!

— Eugenia tem uma chave. Ela não estava em casa quando você foi até lá?

— Não. A casa dela estava apagada.

— Ela devia estar dormindo — disse Pavlina com delicadeza. — Ela e Katerina vão para a cama muito cedo. Vamos juntos amanhã à primeira hora.

— Tenho que voltar para a sala de jantar agora — disse Olga. — Mas, antes de ir, posso lhe fazer uma pergunta? Tem visto Dimitri?

— Faz dois anos que não o vejo — respondeu ele. — Ele foi transferido para uma unidade diferente. Pensei que pudesse estar aqui com vocês.

Olga observou Elias. Ele agora devorava a comida à sua frente, e ela recordou como Dimitri estivera sentado na mesma cadeira da última vez em que o vira, comendo com o mesmo apetite voraz. Observou os movimentos de sua mandíbula, o osso tão à flor da pele que ela podia ver com precisão o movimento de cada um dos músculos de seu rosto.

Entre uma garfada e outra, Elias lhes contou mais sobre a situação da esquerda.

— Com tudo que anda acontecendo, muitas unidades se mudaram para as montanhas. Portanto é bem provável que ele esteja lá.

As mulheres observaram-no usar um pedaço de pão para limpar o último vestígio de molho do prato. Pavlina lhe servira outro prato, mas ele ainda precisava de mais. Então, como se para chocá-las, ele ergueu os olhos e fez um gesto sugestivo de degolação.

— Estão caçando a gente, Kyria Komninos — disse. — Como *bichos*.

A emoção que ele mostrara alguns minutos antes desaparecera. Em seu lugar, havia algo duro como aço. Ele pousou o garfo e olhou Olga nos olhos.

— Ouvi umas histórias, Kyria Komninos. Ouvi dizer que os russos descobriram provas de que os alemães mataram milhares de judeus. Soube disso?

Olga olhou para os pés antes de responder.

— Sim, Elias, mas não sabemos se é verdade. Esperamos que não seja — disse ela. — Você tem que ficar aqui hoje à noite. Mas tenha cuidado. Vai ser difícil se Kyrios Komninos descobrir que você está aqui.

Elias assentiu e Olga saiu da cozinha.

— Pode dormir no meu sofá. Vai parecer uma cama de plumas depois dos lugares em que você tem se deitado! — ofereceu Pavlina. — Kyrios Komninos sai muito cedo, então estaremos seguros se sairmos depois.

— Para a minha casa?

— Sim — disse Pavlina. — Como falei, vamos amanhã à primeira hora.

Elias dormiu mal, com o sono interrompido, apesar do relativo conforto do sofá de Pavlina. Seu sono era leve e sua mente passou a noite toda ativa com imagens e visões sem sequência nem lógica. O rosto de seus pais e de seu irmão apareciam em lampejos claros, rindo ou gritando — ele não sabia

ao certo —, mas o mal-estar com que acordou na manhã seguinte sugeria que fosse a segunda opção. As imagens eram pesadelos, não sonhos.

Como sempre, Konstantinos Komninos saiu de casa às seis e meia. Elias ouviu a porta bater e pulou da cama. Já estava acordado havia duas horas. Sacudiu Pavlina para acordá-la, e, em quinze minutos, estavam a caminho da rua Irini.

Como fazia frio, antes de saírem Pavlina subira correndo ao quarto de Dimitri para pegar um casaco para Elias.

— Daria para dois de você — disse Pavlina —, mas pelo menos vai deixá-lo agasalhado.

Ele estava ridículo com o pesado casaco de caxemira com aquela gola grande. Konstantinos Komninos mandara fazê-lo para Dimitri na Moreno & Filhos pouco antes de ele entrar para a universidade. Como o rapaz quase não o usara, o casaco tinha a rigidez característica de uma roupa cara mas sem uso.

Katerina estava saindo de casa para fazer sua caminhada acelerada de quinze minutos até o trabalho quando viu Pavlina vindo em sua direção com um homem. Ele parecia estranho, dentro de um enorme casaco escuro que o engolia, mas ela só levou um segundo para reconhecer suas feições.

— Elias! Sou eu, Katerina.

— Olá, Katerina.

Foi um encontro estranho. Sabendo aonde estava indo, Katerina corou de vergonha.

— Pavlina diz que Kyria Karayanidis deve ter uma chave da nossa casa.

Katerina, que normalmente se preocupava em não chegar atrasada, voltou em casa e chamou Eugenia.

Eugenia ficou exultante ao ver Elias. Com todos os boatos que circulavam, ela se resignara à ideia de nunca mais tornar a ver nenhum dos Moreno.

Ele tinha consciência de estar sendo tratado como se tivesse voltado do mundo dos mortos, mas não se deteve pensando nisso. Estava impaciente para entrar na casa.

— Eu a conservo o mais limpa possível — explicou Eugenia.

A mulher segurava uma lamparina a óleo na tentativa de iluminar a sala quase vazia. A eletricidade da casa fora desligada.

Elias abriu as venezianas, mas a fraca luz da aurora não clareava muito.

— Onde estão nossas coisas? Aqui não costumava ter uma cadeira

grande? E onde está o baú de roupa de cama da minha mãe?

Eugenia permaneceu calada. Elias não parecia esperar por respostas. Subiu a escadaria e Eugenia ficou lá embaixo, ouvindo os passos secos e agitados marchando de quarto em quarto. As tábuas nuas do assoalho amplificavam todos os sons.

Logo ele desceu correndo, e sua respiração se condensava na friagem da sala. Mesmo com o casaco de Dimitri, ele tremia.

— Levaram tudo com eles! — disse, indignado. — Até a minha cama. Até o quadro que eu tinha na parede.

Eugenia não ia desiludi-lo. Era melhor, em sua opinião, ele ter uma imagem dos pais embalando cuidadosamente a casa para se mudar para outro país do que saber a verdade: que a casa fora saqueada depois que os Moreno partiram, quase sem nada, para a Polônia.

Ela confirmou com um gesto de cabeça. Katerina estava ao seu lado, mal se atrevendo a respirar. Cedo ou tarde, ela sabia, ele perguntaria pela oficina.

— Por que não vamos lá em casa e eu preparo um café? — perguntou Eugenia bondosamente.

— Bem, pelo visto, aqui é que eu não conseguiria fazer um café — disse ele com sarcasmo.

Eugenia se lembrava com muita clareza de varrer os cacos das xícaras quebradas na manhã seguinte à invasão da casa. Não sobrara um único fragmento das louças de Kyria Moreno.

Eles foram com ela para a casa ao lado. A onda de calor do fogão os envolveu e logo a panela fervia.

— O que está planejando fazer, Elias?

— É melhor eu ir para o norte encontrar meus pais — disse ele. — O que mais posso fazer? Estou farto de lutar. Não gosto mais das pessoas por quem estou lutando do que das que são o inimigo.

O tom dele era de completa desilusão.

— Vai ficar conosco hoje à noite? — perguntou Eugenia, ao servir o café. — Katerina e eu podemos dormir na mesma cama.

Elias estava olhando para a borra do café. Quase esquecera que Katerina estava ali.

— Tenho que ir agora — disse ela.

Quase confessou aonde ia, mas perdeu a coragem e saiu de casa nauseada de culpa.

Por alguns dias e noites, Elias ficou com elas, comendo, dormindo e sentado em silêncio ao lado do fogão. Não tinha vontade de se aventurar na rua, para longe do calor e da segurança da lareira. Durante aquelas longas horas, tomou a decisão de ir para a Polônia. Devia encontrar sua família. Tudo de que precisava era energia e dinheiro, e Eugenia forneceu os dois. Ela o alimentava várias vezes por dia, como se ele fosse um bebê, e lhe deu os dois broches de ouro de Roza que estavam guardados com ela. Elias poderia vendê-los para custear a viagem.

Ele saiu de casa pela primeira vez em cinco dias e foi com inquietação para o centro da cidade, evitando as áreas judaicas vazias e fazendo questão de não passar pela oficina.

Katerina confessara-lhe que estava trabalhando para o novo “dono” e ele lhe dissera que entendia e aceitava que a vida tinha que continuar. Se dissesse as palavras, raciocinou ele consigo mesmo, talvez comesse a acreditar nelas. Tentou não sentir raiva do que seus pais haviam sido obrigados a deixar para trás. A amargura não era uma característica de seu pai nem de sua mãe, e ele imaginou os dois montando uma nova confecção na Polônia em vez de ficar pensando na injustiça de sua perda. Eles eram muito inquietos para se aposentarem.

Pavlina contrabandeara algumas das roupas velhas de Dimitri da rua Niki, e em duas noites Katerina as reformara para ele. Quando terminou, Elias tinha uma aparência bem melhor.

Enquanto andava, ele se sentia estranhamente leve — invisível, até.

Tinha certeza quase absoluta de que não veria nenhum conhecido e sentiu um prazer enorme em se misturar à multidão. Havia muito tempo não andava na rua sem sentir necessidade de olhar para trás.

Em uma das lojas de penhor mais prósperas da cidade, aguardou pacientemente numa fila antes de trocar os broches por uma quantia miserável, um décimo do que valiam. Não adiantava discutir. O penhorista era capaz de sentir o desespero dele pelo dinheiro e podia até baixar a oferta se o cliente regateasse. Tantas pessoas usavam essas lojas como canal para escoar bens roubados que seus donos em geral podiam cobrar impunemente preços irrisórios.

Elias então foi indagar sobre a sua viagem de trem e, ao voltar para a rua Irini, percebeu que estava perto do kafenion que costumava frequentar com Dimitri. O reconfortante chocalhar das moedas soltas no bolso de sua calça incitou-o a entrar para beber algo.

Por um momento percebeu seus sentidos despertarem para todos os ingredientes casuais e considerados naturais da vida normal: o chiar do vapor, o cheiro de um cigarro, o rangido e o espocar de uma rolha ao ser extraída de uma garrafa de conhaque, o arrastar de uma cadeira no chão ladrilhado. Todos esses elementos quase esquecidos se misturavam. Ele fechou os olhos, a momentânea conexão com o passado lhe dando esperança para o futuro.

Era o seu último dia em Tessalônica, mas amanhã ele estaria partindo para uma vida nova. Tomou a sua cerveja gelada. Era a melhor que já tinha provado.

Elias não notara outro homem unindo-se a ele em sua mesa. O kafenion estava lotado.

— Judeu? — perguntou o estrangeiro uniformizado.

Lembranças de antissemitismo maculavam as lembranças da infância de Elias, e o tom do homem lhe trouxe de volta o ódio que, ele sabia, sempre estivera reprimido sob a aparência civilizada da cidade. Seus pais haviam feito tudo que podiam para proteger a ele e Isaac, mas ao voltarem do colégio para casa os meninos muitas vezes sentiam um olhar perverso e, de vez em quando, a dor de uma pedrada certa.

Mas ele não ia negar a sua raça agora. Amanhã, deixaria Tessalônica e esperava que essa fosse a última vez que precisaria enfrentar uma antipatia tão ostensiva.

— Sim, eu sou judeu — respondeu em tom de desafio.

— Suponho então que já saiba de tudo.

Elias viu que interpretara mal o tom do homem. Agora era mais brando.

— Sobre o quê?

O gendarme coçou a cabeça, um pouco menos seguro agora.

— Então é óbvio que não sabe.

Elias deu de ombros, desconcertado mas curioso.

— Bem, você vai descobrir, então é melhor eu lhe contar. — Inclinou-se à frente, numa atitude conspiratória. — Não sei como você sobreviveu — disse —, porque milhares não sobreviveram.

— Do que você está falando?

Elias podia sentir uma onda de pânico subindo lentamente. Revirou seu estômago antes de parar em seu peito, angustiando-o tanto que ele mal conseguia respirar.

O homem olhou para ele alarmado, dando-se conta da terrível obrigação de continuar.

— Não posso acreditar que não saiba disso — começou. — Um homem esteve aqui ontem à noite. Até saiu no jornal hoje.

Elias estava imóvel, olhando para o outro, que deu um gole em sua cerveja antes de continuar.

— Mataram eles com gás. Levaram eles nos trens e então, quando chegaram lá, foram mortos com gás.

Não dava para Elias assimilar isso. As palavras pareciam não fazer sentido. Ele queria que elas mudassem ou significassem outra coisa.

— Como assim? Como assim?

— Foi o que ele disse. O homem que escapou. Ele disse que eles foram mortos com gás e depois cremados. Na Polônia.

O gendarme viu o rapaz, aquele jovem judeu franzino, começar a balançar para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás, em silêncio, a cabeça enterrada nas mãos.

Depois do que pareceu uma eternidade, o balanço parou e o gendarme passou o braço em volta do estranho, que estava frio como um defunto, e pôde sentir as arestas das escápulas dele. Passaram meia hora sentados assim. Pessoas entravam e saíam e lhes lançavam olhares curiosos que eles não percebiam. O gendarme passava sempre por ali para tomar café no fim de seu turno, e as pessoas estavam vagamente curiosas a respeito do jovem com quem ele fizera amizade.

Afinal, ele sentiu Elias se mexer.

— Vou levar você para casa — disse o homem.

A palavra vinha carregada de significação. Nesse momento, Elias não sabia quem era, onde estava e, muito menos, onde era a sua casa. Era como se não soubesse de mais nada. Seu balanço o fizera entrar em transe e todas as suas células e todos os seus tendões estavam adormecidos.

— Deixa eu levar você para casa — insistiu o homem.

De novo aquela palavra. *Casa*. O que significava? Como ele iria encontrá-la de novo algum dia?

O nome da rua onde ele nascera, quando e onde quer que tenha sido isso, ele não conseguia localizar. Sabia que a casa tinha um quarto em que ele dormira com o irmão, mas, além disso, não havia nenhuma lembrança. Os anos em que dormira precariamente, quase sempre nas montanhas, sentindo frio, esses continuavam nítidos em sua mente, mas, para além disso, havia branco de amnésia.

Ele tentou se levantar, mas até suas pernas pareciam incapazes de se

lembrar de suas funções.

— Olha — disse o homem. — Vou ajudar você a sair. Acho que precisa de ar puro.

Uma vez na rua, Elias ficou com as ideias mais claras. Viu o mar e sabia que morava no alto da colina, longe do mar.

— Acho que é por aqui — disse, apoiando-se pesadamente no outro.

Enquanto caminhavam, ele lia as placas de rua, torcendo para que alguma coisa desencadeasse uma lembrança.

Rua Egnatia, rua Sofocles, rua Ioulanou. Ele olhava as placas.

— Irini — disse como num sonho. — Paz. — Esse é o nome. Rua Irini. Rua Paz.

— Eu conheço — disse o homem. — Levo você lá. Não queremos que se perca, não é?

Quando chegaram à rua Irini, o homem perguntou qual era a casa dele.

— Aquela — murmurou Elias, apontando para o número 7. — Mas vou para aquela outra.

Sentindo que sua missão ainda não estava cumprida, o estranho esperou Elias bater na porta da casa de Eugenia.

Em um segundo, Eugenia e Katerina apareceram. Tendo ouvido também as notícias sobre o destino dos judeus, elas já aguardavam com ansiedade o regresso de Elias. A notícia se espalhara depressa e, embora não fosse baseada em nenhum testemunho pessoal, ninguém duvidava de sua veracidade.

Seus rostos lúgubres, congelados numa expressão de compaixão, o receberam. Ele achou aquilo quase insuportável, e passou por elas de modo rude.

Eugenia queria agradecer ao homem, mas ele já havia se afastado quando ela chamou. Ao vê-lo de costas, reparou em seu uniforme de gendarme. Eram tempos estranhos aqueles, refletiu. Apenas alguns meses antes, o mesmo homem teria prendido Elias, mas o pouco que ela pôde ver da expressão dele lhe mostrou que ficara comovido com a situação do rapaz.

Durante algumas semanas chegaram mais notícias da Polônia, confirmando que os judeus haviam sido exterminados em massa. Os poucos sobreviventes que voltaram, trazendo informações em primeira mão, com o número revelador tatuado nos braços e histórias medonhas do destino de seus compatriotas judeus, chegaram todos à mesma conclusão: a cidade não estava feliz por tê-los de volta. Como Elias, eles regressaram para descobrir que não

eram mais donos de suas casas nem de suas empresas e, se tivessem, como Elias, lutado como *andartes* durante a ocupação, ou estivessem entre os poucos sobreviventes dos campos, Tessalônica parecia não ser mais seu lugar.

Katerina e Eugenia saíam para trabalhar e voltavam. Elas andavam pela casa de mansinho todas as noites, como se, sendo silenciosas, pudessem negar que existiam. Elias estava sempre dormindo quando elas voltavam, e a comida que haviam deixado para ele de manhã fora consumida e os pratos que ele usara estavam lavados e guardados.

Durante semanas, ele não teve nenhum desejo de falar com suas anfitriãs. Sabia que alguns judeus tinham sido escondidos por famílias cristãs durante todo o período de ocupação. Elias sentia-se traído pelo mundo, mas, acima de tudo, decepcionado com os vizinhos que deviam tê-los protegido.

Eugenia e Katerina desconfiaram que ele se sentia assim e torciam para que um dia pudessem explicar. A oportunidade chegou uma noite em que voltaram e o encontraram sentado à mesa, à espera delas. Estava barbeado e tinha uma sacola a seu lado.

— Eu queria me despedir — anunciou. — Vou embora hoje à noite.

— Sinto muito por você ter que ir, Elias — disse Eugenia.

— Você sabe que é bem-vindo nesta casa — disse Katerina — o tempo que quiser.

— Não há nada que me prenda aqui, Katerina. Só lembranças — disse ele —, e mesmo as doces já azedaram.

Seu tom era acusador.

— O que quer que você pense — disse Katerina, em tom de súplica —, a sua família partiu de bom grado. Se tivessem nos pedido ajuda, nós teríamos ajudado. Eu juro.

— O rabino encorajou as pessoas, Elias. Nenhum de nós tinha a menor ideia do que ia acontecer.

Eugenia estava aos prantos.

— Então, para onde você vai? — perguntou Katerina baixinho.

— Alguns de nós formaram um grupo. Estávamos planejando isso há alguns dias. Palestina.

— Vocês vão ficar por lá? — perguntou Eugenia.

— Vamos — respondeu ele. — Não temos planos de voltar.

A amargura em sua voz era inconfundível.

— Elias — disse Eugenia —, se está indo embora, há certas coisas que

deve levar com você. Seus pais deixaram peças valiosas conosco. Pertenciam à sinagoga.

Ela se levantou.

— Katerina, pode pegar a colcha?

Quando Katerina subiu, Eugenia atravessou a sala e pegou os panos emoldurados. Com uma faca, começou a cortar em volta do fundo das molduras para remover os painéis bordados. Elias inclinou-se à frente, curioso.

— Há um fragmento do rolo da Torá aqui e um manuscrito no outro — informou ela.

— E aqui está a colcha — disse Katerina, mostrando a obra-prima bordada.

Elias ficou com a respiração em suspenso diante daquela beleza. Eugenia pegara uma tesoura e estava prestes a começar a desmanchar os pontos.

— Não faça isso! — exclamou Elias. — É uma obra de arte!

— Mas o *parochet* está aqui embaixo...

— Por que não levo do jeito que está? — indagou ele. — Assim ficará mais seguro!

— Elias tem razão, Eugenia. Vamos enrolar a colcha. Você pode até usá-la como travesseiro na viagem!

— E tem o talit também.

— Acho que vocês deviam guardar o talit aqui em segurança. Talvez um dia eu venha visitá-las e o leve. Preciso ir agora — disse. — O navio parte às dez da noite, e combinamos de nos encontrar às nove. Não quero que eles me deixem para trás.

Ele se afastou como se quisesse evitar o abraço delas, depois pegou a sacola e a colcha enrolada.

— Obrigado — finalizou — por tudo.

E foi embora.

As mulheres se abraçaram. Depois que Elias saiu, elas se permitiram se entregar à tristeza pela perda dos Moreno. A cada dia descobriam-se mais provas da dimensão do crime que fora perpetrado contra os judeus. Eles tinham visto as sinagogas destruídas e o antigo cemitério revirado, mas a aniquilação física de milhões de homens, mulheres e crianças estava além do alcance de qualquer entendimento humano. A prova do que acontecera com seus amigos era agora irrefutável e, no entanto, seria sempre difícil de

acreditar.

Em algum lugar no norte da Europa, os restos mortais de Roza, Saul, Isaac e Esther haviam deixado de existir senão como um milhão de partículas de cinzas espalhadas, mas Katerina e Eugenia nunca os esqueceriam. Em cada vela que acendiam na igreja de Agios Nikolaos Orfanos, as lembranças deles eram reavivadas, ardendo para sempre, brilhantes e verdadeiras.

CAPÍTULO 24

Em abril, grande parte do país estava novamente em crise. Konstantinos Komninos foi obrigado a fechar um de seus depósitos e o enfurecia ver que o império que construía estava sendo corroído pela guerra civil. Durante a ocupação, seus lucros haviam sido mais que satisfatórios. Ele sempre dera um jeito de continuar a importar para conseguir fazer frente à demanda que ainda existia entre a clientela rica e os alemães, mas agora, em sua opinião, uma minoria de gregos estava acabando com a recuperação do próprio país.

Aos setenta e três anos, Konstantinos Komninos ainda mantinha os mesmos hábitos, madrugando e ficando no escritório até tarde da noite, exceto aos sábados, quando recebia convidados em casa. A imagem de progresso e sucesso era algo que ele fazia questão de manter, e continuava trabalhando para ter um estoque superior ao de qualquer comerciante de tecido na cidade. Olga ainda era obrigada a se vestir para essas ocasiões com roupas de *haute couture*, e Katerina ia à sua casa várias vezes por mês para provar ou entregar algo novo.

Foi durante uma dessas visitas que ela contou a Olga sobre a partida de Elias. Pavlina estava na sala também, limpando alguns *objets d'art*, cujo propósito era juntar poeira.

— Bem, ao menos ele levou algumas roupas decentes — disse Pavlina. — Era muito desperdício elas ficarem penduradas no armário de Dimitri quando ele não está aqui para usá-las.

Katerina contraiu o rosto. A falta de tato de Pavlina magoava não só a Olga, mas a ela também.

— Pobre Elias. Coitado... — disse Olga interrompendo-a. — O que ele deve estar sentindo?

Era uma pergunta que não pedia resposta.

Houve um silêncio de alguns minutos enquanto Katerina alfinetava a bainha de Olga.

— Você vai me contar se tiver notícias dele, não é? — insistiu Olga depois de algum tempo.

— Claro que vou — afirmou Katerina.

— Não tivemos mais notícias de Dimitri — completou Olga.

— Pensei que a anistia da qual estavam falando poderia fazer alguma diferença — retrucou Katerina.

— Bem, não durou muito... — disse Olga desanimada. — Do jeito que estão as coisas, é provável que ele não venha por agora.

— Não seria seguro ele voltar, não é? — interveio Pavlina, o espanador no ar. Fez uma pausa e acrescentou: — Acho que não vou botar mais um lugar na mesa ainda.

As esperanças de Olga de que um dia Dimitri pudesse entrar pela porta se esvaíram quando a extrema direita começou a se vingar da esquerda pelos crimes cometidos durante a ocupação. Havia luta entre o ELAS e os anticomunistas e colaboradores que haviam trabalhado ao lado dos alemães, e milhares de esquerdistas foram detidos e presos. Após uma breve pausa, Tessalônica vivia com medo mais uma vez. Suas prisões estavam cheias de gente cujo único crime era discordar do governo.

O que quer que acontecesse, Olga sempre torcera para que o marido deixasse de lado a desaprovação dos atos do filho na guerra, mas lhe parecia que Konstantinos Komninos gostava de alimentar a raiva que sentia.

Para pôr em prática o “terror branco” contra a esquerda, a polícia e a gendarmaria haviam sido enormemente expandidas. Suas instruções eram destruir a organização comunista usando quaisquer meios que pudessem. Eles coletavam informações biográficas para compilar provas contra seus suspeitos. Dar apoio a alguém que tivesse lutado para o ELAS era suficiente para garantir uma detenção.

Para sua surpresa, Olga se viu rezando para que Dimitri continuasse longe. Ela sabia quão vulnerável era sua situação e temia por ele. Tessalônica tornara-se um lugar bastante perigoso, mas, quando havia alguém dentro de sua própria casa capaz de traí-lo, os perigos se multiplicavam.

* * *

Olga não precisava temer. Dimitri estava a quatrocentos quilômetros dali. Juntamente com muitas outras, sua unidade estava agora numa área montanhosa da Grécia Central onde a rudeza da paisagem fora sua própria defesa contra os alemães. Caminhos labirínticos, vales e vilarejos escondidos

que só eram acessíveis a pé haviam permitido que a região se tornasse um estado quase autogovernado durante a ocupação. Era um refúgio ideal para os membros do ELAS.

Quando ouvia dizer que havia um médico entre os soldados, o povo dos vilarejos vinha buscar ajuda. Com pouco mais que uns trapos rasgados e um vidro de *raki* como antisséptico, Dimitri se via cuidando de úlceras, ajudando mulheres durante o parto, extraindo dentes podres e diagnosticando doenças que não podia curar. Nunca indagava sobre a convicção política de um paciente antes de ajudá-lo, mas às vezes tinha que fingir que não via um retrato do rei George, que havia sido forçado a permanecer no exílio mesmo quando a ocupação terminara e o governo voltara. De uma coisa estava certo: a grande maioria daquela gente não apoiava de bom grado os comunistas. Os aldeões em meio aos quais vivia estavam sendo coagidos a fornecer alimentos que mal podiam se permitir comprar e estavam passando fome com os filhos.

Dimitri não podia fingir para si mesmo que o lado em que lutava não tinha defeitos. Como muitos de seus compatriotas na unidade, ele entrara para a resistência para lutar contra os alemães, mas, depois que eles partiram, fora arrastado para uma luta perversa entre os comunistas e o governo. Como muitos, ele não era um comunista linha-dura, mas havia algo em que acreditava: os comunistas ofereciam algo mais próximo da democracia do que o governo.

Com o passar dos anos, ele aprendera que ninguém tinha as mãos limpas naquela guerra. As suas próprias estavam cobertas de sangue: sangue comunista, sangue fascista, sangue alemão, sangue grego. Às vezes era sangue inocente, às vezes era sangue de alguém que ele estivera prazer em ver morrer. Corria igual em todo mundo: espesso, vermelho e muitas vezes com uma abundância chocante.

Ele procurava quase sempre salvar vidas, não dar fim a elas, mas tratar quaisquer dos guerrilheiros comunistas com quem ele lutava significaria que eles podiam matar de novo. A barbárie em que o país estava enredado parecia não ter fim, e as reviravoltas da política ficavam cada vez mais letais.

Ele ainda estava na faixa dos vinte anos, mas às vezes via seus dedos nodosos com a pele enrugada como a casca de uma árvore. Pareciam dedos de velho.

A despeito de um desejo às vezes avassalador de visitar sua cidade, algo além do medo de ser preso mantinha Dimitri longe. Ele preferiria morrer a ir

para casa. Voltar pareceria admitir a derrota. Tal humilhação diante do pai, uma pessoa que ele desprezava de corpo e alma, era inconcebível.

* * *

Olga podia evitar confrontos com o marido, mas não podia evitar ouvir as discussões em sua mesa de jantar. Todos os convidados de Konstantinos compartilhavam suas opiniões políticas e eram a favor da guerra contra aqueles que haviam resistido aos alemães.

— Como o governo pode justificar o que está acontecendo? — perguntava ela a Pavlina. — Estão deixando esses tiranos perseguirem inocentes.

— *Eles* não acham que são inocentes. É simples assim.

Em eventos sociais, Konstantinos Komninos sempre evitava com habilidade as indagações sobre o filho. Os convidados presumiam que ele estivesse no exército do governo.

A conversa era sobretudo sobre a ascensão do comunismo nos países balcânicos ao redor, e havia a paranoia óbvia de que a Grécia fosse pelo mesmo caminho. Os convidados dos jantares evitavam mencionar atrocidades atualmente cometidas pelo exército do governo, mas falavam com simpatia da ajuda que os britânicos estavam lhes dando para conter o avanço comunista. Em sua terminologia, era uma *andartiko* que estava sendo travada, uma “guerra bandida”. Olga pensava nela como uma *emfilios polemos*, uma guerra entre irmãos.

O verão estava esquentando, com as temperaturas subindo vertiginosamente, mas a menção da “ameaça vermelha” elevava-as ainda mais. As mulheres abanavam o rosto com ansiedade sempre que se mencionava isso. Naquela estação, para muitos que seguiam os ditames da moda, o vermelho, e mesmo os tons de rosa, tornaram-se claramente deselegantes.

Fora das mansões imponentes, as condições de vida se deterioravam ainda mais. A produção industrial e agrícola caíra cinquenta por cento em relação ao nível de antes da guerra, e não havia navios para transportar bens para dentro ou fora do país. As estradas, as ferrovias, os portos e as pontes continuavam no mesmo estado de ruína pós-ocupação.

Como se a situação não estivesse suficientemente ruim, uma grave seca

destruiu a colheita naquele verão. Enquanto as pessoas lutavam contra membros da própria família, a natureza parecia voltar-se contra si mesma. A cena de crianças esmolando e revirando latas de lixo à cata de comida virou mais uma vez lugar-comum. Foi enviada ajuda estrangeira, mas, mesmo assim, metade da população ainda carecia do essencial, em decorrência da corrupção entre autoridades do governo responsáveis pela distribuição.

Nas montanhas, Dimitri, que não via um jornal havia muitas semanas, soube que haveria uma eleição com um plebiscito que definiria se o rei devia voltar.

— Como podem prometer uma eleição justa com o país tão convulsionado?

Era a opinião geral. A desordem predominante no país não parecia favorável a tal processo democrático.

A eleição foi em frente, mas a esquerda se absteve de demonstrar desaprovação. Observadores internacionais constataram que fora uma eleição livre e justa, mas houve uma vitória inevitável da direita. Em setembro, o plebiscito sobre a monarquia foi então realizado e deu a vitória aos monarquistas com esmagadores sessenta e oito por cento dos votos.

Konstantinos Komninos estava duplamente exultante.

— Então, o povo mostrou o que quer. Duas vezes. Há algo que definitivamente sabemos agora: as pessoas preferem um rei a um comunista comandando o país! — dizia, mal conseguindo disfarçar a alegria da voz. — Talvez possamos tornar a botar esse país em pé.

— O povo escolheu! — disse o pomposo Grigoris Gourgouris, que estava no jantar da rua Niki aquela noite.

Os homens escolheram, pensou Olga, se perguntando se o resultado teria sido diferente se as mulheres tivessem direito ao voto.

Olhava para o rosto das esposas ao redor da mesa e se perguntava se elas tinham as mesmas ideias que ela. A maioria usava uma máscara de interesse brando. Como ela, haviam aprendido quando assentir com um gesto de cabeça e quando fazer os tipos de ruído que sugeriam tanto compreensão quanto aquiescência. Entravam perfeitamente em uníssono, como segundos violinos numa orquestra. Ela e todas as mulheres ali tinham um papel triplo. Como esposas, mães e sombras elegantes.

A conversa continuava em volta dela.

— Então devemos conseguir fazer algum progresso agora — disse Gourgouris. — Calculo que o país esteja farto de lutar. Mas não está farto de

roupas elegantes!

Uma onda de riso se espalhou pela sala, mas a pessoa que riu até as lágrimas escorrerem entre as pregas de gordura do rosto foi o próprio Grigoris.

Os resultados da eleição e do plebiscito finalmente levaram o Partido Comunista a decidir que a luta armada organizada era o único caminho possível e, em outubro de 1946, anunciou a formação do Exército Democrático.

— Viu? — disse Konstantinos furioso a Olga. — Os comunistas não se deterão diante de nada até tomarem o poder neste país. Você quer ser governada por Moscou? O que acha que vai acontecer com empresas como as minhas? Serão estatizadas. Vamos perder tudo. Absolutamente tudo.

— Talvez simplesmente haja pessoas que não queiram ver o rei de volta — disse Olga, sabendo que o marido não ouviria.

— Agora não há dúvida sobre quem são essas pessoas! — gritou ele. — Você não pode mais fingir que eles são a esquerda liberal, Olga! São comunistas apoiados pelos soviéticos! Será que é muito cega para ver isso?

Ele gritava com Olga, mas tudo que ela via era o medo em seus olhos. Estava tão acostumada a ser humilhada que as invectivas dele não a incomodavam mais.

Relatórios não oficiais daquela semana criaram mais alarme com a revelação de que a liderança do Exército Democrático estava pretendendo coordenar todos os bandos de guerrilha existentes e realizaria uma campanha conjunta de recrutamento para expandir seus números.

Algo não deixava mais dúvida para Konstantinos. Para ele, quem lutava contra o governo fazia-o sob a bandeira vermelha. Seu filho estava cumprindo as ordens de um general comunista.

Onde quer que ele fosse, as mesmas zombarias pareciam acompanhá-lo: “Komninos... Kominista... Kom-um-nista...” Ficavam sibilando e sussurrando sem parar em sua cabeça: “Comminos... Communos... Komunista...”

As pessoas olhavam para ele de maneira diferente, falavam dele pelas costas e, ao voltar tarde da noite, ele ouvia as prostitutas murmurando nos portais:

— Lá vai ele de novo, aquele Konstantinos Komunista!

Essas alucinações o perseguiram até sua cama e o acoassavam em seu sono. Noite após noite, ele acordava encharcado de suor, arfando como um animal caçado.

Uma ou duas vezes, Olga ouviu do quarto contíguo o marido gritar dormindo. O medo e a raiva que ele sentia do filho o possuíam como um demônio.

Os clientes não o encaravam, ou assim ele imaginava, e tinha certeza de que recebera olhares de compaixão de seus funcionários. “Imagine”, sonhava ouvi-los dizendo, “um comunista!” Ele se sentia rotulado, desprezado e alvo de escárnio.

Se quisesse dormir sossegado de novo, algo precisava ser feito.

Nos últimos anos não tivera nem desejo nem meios de encontrar Dimitri. Agora tinha ambos. As mudanças organizacionais que os comunistas haviam implementado para o seu exército trabalhariam a seu favor, permitindo-lhe localizar o filho com alguma facilidade. No escritório, em sua mesa, no meio da cidade, ele sentou-se para escrever duas cartas. A primeira foi para o filho.

Os parágrafos de abertura eram ressentidos e contidos, com repetidas menções ao seu desapontamento.

Caro Dimitri,

Como você sabe, as decisões que tomou em sua curta vida foram um catálogo de desapontamentos para mim. Fiquei profundamente desapontado com a sua escolha de carreira e com suas tendências políticas enquanto você estava na universidade. Sobretudo, fiquei desapontado com a sua decisão de lutar pela resistência durante a ocupação.

Na última década, cada passo que você deu foi uma fonte de profunda consternação e constrangimento.

Todos esses erros poderiam ser relevados se você tivesse sido sensato depois da restauração do nosso governo e da volta de nosso rei ao país. Mas sei que está lutando com os comunistas. Está engajado em um movimento que busca destruir todas as liberdades individuais que a família Komninos sempre defendeu.

O tom da segunda metade mudava, tornando-se cáustico e humilhante. Eram os desvarios ligeiramente insanos de um homem que ouvia vozes, e, no entanto, enquanto ele escrevia, o seu coração estava gélido e suas intenções eram ponderadas como se esperaria de um homem que fizera dinheiro

calculando até o último milímetro o lucro de um rolo de seda.

O estigma e a vergonha que você trará para o nosso nome não podem mais ser tolerados. Torço todos os dias para ouvir a notícia de sua morte, mas cada dia traz uma nova decepção. Mesmo agora você está me decepcionando. Presumo que seja um covarde e nem sequer esteja disposto a arriscar a vida por suas convicções. Fiz tudo que pude para esconder de todos os nossos conhecidos o crime de sua filiação política, mas isso está me fugindo do controle.

Quanto a mim, você está morto para esta família. Sua mãe será informada nos próximos dias de que você foi morto. No devido tempo, estará completamente derrotado. Tenho certeza disso, mas, nesse ínterim, eu o aconselharia a partir para a Albânia ou a Iugoslávia, onde os seus companheiros comunistas farão com que se sinta bem-vindo. Isso é o melhor para honrar o nome da família. Jamais — repito, jamais — volte a Tessalônica.

Ele pagaria alguém para fazer indagações discretas, rastrear o filho e depois entregar a carta. Calculava que não levaria mais que quinze dias. Quase antes de a tinta ter secado, já achara esse homem, e a carta estava a caminho.

A segunda carta que escreveu era um rascunho. Precisaria de alguém para copiá-la e torná-la autêntica em todos os detalhes, do endereço ao carimbo. Não faltava gente para ajudar. Os falsificadores haviam feito bons negócios no início da década de 1940, cobrando quantias astronômicas por carteiras de identidade falsas. Judeus tentando evitar os guetos davam quase tudo que possuíam por um bom documento. Os espertos falsários só aceitavam pagamento em ouro, e quando o país estava falido por causa da hiperinflação, muitos deles tinham mais dinheiro do que conseguiam gastar.

Enquanto as outras pessoas viam suas economias desaparecerem, os falsários aproveitavam a oportunidade que surgia. As cédulas de dinheiro eram substituídas tão depressa por outras de valor nominal maior que ninguém se familiarizava com elas antes que fossem substituídas por novas, então era fácil passar uma boa falsificação. Esses homens eram artistas e alguns eram ainda mais ricos que o próprio Komninos. Ele foi até o melhor deles.

Komninos deixara passar alguns dias antes de mandar entregar a

segunda carta. Saiu de casa de manhã sabendo que, quando voltasse à noite, Olga estaria de luto.

Olga estava na sala de estar quando Pavlina lhe trouxe a carta numa bandejinha de prata. Eram onze horas. “Nunca acontece nada de bom numa quinta-feira”, chorou ela depois. O dia era considerado aziago desde que os turcos tinham tomado Constantinopla numa quinta-feira, quase quinhentos anos antes.

Olga pegou a carta na bandeja e ficou olhando para ela. Era uma carta oficial com um selo no verso do envelope. Esse tipo de correspondência nunca trazia boas notícias. Por um momento, ela se perguntou se deveria esperar o marido voltar, mas descartou a ideia num instante. Essa carta dizia respeito ao seu filho. Seu amado Dimitri.

Pavlina observava a ama com inquietação. Segurara a carta contra a luz no corredor, mas a espessura protegera o segredo do conteúdo. Ela prendeu a respiração ao observar Olga deslizar o dedo por baixo do lacre, retirar a única folha de dentro do envelope e ler as poucas linhas.

Olga olhou para Pavlina, os olhos repletos de uma tristeza insondável.

— Ele morreu — anunciou.

Seu corpo agora estava sacudido por soluços.

Pavlina sentou-se ao lado dela e chorou pelo menino que ela vira nascer. Embora a possibilidade tivesse sempre estado presente, ainda assim foi um choque terrível para elas. Pavlina nunca imaginara que suas preces pela proteção de Dimitri seriam tão desconsideradas.

* * *

Enquanto isso, Dimitri estava na região das montanhas, aguardando ordens para agir. Reconheceu a letra do pai imediatamente e sentiu um velho ódio se reacender. O conteúdo gelou-o. A julgar pela data em que a carta fora escrita, concluía que sua mãe a essa altura já saberia de sua “morte”, e a ideia daquilo a que seu pai a submetera o repugnava incrivelmente.

* * *

Olga retirou-se para o quarto escuro, e Pavlina levou a carta à loja. Deixou o patrão a sós para lê-la, e depois voltaram juntos para a casa. Komninos perguntou-lhe como a mulher recebera a notícia. Ele se saiu razoavelmente bem fingindo tristeza, sabendo quão importante era representar esse papel. Como tanto a esposa quanto a governanta estavam perfeitamente cientes de quão zangado ele estava com o filho, a sua dor foi contida e a sua atitude, solene.

Konstantinos Komninos entrou no quarto da mulher e ficou parado à porta.

— Olga... — chamou.

A mulher estava deitada na cama toda vestida e não se mexeu.

— Olga... — repetiu ele, aproximando-se da cama.

Quando chegou mais perto, viu que ela tinha os olhos abertos.

— Vá embora — disse ela baixinho. — Por favor, vá embora.

Ela não conseguia suportar tê-lo por perto, e ele se foi de bom grado.

Durante muitos dias, Pavlina entrou e saiu com bandejas de comida, mas não conseguiu fazer Olga comer. Tinha a sua própria dor, mas a necessidade de cuidar da ama a mantinha ocupada.

Um dia antes de a notícia chegar ao conhecimento de qualquer outra pessoa, Komninos mandou uma mensagem para Gourgouris.

Katerina estava trabalhando dia e noite para acabar um vestido de noiva. Com bainha bordada e cauda de contas, o vestido ainda exigia mais uma semana de trabalho intenso, mas seu patrão mandou-a deixar o trabalho de lado para visitar Kyria Komninos. Seus protestos foram em vão.

— Você tem que ir imediatamente — disse Gourgouris secamente. — Outra pessoa pode acabar o vestido de noiva para você. Se um cliente importante como Kyrios Komninos precisa de roupas novas para a mulher, não lhe dizemos para esperar.

Katerina não estava em posição de discutir, mas sabia quão ansiosa a noiva ficaria com o fato de seu vestido ainda não estar acabado, e tinha consciência de que era impossível outra costureira igualar a faixa de bordado que ela iniciara. Ficaria assimétrica. Normalmente, ela era autorizada a terminar um projeto antes de ser colocada em outro, mas Katerina não tinha escolha. Decidiu que voltaria à oficina depois do expediente e, se necessário, passaria a noite costurando para terminar o vestido.

Por um momento, a costureira ficou ali parada, sem saber se devia sair da sala. Sentia-se desconfortável sob o olhar intenso de Gourgouris e viu que

ele tinha algo mais a dizer.

— Peguei essas amostras para ela escolher. Talvez você possa pedir a ela para fazer a seleção a partir destas.

Ele estendeu seis amostras de tecido. Eram todas pretas e de densidades variadas, indo da lã ao veludo, passando pelo crepe à fina seda.

Viu a expressão no rosto de Katerina mudar.

— Ah. Vejo que isso é novidade para você. Eles perderam o filho.

Katerina mordeu o lábio inferior para fazê-lo parar de tremer e pegou os pedaços de tecido estendidos em sua direção.

— Vou agora mesmo — sussurrou, num tom quase inaudível.

Embora sentisse que suas pernas poderiam ceder sob seu peso, Katerina conseguiu chegar até a rua antes de ser sacudida por soluços dilacerantes. Encostada na parede do prédio, chorou copiosamente, enquanto as pessoas passavam apressadas como se ela fosse invisível.

Dimitri estava morto. Ela arquejava, tentando recobrar o fôlego entre os soluços. Após dez ou talvez vinte minutos, conseguiu se controlar. Tinha um trabalho a fazer. Iria ver as duas pessoas que sentiriam o impacto dessa perda tanto quanto ela, e foi andando devagar na direção do mar.

Pavlina atendeu a porta rapidamente. A empregada parecia ter levado um soco nos dois olhos. Estavam tão inchados de chorar que ela mal conseguia enxergar.

Katerina entrou.

— Como está Kyria Komninos?

Pavlina balançou a cabeça em um gesto negativo.

— Mal. Muito mal.

As duas foram até a cozinha e conversaram um pouco. Uma começou a chorar, depois a outra, a dor ainda fresca e voraz. Ondas de tristeza avassaladora atingiam cada uma delas sem aviso.

— Kyria Komninos não come há dois dias — informou Pavlina, levantando-se para preparar uma bandeja para a patroa. — Por que não sobe comigo? Talvez consiga persuadi-la.

As duas subiram a escadaria juntas, o tique-taque pesado do enorme relógio de bronze acompanhando o ritmo dos seus passos.

— Espere aqui um instante — orientou Pavlina.

No quarto, ela abriu alguns milímetros a cortina para deixar entrar um pouco de claridade. Olga estava deitada na cama, toda vestida, imóvel e serena, como um cadáver amortalhado para ser enterrado.

— Katerina está aqui, posso mandá-la entrar? — perguntou, pousando a bandeja. — Kyrios Komninos pediu que ela viesse.

Olga sentou-se na cama.

— Por quê? — perguntou.

— Para falar das roupas de luto — respondeu Pavlina.

— Ah, sim — disse Olga como se tivesse se esquecido dos acontecimentos dos últimos dias. — Luto.

Katerina entrou. Conseguiu murmurar apenas “Meus sentimentos”, e durante a hora seguinte anotou medidas e fez croquis em seu caderno para a aprovação de Olga. Não havia conversa que pudesse ser adequada.

Logo todos ficaram sabendo que o filho de Komninos morreria lutando contra os comunistas nas montanhas. Vários conhecidos de Konstantinos também tinham filhos nas mesmas condições, e muita gente enviou suas sinceras condolências, imaginando o rico empresário arrasado em vez de aliviado. Em pouco tempo ele estava cuidando de seus negócios como sempre, conquistando uma reputação de coragem e resiliência.

Katerina passou as semanas seguintes levando novos vestidos para provas. A cor preta fazia com que Olga parecesse pelo menos dez anos mais velha, e quando ela se olhava no espelho, via a imagem de uma idosa.

Certa tarde, quando Katerina estava saindo, Pavlina enfiou uma coisa em sua mão. Era uma pequena fotografia.

— Não vão dar por falta disso — disse. — Encontrei dentro de uma caixa com outras iguais.

Katerina flagrou-se olhando uma fotografia de Dimitri. Fora feita em seu primeiro dia na universidade. Isso a deixou feliz e triste na mesma medida.

— Obrigada, Pavlina — disse. — Muito obrigada. Vou guardar com carinho.

Quando saiu da caverna escura de sua dor, Olga começou a notar que Katerina não tinha mais aquele sorriso alegre que antes fora uma característica marcante da costureira e era como uma luz que a envolvia. Atualmente tinha olheiras escuras sob os olhos. Começou a se dar conta de que a jovem carregava a própria tristeza.

CAPÍTULO 25

Katerina passou os meses seguintes como uma sonâmbula. Só funcionava fazendo as mesmas coisas, do mesmo jeito, todos os dias, e estava mergulhada em sua dor.

Eugenia fazia o possível para ajudá-la a sobreviver a esses meses difíceis, mas sabia que só o tempo poderia realmente iluminar a escuridão.

As outras moças da oficina notaram seu retraimento e desistiram de tentar tirá-la daquele estranho estado de espírito. Katerina estava quase muda, considerando qualquer tipo de conversa fora do seu alcance. Só o que não mudava era o brilho e a qualidade de seu trabalho. Desempenhava-o como sempre com rapidez e perfeição, era a única atividade que a absorvia o suficiente para afastar sua mente da obsessão de sua perda.

Gourgouris colocava-a na berlinda. Um dia, ela não estava trabalhando no ritmo desejado. No outro, precisava ser mais original. Outro ainda, ele queria que seu trabalho fosse menos mecânico.

Todos os comentários dele eram injustificados e, de certa forma, até ridículos, mas as outras moças não tinham nada contra ouvir o chefe criticando o trabalho de Katerina. Para variar, não eram críticas ao trabalho delas.

A vida continuou desse jeito, com convocações frequentes à sala dele. Mesmo que se sentisse tentada a responder, Katerina sabia que não devia fazer isso. Tal atitude poderia levá-la a ser demitida.

— Vou tentar corrigir isso, Kyrios Gourgouris — dizia. Ou ainda: — Vou ver se posso melhorar nisso.

Num fim de tarde, ela foi convocada à sala de Gourgouris pelo assistente. O chefe estava sentado à mesa, envolto numa nuvem de fumaça, mas apagou o cigarro quando ela entrou na sala.

— Sente-se — disse-lhe, os olhos miúdos sumindo no rosto.

Uma das moças fora demitida na semana anterior e, com a situação econômica instável, havia grande possibilidade de ocorrerem novas demissões.

— Andei pensando — disse ele.

Katerina preparou-se para o que ele diria em seguida. Tinha certeza de que seria dispensada e ficou ali sentada planejando em que lugar iria procurar trabalho.

— Gostaria de que você fosse minha esposa.

Katerina ficou boquiaberta por algum tempo, mas nada disse, reação que Gourgouris interpretou como de alegria em vez de choque.

— Acho que sei sua resposta — disse com um sorriso que revelava os dentes manchados.

Houve um momento de paralisia, seguido pelo desejo de fuga. Sem nenhuma desculpa ou explicação, Katerina pôs-se de pé.

— Vejo você amanhã de manhã, minha querida — disse Gourgouris com um sorriso satisfeito. — Até lá você não estará tão perturbada.

Com essas palavras ecoando nos ouvidos, ela saiu da sala e foi correndo para casa.

A reação de Eugenia foi uma surpresa. Como havia décadas não tinha marido, viu na proposta de Gourgouris uma grande oportunidade.

— Você não é mais criança, Katerina! Não pode recusar uma proposta dessas! Se não se casar agora, poderá ficar solteira para sempre — alegou. — E ele é rico!

Embora fosse sentir muita falta de Katerina, Eugenia achava que era uma oferta irrecusável. O número de homens e mulheres em Tessalônica ainda estava muito desequilibrado. Havia mais viúvas e mulheres solteiras do que nunca, e ela ficou quase fora de si ao pensar que Katerina poderia desperdiçar a chance de tal segurança. Suas duas filhas, embora casadas e com filhos, tinham sido obrigadas a voltar para a fábrica de tabaco a fim de ajudarem no sustento de suas famílias. Era um trabalho duro e ingrato, e se a sorte delas fosse a mesma de Katerina, a vida delas teria sido muito diferente.

— Você vai ter conforto para o resto da vida! — exclamou Eugenia.

Katerina ficou sentada, quieta, esperando que ela se acalmasse.

— Mas eu tenho uma vida confortável — disse.

— Bem, se o rejeitar, nem o seu trabalho você vai ter mais — disse Eugenia sem rodeios. — Ele não vai gostar se você recusar, grave o que estou dizendo.

— Mas eu não o amo — disse Katerina, e, após uma pausa, acrescentou: — Eu amava Dimitri.

Com essa confissão descuidada, ela caiu em prantos.

— Não tem jeito. Não consigo parar de pensar nele. O que vou fazer?

Eugenia não tinha resposta para isso. Porém, mais tarde naquela noite, tornaram a conversar.

— Os casamentos arranjados eram comuns no passado — explicou Eugenia. — Na nossa aldeia, eram muitos, uma família querendo um vínculo com a outra. Talvez com o tempo você venha a gostar de Kyrios Gourgouris.

— Mas e se eu não vier a gostar?

Na opinião de Eugenia, a ausência de amor não era obstáculo. Os casamentos nas aldeias muitas vezes eram bem-sucedidos sem amor.

Conversaram noite adentro, mas, à meia-noite, quando foi se deitar, Katerina sabia que não seria capaz de dar uma resposta ao patrão.

À primeira hora, bateu corajosamente à porta de sua sala. A essa altura, já sabia exatamente o que ia dizer.

— Muito obrigada por sua proposta, Kyrios Gourgouris. Estou muito lisonjeada, mas preciso de um pouco mais de tempo para pensar. Tenho que considerar se sou a pessoa certa para ser sua esposa. Espero que me dê mais uma semana para refletir.

Quase fez uma reverência antes de sair da sala, e Gourgouris retribuiu seu sorriso, como se encantado com seu pequeno discurso.

Quando entrou na oficina, Katerina encontrou as outras moças cochichando. Parecia que a notícia da proposta do patrão a Katerina já tinha se espalhado. Ninguém indagou diretamente, mas ela entendia por seus olhares que era o assunto dos cochichos e sentiu seu rosto enrubescer de vergonha.

No dia seguinte, Gourgouris começou sua campanha para conquistar Katerina. Todas as noites, ela encontrava um presentinho em sua sacola ou no bolso: um corte de seda, uma renda, uma vez até mesmo uma lingerie. Muitas vezes havia um bilhete: “Só um vislumbre do seu enxoval.” Na opinião dele, nenhuma mulher seria capaz de resistir a tal sedução.

A maciez da seda, o frescor do crepe, a voluptuosidade da renda, pensava consigo mesmo ao deixar cair furtivamente os embrulhinhos na sacola de Katerina ou ao deslizá-los para o bolso do casaco dela, pendurado no vestiário. “Preciso usar essa frase na propaganda nova.”

As vezes em que ele a chamava à sua sala para falar mal de seu trabalho cessaram instantaneamente, o que foi um alívio para ela, mas os presentes a deixavam enjoada. O tempo passava e só faltavam cinco dias para a data em que prometera dar a resposta. Sabia a opinião de Eugenia e não era a que ela

queria ouvir.

No dia seguinte, devia entregar a última veste de luto a Kyria Komninos. Com a mudança de estações, o vestido de algodão fino que ela usaria agora estava pronto.

Ao abrir a porta, Pavlina viu na mesma hora que algo acontecera a Katerina. Ela torcera para que a jovem estivesse se recuperando da morte de Dimitri.

— O que houve? — perguntou. — Suas olheiras estão maiores que nunca!

Katerina não dormia havia duas noites, e a pele embaixo de seus olhos parecia machucada.

— Entre! Entre! — insistiu Pavlina. — Entre e me conte tudo.

À mesa da cozinha, Katerina contou a Pavlina sobre a proposta.

— Mas o que devo fazer? — perguntou.

— Bem, eu não sou a pessoa certa para responder a esta pergunta — disse Pavlina sem rodeios. — Amei o homem com quem me casei desde o instante em que pus os olhos nele. E o amor durou até o dia em que ele morreu. Na verdade, durou muito mais que isso.

— Então como posso sequer pensar em me casar, quando amo outra pessoa? — perguntou, os olhos cheios d'água. — Mesmo que seja só uma lembrança.

— É diferente, Katerina — disse Pavlina. — Eu tinha mais de quarenta anos quando Giorgos morreu. Nós nos conhecemos quando eu tinha quinze anos, e ficamos vinte e cinco anos juntos. Eu tive sorte, mas você precisa pensar no futuro.

A intenção era ser amável, mas as palavras de Pavlina soaram duras. *O futuro*. Era uma paisagem sem amor.

— E daqui a pouco você vai fazer trinta anos...

— Acho que sei o que eu devo fazer — disse Katerina depois de refletir um pouco —, mas a questão é saber se consigo me obrigar a isso.

Parecia errado o seu lenço de algodão estar encharcado de lágrimas de sofrimento, e não de alegria. Uma proposta de casamento devia ser o objetivo de todas as mulheres.

Katerina foi levada ao segundo andar para ver Olga e, juntas, elas entraram no quarto de vestir onde a roupa seria provada. Normalmente elas conversavam sobre os detalhes da roupa, e Olga sempre pedia notícias de Eugenia, mas naquele dia a moça foi pega de surpresa.

— Katerina, posso lhe fazer uma pergunta? — disse Olga.

A costureira ergueu os olhos. Estava ajoelhada no chão, alfinetando a bainha.

— Claro — respondeu.

— Meu marido mencionou uma coisa hoje de manhã. Disse que você ia se casar com Kyrios Gourgouris. É verdade?

Katerina ficou espantada. Fora em um momento tão chocante e incomum quanto aquele que Gourgouris fizera a proposta.

— Eu... eu... É...

— Desculpe-me — disse Olga rapidamente. — Provavelmente eu estava tirando conclusões precipitadas. Kyrios Komninos me contou que Kyrios Gourgouris ia se casar com a melhor costureira dele. Pelo menos foi o que ele ouviu. Presumi que ele estivesse falando de você.

Katerina se concentrou profundamente em sua tarefa. Ela segurava a ponta de um alfinete com a boca, o que lhe dava uma desculpa para não falar. Por várias vezes quisera confessar a Olga o que sentia pelo filho dela, mas isso nunca lhe parecera certo. Agora era ainda menos adequado.

Pavlina entrara com chá para as duas. Katerina sempre costurava a bainha *in loco* e passava o vestido uma última vez antes de sair, levando cerca de uma hora no processo todo.

— Estou muito envergonhada — explicou Olga a Pavlina. — Ouvi dizer que Grigoris Gourgouris ia se casar com a melhor costureira dele, então presumi que fosse Katerina!

O som raro do riso de Olga ecoou como um sino.

Pavlina e Katerina se entreolharam e então a moça desatou a chorar.

Olga ficou confusa. Pavlina explicou-lhe que Katerina de fato recebera uma proposta de casamento, mas ainda não havia aceitado.

— E vai aceitar? — perguntou Olga diretamente. — Isso não parece enchê-la de alegria, minha querida.

— Eu não o amo — disse Katerina.

— Mas eu disse a ela que mesmo que ela se sinta assim agora, as coisas poderiam mudar depois que estivesse casada. Muita gente começa o casamento com um pouco de insegurança.

— Talvez ela tenha razão — disse Olga, olhando com simpatia para Katerina.

Katerina sabia que Olga não amava o marido. Talvez o casamento dela fosse o oposto do de Pavlina. Ela se perguntava se Olga fora apaixonada por

Konstantinos Komninos e depois o amor tinha acabado. Talvez o ideal, casar apaixonada e continuar apaixonada, não existisse. Como ela poderia dizer a Olga que continuava apaixonada por um homem morto? E que o morto era o filho dela?

— O que acha que eu devo fazer? — Katerina apelou a ela, desesperada. Olga teria a palavra final.

— Você poderia esperar o amor — respondeu Olga com tristeza —, mas há sempre o risco de ele não vir nunca.

A sabedoria das três mulheres que mais gostavam dela no mundo a empurrou para o inevitável.

Um pequeno casamento se realizou um mês depois. Grigoris Gourgouris parecia não ter parentes a não ser um sobrinho, e os únicos outros convidados eram Eugenia, Sofia, Maria, Pavlina, duas das moças da sala de acabamento, o gerente da empresa em Veria e Konstantinos Komninos. Katerina escrevera à mãe, convidando-a para o casamento. Zenia respondeu, felicitando-a, mas andara doente recentemente e não estaria forte o bastante para vir.

Todos admiraram o vestido simples e pregueado da noiva, mas ela sabia que colocara menos amor e menos esforço nele do que nas centenas de outros que havia feito. As linhas retas da moda atual ajudavam a disfarçar sua falta de curvas, e com a coroa de botões de rosa frescos no cabelo preto e curto, ela poderia ter passado por uma menina de quinze anos.

Após a cerimônia, realizou-se um jantar no salão privado do Hermes Palace Hotel, um lugar onde o noivo e Konstantinos Komninos estavam bem à vontade, mas os outros convidados se sentiram deslocados. A casa de Komninos era o lugar mais luxuoso que Katerina visitara, mas o hotel levava o uso de mármore, dourados e estuque a novos níveis. Tudo nele era excessivo, desde o número de talheres à mesa até o imenso arranjo floral que impedia Katerina de ver a maioria dos convidados. Galhos de jasmim e glicínia transbordavam de uma gigantesca urna central que daria para encher todo o quintal de sua casa.

Diante de cada lugar havia uma fileira de copos alinhados como tubos de um órgão musical, na maioria cheios até a borda. Embora ela só tivesse dado um gole em cada um, o álcool lhe subira à cabeça, e depois que o casal se despediu de todos os convidados, foi com alguma insegurança que Katerina subiu a vasta escadaria. Ela e o marido passariam aquela noite no hotel.

O primeiro beijo na noite do casamento quase a fez desmaiar de nojo. O

bafo de Grigoris recendia a nicotina, e, como nunca fumara um único cigarro, o gosto acre daquela língua impregnada de tabaco quase a fez vomitar. Depois do beijo, havia mais um calvário a enfrentar. Katerina vira as pernas de Gourgouris antes, quando fora chamada à sala dele para embainhar calças novas, então não se surpreendeu com aquele corpo peludo, mas o volume do homem quando não estava contido nas roupas foi mais chocante do que ela poderia imaginar.

À medida que ele desabotoava a camisa, a carne ia se derramando. Por um momento, despencou para as coxas, antes de ficar ali pendurada, balançando como um ser independente. A superfície daquela barriga volumosa era riscada de veias varicosas, como o delta de um rio, e ela agora via que os seios caídos tinham o dobro do tamanho dos seus.

Enquanto isso, Katerina também se despira e se dera conta de que o novo marido a examinava. Ele esticou o braço para tocar em sua cicatriz e rapidamente retirou a mão com visível desgosto. Seu hábito de usar mangas compridas no inverno e no verão significava que seu braço desfigurado fora uma total surpresa.

O álcool embotara o medo do que aconteceria em seguida, mas, mesmo assim, ela estava certa de que morreria sufocada quando aquele corpanzil rolasse em cima dela. O que ele queria foi rapidamente resolvido, e, logo depois, sem mais conversa, viraram-se cada um para um lado da vasta cama. Katerina ficou contemplando as silhuetas desconhecidas de lâmpadas e móveis, e não demorou a cair num sono profundo. Com aqueles lençóis de linho e aqueles travesseiros fofos, a cama de quatro colunas era o que havia de mais confortável.

O dia seguinte trouxe a verdadeira iniciação à sua nova vida. Ela já embalara seus pertences na rua Irini e uma van foi enviada para recolhê-los e levá-los à residência de Gourgouris na zona oeste da cidade. A casa que ele comprara anos antes na rua Sokratous, na mesma época em que se apossara da Moreno & Filhos, era nova e bastante comum. Era virada para o norte e tinha janelas pequenas e cortinas pesadas, mas nada disso era motivo para passar a maior parte do dia num estado de semiescuridão. Ela descobriu que o marido mantinha obsessivamente a mobília protegida da luz.

— Muito melhor para os estofados — alardeava. — “Não deixe sua mobília desbotar tão depressa, Gourgouris gosta que ela dure à beça.”

Este era um dos bordões com que ela teria que se acostumar.

Nos meses seguintes, Katerina se daria conta de que não havia nada que

ele gostasse mais do que de uma rima fácil. Se encontrava uma frase com ritmo, ele a reutilizava, em geral acompanhada de um sorriso alegre e da expectativa de aplauso. Toda semana recortava anúncios da primeira página dos jornais e passava a maior parte das noites planejando os próprios bordões.

“Avante! Vista um Gourgouris e fique deslumbrante!”

No primeiro dia como dona da casa, Katerina percebeu que Gourgouris pretendia que ela ficasse em casa.

— Acho que você deveria passar alguns dias se adaptando — disse. — E depois veremos se voltará à oficina. Talvez só em meio expediente?

Ela não imaginara que pararia de trabalhar. Estava consternada. Embora as outras mulheres na oficina tivessem começado a tratá-la de modo diferente ao saber que ela se casaria com Gourgouris, ela desejava voltar para seu posto na sala de acabamento.

Naquela manhã, explorou o novo ambiente. Havia duas salas grandes no térreo, além da cozinha e da sala de jantar. Uma delas era uma sala de estar, e a outra, um estúdio. Era dominado por uma mesa e uma estante que abrigava uma fileira de obras de filósofos antigos em ordem alfabética. Puxou com cuidado um dos livros e, ao abri-lo, a rigidez da capa revelou que jamais fora lido. Era um livro isolado, com um título que ela reconheceu como alemão: *Assim falou Zaratustra*.

Não resistiu à tentação de abri-lo. Sabia que o marido falava um pouco de alemão, mas provavelmente não o suficiente para ler com fluência. Na primeira página havia uma dedicatória: “*Für Grigoris Gourgouris. Vielen Dank, Hans Schmidt. 14/6/43.*”

Ela fechou o livro depressa. Isso era suficiente para lhe dizer que Gourgouris contara com um alemão entre seus amigos. Guardou o livro de volta na estante com repugnância, decidindo esquecer que o havia visto.

Todas as salas tinham o mesmo chão de linóleo bege-escuro, as paredes revestidas de papel de parede creme da marca inglesa Anaglypta, e as portas, os rodapés, as sancas e os marcos das janelas e as venezianas (sempre fechadas) todos pintados da mesma cor marrom padrão.

Havia alguns tapetes no chão e um ou dois quadros representando paisagens em cada sala. A mobília era, na maioria, nova, e alguns assentos pareciam jamais terem sido usados. Uma comprida mesa de jantar com oito cadeiras em volta e um candelabro no centro não tinha o menor arranhão, e a cristaleira que fazia conjunto com ela estava vazia. Em cima dela havia uma floreira de vidro lapidado sem flores.

Katerina começou a desembalar suas poucas coisas, colocando uma imagem que Eugenia lhe dera de presente de casamento numa prateleira vazia na sala de estar. A imagem parecia solitária e deslocada naquela casa sem personalidade. Decidiu não colocar a fotografia de Eugenia no aparador. Ela a guardaria junto com a fotografia de Dimitri numa caixinha escondida no fundo de seu armário.

A cozinha era bem equipada com um fogão moderno, e quando abriu os armários viu potes e panelas de alumínio encaixados uns dentro dos outros. Era muito diferente da rua Irini.

Com eficiência impecável, as venezianas não deixavam a luz entrar, mas também não deixavam o ar sair, e em cada um daqueles cômodos tristes havia o mesmo cheiro sufocante de poeira e mofo.

Katerina queria escancarar todas as portas e janelas, e preencher os vasos com flores frescas, mas presumia que a casa devia ser assim porque seu marido a queria desse jeito.

O espaço devia abrigar uma vida luxuosa, mas parecia um desperdício para duas pessoas, e o amontoado de tapetes, mantas e almofadas coloridos que enchia sua casa antiga estava a um mundo de distância.

No quarto principal havia um enorme armário vazio onde ela pendurou algumas roupas. Considerando a sua profissão, ela não tinha muita coisa, e seu marido já lhe dissera que queria que ela passasse os próximos meses fazendo uns vestidos novos.

— A minha moça tem que estar linda! — dissera ele naquela manhã, dando-lhe uma palmada no traseiro. — Então, ponha mãos à obra e faça algumas coisas para você. Tem a sua máquina de costura, não é?

A Singer que Konstantinos Komninos lhe dera anos antes chegara da rua Irini na véspera e estava no chão da sala de jantar.

Naquela noite, Gourgouris trouxe para casa alguns cortes de tecido: algodão rosa-claro, amarelo com raminhos de rosas vermelhas, listras verde-hortelã. Não eram do gosto dela, mas concluiu que isso fazia parte do novo “trabalho”: vestir-se do jeito que o marido desejava.

A empregada, pelo visto, fora instruída a não cozinhar mais. Vinha uma vez por semana para varrer e polir as superfícies já reluzentes, mas Gourgouris queria que Katerina cozinhasse para ele. Apreensiva, Katerina começou a ler o livro de culinária que Eugenia lhe dera de presente de casamento. Até então sempre cozinhou usando receitas que aprendera oralmente, ajustando-as ao seu gosto com ervas e especiarias. Era estranho ter

que acompanhar uma receita por escrito.

Todas as tardes saía para dar uma volta, muitas vezes indo visitar Eugenia, que estava trabalhando em casa desde o fim da guerra. De vez em quando, Eugenia ia à rua Sokratous, embora tivesse confessado uma vez que aquele casarão escuro lhe causava arrepios.

— A mim também — suspirou Katerina —, mas tenho que morar aqui...

Elas estavam sentadas na cozinha de Katerina à mesa de tampo de esmalte, e os ingredientes do jantar estavam empilhados numa ponta.

— É boa e espaçosa — disse Eugenia.

Katerina começou a retirar as xícaras. Seu marido gostava de ter três pratos diferentes toda noite e ela precisava começar a preparação.

— Como está a vida de casada? — perguntou Eugenia em tom de brincadeira.

— Vou administrando — veio a resposta, quase depressa demais.

A verdade era essa. Ela estava administrando a nova vida como se fosse um negócio. As tarefas eram executadas a cada dia para que ela cumprisse o seu papel de esposa, cozinheira e dona de casa.

Gourgouris decidira que ela devia ficar em casa em tempo integral. Se houvesse algo especialmente importante ou difícil, ele levaria para casa para ela terminar, mas não a queria na oficina.

Os meses se passavam tranquilamente. Katerina começou a fazer colchas para os quartos e a acrescentar os toques femininos de que a casa parecia carecer. Aprendeu a não pensar no passado nem no futuro, e costurar, como sempre, provou ser a maneira de conseguir isso. Todos os pontos eram feitos no presente, aqui e agora, e foi assim que ela aprendeu a sobreviver. O passado a levava a Dimitri, e o futuro, ao pavor cotidiano da volta do marido para casa.

Com as idas ao mercado Modiano, a cozinha, a costura e as visitas a Eugenia, Katerina se mantinha ocupada, mas logo assumiria mais uma tarefa. Seis meses depois de ter perdido a função de cozinheira, a faxineira ficara insatisfeita e pedira demissão.

— Vou colocar um anúncio no jornal amanhã — disse Gourgouris, a cada sílaba borrifando na mulher a sopa que ela lhe fizera naquela tarde.

Era uma *bisque de homard* e as manchas marrons se destacavam no rosa-claro de seu vestido.

Katerina assentiu com um aceno de cabeça. Com a grande quantidade de gente desempregada, não ia demorar muito para alguém se candidatar,

embora houvesse muitas mulheres que preferissem pedir esmola a limpar a casa dos outros.

Enquanto passava espanador no dia seguinte, Katerina descobriu que, durante todos aqueles meses, a faxineira fizera um serviço negligente. Aparentemente tudo brilhava, mas ela nunca limpara embaixo dos armários nem atrás dos móveis. Katerina escancarou satisfeita as venezianas e começou a faxina de primavera. Foi um trabalho bastante gratificante e a casa parecia menos severa com a claridade entrando pelas janelas.

Ela começou pelo hall e pela sala de estar, depois entrou no escritório de Gourgouris. Havia dezenas de livros, mas as lombadas estavam todas intactas. Eram só para impressionar.

A única coisa para qual eles servem, pensou em relação aos livros, é juntar poeira.

Ela não tocou no volume de Nietzsche.

Colocou de lado os documentos que estavam sobre a mesa para poder lustrá-la, e começou o trabalho por seus puxadores de metal manchados. Uma das gavetas estava entreaberta e algo lhe chamou a atenção. Havia uma pasta com dois nomes escritos na frente em letras grandes e bem-feitas: “MORENO — GOURGOURIS”.

A visão de seu novo nome e do de seus velhos amigos lado a lado lhe deu um susto. Ela pensava sempre nos Moreno, e, toda vez que estava com Eugenia, as duas se lembravam deles com raiva e tristeza. Elas ainda se perguntavam o que poderia ter acontecido com Elias. Nem sequer sabiam se ele tinha conseguido chegar à Palestina.

Por um momento, Katerina sentiu uma pontada de culpa, sabendo que não devia mexer nos papéis do marido, mas, mesmo assim, viu-se abrindo a gaveta e retirando a pasta. Passou um minuto olhando para aquilo. Não era tarde demais para guardá-la de volta, mas, como um demônio, a curiosidade a possuiu, e, logo depois, a pasta já estava aberta.

O primeiro item era um papel com alguns números, mais ou menos como uma fatura. Encontrou também um documento oficial com vários carimbos da prefeitura de Tessalônica e, num pergaminho grosso, a “escritura” da propriedade na rua Filipou. Pelo que ela podia entender, a empresa fora vendida a seu marido por uma quantia muito pequena, uma fração do preço que seria pago por uma casa na rua Irini, e ele pagara à vista. A empresa praticamente fora dada a ele.

Havia também um maço de cartas, todas de antes da venda, e ela as leu

cada vez mais chocada e incrédula.

De imediato, reconheceu a assinatura da primeira carta. Era o mesmo nome que aparecia no livro de Nietzsche. Estava familiarizada com algumas palavras de alemão desde a época da ocupação, quando os oficiais eram frequentadores assíduos da oficina. Entre elas estavam “*guten Tag*”, “*bitte*” e “*danke schön*”. Foram essas palavras que ela viu repetidas no final da carta: “*Danke schön*” — “Obrigado”.

Em seguida vinham várias cópias a carbono de cartas de seu marido ao “Serviço de Venda de Propriedade Judia” e as respostas da entidade. Ela as colocou em ordem e começou a ler. Suas mãos tremiam violentamente.

A primeira carta, de Gourgouris, era datada de vinte e um de fevereiro de 1943 e fora escrita de Larissa. Katerina calculou que isso fora antes da partida dos Moreno de Tessalônica. Na carta, seu marido esboçava o pedido de assumir a “lucrativa e próspera empresa Moreno & Filhos”. Descrevia sua já bem-estabelecida empresa em Veria e Larissa e seu desejo de expansão para instalações maiores em Tessalônica. A resposta a essa solicitação pedia provas de seu apoio ao governo. Seguiam-se várias cartas, e ela se sentiu cada vez mais nauseada à medida que as lia. Havia menções a muitas doações em dinheiro ao governo, mas, a última, escrita em julho de 1943, continha uma lista de nomes. Ela se viu lendo-os em voz alta.

“Matheos Keropoulos, *andarte*
Giannis Alahouzos, *andarte*
Anastatios Makrakis, *andarte*
Gabriel Perez, escondido com identidade falsa
Daniel Perez, escondido com identidade falsa
Jacob Soustiel, escondido com família cristã e de posse de identidade falsa
Solomon Mizrahi, escondido com família cristã e de posse de identidade falsa.”

Era evidente que todos esses homens tinham sido presos por causa de informações fornecidas por Gourgouris. Os três primeiros poderiam ter sido apenas presos, mas os outros, Katerina não tinha dúvida, foram enviados para a Polônia, ou até mesmo assassinados no ato.

Agora ela sabia. A gratidão demonstrada a seu marido pelo oficial

alemão era por esses atos de traição e colaboração.

Ela fechou a pasta e ficou mais de meia hora sentada à mesa com as mãos na cabeça, em estado de choque, sem saber o que fazer. Não podia revelar o que descobrira, e, no entanto, como poderia conviver com aquela informação? Como poderia continuar vivendo com aquele homem?

Devolvendo a pasta à gaveta, levantou-se e saiu da sala. O erro terrível que cometera lhe pesava muito. Ninguém a obrigara a se casar com Grigoris Gourgouris e ela teria que aguentar as consequências de sua estupidez. Não havia outra pessoa em quem pôr a culpa.

Foi para a cozinha, fechou todas as janelas e venezianas e acendeu a fraca lâmpada de mesa. Enquanto preparava mecanicamente a refeição da noite, lágrimas de frustração e raiva lhe escorriam pelo rosto, e ela mal enxergava o que estava fazendo.

Toc-toc-toc-toc...

A faca ia batendo na tábua de corte.

Toc-toc-toc-toc...

Através de suas lágrimas, tudo que ela enxergava era o brilho do aço. Por uma mera fração de segundo, imaginou-se enfiando a lâmina afiada no peito. Pareceu-lhe que isso lhe daria um alívio instantâneo do desprezo que estava sentindo por si mesma. Nunca sentira essa urgência estranha de se castigar. Durou apenas alguns segundos, mas ela ficou impressionada com a forma como aquilo quase a seduzira. Não, disse a si mesma, você tem que enfrentar as consequências do que fez.

Continuou a picar os legumes, mas, inevitavelmente, a combinação de raiva, falta de concentração e uma faca afiada era algo perigoso. Como não podia deixar de ser, cortou o dedo.

Largou a faca e apertou a mão, esperando estancar o sangramento. Não fazia ideia de que podia sair tanto sangue de um dedo. O monte claro de cebolas picadas agora estava salpicado de vermelho.

A dor e o choque do talho desencadearam um choro incontável e ela não ouviu o barulho da porta da frente. Quando Gourgouris entrou, ela tentava em vão enfaixar o dedo com um pano.

— Ah, minha querida. O que foi? — perguntou, aproximando-se de braços abertos para abraçá-la.

Katerina se esquivou para evitá-lo. Seu corpo volumoso lhe repugnou como nunca. Ela parou de chorar. Estava determinada a manter a dignidade diante desse homem.

— Eu me cortei — disse, escondendo o ferimento. — Só isso. Não é nada.

— Bem, estou vendo que agora você não vai poder fazer o jantar — disse ele com certa repulsa, vendo que o sangue ensopava o pano. — Você se incomodaria se eu saísse para comer? Grigoris está absolutamente faminto.

Enquanto falava, Gourgouris esfregava a barriga. Referir-se a si mesmo na terceira pessoa era um de seus muitos hábitos irritantes. Ele parecia uma criança grande e jovial; entretanto, por baixo daquela fachada, ela agora sabia que havia uma pessoa muito diferente.

— Não — disse. — Estou me sentindo fraco. Acho que é melhor eu subir.

Ela não conseguia nem olhar para Gourgouris e foi com alívio que o viu sair de casa. Sua ausência lhe daria mais tempo para pensar.

Quando ele voltou tarde da noite, Katerina ficou deitada imóvel e fingiu dormir até ouvir o seu ronco. Uma pança cheia de comida gordurosa e brandy ia mantê-lo dormindo até de manhã.

A horrível descoberta da tarde não lhe saía da cabeça, assim como a pergunta a respeito de como ela devia reagir. Será que todos na oficina sabiam que a “aquisição” de Gourgouris era uma recompensa por ele ter colaborado com os nazistas? A quem ela poderia contar? Será que adiantava alguma coisa revelar o que sabia? Ela se lembrou de que alguns colaboradores haviam sido julgados e logo depois perdoados, ou recebido sentenças perfunctórias. O crime de ser comunista ainda era considerado muito mais grave do que o de ser colaborador.

Na manhã seguinte, ela ficou de olhos fechados até Gourgouris ter saído e então se vestiu depressa e foi para a rua Irini. Havia uma pessoa com quem tinha que dividir esse fardo terrível.

Eugenia ouviu consternada.

— Sinto muito. Sinto muito — repetia, balançando a cabeça, cheia de pena de Katerina. — Se tivesse alguma ideia, eu a teria impedido de se casar com ele.

— Você não tem culpa — disse Katerina. — Ninguém tem culpa a não ser eu. Eu tomei a decisão e agora tenho que aguentar.

— Deve haver alguma coisa que a gente possa fazer — refletiu Eugenia. — Você podia vir passar algum tempo aqui.

— Ele me encontraria — disse Katerina. — E eu teria que explicar. Eu nunca devia ter aberto aquela gaveta.

— Bem, não dá para desfazer o que foi feito — concluiu Eugenia.

— Eu sei...

— Você descobriu algo que preferiria não saber — disse ela. — Mas se trata da verdade. E talvez seja melhor você saber.

— Eu já achava esse homem repugnante. Mas agora... — Katerina tinha os cotovelos apoiados na mesa e segurava a cabeça com as mãos enquanto chorava. Sua mão direita estava grosseiramente enfaixada — ... agora sei que ele é um assassino.

— Você precisa tentar não pensar nele desse jeito. Há colaboradores por toda a cidade.

— Mas eu estou casada com um!

— Bem, acho que você não deve fazer nada precipitado — aconselhou Eugenia. — A menos que vá deixá-lo, o que você não pode.

Katerina tinha certeza de uma coisa. Todos que haviam dito que um dia ela amaria Gourgouris estavam errados. Em vez de amá-lo, ela passou a odiá-lo.

— Deixe eu ver o seu dedo. Vamos, tire essa atadura.

A ferida ainda estava aberta, e Katerina se contraiu enquanto Eugenia a lavava.

— Não acha que devia mostrar isso a um médico? — perguntou.

— Não. Tenho certeza de que vai cicatrizar. E logo que isso acontecer vou dizer ao Gourgouris que quero voltar para a oficina. Pelo menos por algumas horas durante a tarde. Vou enlouquecer passando o dia inteiro em casa. Trancada lá, com todos esses pensamentos.

Katerina deixou a rua Irini determinada a perguntar ao marido aquela noite sobre voltar a trabalhar.

— Bem, você pode ir algumas horas por dia desde que consiga cuidar da casa direito — disse ele, com certa relutância. — A sua prioridade é essa, e cuidar do seu Kyrios Gourgouris.

— Sim — respondeu ela.

— Muitas mulheres se candidataram para a vaga de empregada, então esta vai ser uma preocupação a menos — informou ele.

— Ótimo — respondeu Katerina.

Ela mantinha suas conversas com aquele homem desprezível o mais sucintas possível, e quando ele lhe perguntou se havia algo de errado, ela respondeu que sua mão a estava incomodando.

— Ah, sim — disse Gourgouris. — É melhor você só voltar para a

oficina quando estiver cicatrizada. Não é o momento de lançar a moda de vestidos de noiva vermelhos.

Ele acompanhou a tirada com um sorriso cheio de dentes, achando graça na piada, e não pareceu notar que ela não sorriu.

CAPÍTULO 26

A muitos quilômetros dali, nas montanhas para além de Ioannina, Dimitri administrava uma equipe médica constantemente sobrecarregada. Ele soubera que Tessalônica estava sendo atacada pelo Exército Democrático, e embora desejasse estar lá, pela primeira vez sentia-se feliz de estar longe. Acharia difícil atacar sua própria cidade, onde moravam as pessoas que ele mais amava no mundo.

* * *

Na cidade, esses ataques não estavam perturbando a vida, e a oficina seguia funcionando normalmente. Katerina começou seus turnos matinais e as mulheres na sala de acabamento pareciam satisfeitas com sua volta. Durante alguns dias, ela ficou curiosa para saber se alguma daquelas mulheres estava a par das circunstâncias em que Gourgouris adquirira a empresa, mas nada perguntou.

Diariamente, às oito horas em ponto, ela começava a trabalhar na sala de acabamento e saía ao meio-dia para ter bastante tempo de fazer o jantar. O interesse de Gourgouris por comida beirava o vício, e cozinhar era a principal tarefa que ele esperava que ela cumprisse.

Algumas semanas depois de ter voltado a trabalhar, ela foi chamada à casa de Kyria Komninos. Olga ainda usava preto, mas recuperara um pouco de peso desde a última vez em que Katerina a vira e, por isso, precisava de roupas novas.

As duas não se viam desde que Katerina se casara, e Olga estava cheia de perguntas.

— Pavlina me disse que o seu vestido era lindo, Katerina. Como foi seu casamento?

Katerina tentou não pensar na cerimônia e nas palavras que pronunciara

perante Deus que a comprometiam com Gourgouris para o resto da vida.

— Foi bom — respondeu num tom neutro.

— Conte-me da sua casa, Katerina. Pavlina me disse que é uma das mansões da rua Sokratous. Já aprendeu a cozinhar?

— Sim — respondeu Katerina. — A cozinha tem todas as comodidades modernas, até um daqueles novos fogões elétricos.

— Mas o fogão não cozinha por você, não é? Desconfio que ainda tem que fazer todo o trabalho duro.

— Sim, eu faço. E Kyrios Gourgouris gosta muito de comer.

— Posso imaginar — disse Olga.

Ela sorriu para Katerina, mas notou que não recebeu de volta nem um vestígio de sorriso.

Mais tarde naquele dia comentou com Pavlina a impressão que tivera.

— Ela não estava exatamente como eu esperava que uma recém-casada estivesse — explicou.

— Concorro. Parecia tristonha — refletiu Pavlina. — Mas ela não estava perdidamente apaixonada por ele quando se casou, não é?

— Não, mas torci para que, com o tempo, ela passasse a gostar um pouco de Kyrios Gourgouris — retrucou Olga.

— Bem, ainda é cedo — disse Pavlina.

— Acho que talvez ela não esteja se sentindo bem — sugeriu Olga.

— Está dizendo que ela poderia estar esperando um bebê? Mas já?

— Não é impossível, não é?

— Não, mas acho que ela teria comentado alguma coisa comigo — retrucou Pavlina, como se Katerina fosse um pouco sua propriedade.

— Bem, pedi que ela voltasse semana que vem, então vamos torcer para ela estar melhor quando vier.

Quando Katerina voltou, Pavlina viu que ela estava ainda mais desanimada do que na visita anterior. Pavlina procurou indícios visíveis de gravidez, mas não encontrou nenhum. A vivacidade da costureira simplesmente desaparecera. Ela se lembrava muito bem da primeira vez que viu Katerina. Fora no dia em que Eugenia e as meninas chegaram na rua Irini e, mesmo então, a criança de seis anos, com aquela aparência franca e inocente, era luminescente. Cercada de pessoas apavoradas ou desconfiadas, aquela menina de vestidinho claro de casa de abelha de alguma forma brilhava. A criança que sempre mais saltitava do que andava se tornara uma mulher que parecia arrastar os pés. Seu olhar vivo e seu sorriso fácil haviam

desaparecido, como se toda a sua energia tivesse sido minada.

Eram meados de agosto e o dia mais quente daquele verão. O mar estava liso e prateado, refletindo um céu enevado sem cor. Tendo feito Katerina entrar, Pavlina ofereceu-lhe um refresco à mesa da cozinha.

— Você está bem, Katerina? Está calada.

— Estou bem, Pavlina. É só que hoje está muito úmido.

— Tem certeza de que é só isso? Achei que talvez houvesse algum problema. Está tudo bem entre você e Kyrios Gourgouris?

— Está — respondeu Katerina bruscamente. Não queria quebrar a promessa que fizera a si mesma de aguentar sem reclamar. — Está tudo bem.

Katerina levantou-se, querendo fugir do interrogatório de Pavlina.

— Posso ver Kyria Komninos?

Subiu com os dois vestidos pendurados no braço e encontrou Olga no patamar.

— Olá, Kyria Komninos — cumprimentou, tentando injetar um pouco de entusiasmo na saudação.

— Bom dia, Katerina. Vamos para o meu quarto de vestir?

Katerina acompanhou-a e logo estava alfinetando as pences e medindo o comprimento das mangas e da bainha. Normalmente, elas conversavam durante essas sessões, mas a sisudez de Katerina dissuadiu Olga de puxar conversa.

Olga não queria se intrometer, mas era óbvio que havia algo errado. Não era necessário pensar muito: Katerina estava infeliz e ela instintivamente sabia que tinha a ver com Grigoris Gourgouris. O homem satisfeito consigo mesmo que se sentara várias vezes à sua mesa de jantar rindo das próprias piadas sem graça devia ter algo a ver com aquela tristeza que pairava sobre a moça como uma nuvem. Olga sabia o que era um casamento infeliz e reconhecia o ar de resignação muda. Em silêncio, sentiu um vínculo com a jovem. As duas tinham cometido o mesmo erro e agora precisavam conviver com suas penas perpétuas.

Katerina ergueu os olhos e viu uma fotografia emoldurada de Dimitri em cima da cômoda. Era a mesma que Pavlina lhe dera e era a única dele na mansão da rua Niki.

Olga viu Katerina olhando para a foto.

— Ele era muito bonito, não era?

— Sim — concordou Katerina hesitante. — Muito. E corajoso também.

Havia lágrimas em seus olhos quando ela falou. Estava olhando para o

rosto de alguém que lutara corajosamente para expulsar os alemães da Grécia, e naquela noite ela dividiria a cama com uma pessoa que, de bom grado, faria com que eles ficassem. Um colaborador. Ela estava quase sufocada de vergonha.

Katerina foi algumas vezes à casa dos Komninos nas semanas seguintes. Pavlina tentava lhe dar uma chance de contar por que estava infeliz, mas a *modistra* não queria se abrir.

Dimitri morrera havia mais de dois anos e Olga aos poucos ia deixando o luto. Katerina estava um dia na mansão passando uma nova saia azul-clara de poá branco.

— Não será bom usar um pouco de cor? — perguntou.

— Não sei — respondeu Olga. — Vai ser estranho.

Pavlina apareceu à porta do quarto, afogueada. Subira correndo as escadas e estava com falta de ar, por causa da emoção e do esforço.

— Kyria Komninos... tenho que falar com a senhora. Aconteceu uma coisa.

— Pavlina! O quê? Qual é o problema?

— Não tem problema nenhum. Mas é um choque enorme. É um choque enorme.

— Pavlina, me diga o que houve!

Havia um tom crescente de irritação na voz da ama.

Katerina ficou parada meio sem jeito, segurando a saia. Pavlina estava à porta, e ela não podia simplesmente sair de fininho.

— Não sei como lhe contar isso... m-mas...

— Pavlina, o que é?

Olga estava perdendo a paciência.

A governanta agia de um jeito muito estranho, e começou a chorar incontrolavelmente. Era difícil dizer se eram lágrimas de alegria ou de dor.

— Eu sei que ele morreu. Mas...

Katerina viu que havia alguém postado atrás de Pavlina. Um homem.

Olga desmaiou. Foi Katerina que falou o nome dele.

— Dimitri! — exclamou, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Sim, sou eu.

Quando Olga voltou a si, o filho estava sentado ao seu lado na cama.

— Sinto muito ter causado tamanha surpresa — disse. — Eu ia escrever primeiro, mas achei muito perigoso. Então, simplesmente vim...

Mãe e filho deram um longo abraço. Então ele se virou e levou as mãos

de Katerina aos lábios e as beijou.

— *Katerina mou* — disse. — Minha Katerina.

— Quase matou a gente do coração — disse ela. — Mas estou muito feliz em ver você.

Pavlina descera para buscar água para Olga e agora voltava com quatro copos.

Olga estava deitada, apoiada em travesseiros, e os outros sentaram-se em cadeiras estofadas ao redor de sua cama.

— Mas recebemos uma carta... do quartel-general comunista — explicou Olga. — Como eles podem ter cometido um erro desses?

— Talvez não tenham cometido nenhum erro, mãe — disse ele com cautela.

Após uma pausa, ele perguntou quando o pai estaria em casa.

— Ele está viajando. Está interessado em comprar uma fábrica de seda na Turquia — respondeu Olga.

Durante as horas seguintes, ele contou à mãe a outra versão da história. Embora ela estivesse fragilizada, ele não podia poupá-la da verdade.

Revelou onde estivera desde que o Exército Democrático se formara e contou coisas que os jornais não informavam sobre a constante guerra civil. Foi bastante seletivo quanto à revelação de muita coisa, mas admitiu ter havido, sim, uma brutalidade desnecessária e que muitas vezes se vira tentando tratar dos feridos, estivessem de que lado estivessem. Quando alguém estava doente ou morrendo, ele tentava não fazer distinção. Dor era dor, não importava quem estivesse sentindo.

— Não sei o que vai acontecer — disse ele. — As coisas estão indo bem para o nosso lado. Eu simplesmente faço o que posso. Tem gente morrendo dos dois lados, e isso é odioso e inútil, mas não posso abandonar o barco agora. Ainda acredito que os direitistas deviam dividir o poder com os esquerdistas.

— E as crianças sobre as quais a gente lê? Que estão sendo tiradas dos pais e mandadas para os países comunistas? — perguntou Pavlina. — É verdade?

— Parte é propaganda, mas tem um pouco de verdade aí — respondeu Dimitri. — O objetivo é manter as crianças em segurança, não doutriná-las.

— Seu pai estava convencido de que você era comunista — disse Olga. — E, para ele, o comunismo é o grande mal que quer se apossar deste país.

— Tem muita gente que é comunista engajado, mas eu não sou, mãe —

disse ele gentilmente. — E não tenho intenção de ir morar num país comunista. A Grécia é a minha *patrida* e é pela Grécia que estou lutando esse tempo todo.

A tarde passou e os quatro ficaram no quarto. Pavlina entrou e saiu com pratos de comida e nada poderia parecer mais natural do que Katerina estar ali com elas. Olga não pôde deixar de notar que a *modistra* recuperara o sorriso perdido. Quando ela olhava para Dimitri, seus olhos brilhavam.

A conversa deles abafara as badaladas do relógio, mas Pavlina tinha deixado a porta aberta ao descer. Katerina calculou a hora.

— Tenho que ir.

— Por que tão de repente? — perguntou Dimitri. — Eu também vou daqui a pouco.

— Porque tenho que ir para casa fazer o jantar — disse ela. — E nem comprei a carne.

— Eugenia não vai se importar.

— Não é Eugenia — explicou Katerina num tom quase inaudível. — Agora sou casada.

— Casada! — exclamou ele, e a palavra ficou pairando no ar por um momento.

Havia um tom inconfundível de consternação em sua voz.

Katerina viu Dimitri olhar para suas mãos, onde a aliança brilhava no dedo anular da mão direita, como se para conferir se ela estava dizendo a verdade. Se pudesse tê-la arrancado da mão e jogado-a pela janela, ela o teria feito. Agora não adiantava mais.

— Então — disse ela bruscamente — é melhor eu ir andando. Espero que você possa voltar logo.

Saiu da casa em silêncio e foi quase correndo para casa, parando rapidamente no açougue. Seus sentimentos lutavam dentro dela.

Gourgouris estava em casa quando ela chegou.

— Então, minha querida — disse, com um sarcasmo discreto —, Kyria Komninos precisou que você costurasse umas cortinas também?

— Desculpe-me — disse Katerina. — Estávamos conversando, e não senti o tempo passar.

— E o jantar? Você pensou no jantar? — gritou ele. — Eu chego em casa depois de um dia longo e encontro a casa vazia. E nada de jantar!

— Eu lhe pedi desculpas — disse Katerina docilmente.

— Espero que a conversa tenha valido a pena — cortou ele — porque o

Grigoris não gosta muito de descascar nem de cortar.

Gourgouris arfava com o esforço da irritação. Não tinha capacidade pulmonar para sustentar a sua tirada e estava ficando sem fôlego.

— Não estou me sentindo bem — disse ela, largando o pacote de carne numa mesa lateral ao sair da sala e subir correndo para o banheiro.

Sabia que ele não conseguiria subir a escada atrás dela. Era gordo demais.

Logo depois, ela ouviu a porta da frente bater quando o marido saiu de casa. Ele iria a um dos muitos restaurantes da cidade ingerir comida suficiente para alimentar uma família inteira e depois voltar. Mas ela então estaria dormindo.

A realidade da situação a afetou. Era casada com um homem que odiava e o homem que amava ressurgira dos mortos. A combinação dessas catástrofes era só metade do castigo. A verdadeira tortura era agir como se nada tivesse acontecido. Era a única maneira de sobreviver.

* * *

— O que aconteceu realmente? — perguntou Olga a Pavlina naquela noite.
— Ele esteve mesmo aqui?

Faltavam dois dias para Kyrios Komninos regressar da viagem, então elas podiam falar com segurança sobre Dimitri sem medo de serem ouvidas.

— Sim, era ele mesmo. Estou surpresa pelo choque não ter nos matado do coração. O que ele estava pensando, aparecendo assim, sabendo que pensávamos que estivesse morto?

— Acho que me matou, sim, pelo menos por um segundo. — Olga sorriu. — Tenho certeza de que meu coração parou.

— Bem, a senhora ficou mais de quinze minutos gelada. Se eu tivesse que chamar o médico, não sei como explicaria.

— Você viu a felicidade da Katerina? — perguntou Olga. — Ela estava mesmo deslumbrada.

— Bem, eles cresceram na mesma rua — sugeriu Pavlina. — Ele é como um irmão.

— Ela ama Dimitri, Pavlina — disse Olga. — Só hoje me dei conta disso.

Excepcionalmente, Pavlina não disse nada. Não havia necessidade.

* * *

Para Gourgouris, a falta de pontualidade de Katerina naquele dia mostrara que ela não era capaz de trabalhar na oficina e administrar a casa.

— Não foi uma boa ideia você voltar a costurar — anunciou ele na noite seguinte. — Pelo menos fora de casa. Há muito que fazer aqui.

Katerina balançou a cabeça, concordando. Era inútil discordar. Serviu uma concha de sopa na tigela do marido e adicionou uma colherada de creme. Desde que estivesse comendo, ele parecia não notar que ela mal falava e, entre um prato e outro, passava cada vez mais tempo na cozinha.

Todos os dias, quando não estava fazendo compras e preparando as lautas refeições que seu marido exigia, ela mergulhava na inconsciência do bordado.

De vez em quando ia visitar Eugenia, embora precisasse se assegurar de estar em casa a tempo de preparar a refeição da noite. Na volta, entrava na igreja de Agios Nikolaos Orfanos para acender velas para os Moreno.

Achava impossível rezar. Sempre que pedia a Deus para livrá-la de seu sofrimento, visualizava Gourgouris morto. Quando fechava os olhos, imagens do que fora encontrado nos campos de extermínio na Polônia davam voltas em sua mente, e saber que seu marido fora responsável por enviar pessoas para lá a enchia de um desejo de vingança.

Desejar a morte de alguém é o mesmo que assassinato, e saber que desejaria isso de novo da próxima vez que estivesse sozinha ajoelhada lhe dava a sensação de ser uma criminosa. Pedir perdão a Deus no momento mesmo da transgressão parecia um exercício sem sentido.

Decidir para que era certo ou errado rezar era tão difícil quanto decidir o que era certo ou errado naquela guerra permanente. Circulavam histórias de atrocidades, testemunhadas ou não, cometidas por ambos os lados. Katerina pensava em Dimitri.

Sem ter certeza se Deus ouviria, dado o ódio que explodia em seu coração, Katerina rezava por todos que estavam em perigo. Então voltava depressa para casa e obedientemente começava a preparar o jantar. A cada dia, as refeições que fazia ficavam mais elaboradas, e toda a arte que antes ela colocava no trabalho agora era desviada para a culinária. Ela cumpria com suas obrigações de forma impecável.

CAPÍTULO 27

Katerina não era a única mulher que precisava representar para se proteger. Olga Komninos tinha que fazer o mesmo. Nas últimas décadas, praticara muito. Desde os tempos de modelo, quando fora instruída a parecer recatada, esnobe, tímida ou majestosa (dependendo do estilo das roupas que estivesse desfilando), ela fingia ser outra pessoa. Quando voltara para a rua Niki e sua agorafobia se instalara, ela tivera que desempenhar outro papel, o de anfitriã perfeita.

Se seu marido descobrisse que Dimitri voltara e lhe contara sobre a carta de banimento, ficaria tão furioso que a segurança dela e do filho estaria ameaçada. Ela não achava impossível Konstantinos rastrear Dimitri, e não se permitia imaginar a ira dele contra ela por acolhê-lo em casa. Tudo isso dava a Olga todos os incentivos para agir como se nada tivesse acontecido.

Um período respeitável de luto já se passara desde a “morte” de seu filho, e Konstantinos Komninos decidiu que estava na hora de voltar a receber convidados em casa. Ele queria mostrar que tudo funcionava normalmente, apesar da agitação que ocorria no restante do país. Nos últimos meses, as forças do governo haviam avançado sobre os comunistas, e, para Konstantinos, só isso já era motivo de celebração.

— Convidei Kyrios e Kyria Gourgouris — disse ele a Olga.

Pobre Katerina, pensou Olga. Ela deve estar apavorada com a ideia.

Ela se perguntava se a jovem acharia estranho ir à casa como convidada, quando sempre fora como sua *modistra*. Lembrava-se de seu próprio mal-estar quando passara de modelo a anfitriã. Vendo pelo lado positivo, a lista de convidados incluía uma boa quantidade de pessoas bastante dogmáticas, e a timidez de Katerina provavelmente não seria notada.

Na noite daquele sábado, com dez pessoas à mesa, a maioria com a mesma visão política, a conversa foi dominada pela notícia da guerra civil. A guerra agora entrava numa nova fase nas montanhas de Grammos, que separam Épiro da Macedônia. No ano anterior, os comunistas haviam fortificado com sucesso a área, mas as forças do governo tinham atacado.

Havia dias travava-se uma batalha encarniçada, e os convidados, que liam a imprensa direitista da cidade, acompanhavam com interesse o relato diário dos acontecimentos. Um aspecto das reportagens que não era tendencioso, mesmo que o restante fosse, era o detalhe do apoio americano maciço que o governo agora tinha, o que lhe dava uma grande superioridade sobre os comunistas com artilharia, veículos blindados e força aérea.

Enquanto Komninos, Gourgouris e os outros convidados torciam pelo sucesso do Exército do Governo e pela derrota do Exército Democrático, Katerina e Olga imaginavam Dimitri pego no fogo cruzado, a vida dele em perigo.

Katerina trajava um novo vestido laranja-brilhante. A cor não lhe caía bem, mas Gourgouris a instruía a fazer o vestido. Ela rolava a comida pelo prato para disfarçar a falta de apetite e, de vez em quando, levava maquinalmente o copo aos lábios sem beber. Sua garganta estava tão fechada de tensão que não conseguia falar nem engolir. Ter Olga do outro lado da mesa partilhando cada um de seus pensamentos e medos era um grande consolo, assim como Pavlina, que ao fazer a troca de pratos servia uma quantidade bem pequena a Katerina. Sabia que a costureira não estava com ânimo para comer.

No fim do jantar, o grupo foi para a sala de estar e para a varanda. Nuvens de fumaça subiam no ar noturno, e copos de conhaque tilintavam em brindes comemorando antecipadamente a vitória do governo sobre os comunistas. Olga e Katerina por fim permitiram que seus olhares se encontrassem. Nenhum dos convidados notou a troca de compreensão e solidariedade entre as duas. Estavam muito ocupados brindando, enchendo novamente os copos e inclinando-se à frente para acender os cigarros uns dos outros.

Lá embaixo, as pessoas andavam na calçada, muitas de braços dados. Erguiam os olhos quando ouviam o barulho e a animação da mansão e viam o grupo dos ricos de Tessalônica *en fête*.

No céu, pendia um arco finíssimo de luz prateada. Em uma noite escura como aquela, de lua nova e sem nuvens, as estrelas pareciam infinitas. Olga e Katerina ficaram próximas, podendo trocar algumas palavras sem serem ouvidas.

— Consegue ver Órion? — perguntou Olga, olhando para cima. — Sabe que ele é o Caçador? Dimitri adorava apontar para essa constelação.

Ela deu um aperto tranquilizador no braço de Katerina e foi falar com

uma das outras mulheres que estava sozinha.

* * *

A vários quilômetros dali, nas montanhas de Grammos, a escuridão intensa daquela noite quase sem lua era uma vantagem para Dimitri. Com outros membros de sua brigada, ele tentava o impossível: mudar-se da área antes que fossem cercados. Embora, naquele breu, fosse difícil enxergar um caminho na paisagem desprovida de trilhas, era mais fácil para os soldados permanecerem escondidos.

Dimitri estava exausto. Fazia cinco dias que trabalhava o tempo todo sem dormir, cuidando dos feridos. Quem não tivesse agilidade suficiente para sair daquela situação se veria encurralado. Era uma viagem traiçoeira, mas havia um grande risco de eles serem fuzilados se fossem vistos.

* * *

Olga e Katerina passaram o restante do mês de agosto num estado de grande ansiedade, lendo os jornais e ouvindo o rádio, esperançosas e temerosas na mesma medida. Houve um ataque maciço a Grammos, onde doze mil membros do Exército Democrático ainda estavam escondidos. A ambição do Exército do Governo era a aniquilação total da oposição, e quando ficou claro que seriam derrotados, os líderes comunistas ordenaram que seus combatentes fugissem para a Albânia pelo único caminho ainda aberto para eles.

Quatro dias após o início da batalha final, os jornais anunciaram que o Exército do Governo tinha pleno controle da Grécia. A guerra civil chegara ao fim, e muita gente, incluindo Konstantinos Komninos, comemorava. Em outubro, foi assinado um cessar-fogo oficial.

As três mulheres que amavam Dimitri se encontraram logo depois disso na cozinha da rua Niki.

— Talvez a gente nunca saiba o que aconteceu com ele — disse Pavlina.

— Mas sempre saberemos que ele estava lutando por algo em que acreditava — respondeu Katerina.

Se Dimitri estivesse na Albânia, talvez um dia recebessem notícias dele. Se não estivesse, então teria sido caçado. Se estivesse morto, elas tinham que se conformar. Não havia nada que pudessem fazer para descobrir.

* * *

Observavam a cidade voltar ao normal aos poucos, e a vida para elas continuava como antes, pelo menos na superfície.

Katerina ficava a maior parte do tempo em casa e, a partir de seus livros de culinária, elaborava cardápios cada vez mais consistentes e generosos para o marido. Estava ficando menos difícil de encontrar ingredientes e havia carne e laticínios de qualidade disponíveis todos os dias no mercado.

Nas horas vagas, ela costurava colchas para os quartos de hóspedes. Como era raro hospedarem alguém, provavelmente ninguém veria aquilo, mas o prazer do trabalho era um fim em si mesmo.

As iniciais de Saul, Isaac, Elias, Roza e Esther Moreno, e um P de Polônia e Palestina, formavam um círculo em volta de uma pomba. Dava-lhe grande satisfação ler a única palavra que bordara: “S^{IEMPRE}”.

Ela não tinha muito conhecimento de ladino, mas sabia que significava “eternamente”, e o bordado mantinha viva a sua memória.

Com um padrão que misturava romãs e parreiras na borda, ela usava alguns dos símbolos mais importantes do judaísmo para criar um memorial para seus amigos. Enquanto passava quase uma hora sentada costurando no início de cada tarde, ela descreveria o seu estado não como feliz, mas como esperançoso. O rádio lhe fazia a companhia de que ela necessitava e sempre que ouvia uma canção de que gostava tentava decorar a letra. Sua atual favorita era “To Minore Tis Avgis”:

*Ksipna, mikro mou, ki akouse
Kpio minore tis avgis.*

Acorda, meu pequeno, e ouve
O tom menor do dia que amanhece.

A absoluta sinceridade e o páthos da música comoviam-na profundamente.

Em uma manhã de dezembro, ela fez uma de suas visitas regulares a Eugenia na rua Irini. O carteiro havia passado na véspera.

— Há uma carta para você — disse Eugenia sorrindo para Katerina. — De alguém que não sabe que você se casou. E não sabe escrever seu nome.

— Isso não é incomum — disse Katerina, pegando o envelope. — Ninguém consegue escrever Sarafoglou da forma correta!

Olhou as palavras “Kyria K Sarafolgaou”. Obviamente não era de sua mãe, que havia muito tempo não escrevia. Havia alguma coisa que chamava atenção a respeito do modo como seu nome fora escrito.

Katerina abriu a carta, pulando de entusiasmo e agitação.

— Eu imaginei! — disse triunfante ao tirar a carta do envelope. — É do Dimitri. Ele escondeu o nome de Olga no meu!

Imediatamente, recolocou a carta no envelope, quase dançando de alegria, e beijou Eugenia.

— Tenho que ir — disse. — Olga tem que receber esta carta agora.

Katerina abriu a porta e saiu correndo pela rua. Em todos aqueles meses em que superalimentara o marido, ganhara também alguns centímetros na cintura, e estava vermelha do esforço ao chegar.

Abraçou uma Pavlina desconcertada, mas deu a notícia em voz baixa. Sempre haveria a chance de que Konstantinos estivesse em casa.

— Pavlina! Dimitri está vivo. Onde está Olga? Tenho uma carta.

Olga estava no quarto quando Katerina irrompeu porta adentro.

— Veja! — gritou — Abra!

Sentaram-se na cama e Olga abriu a carta, as mãos trêmulas.

Minha querida mãe,

Diferentemente dos meus colegas combatentes, eu não atravessei a fronteira para a Albânia. Não passei esse tempo todo lutando para virar um exilado. Estava lutando porque amo o meu país. Neste momento, não sei o que isso significará para o meu futuro, mas queria que soubesse que estou vivo. Centenas dos meus bravos camaradas caíram à minha volta naquela montanha. Como eu, eles acreditavam estar lutando por uma causa justa. Sou um dos poucos felizardos.

Sou um homem procurado, portanto precisarei tomar muito cuidado no que diz respeito a vê-la, pelo seu bem e pelo meu. E, da próxima vez,

avisarei quando for. Não quero fazê-la correr o risco de ter um ataque do coração como da última vez!

* * *

— Ele se preocupa com o meu coração! — exclamou Olga. — Sinto que ele poderia explodir de alegria neste momento!

— Isso também seria perigoso! — disse Katerina sorrindo.

A carta terminava com a frase: “Por favor, mande o meu amor para a nossa governanta e para a *modistra*. Todas vocês são muito preciosas para mim.”

Não havia assinatura. Apenas a palavra *filia*, beijos, e só era possível identificá-la porque conheciam a letra dele. Ninguém era nomeado, e ninguém poderia ser incriminado.

Dimitri cumpriu com a palavra. Em poucas semanas, chegava outra carta na rua Irini. O suposto remetente era um hospital, e mais uma vez estava endereçada a Kyria K Sarafolgaou.

“A próxima consulta médica será quarta-feira, 25 de janeiro, às dez horas.”

No dia especificado, Olga, Pavlina e Katerina estavam sentadas cheias de ansiedade na cozinha quando ouviram um discreto toque na campainha. O relógio no patamar mostrava a hora quando Pavlina abriu a porta. Dimitri estava completamente diferente da última vez que o haviam visto. Continuava magro, mas agora estava barbeado e usava um casaco e um chapéu de feltro escuro.

Dimitri abraçou primeiro a mãe e depois Pavlina. Katerina ficou um pouco atrás, o coração palpitando.

— Katerina — disse Dimitri, tomando-lhe as duas mãos. — Senti sua falta.

Seu sorriso largo disse a ele o que precisava saber. Eles acompanharam Olga até a sala, onde se sentaram e começaram a conversar, conscientes de que era provável que Dimitri não se demorasse muito. Pavlina entrava e saía com café e os biscoitos *kourabia* que acabara de fazer. Eram os preferidos de Dimitri.

— Você está muito elegante! — disse Olga.

— É só um disfarce — explicou Dimitri. — Tenho uma identidade falsa

que diz que sou advogado, então preciso parecer um!

— Seu pai gostaria disso! — brincou Pavlina.

— Gostaria mesmo! — respondeu Dimitri. — Bem, isso é o mais próximo de um advogado que algum dia vou chegar. Como ele está?

A menção a Konstantinos Komninos mudou na mesma hora o clima na sala, lembrando-lhes que, oficialmente, Dimitri não existia.

— Na mesma — respondeu a mãe simplesmente.

Houve um silêncio constrangido.

— E, Katerina, me conte — perguntou Dimitri querendo mudar de assunto —, você continua fazendo as mulheres de Tessalônica parecerem deusas?

— Acho que não — disse ela, tentando soar alegre. — Meu marido prefere que eu fique em casa.

— Ah — exclamou Dimitri. — Isso parece um desperdício. Minha mãe disse que você era a melhor da cidade!

— Sim — concordou Olga. — É uma pena mesmo. Todo o talento de Katerina agora está trancado.

— Quando estávamos nas montanhas, as mulheres lutavam ao lado dos homens! Em pé de igualdade! Tenho certeza de que *elas* não seguem mais as instruções dos maridos...

Katerina sorriu para Dimitri.

— Bem, acho que a maioria dos maridos ainda espera que as mulheres lhes obedeçam.

Dimitri virou-se para a mãe.

— Você sabe que não posso ficar em Tessalônica. Não é seguro, e acho que é melhor para você eu não lhe dizer para onde vou — explicou.

— Você sabe o que é melhor, Dimitri. Desde que tenhamos notícias sempre que possível. Preciso saber que você está a salvo — respondeu Olga.

— Gostaria de levar algumas das minhas coisas — continuou ele. — Alguns livros de medicina. Quero voltar a estudar. Havia muitas coisas que eu gostaria de ter sabido quando estava nas montanhas. Um dia eu vou ter o diploma.

Ele se levantou.

— Katerina, vamos conversar comigo enquanto embalo as coisas — disse ele.

Ela foi atrás dele.

O quarto de Dimitri estava exatamente como era quase uma década

antes. Todos os seus livros estavam do jeito que os deixara, em semidesordem, uns abertos na mesa, outros empilhados. Fora assim que Olga instruíra Pavlina a deixá-los. Tudo estava sem poeira, mas a limpeza era feita com muito cuidado para deixar as coisas na mesma posição. Havia um dicionário médico, um crânio humano que ele se orgulhara muito de ter — alguns desenhos anatômicos estranhamente belos na parede e uma caneta em cima de um maço de notas. Destoando disso tudo, alguns objetos infantis permaneciam arrumados numa estante próxima — um ábaco e uma catapulta — e, encostado na parede, um velho bambolê.

Dimitri foi até a mesa e começou a revistá-la enquanto Katerina ficava ali parada, sentindo-se ligeiramente envergonhada.

De repente, ele se virou, segurando um dos brinquedos.

— Lembra quando a gente brincava na rua? Você e eu, Elias, Isaac e as gêmeas?

Ele a encarava, os olhos dele ardentes de paixão e fúria.

— Claro que me lembro — respondeu ela.

— O que fez tudo mudar, Katerina? O que aconteceu com aqueles anos? Aquelas pessoas?

O tempo e a crueldade eram parte da resposta, mas ela sabia que uma coisa não mudara. Amava Dimitri naquela época e continuava amando-o agora.

Segurando-a delicadamente pelos ombros, ele também se deu conta disso.

Dimitri vira muita destruição e muitas vidas desperdiçadas, muita brutalidade, medo e violência. Experimentara o ódio do pai e vira irmão se voltando contra irmão. Assistira a um país inteiro em guerra e nada disso fazia tanto sentido quanto aquele abraço.

Katerina também experimentara a própria guerra civil. Desde o momento que pusera os olhos na lista de nomes de inocentes traídos por Gourgouris, andara num estado de confusão. Ao sentir Dimitri tocar com delicadeza em seu braço com a cicatriz, ela soube com certeza que o amava. Viu-se inundada por uma inesperada sensação de paz.

E assim também foi com Dimitri. Ele sentiu a bondade dos lábios dela e toda a amargura dos últimos anos pareceu se dissipar.

Eles haviam esperado muito tempo por aquele momento e, agora, sem precisar de palavras, decidiram não deixá-lo passar. Que razão havia para resistir ao desejo?

* * *

Uma hora se passou e, dois andares abaixo, na cozinha, Pavlina estava ocupada embalando um farnel para Dimitri.

Olga sabia como Katerina se sentia em relação ao filho e, agora que vira os dois juntos, tinha certeza de que Dimitri se sentia do mesmo jeito. Sabendo que ele poderia não voltar tão cedo, ela queria que ficassem a sós.

— Ele está magro — disse Pavlina. — Onde quer que ele vá morar, espero que o alimentem direito.

— Acho que ele não se alimenta há anos — disse Olga. — Mas metade da Grécia também não se alimenta bem, não é verdade?

Ela observou Pavlina encher uma caixa até a borda com pacotes de queijo, *dolmadakia* — folhas de parreira recheadas —, *tiropita* — tortas de queijo — e frutas secas.

— Tem certeza de que ele vai conseguir carregar tudo isso? — Olga riu.

Finalmente Dimitri desceu, acompanhado de Katerina. Com aquela silhueta magra e uma pasta escolar velha cheia de livros a tiracolo, ele aparentava ter dez anos a menos que os seus trinta e dois. Era como se estivesse saindo para um dia na universidade.

— Dimitri! — chamou Olga com a voz embargada. — Você já está indo?

Dizer adeus nunca parecia fácil.

— Sim, preciso ir. Ninguém que tenha lutado pelo Exército Democrático está seguro, mas prometo manter contato. Sou quem mais quer voltar para essa cidade...

— Não sei o que vamos fazer em relação ao seu pai — disse Olga.

— Nem eu — disse Dimitri. — Nem eu.

Os dois sabiam que o verdadeiro inimigo de Dimitri estava em sua própria família, dentro de sua própria casa.

Pavlina e Katerina recuaram enquanto mãe e filho se abraçavam. Dimitri pegou a caixa marrom que Pavlina amarrara caprichosamente com barbante, beijou cada uma das mulheres na testa e foi para o saguão. Não podia mais retardar a partida.

Pavlina abriu a porta e olhou para um lado e para o outro.

— Você está seguro — relatou. — Não tem ninguém por perto.

Dimitri saiu e não olhou para trás. Dois minutos depois, Katerina partiu

para o lado oposto. Era hora de começar as compras para a refeição da noite.

Ela planejava fazer uma sopa de ovos e limão, berinjelas assadas com queijo feta, perna de cordeiro com feijão branco e bolo de nozes com calda. Haveria *loukoumi*, iguaria grega, preparada no dia anterior.

Havia muitos meses que ela observava a barriga do marido aumentar. Além do bordado que fazia quando ele não estava em casa, ela só pegava a agulha para alargar o cós das calças do marido.

Havia alegria em seu coração enquanto cozinhava. A carne estava marinando na gordura e no próprio suco, exatamente como Gourgouris gostava, e ela começou a preparação dos pratos com entusiasmo. Ovos e queijos gordurosos, açúcar, azeite e toucinho eram bem inocentes em pequenas quantidades, mas, nas proporções que os usava, estava preparando o ambiente perfeito para a falência coronariana. Naquele momento, o único efeito aparente dessas refeições gordurosas era induzir ao sono quase instantâneo, mas, silenciosamente, obstruindo as artérias, elas trabalhavam para outro objetivo. Katerina dizia a si mesma que só estava satisfazendo os desejos do marido.

— Preciso me deitar antes do jantar — disse ele bruscamente. — Mas quer pôr logo a comida na mesa, querida?

Lentamente, arrastou-se escada acima, um degrau de cada vez. Uma hora depois, o jantar estava pronto e ele desceu para comer. Fazia uma pausa entre as garfadas e até levar o garfo à boca parecia deixá-lo sem ar.

A felicidade de Katerina não a deixava. Nem quando foi visitar Eugenia e não encontrara carta de Dimitri ela ficou triste. Podia tolerar a passagem do tempo quando sabia que ele voltaria um dia, pois não havia a menor dúvida de que voltaria.

Seis semanas depois da visita de Dimitri, Katerina percebeu que, como a do marido, sua cintura também estava aumentando num ritmo alarmante. Seus seios também tinham crescido.

— Você deve estar grávida — disse Eugenia, sorrindo. — Tenho certeza.

— Mas Grigoris vai saber que não é dele — exclamou Katerina — Há meses e meses não fazemos amor! Ele sempre desmaia antes de eu ir me deitar...

— Vamos dar um jeito — disse Eugenia sorrindo. — Mas, no seu lugar, eu não falaria sobre isso com ninguém. Ao menos por algum tempo.

Nos dias que se seguiram, o ânimo de Katerina para preparar refeições

diminuiu e a náusea tornou-a intolerante a tudo, exceto pão mergulhado em azeite. Apesar disso, cozinhou com uma determinação cada vez maior. Torta de queijo e espinafre, carne recheada com haloumi e *bougatsa* — doces repletos de creme de confeitiro — estavam entre as preferências do marido, e ela queria satisfazer o apetite dele.

Certa noite, Katerina fez uma refeição com menos gordura do que de costume. Serviu peixe como prato principal e esqueceu as batatas. Até a sobremesa foi delicada: morangos polvilhados de leve com açúcar e uma bolacha fininha.

— Você botou o Grigoris de dieta? — perguntou o marido, acenando com o biscoito. — Acha que Kyrios Gourgouris está ficando um pouquinho forte?

Ele esfregava a barriga gigantesca ao dizer isso, mas Katerina se limitou a sorrir docemente e dizer:

— Só pensei em dar uma variada.

Quando foi se deitar naquela noite, Gourgouris não adormeceu na velocidade habitual e, ao se despir no quarto de vestir, Katerina não escutou barulho de ronco. Vestiu a camisola bordada para a noite de núpcias, entrou no quarto e, deixando a lâmpada da cabeceira acesa para ele poder ver o brilho do tecido claro, deitou-se ao seu lado.

Sentiu a mão dele levantando a seda em suas pernas e então, sem conversa, ele rolou para cima dela. Quase sufocada, ela nem podia gritar. Não tinha fôlego. Então, exatamente na hora da penetração, o peso esmagador ficou inerte.

Percebendo que estava presa sob um imenso corpo sem vida, cuja inércia o tornava ainda mais pesado, ela entrou em pânico. A convicção de que ela agora tinha todos os motivos para viver infundiu-lhe uma força quase sobre-humana, suficiente pra dar um empurrão em Gourgouris. Ela conseguiu sair de debaixo dele.

A primeira coisa em que pensou foi na segurança do bebê. A segunda foi em como disfarçaria a alegria pela morte de Gourgouris.

Quando se vestiu e se controlou, foi à casa de um vizinho pedir ajuda. Em menos de uma hora, o médico chegara e confirmara a morte de Grigoris Gourgouris. A causa fora falência coronariana aguda, bastante comum num homem da idade dele e obeso. Seu coração fora uma bomba relógio.

Katerina dormiu o restante da noite no quarto de hóspedes, embaixo da bela manta que bordara em memória de seus amigos e, na manhã seguinte, o

corpo de seu finado marido foi recolhido.

Katerina fez tudo que se esperava dela. Usou preto dos pés a cabeça e respondeu às cartas de pêsames que recebeu. Houve um funeral a que compareceram dezenas de funcionários da oficina, muitos clientes e Konstantinos Komninos. Todos comentavam o estoicismo dela. Era uma forma de explicarem a si mesmos por que a viúva não chorava.

Alguns dias depois, foi lido o testamento. Katerina soube que o sobrinho de Gourgouris, que administrava a oficina em Larissa, deveria assumir a empresa de Tessalônica. O testamento especificava que o mesmo sobrinho devia ficar também com a casa da rua Sokratous.

O advogado olhou por cima dos óculos para julgar a reação dela. Não era incomum um homem deixar seus bens para um membro masculino da família se não houvesse filhos nem herdeiros, mas ele achou um pouco duro que a jovem fosse despejada de sua casa.

Ela parecia impassível, o que ele considerou muito digno.

— Ah — disse. — Há mais uma coisa.

Ele estava sorrindo para ela como se fosse uma criança que precisasse ser consolada.

— Ele especificou que o sobrinho lhe pague um salário anual com base nos ganhos de uma *modistra* em meio expediente.

Katerina teve um desejo avassalador de rir dessa demonstração de mesquinhez, mas era importante esconder seu estado de espírito daquele homem pernóstico que olhava para ela do outro lado da mesa.

— Obrigada — disse. — Mas não precisarei disso. Até quando tenho permissão de ficar na casa?

— Até um mês a contar da morte de seu marido — respondeu ele, olhando para o documento.

— Ótimo — disse ela. — Sairei antes do fim da semana.

Ele estava intrigado com aquela mulher que fora tratada de forma tão indigna e, no entanto, não parecia se importar.

— Acho que devo ter deixado muito a desejar como mulher — disse, sentindo a curiosidade dele. — Mas ele também deixou muito a desejar como marido.

Com isso, levantou-se e saiu da sala. No fim do dia, sua mala estava feita e a casa da rua Sokratous, trancada. Além de alguns vestidos, ela levara a colcha e sua máquina Singer. Era tudo de que precisaria. Com passos leves, foi até a rua principal e encontrou um táxi para levá-la à rua Irini. Eugenia

estava lá para recebê-la.

Embora sua gravidez começasse a ficar evidente, a náusea passara e ela nunca se sentira tão feliz nem mais cheia de vida.

— Eu gostaria de poder usar uma coisa mais alegre — disse a Eugenia.

Sentia as roupas de luto ásperas e sem vida na pele.

— Acho que você devia usar preto por mais algum tempo — aconselhou Eugenia. — Do contrário, vai parecer precipitado.

O conselho de Eugenia era sensato. Numa cidade tão conservadora, era importante Katerina ser identificada como viúva. Assim, ninguém faria perguntas sobre a paternidade de seu bebê.

Katerina preencheu os últimos meses de sua reclusão costurando para a criança que ia nascer: toucas, babadores, camisas, vestidos, jaquetas, mantas. Tudo era feito à mão e personalizado.

Quando estava sozinha, cantava para o bebê. Talvez mil vezes a letra de sua canção preferida tenha ressoado no ar com o significado novo que sua condição lhe dava.

“Acorda, meu pequeno, e ouça
O tom menor do dia que amanhece.
Esta canção foi feita para você
Com o pranto e a alma de alguém.”

Tão logo notaram a mudança em suas formas, as pessoas passaram a se mostrar mais solidárias e preocupadas com ela.

— Que tragédia — diziam — ser uma viúva grávida.

Nas últimas semanas de gravidez, ela passava muitas horas sentada à porta de casa com Eugenia, aproveitando o calor suave do início do outono na sossegada rua calçada de pedras. A seus pés havia um cesto de tecidos de algodão de cores diferentes, pacotes de agulha e pedaços de fita e renda. As duas estavam empenhadas em ter tudo pronto a tempo.

Eugenia tecera uma manta em tons pastel e agora estava fazendo uma borda decorativa de crochê.

— Tudo pronto — disse. — Isso deve deixá-lo quentinho. Você sabe como esses invernos úmidos podem ser.

A futura mamãe pousou o bordado, fechou os olhos e virou o rosto para o sol.

Apesar de sua pele lisa e sem rugas, Katerina tinha olheiras tão negras quanto as roupas de luto que a envolviam dos pés à cabeça. Pegou o vestidinho que descansava em seu colo e retomou a tarefa. Com um pedaço de linha azul, acrescentou o toque final ao motivo da pala. Era uma borboletinha, e tudo que faltava fazer eram as antenas. E então estaria perfeita.

— Pronto — disse, num tom peremptório. — Vou entrar para descansar.

Deu a Eugenia um sorriso de cumplicidade que transbordava de alegria e expectativa.

— Algo me diz que não vai demorar — acrescentou.

No dia seguinte, cinco de setembro de 1950, o bebê nasceu. Ela lhe deu o nome de Theodoris — “Presente de Deus”.

CAPÍTULO 28

Katerina exultava, sabendo que seu lindo menino de cabelos sedosos pertencia ao homem que amava. Pavlina engasgou ao vê-lo pela primeira vez.

— É a cara do pai — disse. — Exatamente como Dimitri era quando nasceu.

Durante os quarenta dias regulamentares que ela passou em casa com o recém-nascido, algumas das *modistras* da oficina Gourgouris foram à rua Irini admirá-lo e levar presentes confeccionados por elas.

— Que pena o pai não estar aqui para vê-lo — lamentaram.

— Sim — concordou Katerina, com um sorriso tão misterioso quanto o da Mona Lisa.

Pavlina também levou presentes de Olga.

— Será que nem o nascimento de um neto consegue tirá-la de casa? — perguntou Eugenia.

— Infelizmente, não — respondeu Pavlina, séria. — Se quer saber, só uma coisa vai fazer com que ela saia algum dia daquela casa, e vai ser o caixão. Mas ela manda o carinho dela, junto com esses presentes. E sei que ela está esperando que você vá vê-la assim que puder.

Katerina aproveitou todos os momentos desses dias, quando tinha pouco que fazer senão atender às necessidades do recém-nascido. Dias inteiros se passaram durante os quais ela não fez nada senão amamentá-lo e segurá-lo no colo, e, quando ele dormia, ela costurava para ele, bordando seu nome em todas as roupas. Eugenia, que ainda tecia em casa, estava sempre presente para ajudar e fazer companhia.

Elas estavam juntas na rua Irini quando chegou a carta de Dimitri. Fora escrita havia algum tempo, e, como as outras, estava endereçada a Katerina, mas, dessa vez, sem nenhum erro de ortografia no sobrenome. Quando ela viu o endereço no alto, ficou gelada.

Makronisos.

Tratava-se de uma ilha árida na costa da Ática usada como gigantesco campo de prisioneiros pelo governo para presos comunistas. Tinha uma

reputação terrível de crueldade, e histórias sobre o tratamento bárbaro que os detentos recebiam circulavam havia algum tempo.

Querida Katerina,

Sinto muito não ter escrito antes para lhe dizer onde estou. Como verá pelo endereço desta carta, fui preso há alguns meses. Não tenho nada para lhe contar a não ser que a amo e sinto a sua falta e a imagem que levo de você em minha mente é tudo que me sustenta.

Pode fazer o favor de dar esta notícia com delicadeza à minha mãe junto com meus beijos para ela e Pavlina?

Dimitri

A carta tinha um tom triste de resignação. Todos sabiam sobre Makronisos e as condições atuais do lugar. O governo não fazia segredo de como a ilha era usada, porque queria que os “traidores” comunistas enviados para lá servissem de exemplo. Mas não divulgava até onde chegava para arrancar confissões de seus prisioneiros. Tais detalhes só eram revelados por aqueles que concordavam em renunciar a suas convicções comunistas e eram então libertados.

Quando os amantes e os românticos iam contemplar o pôr do sol em Sounion, o templo mais inspirador e mais dramático de sua terra, eles se viam olhando para uma ilha cinzenta e pedregosa, onde nada parecia viver ou se mexer. Era a ilha de Makronisos.

A paisagem já era quase suficiente para desanimar qualquer pessoa enviada para lá. Muitas delas eram professores, advogados e jornalistas, pouco afeitos a tais condições. Embora o governo afirmasse que era um campo para os que tinham uma orientação equivocada, o lugar era sinônimo de violência e tortura. Além de trabalho forçado, quando os prisioneiros eram obrigados a executar tarefas sem sentido e extenuantes, como construir estradas que nunca seriam usadas, havia também tortura física e mental sistemática, desde surras com barras de ferro a privação de sono e confinamento em solitária.

O objetivo do governo em todos os casos era arrancar um *dilosei*, uma renúncia pública, e, para conseguir o que queria, usava qualquer técnica de lavagem cerebral ou tortura. Não era segredo que a ilha era um enorme centro de reabilitação, com até dez mil soldados reformados detidos ali.

Às vezes, as pessoas nem duravam o suficiente para “se arrepender”. Vivendo aos milhares em tendas improvisadas, chegando à loucura de tanto passar fome e sem água suficiente, elas morriam vitimadas por enfermidades e doenças.

O tom cauteloso da carta de Dimitri bastou para indicar que havia sido censurada, mas dizia o suficiente a Katerina.

— Devo falar com Olga — disse. Estava na hora de levar Theodoris para a primeira incursão ao mundo, e quem seria mais adequada para receber sua visita do que a avó? — Você vem comigo, Eugenia? Talvez eu precise de mais alguém para dar a notícia.

— Claro, minha querida. Vamos hoje à tarde?

Às três horas, elas chegaram na rua Niki.

Pavlina estava empolgada por tê-las ali e falava com voz suave, e alvoroçando-se para o bebê como se fosse a primeira vez que o via. O volumoso carrinho foi deixado no saguão e Theodoris foi levado no colo escadaria acima com grande cerimônia para conhecer a avó.

Olga apertou as mãos de pura alegria e ficou uma hora segurando o bebê adormecido nos braços, olhando para ele e exprimindo sua felicidade diante da semelhança familiar.

— Pavlina, pegue as fotos de quando Dimitri era bebê!

Embora fossem retratos de estúdio feitos quando ele tinha pelo menos um ano e já se sentasse, havia uma nítida semelhança entre Dimitri e o bebê que dormia em seus braços.

— Ele é lindo — elogiou Olga, sorrindo para Katerina. — Eu queria que soubéssemos onde Dimitri está. Não seria maravilhoso contar a ele?

Katerina trocou olhares com Eugenia, que estava sentada em frente a elas com certa rigidez numa cadeira reta. Não podia adiar mais.

— Recebi uma carta — disse Katerina, tirando o envelope do bolso. — Acho que ele foi preso.

— Preso! — exclamou Olga. — E para onde o mandaram?

Katerina entregou-lhe a carta.

— Você sabe o que eles fazem lá, não sabe? — disse sem forças. — Tentam dobrar as pessoas e fazê-las renunciar às suas convicções.

— Eu sei — disse Katerina. — Mas pelo menos sabemos que ele está vivo.

— Nunca vão conseguir fazer Dimitri assinar uma *dilosei* — disse Olga com firmeza. — Mesmo se passar o resto da vida lá, ele vai recusar. É a

pessoa mais teimosa do mundo. E veria isso como uma vitória do pai.

— Ele deve fazer o que acha certo — concluiu Katerina.

Pavlina entrara na sala para lhes trazer um chá de hortelã e ouvira, horrorizada, a conversa.

— Mas há algo que pode fazê-lo mudar de ideia — sugeriu.

As três olharam para ela e Pavlina olhou para o bebê.

— Não! — exclamou Katerina. — Não quero que ele saiba sobre Theodoris.

— Concordo com você — disse Olga. — Imagine o dilema que enfrentaria. Ficaria dividido.

— E esses homens que voltam para casa tendo renunciado às convicções, eles ficam vazios. O marido de uma mulher que eu conhecia na fábrica assinou uma renúncia e foi libertado — comentou Eugenia. — Mas a mulher diz que ele não é o mesmo homem. Não consegue arranjar emprego nem nada, e passa o dia sentando em casa, com raiva do que teve que fazer.

— Não consigo suportar pensar no Dimitri assim — arrematou Katerina.

— Quem ele seria se fosse despido de suas convicções? Não sei se conseguiria conviver consigo mesmo — refletiu Pavlina.

— Você precisa escrever contando a ele que Gourgouris morreu — disse Olga. — Pelo menos essa notícia vai dar a ele algum motivo para ter esperança.

— Sim, vou fazer isso logo — disse Katerina.

Meses depois, Dimitri recebia a carta de Katerina e respondeu declarando abertamente o seu amor por ela. Os censores permitiam tais cartas, achando que as relações fora da prisão poderiam apressar a assinatura de uma *dilosei*.

Ele também descreveu como estava trabalhando na construção de uma versão em miniatura do Partenon em Makronisos. “Ele representa o espírito de alegria e adoração à *patrida* que todos sentimos com tanta força aqui”, escreveu ele.

Katerina sempre partilhava as cartas dele com Eugenia, e ambas fizeram uma careta diante daquele sarcasmo. Elas haviam lido que os habitantes de Makronisos eram obrigados a trabalhar em tais reproduções de monumentos clássicos como parte de sua reabilitação. Sabiam que tal atividade só faria Dimitri desprezar ainda mais as autoridades.

A troca de cartas era lenta, mas, como nenhum dos dois podia contar a verdade, pouco tinham a dizer. Alguns meses depois, as cartas de Dimitri

pararam de chegar de Makronisos.

Fomos transferidos para Giaros, uma ilha menor a alguns quilômetros de Makronisos. Não há muito mais a dizer. As condições são as mesmas da ilha anterior. Os prisioneiros e os guardas são os únicos habitantes.

Quando Theodoris tinha quase dois anos, Katerina retomou a carreira de *modistra*, visitando suas clientes para as provas à tarde enquanto Eugenia cuidava de seu filho. Um pequeno anúncio fora suficiente para lhe trazer de volta uma enxurrada de clientes antigas e, mais uma vez, sua fama de melhor costureira de Tessalônica disparou.

— Por que não usa a minha casa antiga como seu ateliê? — sugeriu Olga, cuja casa na rua Irini estava vazia havia anos. — Você não tem nem onde cortar o tecido.

Olga estava certa. Com Theodoris para cuidar e o tear de Eugenia, a casa ficara muito apertada. A Singer de Katerina mal cabia na mesa da cozinha.

Num dia quente do fim do verão de 1952, Pavlina chegou na rua Irini com a chave do número 3. Juntas, elas limparam e tiraram o pó da casa, e mudaram móveis de lugar para preparar o ateliê de Katerina.

— Como está Kyria Komninos? — perguntou Katerina enquanto trabalhavam.

— Está bem, obrigada — respondeu Pavlina. — Mas Kyrios Komninos não está tão bem.

Katerina não conseguiu fingir interesse. Pareceria hipocrisia.

— Kyria Komninos diz que é ridículo alguém da idade dele trabalhar como ele trabalha. Ouvi ela falando com ele semana passada. Ele tem oitenta anos, sabe, mas parece ter cem! “Bem, eu não tenho culpa se não há ninguém para assumir o negócio, não é?”, ele diz. E eu gostaria de dizer: “Sim, na verdade há! Dimitri não está aqui agora por sua culpa.” Mas, de qualquer forma, eu não disse. Fiquei quieta. Aquele homem está trabalhando demais, está se acabando. Tem uma aparência péssima também. Muito pálido, magro como um alfinete. Você nem iria reconhecê-lo.

Katerina nada disse.

CAPÍTULO 29

Duas semanas depois, Konstantinos Komninos teve um AVC em sua mesa de trabalho e morreu na hora.

Houve um grande funeral, para o qual deixou instruções em seu testamento. Cinquenta *stefania*, enormes coroas de cravos brancos foram encostadas do lado de fora da igreja de Agios Dimitri com mensagens de pêsames do prefeito aos membros seniores do Conselho Municipal, dos principais líderes empresariais de Tessalônica e muitas outras pessoas de renome da cidade. Após uma cerimônia executada com pompa e circunstância, ele foi enterrado no cemitério municipal entre o pai e o irmão.

— Pensei que Kyria Komninos só sairia de casa para ir ao próprio funeral, mas sabe de uma coisa? Lá estava ela no do marido. Com tudo o que aconteceu, sempre achei que ela morreria primeiro — tagarelava Pavlina —, mas alguma coisa lhe deu força de vontade para continuar vivendo. E você sabe o que acho que foi?

Katerina confirmou com um gesto de cabeça. Entendia a força do amor de Olga pelo filho e agora pelo neto também.

Em Giaros, Dimitri recebeu uma carta da mãe contando que o pai morreria. Por um momento, ele simplesmente sentou e ficou olhando para a carta. Deixar aquela ilha abandonada poderia ser um tipo de libertação, mas, naquele momento, ele sentia uma libertação ainda maior. Seu ódio pelo pai fora um grande fardo, mas isso agora era tirado de cima dele.

A decisão de assinar uma *dilosei* não foi tomada levianamente. Ele sempre acreditaria que o Exército Democrático lutara pela causa certa, mas seu desejo de reencontrar as pessoas que amava superava qualquer outra questão.

Embora milhares já tivessem assinado, os guardas ficaram surpresos quando Dimitri se voluntariou para fazê-lo. Sua retratação era inesperada e não foi feita sob coerção.

Ele observou sua mão pegar uma caneta para assinar a declaração como se ela pertencesse a outra pessoa, e seu sentimento de alheamento crescia à

medida que a pena se movimentava na página.

“Fui desencaminhado pelos comunistas e estou decepcionado. Renuncio à organização como o inimigo da pátria, de cujo lado estou.”

A única coisa que ele temia era que sua declaração fosse publicada nos jornais de Tessalônica. Era de praxe os detalhes de uma *dilosei* serem publicados na imprensa local do signatário. Uma vez que todos o imaginavam morto, ele estava ansioso para ver o efeito que isso causaria em sua mãe e na mulher com quem desejava passar o resto da vida.

Enquanto a tinta secava, ele ergueu os olhos e seu olhar cruzou com o do oficial. Dimitri lembrou-se de que aquele oficial contraíra tifo na epidemia que houvera em Makronisos, quando ele oferecera suas habilidades médicas para cuidar dos doentes.

Embora tivesse passado dias delirando, o oficial ainda se lembrava do rosto de Dimitri.

— Então em breve vai embora — disse secamente. — Já era hora de usar o seu treinamento médico devidamente.

— Não vou conseguir fazer nada se o senhor publicar minha retratação, não é?

— É verdade. Isso tende a arruinar uma carreira... Ser um comunista.

— Ou mesmo ex-comunista — sugeriu Dimitri.

Ele podia notar o oficial amolecendo.

— De onde você vem?

Esses detalhes forneceria as informações que permitiria ao governo divulgar a declaração no âmbito local.

— De Kalamata. Adrianou, número 82.

Foi o primeiro endereço que lhe veio à cabeça.

— Não é o que diz aqui — disse o oficial.

— Minha família se mudou — retrucou Dimitri com firmeza.

O oficial olhou para ele e piscou. Riscou o endereço anterior, escreveu o “novo” no arquivo e depois assinou um formulário, que passou para Dimitri.

Tão logo chegou ao continente, ele enviou cartas à mãe e a Katerina. Queria que elas estivessem cientes do seu regresso.

Alguns dias depois, estava de volta à sua cidade. Desde sua última visita, sentia-se ali uma nova prosperidade. Nas confeitarias, havia montanhas de *trigona*, os doces triangulares, e os cafés das calçadas estavam cheios de gente tomando chá de hortelã e café. O cheiro de pão assando nos *fornos* e de flores nas vendas substituíra o cheiro do medo.

Ele foi direto para a rua Niki e tocou com força a campainha. Não havia ansiedade nessa visita. Olga ficou deslumbrada ao vê-lo. Eles passaram uma hora conversando, sentados lado a lado no sofá.

— Não é um problema meu pai ter contado às pessoas que eu estava morto? — perguntou.

— Bem, não houve atestado de óbito. E, se precisarmos, podemos provar que a carta que eu recebi era falsa.

— Não quero ser tratado como um fantasma pelo resto da vida.

— Vamos dizer que foi um feliz engano — decidiu ela. — Acho que Katerina deve estar esperando por você. Deve ir agora.

Ainda fraco por causa da má alimentação em Giaros, ele não conseguiu correr para a rua Irini como desejava. Só conseguiu andar depressa.

Era primavera, o mês de floração das amendoeiras, e ele arrancou um ramo de flores pouco antes de chegar. A porta estava aberta quando chegou, e ele pôde ouvir vozes.

Ao entrar, deparou-se com uma cena inesperada: Katerina sentada à mesa ao lado de um menino de cabelos escuros que se empenhavam em alimentar.

Tão logo viu Dimitri, largou o garfo e se levantou. O menino se virou para ver aonde ela tinha ido.

— Olá, Katerina — cumprimentou Dimitri, entregando-lhe as flores.

— Dimitri...

Falaram como se Dimitri estivesse voltando depois de alguns dias fora e, enquanto se abraçavam, o menino saiu de debaixo da mesa e começou a puxar a saia de Katerina.

— Mamãe!

— Você não me contou que tinha um filho... — disse Dimitri.

— Este é Theodoris — disse ela, sorrindo para ele. — Diga olá, *agapi mou*.

Dimitri estava se adaptando à visão de Katerina como mãe. Era muito estranho ela não ter mencionado nada nas cartas.

— Ele devia ser muito pequeno quando seu marido morreu.

— Ele nem tinha nascido.

Katerina fez uma pausa e levantou a criança.

Dimitri e Theodoris se olharam nos olhos e então o menino enterrou o rosto no ombro da mãe, vencido pela timidez.

— Theodoris é seu, Dimitri.

— *Meu!?* — exclamou Dimitri, estupefato.

— Sim — respondeu Katerina. — Este é o seu filho.

— Mas...

— Não há dúvida — disse ela. — Ele não poderia ser de mais ninguém.

A confusão de Dimitri se transformou em alegria quando digeriu a notícia.

De volta à mesa da cozinha, com Theodoris no colo de Katerina, Dimitri pegou a mão dela e os dois começaram a conversar.

— Mas você não contou nada nas cartas. Nem uma palavra!

— Fiquei preocupada. Achei que isso poderia fazer você voltar antes de estar preparado. Então pareceu melhor não contar — explicou Katerina.

— Katerina *mou*. Muito obrigado. Precisei esperar até meu pai morrer, mas se tivesse sabido sobre Theodoris teria sido bem mais difícil. Você agiu bem.

Ele estava quase esmagado pela intensidade do amor que sentia por aquela mulher, um sentimento que ficava ainda mais profundo quando pensava no autocontrole dela.

Dimitri segurava as mãos de Katerina, mas não conseguia tirar os olhos do filho, que brincava sentado no chão ao lado deles. Não havia como negar a grande semelhança.

— E eu não poderia ter dado a ele o nome do seu pai. Theodoris pareceu certo — disse ela sorrindo para Dimitri, que sorria para o filhinho.

— Presente de Deus — arrematou Dimitri. — É um nome perfeito.

Os dois passaram a hora seguinte sentados falando sobre o futuro.

O estigma de ter lutado com os comunistas pairaria sobre Dimitri por muito tempo, e ele relutava em marcar Katerina e o filho.

— Nada que você disser vai me impedir de casar com você — assegurou-lhe Katerina.

— Eu não vou receber atestado de probidade. Você se dá conta disso? — perguntou ele.

O Atestado Nacional de Probidade era necessário para empregos públicos, e, sem isso, Dimitri não conseguiria continuar seu treinamento médico nem trabalhar num hospital. O governo direitista não estava facilitando a reintegração na sociedade de ninguém que havia lutado com os comunistas.

— Vamos dar um jeito — disse Katerina. — E sei que sua mãe vai nos ajudar.

— Não posso aceitar a herança do meu pai — disse Dimitri. — Nem uma dracma.

— Bem, então vou ganhar dinheiro suficiente para sustentar a gente — disse Katerina. — E com a quantidade de trabalho que tenho, teremos uma vida confortável.

Dois meses depois, quando os documentos de identidade de Dimitri estavam novamente em ordem (a única vez em que ele precisou aceitar qualquer ajuda da mãe, tão exorbitante foi a quantia exigida), o casamento se realizou.

Pela segunda vez, Eugenia e Pavlina eram convidadas do casamento de Katerina, mas dessa vez Olga também foi. O *koumbaros* — o padrinho — foi Lefteris, o melhor amigo de Dimitri desde a universidade. Foram enviados convites a Sofia e Maria, mas ambas tinham dado à luz recentemente e não tinham condições de estarem presentes, e Katerina também escreveu uma carta a Zenia, em Atenas, convidando-a para vir, mas nunca teve resposta.

Katerina fizera para si um vestido precioso de *crêpe de Chine* com um véu debruado de pérolas, e um terninho branco para Theodoris com gola de marinheiro. Dimitri ainda entrava no terno feito para ele quando tinha dezoito anos, embora Katerina tenha precisado adaptá-lo para melhorar seu caimento. A pequena família foi andando para a Agios Nikolaos Orfanos, onde Katerina rezara tantas vezes. Deus não atendera a todas as suas preces, mas, em pé na igreja naquele dia, ela sentiu que um milagre se realizara.

O padre surpreendeu-se quando o grupo de sete pessoas chegou e observou pacientemente cada um deles pegar um punhado de velas e as acender.

Os nomes das pessoas da família Moreno — Saul, Roza, Isaac e Esther — foram repetidos baixinho várias vezes, e eles rezaram por Elias, torcendo para que, em algum lugar do mundo, ele pelo menos estivesse vivo e carregando o nome da família.

Katerina rezou também pela saúde de sua mãe e de sua irmã. Um dia, ela tentaria ir a Atenas vê-las.

Cinco minutos de silêncio se passaram. Eles precisavam desse tempo para refletir sobre tudo o que se passara. Quando todos estavam prontos, o padre começou a recitar:

“*Evlogitos o Theos imon, pantote*

*Nin ke ai ke is tous eonas ton eonon.
En irini tou Kyriou deithomen.”*

Pela primeira vez em uma década, o país estava em paz. Talvez um milhão de pessoas tivessem morrido nos últimos dez anos, durante a ocupação e a guerra civil. Centenas de aldeias haviam sido incendiadas e milhares ficaram desabrigados, mas Katerina e Dimitri naquele dia marcavam um novo começo.

CAPÍTULO 30

Ainda persistiam sentimentos anticomunistas no governo, mas pelo menos Katerina, Dimitri e o pequeno Theodoris podiam levar algo parecido com uma vida normal. A produção em massa de roupas em fábricas começava a decolar, e, embora uma vez ou outra fizesse um vestido de noiva, Katerina estava feliz de deixar a moda para trás e começar uma nova atividade. Juntos, ela e Dimitri montaram uma empresa e a batizaram de “Móveis e Decoração para a Era Moderna”. Contrataram um marceneiro e faziam as próprias cadeiras e sofás, que Katerina estofava com alguns dos novos tecidos sintéticos laváveis.

No ano seguinte, Katerina estava grávida de novo, e, quando o bebê nasceu, deram-lhe o nome da mãe de Dimitri. Seis meses depois, as duas crianças foram batizadas. Cresceriam cercadas de pessoas que as adoravam.

* * *

A morte do marido libertara Olga. Muitos anos depois do nascimento de Dimitri, um médico diagnosticara que ela havia sofrido de depressão pós-parto, e, ainda que fosse levar a vida toda para se recuperar completamente da agorafobia, pelo menos agora ia de vez em quando à rua Irini. Enchia as crianças de mais afeição que a maioria das avós. Theodoris e Olga iam todos os dias à rua Niki quando voltavam da escola e eram sempre mimados com pratos de bolo e biscoitos fresquinhos feitos por Pavlina. A velha governanta estava muito fraca para ir à rua Irini, mas cozinhou para eles até morrer, aos noventa e cinco anos. Em seu funeral, Theodoris e a pequena Olga viram adultos chorarem pela primeira vez. Pavlina era parte da vida deles.

As duas crianças também eram próximas da outra *yiayia*, Eugenia, e nunca fora oportuno explicar que ela não era de fato avó deles. Com os pais trabalhando duro o dia inteiro, a velha senhora mantinha a casa funcionando e em perfeita ordem. Às vezes, ia passar algumas semanas com Sofia ou Maria

(que a essa altura tinham somados nove filhos), mas sempre ficava feliz de voltar para a relativa tranquilidade da rua Irini.

Aos domingos, toda a família, com as duas avós, costumava ir ao seu café preferido, o Assos, na orla. As crianças tomavam sorvetes, a que só tinham direito naquele dia da semana, e as mulheres comiam mini *bougatsa*.

A empresa de Dimitri e Katerina começou a prosperar. Havia prédios sendo erguidos por toda a cidade e milhares de famílias se mudavam para casas melhores. Pela primeira vez, muitas delas tinham banheiros com água encanada e cozinhas completas com aparelhos modernos. Esse novo estilo de vida exigia um novo tipo de mobília e design, e eles se esforçavam para acompanhar o ritmo da demanda.

Nas vésperas da Páscoa de 1962, Katerina recebeu uma carta de Atenas. A letra era desconhecida. Era de Artemis e comunicava a morte da mãe delas. Para Katerina, o pior foi não ter conseguido chorar. A lembrança de Zenia se extinguiu e sua irmã lhe era completamente estranha. Naturalmente, ela enviou suas condolências e disse que iria à cerimônia fúnebre que seria realizada quarenta dias depois da morte de Zenia.

Infelizmente, não conseguiu cumprir a promessa. Apenas quinze dias depois, Eugenia desenvolveu uma infecção pulmonar e, em uma semana, a pneumonia lhe tirou a vida. A família inteira se esforçou para conseguir aceitar a perda inesperada, e Katerina descobriu que sua dor não tinha limites. Foi um golpe muito maior do que o da perda de sua mãe biológica.

— Mas ela só tinha sessenta e nove anos. — A jovem Olga chorou, inconsolável.

Era a expectativa de vida média para uma mulher naquela época, mas as duas crianças achavam que a avó chegaria à idade de Pavlina. A pequena casa parecia vazia sem a presença dela, e o tear, com um tapete começado, ficara ocioso num canto. Por muitos meses, Katerina e Dimitri não tiveram coragem de se livrar do artefato, embora ele ocupasse metade da sala.

Se houvesse algum dia um momento certo para uma mudança, talvez fosse aquele. As crianças imploravam para se mudar da rua Irini para uma casa mais moderna e mais espaçosa. A vida de seus pais seria muito mais fácil se pudessem morar num prédio novo, num apartamento em cima da empresa, mas sua ligação sentimental com a velha rua calçada de pedra era muito forte. Tanto para Katerina quanto para Dimitri, os vínculos com a rua Irini eram mais profundos do que os filhos poderiam começar a entender.

Eles alugavam uma loja numa área próxima onde exibiam seus produtos,

e continuavam morando no número 5, mantendo a oficina na casa ao lado. Adoravam o fato de os filhos ainda poderem brincar na rua, exatamente como eles haviam feito várias décadas antes, sem o perigo de serem atropelados. Os automóveis eram comuns na cidade, mas o que mais enfurecia Dimitri e Katerina era quando um dos rapazes da rua insistia em andar para baixo e para cima em sua bicicleta motorizada.

O país entrara num período de auge econômico. A Grécia finalmente era reconstruída e empresas como a de Katerina e Dimitri sentiam os privilégios. A “Móveis e Decoração para a Era Moderna” prosperava.

Apesar disso, a política do país continuava incerta. O governo direitista mantinha viva a noção de que os comunistas ainda eram uma séria ameaça, e no início de 1967 prenderam alguns líderes socialistas por um suposto complô contra o governo. Não havia provas contra eles. Dimitri lia esses desdobramentos diariamente com uma ansiedade crescente e começou a ter pesadelos recorrentes em que se via de novo em Makronisos. Katerina às vezes acordava no meio da noite e o encontrava sentado na beira da cama, tremendo de medo.

— Estão dizendo que há perigo de uma nova guerra civil — disse Katerina, que passara o dia inteiro ouvindo o rádio enquanto trabalhava na loja.

— É um monte de mentiras — respondeu Dimitri com desdém. — Pura invenção.

No fim daquela tarde, Theodoris irrompera porta adentro. Era o ano de suas provas finais na escola e ele ficara até mais tarde para uma aula extra.

— Pai! Mãe! — Sua voz estava cheia de ansiedade. — Viram os soldados? — Há centenas deles na rua Egnatia. O que está acontecendo?

Com o pretexto de estarem salvando o país de uma tomada do poder pelos comunistas, o exército dera um golpe de estado. Os coronéis estavam agora no comando.

Não era o primeiro golpe militar a que Katerina e Dimitri assistiam na vida, e eles conheciam o terror que tal situação podia instilar no dia a dia.

Seus dois filhos eram bons alunos e sempre tiravam notas excelentes. Encorajado por seus professores, que raramente tinham um aluno tão inteligente, Theodoris sonhava em estudar direito. Isso combinava com o seu talento para escrever, debater e reter grandes quantidades de informação. Dimitri guardou para si a opinião sobre a escolha profissional do filho. Era inevitável, supôs, haver um traço ou outro de seu pai no rapaz.

Em julho, quando os resultados das provas foram afixados na escola, Theodoris encarou a maior decepção de sua vida. Suas notas estavam abaixo da média da turma. Ele entrou correndo em casa e foi direto para o quarto.

Do quintal, aonde foram para pegar um pouco de ar, seus pais escutaram soluços. Souberam instintivamente o que havia acontecido.

— Ele é um menino tão inteligente e trabalhou tanto! — disse Katerina incrédula. — Como puderam fazer isso com ele?

— Acho que eles podem fazer o que quiserem agora — retrucou Dimitri. Estava pálido de tristeza e raiva.

Os dois sabiam que o resultado dos exames de Theodoris fora manipulado por causa da história do pai. Isso não era incomum. O estigma dos dias de Dimitri nos campos de prisioneiros agora pairava sobre seus filhos também. Dimitri sabia que sua associação com a esquerda sempre persistiria, e quando voltara de Giaros aceitara que nunca seria médico. Durante muito tempo, achara que esse seria seu único castigo.

— Acha que vai acontecer o mesmo com Olga? — perguntou Katerina com medo.

Dimitri não pôde responder. Sentia aumentar dentro dele a raiva que sentia pelos homens no comando de seu país.

Todos sabiam que, sob o novo regime, os resultados das provas muitas vezes eram alterados pela polícia antes de serem publicados, e os filhos dos “indesejáveis” recebiam notas mais baixas, ao passo que os alunos com pais de “mentalidade direitista” eram promovidos. Embora se mantivesse sempre em posição discreta, e não tivesse participado de nenhuma reunião política desde que voltara de seu exílio nas ilhas, Dimitri percebia que seu passado era seu crime, e que seus filhos continuariam a sofrer por causa disso. A mesma discriminação estava sendo praticada contra os professores universitários, e todos aqueles conhecidos por serem de esquerda foram demitidos. Os professores que estavam chegando ao topo de seus departamentos eram os que estavam preparados para dar palestras sobre patriotismo e a Revolução Nacional.

— Mesmo se ele tivesse se classificado — refletiu Katerina —, que tipo de educação receberia? Demitiram todos os bons professores de direito por causa das opiniões deles.

Eles sabiam que havia uma solução. A mãe de Dimitri queria pagar a educação universitária dos netos, e podia facilmente arcar com os gastos de mandá-los estudar fora do país. O assunto provocara discussões intermináveis

e quase fizera mãe e filho brigarem em muitas ocasiões.

— Entendo por que você não quer um tostão do dinheiro do seu pai — argumentou Olga —, mas não há razão para seus filhos não poderem aproveitar esse dinheiro.

A jovem Olga chegou da escola com os livros novos que haviam sido aprovados pela Junta.

— Olha, pai — disse ela, mostrando-lhe a introdução. — Ouça isto: “No dia 21 de abril, os oficiais tomaram a iniciativa de salvar o país de mais uma tentativa dos comunistas de destruí-lo.”

— É um absurdo — exclamou Dimitri. — Um completo absurdo.

Naquela noite, quando Dimitri e Katerina estavam sozinhos, ela abordou o assunto diretamente.

— De que adianta eles estudarem se lhes contam todas essas mentiras, Dimitri?

Ele sabia aonde aquela conversa poderia chegar e isso o deixava inquieto.

— Você nunca pôde terminar seus estudos, mas não há razão para não dar a nossos filhos o melhor que pudermos...

Assim mesmo, ele continuou calado.

— E sabe o que aconteceu com uma pessoa da turma da Olga semana passada?

Uma das amigas dela, Anthoula, contara uma piada sobre os coronéis. Outra menina repetira a piada ao pai, que por acaso era oficial, e, no dia seguinte, Anthoula fora expulsa.

— Sei, sim — disse Dimitri. — Foi chocante.

— Devemos dar a eles uma chance, mesmo que seja doloroso para nós...

Ela viu a tristeza nos olhos dele. Como ela, Dimitri amava os filhos com todas as forças, mas isso só aumentava a convicção de Katerina de que eles deviam sair de Tessalônica.

— Sei que você tem razão — disse ele olhando para ela. — Mas eu faria qualquer coisa para mantê-los aqui.

Alguns dias depois, o primeiro-ministro, Georgios Papadopolous, foi à cidade e falou na universidade. Dimitri e Katerina tinham o rádio ligado na loja e pararam para ouvir a transmissão.

— A universidade deve se tornar a igreja do desenvolvimento espiritual da nação. Os professores devem guiar a nação e a ordem moral mais uma vez se tornará a diretriz, a estrutura da vida humana. Devemos voltar à

mentalidade anterior à violação das ordens moral e social.

— Não consigo mais ouvir isso — gritou Dimitri. — É intolerável, lixo propagandístico.

— Sshh, Dimitri!

Katerina esticou o braço para o rádio e girou o dial para achar outra frequência. Nunca podia ter certeza das opiniões de seus clientes, e era perigoso falar tão abertamente contra o regime. Agora uma música militar repetitiva saía aos brados do alto-falante.

— Dá para você desligar esse rádio, Katerina? Prefiro o silêncio a isso.

De vez em quando, Dimitri tinha lembranças nostálgicas de noites passadas com Elias ouvindo *rebetika*. Ele lamentava que tanta música tivesse sido banida. Seus filhos não podiam ouvir os cantores que queriam, nem ler as notícias que deveriam ter permissão de ler. Teatro, poesia e prosa eram sujeitos à censura, e agora, segundo Papadopoulos, seus pensamentos deviam ser controlados. Era um regime opressivo.

Quando a loja fechou às nove e meia, eles voltaram à rua Irini em silêncio. Theodoris e Olga estavam em seus quartos, e Katerina entrou na cozinha para preparar alguma coisa para eles comerem. Dimitri acompanhou-a e sentou-se à mesa. Observava-a, absorto em seus pensamentos, cortando pão.

— Katerina — chamou afinal. — Sei que você tem razão. Nós podemos tolerar essas restrições à nossa liberdade, mas isso não é futuro para os nossos filhos. Precisamos deixá-los partir.

— Está falando sério, Dimitri?

— Sim, estou. É egoísmo meu. Minha mãe tem muito dinheiro, então não há motivo para eles não irem para a universidade em outro país. E ela tem razão, o ódio que tenho do meu pai não tem nada a ver com eles.

Quando ela ergueu os olhos, ele viu que lágrimas gordas lhe escorriam pelo rosto.

Em menos de um ano, Theodoris foi estudar em Londres, e não muito depois Olga passou em um exame que a levaria à Universidade de Boston.

Em nenhum momento, Dimitri e Katerina se arrependeram de sua decisão. O clima de repressão se intensificava, com a Junta Militar enviando milhares de dissidentes para o exílio.

— Eu soube que estão levando gente de novo para Makronisos — disse Katerina certo dia no ano seguinte. — Não pode ser verdade, não é?

— Infelizmente, acho que é verdade — retrucou ele.

A tortura física e psicológica extrema era de novo comum, mas parecia que não se podia fazer muita coisa. Como não havia liberdade de imprensa e as manifestações estavam proibidas, não havia nenhum meio de protesto efetivo.

Todo domingo à noite, Dimitri e Katerina escreviam uma carta para cada um de seus filhos. Às vezes, Katerina enviava alguma coisa que tivesse bordado ou costurado, uma blusa ou um lenço para Olga, e uma camisa ou uma capa de almofada para Theodoris. Mantinham o tom das cartas leve, temendo que qualquer comentário político ou crítico ao regime fizesse com que elas fossem interceptadas.

Katerina adoraria ter lhes enviado comida, mas Dimitri tranquilizou-a dizendo que devia haver comida suficiente para eles na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos e, além do mais, os sucos de suas *dolmadakia* com certeza vazariam da caixa.

Em novembro de 1973, no terceiro dia de uma greve estudantil, houve um levante entre os estudantes em Atenas. Usando um rádio amador, eles transmitiram sua mensagem ao povo da Grécia, instando-o a lutar pela democracia. Os estudantes de Tessalônica foram às ruas manifestar seu apoio, mas logo foram dispersados pela polícia e pelo exército.

— Acha que Theodoris estaria lá, no meio disso tudo? — ponderou Katerina.

— É bem provável — respondeu Dimitri.

Em Atenas, as manifestações contra o regime se espalharam para as ruas adjacentes, e três dias depois do início da greve um tanque do exército derrubou os portões da Escola Politécnica de Atenas, onde os estudantes estavam entrincheirados. Durante a batalha que se seguiu, doze pessoas morreram e centenas ficaram feridas.

Foi o começo do fim. Em consequência disso, Papadopoulos foi derrubado. Um ano depois, a ditadura terminou e o governo democrático voltou. O Partido Comunista foi legalizado pela primeira vez desde 1947 e convidado a participar das eleições realizadas em meados de novembro. Dimitri exultou quando eles ganharam algumas cadeiras.

Theodoris e Olga voltaram para as férias daquele verão. Estavam se saindo bem na universidade e ambos tinham planos de fazer pós-graduação. Não faltava dinheiro para financiá-los. Theodoris mudou-se para Oxford para cursar o pós-doutorado e Olga continuou em Boston.

Tessalônica parecia prosperar e, embora se orgulhassem muito do

sucesso dos filhos no exterior, Dimitri e Katerina abrigavam o desejo secreto de que eles voltassem para a Grécia uma vez concluídos os estudos. Sempre que retornavam, os pais lhes mostravam as novas construções que contribuíam para transformar a cidade e os levavam para ver todas as melhorias realizadas em sua infraestrutura.

Theodoris então recebeu a oferta de um cargo em um grande escritório de advocacia em Londres. Olga tornou-se médica-residente em um hospital de um rico subúrbio de Boston, e cada passo que davam em suas carreiras florescentes os afastava mais um pouco de casa. O verão de 1978 seria o primeiro em que nenhum dos dois conseguiria passar uma temporada em seu país. Talvez isso tenha sido uma sorte.

Na noite de vinte de junho, uma terça-feira, havia uma lua cheia subindo no céu e a promessa de um pôr do sol perfeito por trás do monte Olimpo. Sobre o golfo, havia um brilho dourado que logo se transformaria num incêndio vermelho. O mar refletia o prateado do luar e as chamas do sol.

Naquela bela noite, as pessoas estavam andando de braço dado pela orla, ou sentadas às mesas dos cafés contemplando o mar, embriagadas pelo grandioso espetáculo de luz da natureza. Não havia necessidade de conversa nem música. O sol e a lua forneciam todo o espetáculo que elas poderiam exigir.

Às dez horas, a terra começou a tremer. Tessalônica estava acostumada com um ou outro lembrete da insatisfação da terra, mas, dessa vez, o lembrete não cessou.

Dimitri e Katerina estavam trabalhando até tarde na oficina da rua Irini e tudo começou a chacoalhar. Uma tesoura escorregou na mesa de corte e caiu com estrépito no chão, e a máquina de costura de Katerina saiu trepidando pelo chão em cima da base. Janelas chacoalhavam, cadeiras eram derrubadas e os rolos de tecido para estofamento que estavam encostados na parede caíram como pequenos pinos. Era como se o chão embaixo deles fosse sumir.

— *Agapi mou* — exclamou Dimitri agarrando a mão de Katerina —, isso não é normal. Temos que sair daqui.

Correram para fora e viraram na larga rua principal que corria de leste para oeste. Sentiram-se um pouco mais seguros uma vez que estavam fora da oficina, mas havia novos perigos e eles observaram horrorizados quando um prédio mais adiante balançou e depois desabou. Eles ficaram com os olhos e a garganta cheios de pó.

Os tremores não duraram muito, mas o estrago que fizeram foi

catastrófico. Em poucos minutos, as fundações de todos os prédios da cidade sofreram um abalo violento que não haviam sido planejadas para suportar. Por um momento, tudo ficou em silêncio, e, logo depois, as sirenes começaram a tocar sem parar.

O mais depressa que podiam, pisando em montes de escombros, Katerina e Dimitri foram descendo a ladeira em direção à praça Aristotelous. O espaço aberto parecia oferecer alguma segurança às centenas de pessoas reunidas ali. Elas permaneciam em pé, umas chorando e outras muito chocadas até para chorar. Tinha havido um abalo premonitório na véspera, mas ninguém esperava um terremoto de tamanha magnitude.

Dimitri e Katerina não pararam ali. Havia algo que os preocupava muito mais que a própria segurança.

Virando à esquerda na orla, pegaram depressa a rua Niki.

— Ela vai estar muito apavorada naquela casa, completamente sozinha — afligiuse Katerina.

— Eu devia ter insistido mais para ela ter outra governanta que dormisse no emprego — disse Dimitri, enquanto iam andando depressa pelo meio da rua para evitar que fossem atingidos por algum fragmento que se desprendesse dos prédios. — Ela nem queria ouvir falar no assunto. E você sabe quantas vezes sugeri isso a ela...

Desde a morte de Pavlina, quinze anos antes, Olga morava sozinha na mansão da rua Niki. Ela não desejava se separar de sua vista exclusiva do golfo, que passava horas a fio sentada contemplando. A vista do mar sempre diferente e do misterioso monte Olimpo nunca deixava de impressioná-la. Antes de partirem, seus netos a visitavam a cada dois dias, e cada um tinha um “quarto” onde às vezes faziam seus deveres de casa. A casa na rua Irini ficara muito apertada para dois filhos crescidos.

Enquanto Dimitri e Katerina iam andando depressa pela orla, a claridade da lua cheia iluminava a extensão da devastação. Alguns prédios haviam sofrido danos consideráveis, outros sobreviveram quase incólumes. Eles deram as mãos e apertaram o passo.

Katerina pegara a chave que tinham da casa de Olga antes de saírem da rua Irini e seus dedos seguravam-na nervosamente dentro do bolso. Quando avistaram a casa, a cinquenta metros de distância, viram com alívio que parecia intacta.

Só quando chegaram mais perto, perceberam que a fachada era a única parte que continuava em pé. Atrás dela jaziam os escombros da construção. O

telhado, os pisos e as outras três paredes externas da casa haviam desabado.

— Ah, meu Deus — sussurrou Dimitri. — Minha mãe.

Não havia a menor possibilidade de alguém ter sobrevivido embaixo de tamanho peso de pedras, tijolos, concreto e vigas metálicas.

Katerina ficou ali, paralisada demais de incredulidade para falar. Segurou o braço de Dimitri para se equilibrar e a chave inútil caiu de sua mão no pó.

— Tem certeza de que não adianta? — conseguiu dizer quando seus soluços se acalmaram.

— Vou ver se consigo achar alguém, mas até mesmo entrar ali vai ser muito perigoso.

As dimensões da casa significavam que seria uma tarefa descomunal buscar por um sobrevivente, mas Dimitri conseguiu encontrar um encarregado dos trabalhos de resgate e recebeu a promessa de que seria enviado um grupo de socorro assim que amanhecesse.

Katerina e Dimitri passaram a noite inteira de vigília. Precisavam fazer companhia a Olga, estivesse ela viva ou morta. De manhã cedo, um grupo de homens chegou com pás e serras e se aventurou nos escombros. Dimitri entrou com eles.

Para Katerina, pareceu que o marido levou séculos para voltar. Na verdade, foi menos de meia hora. Quando reapareceu, tinha o cabelo branco de pó e o rosto pálido de tristeza.

— Nós a encontramos... — informou.

Katerina abraçou-se com Dimitri enquanto ele chorava, o corpo sacudido por grandes espasmos de dor.

Uma viga caíra atravessada sobre a pélvis e o peito de Olga e a prendera. Eles aguardavam a instalação do maquinário para levantar a viga e soltá-la.

— Ela estava deitada na espreguiçadeira — disse Dimitri. — Vi um pedacinho do tecido. Sei que parece estranho, e não deu para ver muito bem o rosto dela, mas acho que ela estava bastante tranquila, quase serena.

Katerina conseguiu sorrir.

Estava feliz pelo fato de a imagem que Dimitri tinha do belo rosto da mãe não ter sido afetada.

Depois que o corpo de Olga foi cuidadosamente carregado para fora, eles ficaram ali alguns minutos. Katerina estava rezando. Dimitri fora instruído a ir ao necrotério municipal no dia seguinte, pois precisaria identificar formalmente o corpo da mãe, e eles sabiam que, cedo ou tarde,

precisariam voltar à rua Irini.

Quando estavam prestes a sair, um dos membros do grupo de resgate apareceu. Mostrava algo a Dimitri.

— Encontramos essas cartas — disse ele. — Deviam estar no peito da sua mãe quando a viga caiu em cima dela e as cartas ficaram presas embaixo. Acharmos que você poderia gostar. Não sei se vai conseguir salvar muito mais coisas ali. Está uma confusão terrível.

As palavras descuidadas do homem não afetaram Dimitri e ele pegou o maço de cartas agradecendo com um aceno de cabeça. Após dar uma olhada por alto, colocou-as no bolso. Seria impossível transmitir àquele homem quão pouco ele se importava que as coleções de valor incalculável de seu pai de *objets d'art*, relógios, quadros e bibelôs tivessem virado pó.

Enquanto se afastava com Katerina, deu uma última olhada na fachada vazia da mansão. Era tudo que restava agora da fortuna de Konstantinos Komninos.

Seu caminho habitual para casa estava bloqueado por fragmentos que haviam se desprendido dos prédios, e muitas vezes a rua se tornara intransponível. Seguiram até o limite da cidade velha e, depois de darem muitas voltas, finalmente chegaram à rua Irini.

Quando viraram a esquina, depararam com uma cena de absoluta devastação.

Nenhuma das casas da rua sobrevivera. Cada uma delas estava reduzida a seus elementos originais de pedra, madeira e gesso. A rua Irini podia ter suportado o incêndio sessenta anos antes, mas o poder sísmico da natureza finalmente a derrubara.

Em silêncio, o casal inspecionou a cena. Dimitri já esperava o que viram. O estrago feito nas ruas vizinhas lhe dera um pressentimento. Ao saírem da loja na noite anterior, ele notara uma rachadura do piso ao teto. Parecera fora de propósito apontar isso para Katerina na hora. O prédio fora arrasado, como se pisado negligentemente por um gigante.

Por um instante, nenhum dos dois falou. A perda de Olga pesava muito em suas mentes, e eles ainda estavam em estado de choque. Ao longe, ouviram o gemido de uma ambulância, que disparou exatamente o mesmo pensamento em cada um: “Graças a Deus nossos filhos estão longe daqui.”

Acabara de dar meio-dia, e o calor estava aumentando. Uma leve brisa agitou a grande massa de pó a que a casa deles se reduzira.

Outros moradores da rua estavam rebuscando as ruínas.

— É inútil — disse um dos vizinhos. — Não há nada que possa ser salvo na minha casa. Nem uma faca ou um garfo.

As pessoas estavam ali em pé. A maioria parecia concordar em que não fazia sentido se aventurar nos espaços que haviam sido suas casas. Davam mais valor à vida que a seus bens.

Katerina estava agitada. Não compartilhava daquele sentimento de resignação.

— Dimitri — chamou. — Temos que entrar na nossa casa. Tem algo que precisamos resgatar.

— Algo pelo qual vale a pena arriscarmos a nossa vida?

— Talvez — respondeu ela.

Sem esperar Katerina responder, Dimitri empurrou a porta da casa deles. Ela caiu com um estrondo, levando o marco junto. Com um arquejo, Katerina foi correndo na frente.

Ouviu Dimitri gritando:

— Não se preocupe. Estou bem. Peguei, *agapi mou*.

Vários segundos depois, ele reapareceu, passando a duras penas pela soleira com um pequeno baú nos braços.

— Deixe eu pegar umas das alças — ofereceu Katerina, aliviada por vê-lo.

A alguns metros da casa, eles colocaram a caixa no chão. Sua estrutura de metal protegera-a do peso do teto que desabara, e, quando levantou a tampa, Katerina viu que o conteúdo estava intacto.

O problema de onde iriam dormir foi facilmente solucionado. Velhos amigos insistiram para que usassem o quarto de hóspedes de seu apartamento, e eles passariam muitas semanas acampados ali, sem nada a não ser umas roupas emprestadas penduradas atrás da porta e o baú em um canto no chão.

A prioridade imediata era tratar do funeral de Olga. A morte dela foi um golpe devastador para toda a família, mas Dimitri a sentiu mais profundamente. Nunca conhecera tamanha dor. Daquele seu jeito calado, Olga fora o seu esteio, e mesmo nos anos de sua ausência a noção do amor e da compreensão dela pelo que ele lutava o sustentara. Ela não tinha força para influenciar seu pai, mas ele nunca a reprimirara por isso.

* * *

Durante o enterro, Dimitri não se dava conta de nada além do longo e estreito caixão entrando na escuridão, e suas lágrimas criavam um mundo enevoadado através do qual sua mulher o conduzia.

O padre cantou o Kyrie Eleison enquanto os quatro membros da família jogaram cada qual uma flor sobre o caixão antes de o tampo de mármore ser encaixado no lugar. O pedreiro já havia feito o seu trabalho.

Olga Komninos
Mãe amada de Dimitri
Amiga querida de Katerina
Avó adorada de Theodoris e Olga
Sempre nos lembraremos de você

Havia centenas de sepulturas no cemitério, na maioria bem cuidadas e construídas com o mesmo mármore claro e cheio de veios. O tamanho e o estilo tendiam a refletir a posição da família, e a sepultura de Komninos ocupava um espaço significativo onde cinco gerações da família haviam sido enterradas. Degraus levavam a uma cripta.

Algo chamou a atenção de Katerina naquele dia. No túmulo de Leonidas Komninos havia uma fotografia dele em seu uniforme de oficial completo, com uma fileira de medalhas. Embora fosse um retrato formal em que ele era obrigado a fazer uma expressão séria, seus olhos sorriam. Não foi o retrato que causou estranheza a Katerina, contudo, mas o ramo de rosas murchas sobre ele que a intrigou. No túmulo ao lado, o do pai de Dimitri, não havia nenhuma.

Uma semana depois, quando o testamento de Olga foi lido, o motivo das flores ficou um pouco mais evidente.

Ela deixava um generoso legado para cada uma das crianças e algumas joias que estavam guardadas no banco havia alguns anos para Katerina. Olga recebeu um colar de rubis cujas pedras eram tão grandes que nenhuma de suas amigas nos Estados Unidos acreditava que fossem verdadeiras. O pedido de Dimitri para que ele não herdasse nem uma dracma do dinheiro do pai foi respeitado. A empresa fora vendida para pagar a ala de um hospital novo, compensando um pouco a sua ambição frustrada de ser médico.

Havia um codicilo complementando o testamento. Eram instruções para que fossem colocadas flores frescas no túmulo de Leonidas Komninos às sextas-feiras pela manhã. Não havia explicação. Dimitri sabia que sua mãe

admirava o cunhado pela coragem, e ele crescera com a noção de que o tio era um homem honrado e corajoso, o oposto de seu pai em todos os sentidos.

O testamento foi lido pelo mesmo advogado que Katerina visitara quando Gourgouris morrera, e o momento de reconhecimento mútuo foi o único frívolo de todo o encontro. A inevitabilidade da sobrevivência dele e sua capacidade de tirar proveito de catástrofes pareceram quase absurdas a Katerina.

Os dez dias que se seguiram depois do terremoto deixaram o casal exausto. Eles caminharam por toda a cidade olhando instalações em potencial para a família e para a empresa, e na noite da leitura do testamento se recolheram cedo. Katerina estava sentada na beira da cama emprestada, vestida com a camisola de poliéster da amiga. Dimitri lia o jornal.

— Dimitri — chamou ela —, os sentimentos de sua mãe pelo seu tio eram de conhecimento geral?

— Duvido — respondeu Dimitri. — Mas acho que todos o admiravam. Menos o meu pai, talvez.

— Mas você se lembra dele?

— Tenho algumas vagas recordações, mas eu devia ser muito pequeno — disse Dimitri. — Só me lembro da altura dele e de ouvir risadas quando ele estava por perto.

De repente, lembrou-se do maço de cartas entregue a ele depois que sua mãe foi tirada dos escombros. Guardara-as dentro do baú.

Katerina observou-o levantar a tampa.

— Você se lembra das cartas que minha mãe estava lendo no dia do terremoto? Eram do meu tio. Eu vi o nome dele no envelope.

Entregou-lhe o maço.

— Não parece muito certo lê-las — disse ela, constrangida.

— Acho que isso é permitido quando o autor e o destinatário estão mortos — tranquilizou-a Dimitri.

Sentindo-se como uma espiã, Katerina puxou a primeira carta de baixo da fita e começou a ler. Havia mais outras dez, todas com carimbos diferentes e escritas entre 1915 e 1922. Sem um indício sequer de impropriedade, havia, no entanto, nas cartas, um carinho e uma intimidade óbvios. Muitas delas terminavam com as palavras: “Mande lembranças minhas ao meu irmão.”

Após cerca de uma hora de leitura, Katerina abriu a última carta. Fora escrita em Esmirna e era datada de setembro de 1922.

Querida Olga,

Nesse momento, tenho vergonha de ser grego. Muitos dos meus homens não agem melhor do que os turcos e presenciei coisas que ficarão indelevelmente gravadas na minha mente. Nos últimos meses, só houve um momento que fez algum sentido. É a única razão de eu saber que ainda resta um pouco de humanidade dentro de mim. Resgatei uma criança. Ela estava prestes a ser pisoteada e eu a peguei no chão e a segurei por cima da aglomeração. A menina tinha uma queimadura horrível no braço, que já estava em carne viva, mas arranquei a manga da minha camisa, enfaixei o braço da pobrezinha e a coloquei num barco. Senti como se isso tivesse sido a única boa ação que já consegui fazer.

Fico doente de pensar nas outras coisas que fiz. Deus sabe, já pedi perdão, mas, por mais vezes que um padre me abençoe, a lembrança persiste. Penso nessa menina e me pergunto se ela ainda está viva. Duvido. Mas fiz o que pude.

Mande beijos meus para o pequeno Dimitri. Espero que ele nunca veja as coisas que eu vi. Diga a ele que o tio sente falta dele e que, assim que eu voltar, ele pode ter os meus botões para brincar. Estão manchados de sangue, Olga, e vão precisar ser polidos.

Você continua, como sempre, nos meus pensamentos.

Com todo o carinho,

Leonidas

Dimitri estava se despindo enquanto conversava distraidamente com a mulher.

— É uma pena ele não estar por aqui — disse. — Seria bom se você o tivesse conhecido também.

Katerina releu a carta e depois olhou para o marido.

— Acho que eu o conheci, Dimitri — sussurrou. — Acho que eu o conheci.

EPÍLOGO

Muitas horas passaram desde que Mitsos voltara ao apartamento dos avós.

Katerina pegou a mão do neto e afagou-a com carinho.

— Todos os dias eu me sinto muito feliz por ter chegado a esta cidade, Mitsos. A vida poderia ter sido diferente, eu poderia ter morrido em Esmirna, ou em Mitilene, ou ido para Atenas e morrido de fome. Mas não morri. Chame isso do que quiser, mas eu diria que o destino me trouxe aqui.

— Dá para ver por que você é tão ligada a este lugar — respondeu o rapaz. — Eu realmente não tinha ideia...

— Se o tio Leonidas não tivesse me socorrido, eu nunca teria vindo para Tessalônica, não é? — disse sorrindo para ele.

— Os únicos anos realmente infelizes da minha vida — disse Dimitri — foram os que passei longe daqui. O tempo inteiro eu só desejava que o horror acabasse para eu poder voltar a esta cidade, para casar com a sua avó.

Mitsos estava sentado calado, ouvindo embevecido os dois falarem com amor e paixão sobre a terra deles.

— Todas as nossas experiências estão enraizadas aqui, Mitsos. Poderíamos ir para outro lugar e nossas lembranças viveriam em nossa mente, mas elas são muito mais vivas aqui, no lugar onde tudo aconteceu.

— Poderíamos acender velas em Londres ou Boston para as pessoas que amamos — acrescentou o avô —, mas não seria a mesma coisa.

Todas as vezes que visitara os avós, Mitsos fora levado ao cemitério, onde observara a avó cuidar dos túmulos da família. Ele sabia que ela ia toda semana varrer ao redor das sepulturas, assegurar-se de que as lamparinas a óleo ainda estivessem acesas e levar flores frescas. Vigiando essas atividades havia uma estátua de Olga. Um ano depois da morte dela, seus avós tinham encomendado o trabalho ao melhor escultor da cidade, e a figura sentada era de uma semelhança incrível, com seus membros esguios e sua expressão paciente.

Mitsos estava ali pensativo, recordando as palavras que o cego lhe dissera ainda naquela manhã. A ideia de que todas aquelas pessoas que

tinham vivido em Tessalônica haviam deixado parte de si para trás de repente lhe pareceu muito real.

— Há outra coisa, além de nossas lembranças, que guardamos aqui para os nossos amigos. Eles também deixaram tesouros para trás.

No canto da sala, coberto por um pano branco bordado, havia um baú de madeira. Katerina cuidadosamente tirou o vaso de flores artificiais e os retratos emoldurados dos filhos e netos, pegou o pano e o dobrou. Então levantou a tampa.

— Esta é outra razão para ficar — disse. — Essas coisas não nos pertencem, e, embora seus donos possam nunca mais voltar, parece errado levá-las daqui. Nós temos sido apenas os guardiões.

Ela tirou a manta de seda vermelha dentro da qual fora costurado o talit antiquíssimo, várias pequenas almofadas e dois livros. Havia também a imagem de Agios Andreas, que fora trazida do mar Negro. Quando Eugenia morreu, Katerina a embrulhara em seda e a colocara no baú para ser guardada em segurança.

— Vamos levar a manta para o arquivo do Museu Judaico na rua Agios Mina — disse Dimitri. — Parece que eles ficaram muito satisfeitos quando contamos o que tínhamos.

— Mas quero guardar as almofadas — disse Katerina. — Para o caso de as famílias voltarem. Até Elias poderia voltar algum dia. E há a carta que a família muçulmana deixou para nós e os dois livros.

— Tem mais uma coisa no fundo — disse Mitsos, enfiando a mão e pegando um pedaço desfiado de algodão bastante manchado. — Isto não tem cara de “tesouro”. A menos que esse botão seja de prata legítima!

— Bem, acho que poderia ser — disse Katerina. — Mas não é por isso que é valioso para mim. É porque sinto que esse pedaço de manga me salvou a vida, e me lembra da maior demonstração de bondade que fizeram por mim.

Quase inconscientemente, ela tocou em seu braço. Na maior parte do tempo, Mitsos não se lembrava de que a avó tinha uma cicatriz funda no braço, pois ela sempre usava um casaquinho para cobri-lo, mas naquela noite, no calor da sala, o braço estava parcialmente exposto.

— O mais importante: eu prometi cuidar dessa manga caso nunca pudesse devolvê-la ao soldado que me salvou.

Todos sorriram.

Já eram quase onze e meia da noite, mas ainda estava quente no apartamento. A meiga avó de Mitsos lhe serviu um copo d'água e ele olhou

para ela, imaginando-a como uma menina partindo de Esmirna para sua jornada. A necessidade dele de entender por que eles haviam ficado naquela cidade fora totalmente satisfeita. Mas persistia uma pergunta. Ele olhou para a preciosa coleção exposta sobre a mesa e depois para os frágeis avós. Quem cuidaria desses tesouros quando eles não estivessem mais ali? O que aconteceria se os seus donos voltassem?

— Vamos dar uma volta, Mitsos? — convidou o avô.

Não havia nada de que ele gostasse mais do que levar o neto para tomar uma cerveja num fim de noite em um dos bares da orla, na esperança de alguns de seus amigos estarem lá e ele poder exhibir o bom rapaz.

E Mitsos também adorava sair àquela hora da noite. As ruas estavam ainda fervilhando. O ar, ainda suave. Ele pensou na área em que crescera em Highgate, onde as casas eram alinhadas como fósforos dentro de uma caixa atrás de suas bem aparadas sebes, e havia um pub que expulsava a pessoa quando dava onze horas.

Encontraram uma mesa do lado de fora na beira do porto, e um garçom os cumprimentou e lhes trouxe cervejas geladas. Barcos de turismo levavam pessoas em passeios noturnos, e suas luzes brancas moviam-se no mar escuro. O negrume da água parecia insondável, as estrelas, infinitas. A intervalos de poucos segundos, via-se uma estrela cadente.

Havia uma beleza no silêncio e na escuridão que ele nunca vira antes, e a força dessa beleza quase o derrubou. Pela primeira vez na vida, ele começara a entender o que jazia por baixo daquele calçamento e por trás da fachada dos prédios.

Olhou para o avô, a quem amava profundamente, e soube com uma certeza doída que ele não estaria sempre ali.

Como seria fazer de Tessalônica a sua moradia permanente? Era um lugar onde havia gente na rua dia e noite, onde cada pedra do calçamento, antiga, moderna, polida ou quebrada, era impregnada de história, e onde as pessoas se cumprimentavam com muito entusiasmo. Ele desconfiava de que a cidade seria sempre desafiada pela adversidade, mas de uma coisa tinha certeza: continuaria rica, cheia de música e histórias.

De repente, ele soube onde ficaria. Para ouvir e sentir.

Sobre a autora



VICTORIA HISLOP graduou-se em Letras pela Universidade de Oxford, trabalhou no mercado editorial e tornou-se jornalista freelancer, publicando artigos sobre viagens e turismo no *Sunday Telegraph*, no *Mail on Sunday* e na revista *Woman & Home*. Seu primeiro romance, *A ilha*, vendeu um milhão de exemplares e rendeu-lhe o título de “Melhor estreante do ano” no Galaxy British Book Awards 2007. *O retorno*, seu segundo livro, também se tornou um best-seller e figurou nas principais listas de mais vendidos do mundo. A autora mora em Kent, na Inglaterra, com o marido e os dois filhos.

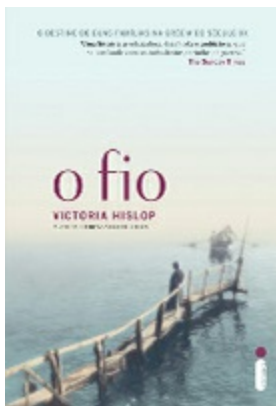
Conheça os livros da autora



[A ilha](#)



[O retorno](#)



O fio

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória e agradecimentos](#)

[Epígrafe](#)

[Mapas](#)

[Abertura](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os livros da autora](#)